

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

REBECA ROYSEN

Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa

SÃO PAULO

2013

REBECA ROYSEN

Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa

(Versão original)

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Mestre em
Psicologia Social

Orientador:
Prof. Dr. Paulo de Salles Oliveira

SÃO PAULO

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Roysen, Rebeca.

Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa / Rebeca Roysen; orientador Paulo de Salles Oliveira. -- São Paulo, 2013.

245 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Cultura solidária 2. Mudança cultural 3. Ecologia (Aspectos sociais) 4. Comunidade alternativa 5. Psicologia ambiental I. Título.

HM126

ROYSEN, Rebeca. *Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa*. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

*Para Henrique, meu pai,
que me ensinou a amar os livros.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, aos membros da ecovila estudada, que abriram as portas de suas casas para me receber, com tanto carinho, atenção e acolhimento. Aprendi muito com todos, e espero que este trabalho possa contribuir com seus projetos. Agradeço a Paulo de Salles Oliveira pela orientação atenta, sensível e paciente. Orientação que certamente ultrapassou o âmbito da pesquisa acadêmica, fazendo-me refletir sobre minha própria postura diante do mundo. Ensinou-me que mesmo os nossos erros e contradições não diminuem a grandeza da busca por um mundo mais solidário. Sempre calmo e de bom humor, seu apoio me manteve tranquila e centrada em todas as etapas do projeto. Agradeço também às secretárias Rosangela Sigaki e Marinalva Santos Gil que, pacientemente, me orientaram em todos os procedimentos “burocráticos” da pós-graduação, demonstrando grande solidariedade.

Quero agradecer imensamente à minha mãe Bete e à minha irmã Lilian, que por tantas vezes cuidaram da minha filha para que eu pudesse me dedicar a este trabalho. E à minha filha, Maria Isabel, pela companhia e pelas inúmeras alegrias e aprendizados que me proporcionou. A Ana Rita Batista dos Santos, pela ajuda e amizade em todos esses anos de convivência. A Carol Seidel, que me incentivou a fazer o mestrado, e a Cristiane Baima, que me estimulou a perseguir esse sonho, me ajudando também na definição do tema.

Agradeço a José Maria Carvalho pelas conversas, debates filosóficos e experimentações em dança que me mostraram novas formas de me relacionar com o corpo, com a dança, com a arte, com a Vida. Seu pensamento teve grande influência na minha visão de mundo e, conseqüentemente, na construção desta pesquisa. Suas aulas me ajudaram a sentir, no meu próprio corpo, a importância de se entender a arte e a cultura como processos criativos e não somente como produtos. Mostrou-me que qualquer mudança na forma de vida exige a criação de um novo corpo, capaz de se transformar, de abandonar velhos hábitos e criar novas trilhas e novas afinações, num processo que não é imediato e nem se dá pelo intelecto, mas que ocorre na própria experiência do corpo no mundo.

A todos os professores por quem passei no IP e na FFLCH, em especial à professora Sandra Maria Vichiatti, que desde o início me alertou para os condicionamentos e limitações que nossa formação subjetiva, simbólica e corporal impõe à mudança dos modos de viver; à professora Ecléa Bosi, cujas aulas foram realmente inspiradoras, revigorando a fé na humanidade, na mudança, na solidariedade; e ao professor Lúcio Kowarick, que me sensibilizou para a importância da questão política e da luta pela melhoria das condições de vida das camadas pobres da nossa sociedade.

Quero agradecer, também, à Prof.^a Carmen Junqueira e ao Prof. Gustavo Massola pela participação em meu exame de qualificação. Suas críticas e comentários foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho tal como ele se apresenta agora.

Aos amigos, familiares e todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para esta pesquisa: Fabíola Zanetta, Dênis Striani, Jacira da Gama, Ana Luisa dos Santos, Eduardo Papa, Bóris Dahis, Marta Martins, Márcio Stanziani, Carmem Prates Valls, Larissa Lamas, Severiano José, Thiago Rodrigues e Thiago Tamelini.

Finalmente, gostaria de agradecer ao CNPq por ter me concedido a bolsa de estudos, permitindo que eu me dedicasse exclusivamente a esta pesquisa.

“Não compreender coisas novas, mas conseguir, à custa de paciência, de esforço e de método, compreender com todo o seu ser as verdades evidentes.”

Simone Weil

“Mas há um jeito de contribuir para a proteção da humanidade, e é não se conformar. Não assistir com indiferença ao desaparecimento da infinita riqueza que forma o universo que nos rodeia, com suas cores, sons e perfumes.”

Ernesto Sabato

RESUMO

ROYSEN, Rebeca. *Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa*. 2013. 245 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar os aspectos culturais de uma ecovila: seu cotidiano, suas práticas, as relações que seus membros estabelecem entre si e com a natureza, seus projetos e conflitos. A pesquisa de campo compreendeu observações e entrevistas em uma ecovila específica, desenvolvendo-se com base nos conceitos de *olhar*, de Simone Weil e Walter Benjamin; da *simpatia*, de Ecléa Bosi e Henri Bergson e da *alternância entre sujeito e objeto*, de Paulo de Salles Oliveira. Este trabalho buscou apresentar, também, conceitos como *comunidade*, de Martin Buber; *cultura*, de Alfredo Bosi e James Jasper; e *resistência*, de Ernesto Sabato. Partindo de um olhar crítico sobre a cultura da sociedade de consumo (Richard Sennett), a ecovila foi entendida, então, como criadora de uma cultura alternativa: afirmando-se como resistência a determinadas práticas e valores da cultura dominante e, ao mesmo tempo, propondo novas possibilidades de vida, trabalho, lazer e relacionamentos. Este estudo procurou, ao final, aprofundar a reflexão sobre aquelas dimensões da vida em ecovila que apontam para uma construção cultural de resistência e proposição alternativa, bem como sobre as dimensões que apresentam desafios para a mudança cultural. Oferece questionamentos sobre algumas de suas práticas e assinala possíveis caminhos para a superação dos desafios percebidos.

Palavras-chave: 1. *Ecovila*, 2. *Cultura alternativa*, 3. *Mudança cultural*, 4. *Movimento ecológico*, 5. *Cultura solidária*, 6. *Psicologia ambiental*.

ABSTRACT

ROYSEN, Rebeca. *Ecovillages and the construction of an alternative culture*. 2013. 245 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

This research aimed at investigating the cultural aspects of an ecovillage: its routine activities, practices, the relationship its members establish among themselves and with nature, their projects and conflicts. The field research included observations and interviews in a specific ecovillage, and was based on the concepts of *gaze*, from Simone Weil and Walter Benjamin; of *sympathy*, from Ecléa Bosi and Henri Bergson and of *alternation between subject and object*, from Paulo de Salles Oliveira. This study also presented concepts like *community*, from Martin Buber; *culture*, from Alfredo Bosi and James Jasper; and *resistance*, from Ernesto Sabato. Starting from a critical analysis of the culture of the consumer society (Richard Sennett), the ecovillage was then understood as a creator of an alternative culture: affirming itself as resistance to certain values and practices of the dominant culture, and, at the same time, proposing new possibilities of life, work, leisure, and relationships. At the end, this study attempted to deepen the reflection about those dimensions of life in ecovillage that point to a cultural construction of resistance and alternative proposition, as well as about the dimensions that present challenges to cultural change. It questions some of their practices and indicates possible ways to overcome the perceived challenges.

Keywords: 1. *Ecovillage*, 2. *Alternative culture*, 3. *Cultural change*, 4. *Ecological movement*, 5. *Solidary culture*, 6. *Environmental psychology*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 COMUNIDADE, CULTURA E RESISTÊNCIA	20
1.1 A Comunidade Andorinha	21
Construindo uma comunidade	21
Os ecovilenses	34
O conceito de <i>comunidade</i>	38
1.2 A Cultura da Sociedade de Consumo	43
Corpos anestesiados	43
Sociedade de curto prazo	52
A ideia de “progresso”	55
O descaso com o mundo	62
1.3 Cultura e Resistência	68
Cultura como <i>construção</i>	68
Cultura como <i>resistência</i>	72
2 UM OLHAR SOBRE A ECOVILA	76
2.1 O olhar	77
2.2 Viagem à Comunidade Andorinha	80
2.3 As casas	83
2.4 Vida cotidiana	86
2.5 O cuidado com a Terra	92
2.6 Estrutura política e reuniões comunitárias	104

2.7	Espiritualidade	119
2.8	Relações interpessoais	129
	Círculo do coração	138
	Familiares e amigos	142
	Relações com os funcionários	145
	Relações com o entorno	150
2.9	Ecovila: em contínua construção	154
2.10	Percursos da pesquisa	157
3	PROPOSTAS E DESAFIOS PARA UMA CULTURA ALTERNATIVA	164
3.1	Propostas para a construção de uma cultura alternativa	165
	Convivência	167
	Lazer	173
	Contemplação	182
	Simplicidade Voluntária	189
3.2	Desafios na construção de uma cultura alternativa	197
	Negociando uma identidade coletiva	197
	Preservando as singularidades	205
	Ampliando o diálogo	207
	Mudança cultural	215
3.3	Cultura como <i>coeducação</i>	222
	PALAVRAS FINAIS	229
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	236

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

“Tudo começa numa afinidade, numa simpatia do sujeito da percepção e da ação pelo seu objeto.”
Ecléa Bosi

Nesta pesquisa procurei investigar um grupo de pessoas que têm buscado assumir, em suas vidas, uma mudança cultural: novas formas de se relacionar com a natureza, com as pessoas e com a vida, revivendo os sentidos e cuidando melhor do planeta. A escolha deste tema tem uma relação íntima com minha história de vida. Nascida e criada em uma metrópole, distanciada do meio natural, já numa época de prédios murados e sem brincadeiras na rua, sempre senti, na minha própria experiência, uma perda da sensibilidade, das experiências transcendentais, do encontro humano. Talvez por isso, os valores propostos pela contracultura sempre tenham me atraído. E foi do interesse pela contracultura, em geral, e pelo movimento *hippie*, em particular, que cheguei ao tema aqui proposto. Procurando averiguar se ainda havia grupos alternativos *hoje*, cheguei ao conceito de *ecovila* e, através de uma amiga, à comunidade aqui estudada. As ecovilas são uns dos poucos grupos contemporâneos que preservam certos aspectos da utopia e busca das comunidades alternativas iniciadas pelo movimento *hippie* nas décadas de 60 e 70 do século passado.

As ecovilas são comunidades intencionais sustentáveis, isto é, são grupos de pessoas que se unem para criar um estilo de vida de baixo impacto ambiental e relações interpessoais mais cooperativas e solidárias. A vida em uma ecovila se baseia nos seguintes pilares: pacifismo, autogestão, práticas ecológicas, laços comunitários, experiências poéticas ou transcendentais e busca do autoconhecimento. Mantém, portanto, uma estreita ligação com os valores e práticas das comunidades *hippies*.

As primeiras comunidades rurais alternativas criadas no Brasil surgiram a partir da década de 1970. Eram formadas por pessoas que acreditavam numa revolução cultural, isto é, uma revolução que não se daria por meio da luta armada, mas, sim, pela criação de novos valores e de uma nova cultura. Sua grande utopia era a construção de uma sociedade alternativa, de “paz e amor”.

Eram os *hippies* e simpatizantes que, ao aderirem ao *drop out* no aqui e agora, procuravam cair fora do Sistema, pela recusa em participar como mais uma peça necessária ao funcionamento de suas engrenagens. Para estrangeiros ou brasileiros, a revolução, nesses termos, não consistia jamais na tomada do Estado, mas na implantação, nos interstícios da realidade dominante, de formas alternativas de vida. (CAPELLARI, 2007, p. 49)

Iniciaram-se, então, diversos experimentos comunitários que buscavam a criação de um ambiente propício ao autoconhecimento e à vivência de valores mais solidários, cooperativos e ecológicos, à margem da sociedade. Segundo Theodore Roszak, não se dispunha de muitos modelos para isso, o que exigiu certa improvisação. Algumas fontes de inspiração foram: o modo de vida das tribos indígenas, os Diggers do século XVII, as comunidades francesas de trabalho, os kibutzim israelenses e os hueritas (ROSZAK, 1972, p. 207). A organização dessas comunidades não tinha, portanto, um modelo a ser seguido, mas havia uma orientação ética:

sua organização interna, isto é, a distribuição das tarefas, dos espaços, etc., deve derivar do consenso, coisa possível somente se os membros tiverem pontos em comum, afinidades, mas cuja dinâmica sugerida é a do conselho tribal indígena: “todos os membros da tribo (comuna) devem se reunir para discutir seus problemas comuns e sugerir soluções”. [...] No seu interior inaugurou-se um estilo de vida que, ao negar as distorções da sociedade urbana e de consumo, era baseado na “frugalidade, no contato com a natureza, na produção agrícola sem emprego de pesticidas e fertilizantes químicos, na alimentação natural com base nos fundamentos da macrobiótica ou do vegetarianismo” (MORAVČÍKOVÁ apud CAPELLARI, 2007). Comunidades que, em geral, se concentraram no sul de Minas Gerais, na Chapada dos Veadeiros (GO), na Chapada Diamantina (MT), na Serra da Bocaina (SP) e no Planalto Central. (CAPELLARI, 2007, p. 49-50)

Fernando Gabeira (1985, p. 17) menciona que a formação dessas comunidades rurais, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, levou a um isolamento dos participantes. “Em muitos casos esse isolamento resultou numa regressão intelectual ou numa fuga para um misticismo alheio aos problemas sociais”. No Brasil, segundo Gabeira, houve desarticulação entre trabalho *cultural* alternativo e trabalho *político* alternativo. Ainda que isso possa ter se verificado em alguma medida, não significa que o movimento alternativo não tenha trazido profunda influência na cultura de nosso país, que não se limita à produção artística, como comumente se ressalta, mas se expande à alimentação (macrobiótica, vegetarianismo), medicina (holística, oriental), arquitetura (contra-arquitetura), vestuário (resistência à moda massificada e criação alternativa), práticas corporais (ioga, massagem, meditação), trabalho (resistência à ideia de carreira, enriquecimento e ascensão social e proposições alternativas), entre tantas outras.

Muitos críticos da contracultura, como Luciano Martins, no Brasil, e Christopher Lasch, nos Estados Unidos, classificaram o comportamento dos *hippies* como despolitizado e alienado. Por outro lado, Capellari (2007, p. 32) afirma que, enquanto sob a perspectiva da esquerda tradicional “a passividade era denunciatória da alienação”, para os *hippies*, essa fuga do “Sistema” era, por si só, uma revolução.

Antonio Risério lembra ainda que as atuais e legítimas preocupações relacionadas ao ambientalismo, assim como ao feminismo e ao pacifismo, foram levantadas na época pelo movimento, sendo repudiadas pelo “ambiente político e intelectual brasileiro”, pois “falar de ‘ecologia’, para além da etimologia do vocábulo, era falar grego – quando não significava se expor ao estigma da ‘alienação’ e, ainda, ao ridículo.” Na mesma linha, mas referindo-se ao movimento nos EUA e na Europa, Julie Stephens entende que o underground antecipou, em relação ao pensamento pós-moderno, a rejeição à política convencional, baseada no poder disciplinar, inaugurando novas linguagens e práticas políticas. (CAPELLARI, 2007, p. 70)

Alberto Ruz Buenfil narra, numa coletânea intitulada *Nas trilhas da utopia*¹, que, durante várias décadas, diversas iniciativas rurais comunitárias cresceram relativamente isoladas umas das outras até que, na década de 1990, surgissem tentativas globais de reunir essas experiências. Em 1991 surgiu o conceito de “ecovila” e, quatro anos depois, foi criada a Rede Global de Ecovilas (*Global Ecovillage Network* - GEN). Larissa Lamas de Oliveira² conta que esse conceito surgiu como uma necessidade de muitas comunidades de se redefinirem, tendo em vista o nível de complexidade que tinham atingido – tanto nas ferramentas ecológicas (permacultura, bioconstrução) quanto sociais e econômicas (economia solidária, governança circular, técnicas de busca de consenso e de resolução de conflitos) que empregavam. Em 1998, as ecovilas foram incluídas entre os “modelos de vida sustentável” pelo Programa Habitat da ONU.

Vendo-se como uma evolução dos primeiros experimentos comunitários da contracultura, as ecovilas objetivam, também, maior interação com a sociedade mais ampla. Segundo Severiano Joseh dos Santos Jr., essa abertura ao diálogo entre comunidades, de um lado, e sociedade e instituições políticas, do outro, pôde ocorrer graças à incorporação do conceito de *desenvolvimento sustentável* à pauta do debate político nacional e internacional, a partir do final da década de 1980. Ele explicita as diferenças entre ecovilas e comunidades alternativas:

¹ BUENFIL, Alberto Ruz (Org.). *Nas trilhas da utopia: movimento comunitário no Brasil*. Manuscrito ainda não publicado.

² Informação pessoal, por telefone, em dezembro de 2010.

Desta forma, com estruturas mais sistematizadas que suas antecessoras “alternativas”, da nova conjuntura da sociedade global o movimento retira diversos elementos que se transformarão em ferramentas fundamentais na concretização e difusão de suas práticas: o discurso da *sustentabilidade* e o interesse pelo desenvolvimento de *tecnologias “ecológicas”*, a noção de *rede* e os instrumentos de interconexão global como a internet, o empoderamento e a maior integração das *organizações da sociedade civil*, as reflexões em torno de *identidades e práticas locais*, a ascendência de novas propostas de resistência ao modelo hegemônico como a *economia solidária*, entre outras³.

O mesmo autor⁴ chama a atenção para o fato de que, no Brasil, o conceito ou modelo de ecovila tem sido muitas vezes utilizado como uma proposta formal de construção para condomínios “ecológicos”, sem considerar os “diversos aspectos valorativos e substantivos de tais propostas. Neste caso, as ecovilas são apresentadas explicitamente como projetos ou produtos a serem inseridos na economia do mercado (imobiliário)”. Serão consideradas *ecovilas*, neste trabalho, apenas as comunidades que buscam uma *mudança cultural* e que apresentam uma proposta de vida alternativa. Essas estão situadas dentro do movimento alternativo mais amplo, mantendo muitas das características do ideário *hippie*: crítica à tecnocracia, busca da humanização das relações humanas, pacifismo, valorização da natureza, valorização do autoconhecimento e das experiências transcendentais, entre outras. Outro aspecto essencial que se mantém é a chamada “política na primeira pessoa”, isto é, a valorização das mudanças internas, na maneira como cada indivíduo se relaciona com o mundo, com as pessoas e com a natureza – ou seja, a “revolução cultural” – mais do que o engajamento em confrontos político-partidários.

Apesar de sua relação com o ideário contracultural, a cultura engendrada pelas ecovilas tem suas características próprias, já que está situada em um novo momento histórico, sendo construída por novos sujeitos sociais, em contextos bem diversos.

Hoje, as assim chamadas ecovilas são tipos de comunidades intencionais que tomaram como legado muitos dos ideais e das práticas comunitárias desenvolvidas ao longo da história, em especial das grandes experiências realizadas por grupos alternativos nos anos 60/70. Porém, enquanto conceito e enquanto experiências vividas, elas surgem nos contextos da atual sociedade técnica-científica-informacional, na década de 90 do século XX, realizando uma nova síntese a partir daí. Buscam acompanhar o debate que se desenvolveu no final do século passado em torno dos limites de esgotamento do sistema global, em função da possível exaustão da Natureza e de seus recursos, bem como dos fortes desníveis entre as sociedades e suas gentes. Ademais, tendo se expandido para além dos horizontes

³ SANTOS Jr., Severiano Joseh dos. *Ecovilas: uma introdução*. Texto ainda não publicado.

⁴ Idem, *ibidem*.

“alternativos”, têm, paulatinamente, se tornado experiências comunitárias mais institucionalizadas, abertas a um diálogo (possível) com a sociedade hegemônica. (SANTOS Jr., 2006, p. 8)

A ecovila mais conhecida mundialmente é a comunidade de Findhorn, na Escócia. Ela foi fundada em 1962 por um núcleo inicial de seis pessoas que se pautavam na meditação, busca espiritual e na agricultura. Hoje ela possui mais de duzentos membros associados, e outras duzentas pessoas que se fixaram no entorno e que também participam da vida na comunidade. Findhorn desenvolveu diversas técnicas de tomada de decisão, resolução de conflitos, design e engenharia ecológica, além de atividades e negócios comunitários que se tornaram referência para diversos projetos de ecovila ao redor do mundo. Dessa forma, tornou-se também um centro educacional, oferecendo desde *workshops* a programas acadêmicos (FINDHORN).

Ao mesmo tempo em que a comunidade de Findhorn torna-se a referência, o movimento das ecovilas acredita que cada comunidade se desenvolve de acordo com características próprias de cada grupo. Costuma-se dizer que cada grupo tem a sua “cola”, isto é, algo que os une. Por exemplo, existem comunidades que se unem em torno de uma religião específica, outras têm o foco mais agrícola. A comunidade estudada neste trabalho tem como “cola” oficial a Agenda 21⁵. Trata-se de um grupo que se iniciou em 2005, a partir de um projeto de loteamento realizado por um casal de empreendedores. Desde então, a comunidade tem recebido novos membros a cada ano. A maior parte vem de São Paulo ou Campinas, todos de classe média. No final de 2011, a Comunidade Andorinha possuía 127 membros, sendo 98 adultos e 29 crianças. No entanto, possuir um lote na comunidade não significa que a pessoa esteja presente nas atividades ou participe da vida ali. Na realidade, apenas umas quarenta pessoas realmente participavam das reuniões, celebrações e eventos propostos. E somente oito pessoas passavam na comunidade mais de quatro dias da semana, na época da pesquisa. Muitos outros já estão organizando suas vidas e

⁵ A Agenda 21 é o documento que resultou das negociações realizadas na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a ECO 92. Trata-se de um programa abrangente de ações a serem adotadas nos âmbitos globais, nacionais e locais “visando fomentar em escala planetária, a partir do século XXI, um novo modelo de desenvolvimento que modifique os padrões de consumo e produção de forma a reduzir as pressões ambientais e atender as necessidades básicas da humanidade” (AGENDA 21). A versão brasileira do documento apresenta 370 páginas divididas em 40 capítulos, e abrange diversos temas como biodiversidade, recursos hídricos, tratamento de resíduos, biotecnologia, educação, habitação, entre outros.

seus trabalhos para que possam se mudar para lá num futuro próximo. Trata-se, portanto, de uma comunidade que está *em processo de formação*.

O objetivo desta pesquisa é o de investigar a ecovila como um espaço que se propõe a criar uma cultura alternativa em relação aos modos de agir e pensar da sociedade de consumo. Procurei, dessa forma, estudar seus aspectos *culturais*: seu cotidiano, suas práticas, as relações que estabelecem entre si e com a natureza, seus projetos e conflitos. A partir desses dados, busquei aprofundar a reflexão sobre as práticas dos ecovilenses que apontam para novas possibilidades culturais, mostrando formas diferenciadas de compreensão da vida, dos relacionamentos, do trabalho, do lazer, da natureza e das suas necessidades materiais. Da mesma forma, procurei também refletir sobre as dificuldades que se apresentam na construção dessa cultura alternativa, oferecendo elementos que possam contribuir para sua superação.

Este trabalho não pretende analisar o movimento das ecovilas como um todo, limitando-se a investigar um grupo particular em um momento específico de sua história. Também não pretende engessar a comunidade estudada em fórmulas ou imagens cristalizadas. A dinâmica do grupo está constantemente se reformulando. No momento em que terminei de redigir este trabalho, muitas mudanças já ocorreram na comunidade: novas pessoas, novos projetos, novas questões. Captei apenas um breve momento de sua história, mas que já nos traz inúmeras possibilidades de reflexão e questionamento. Esse foi o caminho escolhido por Paulo de Salles Oliveira em *Vidas Compartilhadas*:

A leitura de autores como Claude Lefort e Marilena Chauí sugere como é ilusória a figura do sujeito do conhecimento neutro, capaz de observar “de fora” os fenômenos, capaz de apreendê-los por inteiro e, ao final, construir sobre eles uma imagem definitiva. Determinar completamente o objeto estudado simbolizaria o poder arbitrário do sujeito do conhecimento, mas também a morte do objeto, daí a ilusão que recobre tais práticas. [...] Pesquisador e pesquisado trazem a seus leitores *uma* interpretação entre muitas possíveis. (OLIVEIRA, 1999, p. 58)

Dessa forma, após ter obtido o consentimento do grupo, a pesquisa de campo se desenvolveu entre março e novembro de 2011, por meio de visitas semanais à comunidade. Nesse período, procurei acompanhar as reuniões, eventos e a vida cotidiana dos seus membros, registrando todas as observações em um diário de campo, totalizando 188 páginas de observações. Foram realizadas, também, nove entrevistas qualitativas com os membros mais efetivos, sendo cinco mulheres e

quatro homens. O roteiro de entrevista foi formulado e reformatado após a realização de entrevistas-piloto em duas outras comunidades. As entrevistas “oficiais” foram gravadas mediante consentimento dos entrevistados e, depois de transcritas, foram devolvidas aos seus autores para aprovação, cuidando para que suas vozes fossem respeitadas. Para preservar as identidades dos sujeitos pesquisados, o nome da comunidade, bem como os nomes de seus membros, vizinhos, amigos, casas e sítios do entorno foram trocados. Também procurei manter, durante todas as etapas da pesquisa e redação, uma estreita ligação entre a teoria revista na pesquisa bibliográfica e os dados coletados na pesquisa de campo.

O presente trabalho foi, então, estruturado em três capítulos:

No primeiro capítulo, após uma introdução à ecovila estudada, apresento uma análise da cultura da sociedade de consumo desenvolvida por autores como Richard Sennett, Ernesto Sabato e Hannah Arendt. Procuo definir, também, os conceitos de *comunidade*, *cultura* e *resistência* utilizados neste trabalho.

O segundo capítulo começa com uma apresentação da metodologia de pesquisa empregada. Em seguida, faço uma descrição da ecovila, baseada em minhas observações: sua estrutura física, o cotidiano de seus moradores, suas relações com a natureza, com a espiritualidade, com os vizinhos e funcionários, bem como sua estrutura política. Descrevo, também, os percursos da pesquisa de campo.

Por fim, o terceiro capítulo consiste em uma reflexão acerca das dimensões da vida em ecovila que apontam para uma construção cultural de resistência e proposição alternativa, bem como das que apresentam desafios na construção de uma cultura alternativa. Ao final, convido a uma reflexão sobre como as relações entre as pessoas na ecovila podem favorecer a mudança de cultura, num processo de coeducação.

CAPÍTULO 1:
COMUNIDADE, CULTURA E RESISTÊNCIA

1. COMUNIDADE, CULTURA E RESISTÊNCIA

“Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão.”
Ecléa Bosi

Início este capítulo com uma introdução à ecovila estudada: sua forma de organização, seus membros mais atuantes e seu projeto. Em seguida, faço uma reflexão sobre a cultura da sociedade de consumo, baseada, principalmente, nas análises de autores como Richard Sennett, Ernesto Sabato e Hannah Arendt. Procuo, também, definir os conceitos de *comunidade*, *cultura* e *resistência* que utilizo neste trabalho, tais como os entendem Martin Buber, Alfredo Bosi e Ernesto Sabato, entre outros.

1.1 A Comunidade Andorinha⁶

Construindo uma comunidade

Diferentemente da maioria das comunidades alternativas e ecovilas, a Comunidade Andorinha foi planejada em forma de loteamento. O terreno foi comprado, inicialmente, por um casal de empreendedores que dividiu a terra em lotes que, então, foram (e ainda estão) colocados à venda. Dessa forma, não se trata de uma comunidade totalmente coletivizada. Também não surgiu, como muitas ecovilas, a partir de um grupo de pessoas que já se conheciam. Esse modelo tradicional que se inicia a partir de um grupo formado apresenta muitas dificuldades de concretização por demandar que um grupo de conhecidos tenha o mesmo desejo e a mesma disponibilidade de dinheiro, ao mesmo tempo. A ecovilense Lilian, moradora da Andorinha, conta que tentou formar uma comunidade dessa maneira:

Eu sempre sonhei em morar fora de São Paulo. E em especial morar num lugar onde as pessoas fossem solidárias, que tivesse um grupo, perto da natureza... [...] E daí, de muitos anos atrás pra cá, a gente começou a procurar terras. E tinha um grupo de pessoas que queria a mesma coisa. Que queria ter uma terra, dividir, e viver em solidariedade. [...] Quase todo fim de semana eu saía por essa região procurando uma coisa e outra. [...]

⁶ O nome da comunidade, assim como de seus membros, vizinhos, amigos, casas e sítios do entorno foram trocados para preservar as identidades dos sujeitos pesquisados.

Arranjamos o lugar perfeito: uma fazenda, um lugar lindo, fresco, alto, gostoso. [...] Tinha cascata, água, tudo! Tinha uma sede pra já começar [...]. Mas tinha uma coisa que era meio difícil, que eu não tinha ainda idealizado, era uma forma de como dividir o imóvel. Como fazer uma divisão legalmente. [...] Quando chegou nessa reunião lá no apartamento em São Paulo, chegou uma das pessoas (aquela que ia entrar com a maior parte do dinheiro) e falou assim: “Ah, não quero.” [...] Foi assim... um balde de água fria. Foi um silêncio, porque a gente passou mais de um ano procurando a terra, e tudo isso ele dizendo: “Quero, quero”.

Dessa forma, Danuza e Rodrigo, os empreendedores que idealizaram a ecovila e fizeram o loteamento, oferecem uma opção para aqueles que querem viver em comunidade, mas não conseguiram criar seu próprio grupo. No entanto, o casal não exerce poder de decisão maior na comunidade por causa disso. Mesmo possuindo diversos lotes ainda não vendidos, cada membro do casal tem apenas um voto nas decisões coletivas como os outros membros regulares (que também têm um voto por lote). Rodrigo, figura que exercia um papel central no início do projeto, foi delegando suas funções à medida que a comunidade foi crescendo e assumindo as responsabilidades pela ecovila. Ele faz questão de dizer que sua ideia não foi a de liderar um grupo, e, sim, a de iniciar o projeto de um sonho que agregaria mais pessoas pelo caminho.

Então, eu já tinha, vamos dizer assim, um know-how do que não queria. O que eu queria também ainda não sabia bem. Foi quando eu fiz um curso de ecovilas na Uniluz⁷. Aí esclareceu muita coisa porque esse curso foi dado por alguém que já vive em ecovila há 40 anos, o pessoal de Findhorn. Então me deu mais segurança de montar essa. Daí que nasceu a questão da “cola”⁸, da Agenda 21, a questão da decisão em círculo, do empoderamento, da distribuição das decisões, de não ter um líder. Então eu sempre evito ser o líder, eu sempre faço questão de ser mais um voto aqui dentro, eu e Danuza. [...] Mas o que eu acho bonito é que eu sabia que quem viesse aqui, apesar de eu não conhecer, eu sabia que quando essa pessoa ficasse aqui, eu já teria aquela sensação de que a conheço há muito tempo.

É por isso que o casal decidiu por não criar, eles mesmos, um regulamento interno, como num condomínio comum. Eles preferiram esperar para que houvesse mais pessoas no grupo e que esse regulamento viesse *do grupo*. Dessa forma, o

⁷ Nazaré Uniluz é uma escola de “desenvolvimento integral do ser humano”, fundada por Trigueirinho no início dos anos 1980. Desde sua criação, busca oferecer vivências, estudos e práticas de autoconhecimento e da arte de Viver em Grupo, baseando-se nos princípios da meditação, do silêncio, da atenção plena e do serviço altruísta (NAZARÉ UNILUZ).

⁸ “Cola” é o nome que o movimento das ecovilas dá para a “identidade coletiva” da comunidade, ou seja, as características que unem os membros em um projeto comum e que expressam o caráter único de cada grupo.

Manual de Acordos Comunitários só foi redigido, votado e implementado em 2011, seis anos após a “criação”⁹ da ecovila.

Cada membro da Comunidade Andorinha possui seu lote juridicamente, com escritura passada, podendo revendê-lo, por exemplo. E qualquer pessoa interessada pode comprar um lote ali. Existem também algumas áreas que são da Associação dos Moradores, isto é, áreas de uso comum. Esse modelo no qual cada membro possui uma escritura de seu lote acaba por dar mais segurança às pessoas. Rodrigo conta de suas experiências em outras comunidades alternativas e da decisão de fazer o loteamento:

Então, nós hippies temos uma tendência a não gostar de leis. Mas a lei é importante. Hoje eu respeito a lei, hoje eu reverencio. Claro que existem leis e leis. Mas existem umas básicas que têm de ser seguidas, não tem como fugir. Então era muito utópico você querer morar num lugar onde não havia propriedade, é muito utópico isso. Porque, como assim? Morar num lugar onde ninguém é dono? Isso é coisa de índio, não é? Então, nós, enquanto civilização, evoluímos em alguns sentidos... Na outra comunidade em que morei ficou muita anarquia, sabe? Muita anarquia. E aí acabou dando muita confusão, porque não era de ninguém a terra, era de uma pessoa que não se interessava pelo que a gente estava fazendo ali. E hoje eu vejo muitas comunidades que se dizem ecovilas errando nesse ponto, na questão ainda da propriedade, na questão do cartório. Porque cartório é uma palavra careta demais, não cabe numa permacultura¹⁰, entende? Mas precisa caber, senão não vai pra frente, senão vai errar aí, vai tropeçar bem aí nessa pedra. [...] Então tivemos que abaixar a cabeça para receber a benção do cartório, a benção da prefeitura, a benção do IBAMA, a benção de todo mundo, senão não poderia fazer. [...] A gente hoje vê que foi bom, que foi necessário. As pessoas sentem mais segurança. Agora vai num lugar que é todo mundo hippie, que não tem lei, não tem papel, não tem nada. Você não sente segurança. Por mais que você seja assim, você não vai investir, ou gastar seu patrimônio num local onde você não vê segurança, não é? Então aqui a gente deu essa segurança pra essas pessoas que vêm. Então, é o lado careta? É, é careta, mas é mais seguro.

Para muitas pessoas, esse modelo de loteamento no qual cada pessoa tem propriedade jurídica de seu lote, além de fornecer maior segurança, garante uma maior individualidade, permitindo que cada membro viva da maneira como quiser, claro que dentro de acordos comuns. A ecovilense Lilian conta que chegou a frequentar uma comunidade em que os membros tinham de cumprir horários (para acordar, para se recolher, para almoçar, etc.) e funções diárias pré-determinadas, o que, em sua opinião, restringia sua individualidade. Esse foi o motivo que a levou a

⁹ 2005 é considerado o ano do nascimento da ecovila, com o início da venda dos lotes. Os ecovilenses entendem, entretanto, que a ecovila ainda está em processo de criação, como veremos adiante.

¹⁰ Permacultura é um conceito de construção e produção alternativas que utiliza métodos ecológicos. Na permacultura, as construções, plantas, animais, recursos do ambiente, etc. são vistos como um único sistema que deve ser integrado (IPEMA).

procurar outra estrutura de comunidade. Até mesmo nas comunidades indígenas existe a propriedade. Segundo a antropóloga Carmen Junqueira, é comum termos a impressão de que os índios gostam de coisas coletivas quando, na verdade, se dá o contrário:

Índio não gosta de coisas coletivas. Por exemplo, o índio gosta de trocar. Pra você trocar, você precisa ser dono, precisa ser proprietário. [...] A minha roça não se confunde com a do meu filho, com a da minha filha. [...] Agora, nós vamos produzir alimento, quem estiver com fome come. Se alguém passa fome, todos estão passando fome. Mas não é através do coletivo. Eles gostam de ter privacidade.¹¹

A falta de privacidade também foi um dos fatores que levou muitos membros dos kibutzim israelenses a abandonarem esse projeto de vida. Bóris Dahis, brasileiro que viveu mais de vinte anos num kibutz, foi um dos que deixaram a comuna justamente por ter perdido o controle sobre sua própria vida, suas decisões, a educação de seus filhos:

Nós queríamos sair pra cursos de aperfeiçoamento. Cursos curtos, de seis meses, oito meses. Aí falavam: “Ah não, vocês não podem sair porque vocês são indispensáveis ao kibutz”, entendeu? Aí eu falei: eu não sou pato, todo mundo sai, fica anos lá fora e eu não podia sair pra um simples curso de seis ou oito meses! Saímos os dois. [...]

Olha, no final é diferente quando você está solteiro, de você estar casado, já com filhos, não é? Você quer mais a sua paz, o seu sossego. O que eu não concordava, por exemplo, a minha filha dormia fora. [...] Segundo, eu não digo que seja ruim de todo, mas você tinha muito pouca influência sobre teus filhos. [...] até hoje eu já não suporto muito entrar em restaurante, esses barulhos todos, entendeu? Eu me tornei mais caseiro.¹²

Simone Weil, em seu estudo sobre a condição operária, percebeu o quanto é importante para os indivíduos esse controle sobre a própria vida, seu trabalho, suas horas; esse apropriar-se das coisas ao redor:

Nada mais forte no homem do que a necessidade de se apropriar, não juridicamente, mas pelo pensamento, dos objetos entre os quais passa a sua vida, gasta a vida que tem dentro de si: uma cozinheira diz “minha cozinha”, um jardineiro diz “minha grama”, e está certo. A propriedade jurídica é somente um dos meios que proporcionam esse sentimento, e a organização social perfeita seria aquela que, pelo emprego desse e de outros meios, desse tal sentimento a todos os seres humanos. (WEIL, 1996, p. 164-5)

Não se trata de favorecer a propriedade apenas como um bem que se adquire, mas como um espaço no qual cada um coloca seus próprios sentimentos, afetos, pensamentos, deixando marcas de sua vida. Como disse Walter Benjamin (1985, p. 38): “O interior não é apenas o universo do homem privado, mas também o

¹¹ Informação fornecida verbalmente, em São Paulo, em 2012.

¹² Informação fornecida verbalmente, em São Paulo, em 2011.

seu estojo”. É onde colecionamos lembranças, onde expressamos nossos valores e nosso modo próprio de ser. Num mundo de mobilidade e contingência, Ecléa Bosi percebe a importância desse espaço privado: o conjunto de objetos que nos rodeiam, o arranjo da sala que prepara as conversas amigas, a cama que prepara o descanso, a mesa de cabeceira que prepara o ritual antes do sono. “Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal” (2003, p. 25-26).

No entanto, numa comunidade, esse refúgio privado pode trazer uma consequência importante: a de acomodar os membros e distanciá-los da vida coletiva. Priorizando a construção de suas casas particulares, os membros da Comunidade Andorinha ainda não construíram um Centro Comunitário. A casa de Danuza (a única que já existia quando o terreno foi comprado) acaba exercendo essa função: acomodando membros que ainda não têm suas casas, sendo local de reuniões e almoços coletivos. Por ainda não estar morando na ecovila (ela tem seu trabalho em São Paulo), sua casa se tornou ponto de encontro da comunidade, e é conhecida como “Casa Um”. Para o ecovilense Thiago, apesar de ser importante para os ecovilenses manterem sua individualidade, o espaço coletivo deveria ter preferência. Para ele, a construção das casas particulares antes mesmo da comunidade ter construído um Centro Comunitário é uma barreira para a consolidação do grupo enquanto coletivo:

Mas resgatando um pouco sobre como eu cheguei aqui, eu fiquei um pouco em dúvida em relação a não ser propriamente uma ecovila nos moldes normais. [...] Normalmente se faz a parte comunitária em primeiro lugar, do coletivo. Porque construindo as coisas juntos, estando juntos, isso reforça o grupo. Um grupo só é grupo quando faz coisas junto. E depois que tem a parte social, grupal, pronta – que seria o centro comunitário, uma oficina, um lugar pra estar, pra dormir, pra comer, banheiro, refeitório, lugar pra reunião... Depois que a alma da ecovila está lá, as pessoas começam a ter necessidade de ter o seu cantinho, então vão construir a sua casinha individual. Esse é basicamente o modelo da maioria das ecovilas. Aqui é uma proposta exatamente ao contrário: é do individual para o grupal. Então cada um tem o seu lote, a sua casa, escritura passada. Para o sentido social isso é ruim, para o sentido legal e econômico é bom, porque você tem uma garantia de que não é um grupo de hippies. Pra quem vem de São Paulo e Campinas, talvez seja um perfil bom. O fato de você começar do individual pro grupal, eu acho, atrapalha muito a comunidade, atrasa muito o processo de grupo, porque as pessoas não têm onde se encontrar, não tem onde se reunir, não tem onde celebrar, não tem onde fazer reunião, não tem onde dar curso, então isso dificulta muito em termos de relações sociais, de uso de espaço, de incentivar mais pessoas a virem e de criar negócios comunitários.

A Comunidade Andorinha é, portanto, uma ecovila em processo de formação. E seus membros também estão em um processo de (trans)formação e aprendizado. Assim como não existe artista sem uma obra – o artista se faz enquanto cria a obra de arte – também não existem ecovilenses “prontos”. Existe, sim, um processo de construção que se dá exteriormente, isto é, na estrutura física e organizacional da comunidade; e, ao mesmo tempo, um processo interior e pessoal, por meio do qual cada indivíduo vai conseguindo se distanciar do estilo de vida individual que levavam na cidade e aprendendo a estar em um projeto coletivo. A comunidade aqui estudada não exige de seus membros uma ruptura brusca com a sociedade. O processo de mudança se dá gradualmente, no ritmo de cada um. Além disso, a ecovila Andorinha ainda não tem um grupo fechado, pois continua recebendo novos membros a cada ano. Esses novos membros estão, em geral, atrelados a seus trabalhos na cidade, pois precisam vender sua força de trabalho para viver. Cada um possui uma disponibilidade de tempo variável, está em um momento de vida distinto e com condições financeiras diferentes. Fazer uma construção coletiva, ou um projeto coletivo de geração de renda é algo difícil, mas algo com o qual todos os membros sonham.

Nós dependemos economicamente de São Paulo e Campinas – conta Thiago. Porque ninguém vive daqui, todo mundo vive fora e gasta dinheiro aqui. O que nós temos que fazer é inverter, criar negócios aqui, pra viver aqui e ir pra São Paulo e Campinas de fim de semana ou de vez em quando como turista. Mas ainda é bem dependente, tanto que as pessoas pagam uma taxa de contribuição pra manter a associação. Formas possíveis? Várias, das pessoas poderem trabalhar das suas casas. Por exemplo, tem pessoas que são jornalistas, revisores, trabalham com textos, escrevem, eles podem perfeitamente trabalhar aqui e por e-mail mandar, se comunicar por telefone. Aqui é um lugar que dá pra você plantar algumas coisas, ou criar coisas e vender pra quem vem visitar. [...] Fazer cursos aqui, eventos, realizar encontros, ter um restaurante, ter pousada pras pessoas virem aqui morar. Quer dizer, criar fontes de recursos que o recurso venha pra comunidade. [...] Outro dia eu estava conversando com o Rodrigo: o capital social e intelectual que nós temos aqui é enorme, é muito grande. Nós temos de tudo aqui, só não temos arquiteto. Nós temos desde advogado até engenheiro, desde agrônomo até psicólogo, desde cozinheiro até restaurador de livro, desde artista até médico. E com vários saberes, vivências, idades e formações. Imagina o quanto vale esse capital se a gente conseguisse unir as forças e montar um negócio comunitário, um negócio que revertesse pra comunidade, seria ótimo! Esse é o meu sonho.

A necessidade de um Centro Comunitário é muito forte para os membros da Andorinha. Um local apropriado para poderem dar cursos, hospedar mais pessoas, realizarem atividades comunitárias.

Eu acho que vai ter mais gente morando aqui – conta Danuza. E com mais gente morando, mais gente no mesmo foco, no mesmo caminho, vai ter mais

atividades. Com isso nós vamos estar mais abertos a oferecer, não só pra comunidade como pra fora, vivências, atividades e propostas de cursos. E isso vai segurar mais gente aqui morando. Com condição de morar. Porque a hora que a pessoa tem um lugar pra dar um curso, pra fazer uma atividade dela, em conjunto ou trazendo gente de fora, isso vai ser o jeito da ecovila prosseguir. Então a minha esperança é essa. E acho que o passo principal é construir o Centro Comunitário. Que já está bem adiantado, pelo menos na parte mental. E física, de projeto e de coisa assim.

Alguns membros compraram, em conjunto, um sítio ao lado da ecovila e pensam em criar alguma fonte de renda ali.

O dia que tiver uma atividade econômica na comunidade eu acho que essas coisas mudam – explica Guilherme – por enquanto não tem jeito. Eu acho que a gente só tem estrutura, por enquanto, pra alguma coisa de agricultura. Mas não creio que agricultura seja uma atividade economicamente rentável pro pessoal que está vindo da cidade. A agricultura tem um problema grande de distribuição dos produtos. Aí você começa a abrir a agricultura, apesar de eu não ser agrônomo, eu descobri que a agricultura tem vários ramos: as hortaliças, que realmente não é uma resposta econômica pra comunidade, porque a produção tem que ser escoada imediatamente e o mercado tem que estar disponível imediatamente. Tem a frutífera, que o escoamento não precisa ser diário, já pode ser um escoamento mais longo. E tem a de alimentos de base, vamos dizer assim: raízes, cereais, que você pode produzir e guardar durante muito tempo. Mas tudo isso aí tem que ser avaliado em termos de espaço que nós temos e quantidade de pessoas, e escoamento da produção. Não é nada resolvido. Isso são questões que eu levanto, não só pra ecovila, quanto pro meu sítio. Mas alguma coisa tem que ser possível de ser feita, de alguma maneira. Com a terra que nós temos, ou a terra que nós temos e mais a terra do sítio, num aproveitamento conjunto daquela terra lá. Mas enquanto não achar uma solução economicamente viável, não vamos pra frente.

Também para Inês, a falta de um projeto que gere renda para a comunidade é o principal empecilho para que mais pessoas passem a morar definitivamente ali.

Eu acho que o grande nó daqui é isso: nós somos totalmente dependentes de São Paulo e de Campinas. Eu ganho a vida longe daqui. [...] Não tem quem diga: “Eu moro aqui”. [...] Você consegue, buscando uma vida simples, plantando sua comida, diminuir essa dependência. Então você vive com menos dinheiro, você diminui a sua dependência. Agora você imagine, por exemplo, se você viesse pra cá com a sua filhinha, onde é que ela vai estudar? Na cidade, não é? Onde é que você vai ganhar a vida pra mantê-la aqui? Não sei como é que se resolve esse nó.

Para muitos membros, a ecovila fica, então, como um local para fins de semana, um projeto para o futuro. Muitas pessoas quase nem aparecem por lá. Outras participam mais, se envolvem nos projetos. Apenas oito pessoas passavam mais de quatro dias da semana na comunidade, na época da pesquisa. Danuza conta que muitos acabam ajudando à distância, pois as exigências cotidianas acabam por ainda não permitir o “estar” na ecovila:

Muitas vezes a pessoa está distante, às vezes ela está longe porque a vida assim determina. Mas você liga e fala: “E aí, e você?” E a pessoa responde: “Faz parte do meu sonho, mas agora não dá.” Mas é legal porque ela não

está totalmente distante. Tem gente, esse casal que eu te falei, que mora na Espanha, eles atuam do jeito que eles podem [...]. Então você não precisa estar aqui no dia a dia pra contribuir. Se você não pode, você vai sonhando e atuando à distância. Faz coisas à distância, ou vem um dia, ou vem a cada tempo. Essa moça que saiu daqui, ela é médica e trabalha na medicina tradicional, só que ela está fazendo curso de medicina ayurvédica¹³ e a intenção dela é ver se tem condição de plantar aqui plantas medicinais. Então ela está longe, mas ela está programando, dentro do contexto dela, das possibilidades de momento, um caminho, não é? E eu acho que isso é importante.

Algumas pessoas já conseguiram se mudar para a cidade mais próxima, outras tentam reorganizar seu trabalho para que possam passar mais dias da semana na comunidade. No entanto, o fato de ainda não haver telefonia fixa e internet na ecovila apresenta-se como obstáculo a essa reorganização.

Mesmo sem ter um Centro Comunitário e ainda com poucos moradores fixos, o grupo estimula as reuniões, festas, mutirões de plantio e adubação, meditações conjuntas e almoços comunitários. A proposta de vida em comunidade implica numa tentativa de se criar relações interpessoais mais sólidas e solidárias. Forma-se uma rede de ajuda mútua, mesmo entre pessoas que não têm tanta afinidade. É como se, entrando para a ecovila, passassem a pertencer a uma grande família. Um exemplo disso é quando Selma entrou para o grupo e, no primeiro encontro com Lilian, já se ofereceu para hospedá-la em sua casa em São Paulo, nos dias em que Lilian precisa trabalhar na cidade. Ou quando o casal Luana e Murilo chegou à comunidade para uma celebração, seu primeiro evento na ecovila. Ao saber que Luana também cresceu na cidade de Santos, a ecovilense Inês começou a perguntar em que escola ela estudou, em que bairro viveu, tentando encontrar raízes comuns. Foi um gesto de acolhimento, como se aquele encontro fosse, na verdade, um reencontro.

Além dos valores comunitários, existe ali uma forte sensibilidade ecológica, um desejo de se criar relações mais harmoniosas não só entre as pessoas, mas também entre as pessoas e o ambiente natural. Isso se traduz em novas práticas cotidianas, em uma atitude de cuidado com a natureza¹⁴. Alguns desses hábitos são: redução do consumo e descarte de materiais, compostagem do lixo orgânico, não utilização de herbicidas ou pesticidas químicos, etc. Outra característica da vida na

¹³ A medicina ayurvédica é um sistema medicinal milenar indiano, que trata de desequilíbrios fisiológicos, psíquicos, energéticos e espirituais através do uso de plantas e óleos medicinais, massagens, mudanças na dieta, práticas de ioga e meditação, entre outros recursos.

¹⁴ Falaremos disso com mais detalhes no Capítulo 2.

ecovila é a busca de uma vida mais simples e menos consumista. Televisão e passeios no *shopping* não fazem parte do cotidiano dos ecovilenses, que dão preferência para atividades coletivas e que não custam recursos naturais: almoços comunitários, meditações conjuntas, festas, etc.

Todo mês é realizada uma reunião comunitária, na qual todos ficam a par do que está acontecendo na comunidade, discutem seus planos e criam novas demandas para a ecovila. Nessas reuniões, os ecovilenses exercitam a autogestão e o diálogo, buscando convergir as diversas opiniões e visões de mundo em um projeto comum. A autogestão exige que os indivíduos negociem suas diferenças e exercitem a democracia. Em um estudo sobre as cooperativas de economia solidária, Paulo de Salles Oliveira colheu um depoimento muito interessante, no qual um dos cooperantes fala da importância desse exercício: “Fica difícil a gente ter uma sociedade democrática de fato, querendo aprofundar esta democracia, se você não tem espaços onde o viver democrático é exercitado”. Além disso, na ecovila, as decisões tomadas nas reuniões são executadas pelos próprios membros, por meio da criação de grupos de trabalho, nos quais os membros assumem tarefas voluntárias pela comunidade. Dessa forma, as decisões são tomadas pelo coletivo e executadas também de forma coletiva.

A Comunidade Andorinha difere, portanto, de um condomínio convencional, por estimular essa participação na vida comunitária.

Num condomínio convencional é cada um na sua – diz Danuza. Quem quer ficar dentro de casa, quem não quer, não tem interesse de falar, ou interagir com o vizinho, ou não quer ir à reunião, não vai! Agora numa comunidade é diferente, não é? Alguma coisa você acaba fazendo junto porque faz parte daquilo a que você se propôs.

Às vezes – conta Lilian – a pessoa fala: “Ah, é que nem um condomínio!”. Não é que nem um condomínio. Em nenhum condomínio as pessoas têm solidariedade, amizade. Chega no domingo todo mundo almoça junto...

Mesmo se tratando de indivíduos urbanos e de classe média, existe ali a tentativa de se promover uma verdadeira mudança cultural. São pessoas que procuram renunciar a diversos confortos que poderiam facilmente obter em prol de uma mudança de valores e de hábitos. São pessoas que, apesar de todas as suas limitações, estão se esforçando para criar uma cultura mais solidária, pacífica e ecológica.

Apesar da diversidade de visões e opiniões, existe algo que une o grupo. Trata-se de uma busca comum, ou, nas palavras de James Jasper, “sensibilidades morais” compartilhadas. Moralidade aqui entendida não como regras instituídas de conduta, mas como intuições particulares a respeito do sentido da vida e de como devemos viver a vida¹⁵. “Afim de contas”, afirma Jasper (1997, p. 377), “a moralidade não é simplesmente sobre nossas obrigações para com os outros. É também sobre a boa vida, sobre como cada um de nós deve viver”. Os ecovilenses chamam a essas sensibilidades comuns de “novo paradigma”.

A ecovilense Lilian, que antes de se mudar para a ecovila morava num condomínio convencional, fala sobre isso:

A casa na Granja Viana era muito gostosa. Era um condomínio de seis casas só, agradável, não tinha grandes problemas assim pra nós. Mas o ambiente... Não tinha um ambiente de solidariedade, não era uma coisa assim unida. Ao contrário: eram umas pessoas estranhas, assim, outra cabeça, outros valores. O que eu acho importante é que quem vai pra uma ecovila tem semelhança de valores, apesar de ser tão diferente uma pessoa da outra, têm ideais. Em resumo, o paradigma é o mesmo, as formas é que são diferentes.

Esses valores compartilhados pelos ecovilenses incluem não só a construção de laços de solidariedade, mas também a busca do autoconhecimento, do contato com a natureza e com as experiências transcendentais.

Eu estou aqui – conta Rodrigo - por essa crença de que a vida é muito simples, que a gente não precisa de muito pra ser feliz e que estar dentro de um lugar assim, de um ambiente natural, você tem mais facilidade pra decifrar a linguagem da natureza. Pelo simples fato de estar e observar a direção do vento, a mudança das estações, o comprimento do dia, as lunações... Então tudo isso contém uma linguagem, uma metalinguagem por trás. Estando aqui você consegue decifrar melhor essa linguagem.

A natureza me leva ao sentimento profundo de Deus e da união do mundo – diz Lilian. Essa interação que tem entre o mundo e cada um. Cada um com o mundo todo. [...] Então, a natureza é uma conversa com a alma e com as coisas que importam. Com as coisas profundas que existem no ser humano.

Novas sensibilidades morais e novos significados culturais surgem, segundo Jasper, a partir de transformações socioeconômicas¹⁶, e permanecem, muitas

¹⁵ Henri Bergson (2005) também diferencia a *moral social* - quando nos conformamos às regras e obrigações que visam à preservação e estabilidade de uma determinada sociedade – de uma *moral humana*, cuja ação não parte do instinto ou do hábito, mas da sensibilidade. Ela busca não a estabilidade, mas o movimento. Quando agimos por essa moral humana não o fazemos, portanto, por constrangimento ou necessidade, mas em virtude de uma inclinação à qual não podemos resistir.

¹⁶ O amor romanesco, por exemplo, surgiu na Idade Média, quando o amor natural foi absorvido num sentimento de certo modo místico, transportando para o amor a emoção religiosa da adoração, do fervor e do êxtase (BERGSON, 2005, p. 49). A visão romantizada da natureza, também, só pôde surgir graças à urbanização e à industrialização, que diminuíram nossa dependência da natureza, e permitiram sua contemplação como objeto estético. (Sobre esse assunto ver JASPER, 1997, p. 158 e BERQUE, 2009). São, portanto, novas sensibilidades que surgem a partir de um contexto social

vezes, como sentimentos implícitos, como intuições nem sempre articuladas ou passíveis de explicação. Dessa forma, muitas vezes as pessoas se sentem atraídas a certas pessoas e certas formas de ação. Sabem como se sentem (instintivamente) sobre uma questão antes de desenvolverem razões para suas posições. Essas intuições ajudam as pessoas a distinguirem o que gostam do que não gostam, o que acham plausível do que acham implausível, em quem confiam de que desconfiam, tornando-se, assim, o fundamento sobre o qual são construídas as crenças mais explícitas. Para Jasper, conforme essas intuições se desenvolvem, “elas precisam de poetas e ativistas para expressá-las em visões de mundo distintas” (1997, p. 155). São os artistas e ativistas que dão forma para essas sensibilidades morais e espirituais, construindo significados cognitivos para elas e transformando-as em projetos e ações concretas.

Vidas inteiras podem ser criações artísticas, conforme os ativistas tentam encaixar suas convicções nas suas rotinas diárias. Eles são o perfeito exemplo da chamada de Sócrates pela “vida examinada”. Ativistas geralmente encontram novas maneiras de viver, novas maneiras de aplicar visões morais na vida cotidiana. [...] Como tipo de personagem, ativistas tem as “virtudes” que os acompanham: uma consciência e articulação moral, participação em controvérsias públicas e delineamento do futuro, descrição de possíveis mundos morais alternativos e engajamento em projetos coletivos escolhidos de forma livre e proposital. [...] Sua sensibilidade moral, muitas vezes dolorosa, mas também profundamente gratificante, é preciosa para eles, bem como seu maior presente para o resto de nós. (JASPER, 1997, p. 340, tradução nossa)

Nessa criação de um modo de vida mais solidário, amoroso e poético, muitos ecovilenses encontram apoio em filosofias místicas e mestres espirituais. Os mestres indianos Sai Baba e Paramahansa Yogananda, o budismo, o cristianismo místico e a filosofia iogue são alguns dos modelos de conduta adotados. Essa presença do misticismo, muitas vezes mal compreendida no movimento alternativo, pode ser explicada, em parte, pela ideia bergsoniana de que há um fundamento emocional na moral. Segundo Bergson (2005, p. 43-93), nenhuma concepção de mundo tem o poder de motivar as pessoas simplesmente pelo intelecto. O impulso moral que leva as pessoas a buscarem uma transformação de si e do mundo é algo que é *sentido*, antes de ser representado. Mais do que uma obrigação, esse impulso é uma força de atração, que se encarna em personalidades privilegiadas. Os místicos, santos e heróis da vida moral emanam essa força de atração que tem o

específico e que são geradoras de pensamento. No entanto, Bergson ressalta que não se trata aqui da sensibilidade que é efeito de uma representação, aquela das quais os psicólogos se ocupam, mas de uma emoção de outra natureza, “prehe de representações”, geradora de ideias (BERGSON, 2005, p. 50).

poder de motivar as pessoas a moldarem seu comportamento de forma semelhante. Essa personalidade moral pode até mesmo ser um amigo, um familiar ou uma pessoa que encontramos em nosso caminho “e que igualam aos nossos olhos os maiores”.

Eu sempre tive essa busca de autoconhecimento – conta Inês. Desde os treze, quatorze anos, essa coisa de ficar entendendo... Durante um tempo eu segui a Rosa Cruz. Depois em 85 eu conheci os escritos do Rudolph Steiner, da antroposofia, e comecei a estudar cada vez mais. Então eu sigo essa linha. Não é uma linha rígida, não é uma técnica. É um caminho de autoconhecimento. E faço algumas meditações, é amplo. Procuo seguir regras de condutas que me tornem uma pessoa melhor. E então já faz muito anos que eu fico me aperfeiçoando nesse sentido. E não é dizer: “ai, é uma santa!”, não sou nem um pouco. Mas assim, eu sou uma pessoa que quer ser melhor cada dia. Quero ser verdadeira. Eu não minto. Ou não falo, ou eu falo a verdade. E isso é um trabalho que a gente vai fazendo, não é?

Eu acho bonito, respeito todos os caminhos – diz Rodrigo – mas o meu é aquele, é o caminho da meditação de Paramahansa Yogananda. Há 34 anos eu sempre faço a mesma coisa. É claro que eu leio outras coisas, não sou fanático, não é? Porque tenho outras visões. Mas a prática espiritual eu não misturo, porque senão você não cria uma sedimentação do conhecimento, entende? [...] Mas dessa maneira eu consegui sentir a transcendência, experimentei pelo menos uma vez a transcendência, o outro lado. [...] Então a minha vida gira em torno disso e é guiada por isso, não é? Minha vida todinha é guiada por isso.

É essa força emocional de certos mestres e certas filosofias que encontra ressonância em muitos dos ecovilenses, afetando sua apreensão estética do mundo e motivando-os a se engajar num projeto solidário. Para Jasper, assim como para Bergson, essas sensibilidades morais que são expressas pelos místicos, poetas e ativistas são fenômenos importantes, pois podem transformar a “atmosfera social” e se tornar, assim, a base para uma mudança mais ampla: na forma como apreendemos o mundo, nas nossas ideologias, nos nossos modelos de conduta e nas regras sociais¹⁷.

¹⁷ Henri Bergson (2005, p. 71-75) também faz uma relação entre a criação artística e a criação moral. Uma obra artística que começa por chocar e desconcertar as pessoas pode, pouco a pouco, criar uma concepção de arte e uma atmosfera artística que permitirá compreendê-la. Retrospectivamente, essa obra será considerada genial, pois a própria obra opera uma transformação no gosto público. Para Bergson, o mesmo ocorre na criação moral. Todos os alargamentos que houve, na nossa sociedade, na concepção de justiça e moralidade foram criações de pessoas concretas que se empenharam em reformas que pareciam (e eram) irrealizáveis. O eram porque só poderiam ser realizadas numa sociedade que contivesse um “estado de alma” que fosse aquele que elas deviam induzir através de sua realização. É exatamente isso que os ecovilenses estão buscando: criar uma maneira de viver que esteja de acordo com essas novas sensibilidades que encontraram eco em suas almas. Sentem o impulso de criar, em suas vidas, uma nova atmosfera social na qual seria melhor de se viver.

A ecovila une, portanto, indivíduos com sensibilidades morais compartilhadas, e que defendem uma mudança nas mentalidades e nos hábitos prevaletentes. São pessoas que querem experimentar uma nova forma de habitar o mundo e de se relacionar com os outros e com a natureza. A mudança que defendem se dá, portanto, não só no campo do comportamento como, também, no campo simbólico, isto é, nos significados que dão para os acontecimentos, na maneira como entendem o seu lugar no universo e na percepção das suas necessidades físicas e espirituais. Alberto Melucci também enfatiza a importância dessa mudança simbólica:

A ideia de que só a mudança das estruturas pode produzir transformações, sem envolver os nossos modos de construir, individual e coletivamente, a mesma experiência humana, pertence às ilusões do passado. Se seremos, ou não, capazes de fazer também das nossas mentes, dos nossos afetos e emoções, das nossas necessidades espirituais, um terreno da experiência de mudança, este é o desafio que devemos enfrentar. (MELUCCI, 2001, p. 11)

Cabe ressaltar, entretanto, que mesmo sensibilidades parecidas podem gerar formas diversas de ver o mundo e ideias conflitantes de como colocar esses valores em prática. Para que a comunidade se desenvolva, torna-se necessário, então, articular essas visões em um projeto coletivo. Mesmo que de forma mais lenta do que muitos gostariam, muito já foi conquistado pelos membros da Andorinha: conseguiram idealizar e consolidar um sistema de gestão muito interessante e eficaz; criaram um manual de acordos internos; fizeram diversas experiências em bioconstrução¹⁸; aprovaram o projeto arquitetônico do Centro Comunitário e estão trabalhando na captação de recursos para sua construção; tomaram várias decisões de forma coletiva, desde a resolução de problemas com a caixa d'água até decisões mais leves, como a escolha dos nomes das ruas; e, também, compartilharam muitos momentos de tristeza e alegria. Após alguns anos juntos, o grupo está mais afinado e se sente, cada vez mais, como uma família.

É claro que cada membro apresenta um ritmo de participação diferente. Enquanto alguns membros têm pressa na concretização dos projetos, pois já estão morando na ecovila ou gostariam de se mudar para lá em breve, outros ainda não podem investir tempo e dinheiro, pois estão focados em seus projetos na cidade.

¹⁸ A Bioconstrução faz uso de materiais de baixo impacto ambiental, uma adequação da arquitetura ao clima local e tratamento de resíduos em busca de um “ambiente sustentável”, isto é, “o ambiente que satisfaz as necessidades presentes de moradia, alimentação e energia garantindo que as gerações futuras tenham como satisfazer as mesmas necessidades”. (BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2008)

Dessa forma, os membros mais atuantes acabam tendo de abrir mão de algumas expectativas para esperar o tempo do grupo. Certa vez, ao ler um e-mail com algumas críticas impacientes de alguns membros, Thiago apresentou um ponto de vista interessante:

Se formos esperar estar tudo perfeito para sermos considerados uma ecovila, este dia nunca vai chegar. Na minha opinião, o processo é o importante. Se formos focar no que não temos ao invés de valorizar e celebrar o que já conseguimos, vamos todos cair em frustração, depressão e angústia. Já passei por este processo pessoalmente.

Acho que avançamos menos do que gostaríamos, mas mais do que muitos acreditavam. Depende do que cada um põe de si: energia, participação, tolerância, recursos, trabalho, etc. para concretizar o nosso sonho coletivo.

Quando eu leio alguns argumentos sinto que há um pouco de preconceito. Eu acredito que a sustentabilidade começa em casa, valorizando-se o que se tem, os serviços oferecidos, os recursos locais e, principalmente, as pessoas que estão nesta jornada juntas.

Dessa forma, mesmo sem terem conseguido ainda criar um projeto de geração de renda na comunidade, e mesmo que seus membros ainda tenham de se dividir entre a ecovila e a cidade onde trabalham, os membros da Comunidade Andorinha vivem processos pessoais e sociais intensos. O estudo desses processos pode nos ajudar a compreender melhor as possibilidades e as dificuldades que se apresentam aos indivíduos contemporâneos que, como os “rebeldes” de Merton, “desejam uma sociedade nova e consideram arbitrários os fins da estrutura presente, tanto quanto os meios” (BOSI, 2003, p. 138).

Um mito conservador diria que insatisfação pertence à ordem das coisas seja qual for o sistema social. Desemprego, greves, depressões econômicas acontecem às vezes, naturais como o ciclo das marés ou a órbita dos astros. É a doutrina do inevitável que prega o ajustamento psicológico e desvia a hostilidade contra a injustiça para o indivíduo marginal ou fracassado. Mas há mitos que tiram sua força de um futuro utópico ou mesmo de movimentos passados que alimentam lutas presentes. Na rebelião há rejeição de valores dirigidos para obtenção de bens que não são partilhados com equidade e justiça. Antes de tudo, a rebelião é uma *transvaloração*. Denunciando o mal da estrutura presente, busca-se uma estrutura alternativa (BOSI, 2003, p. 138).

Os ecovilenses

Quem são as pessoas que moram na ecovila? Como já foi apontado, oito pessoas se consideravam moradores da ecovila, na época da pesquisa. O casal Lilian e George mora lá há três anos. Ele tem 70 anos e trabalha como médico em

hospitais públicos de duas cidades próximas. Ela tem 66 anos e trabalha com psicoterapia e medicina vibracional em dois consultórios, na cidade próxima e em São Paulo. No entanto, é em São Paulo – onde atende uma vez por semana – que ganha a maior parte de sua renda. Dessa forma, toda semana Lilian e George precisam se deslocar até São Paulo, onde dormem uma noite no apartamento de Selma.

Inês, de 54 anos, é juíza e pode fazer a maior parte de seu trabalho na sua casa na ecovila, onde montou um escritório. Contudo, precisa fazer audiências semanais em Campinas. Seu marido Guilherme, de 57 anos, é engenheiro aposentado e vai com ela para Campinas todo domingo à noite e voltam na terça-feira. Ambos aproveitam a estadia para brincar com as netas e participar de um grupo de teatro amador.

Naomi, de 52 anos, mora integralmente na ecovila há dois anos, trabalhando na construção de sua casa, na sua horta e com artes em geral – desde pinturas, música até trabalhos com madeira. Seu marido trabalha com implantação de softwares e fica na ecovila apenas nos finais de semana. Também o casal Rodrigo (56 anos) e Danuza (55 anos) vive junto somente aos finais de semana, já que ela precisa trabalhar em São Paulo, onde é advogada e mãe de uma adolescente de 16 anos. Rodrigo ganha sua renda com um acampamento de férias, onde trabalha duas vezes por ano, o que o permite morar integralmente na comunidade.

Por fim, o casal Ana Paula (46 anos) e Otávio (52 anos) tinha acabado de se mudar para a cidade próxima, mas dividiam as noites entre a cidade, onde ela tem um atelier de restauração de livros, e a ecovila. Na ecovila, Otávio, que é engenheiro agrônomo, trabalha na renovação do pomar, no planejamento e definição das áreas produtivas. Ambos estão iniciando, junto com uma arquiteta, a bioconstrução de um espaço que servirá de atelier para Ana Paula, para que possam viver integralmente na comunidade. Nos dias em que ficam na ecovila, Ana Paula e Otávio dormem na Casa Um, pois ainda não começaram a construção de sua casa.

Segundo alguns ecovilenses, um dos maiores entraves para que mais pessoas se mudem para lá é, além da falta de trabalho no local, a ausência de uma escola de qualidade nas proximidades. Existe ali no bairro uma escolinha rural de educação infantil, mas na qual, segundo alguns relatos, há apenas uma professora para ensinar alunos da primeira à quarta série.

Acho que eu não tenho expectativas – diz Inês – acho que já passei a fase. Tem coisas que eu acho que são necessárias pra que isso aqui vá pra frente. Então eu acho que precisa muito de escola. Eu acho que daria pra começar com uma escola maternal, depois a gente ir subindo. Eu acho que isso é imprescindível. Precisaríamos resolver essa questão do trabalho, nem que seja na cidade próxima o trabalho. Mas ninguém mora aqui sem ganhar alguma coisa. Você não vive só da terra aqui, só de comida. Tem outros gastos. A minha expectativa é que as pessoas consigam fazer isso e venham pra cá realmente. Tenha mais gente morando e se possa trabalhar mais junto, e não seja só de final de semana.

Todos os moradores têm filhos adultos, e os que têm filhos em idade escolar acabam ficando nas metrópoles. Isso demonstra a dificuldade que as pessoas têm em abandonar a cidade e toda a estrutura e as facilidades que a vida urbana oferece, para mudar-se para um local onde, ou a pessoa terá que se deslocar, por estrada de terra, até a cidade (onde existem, sim, escolas boas); ou a pessoa terá de se engajar na criação de uma escola. Apesar de já terem discutido diversas vezes a importância dessa questão, ainda não surgiu nenhum projeto concreto de escola na ecovila, nem mesmo – como a maioria defende – um projeto de parceria com a escolinha do bairro. Essa questão não é debatida com tanta urgência, pois ainda não há famílias com crianças morando ali. Pra quê um projeto de escola se ainda não tem criança?

Como não tem escola – diz Thiago – não tem nem dentro nem fora de qualidade, muitos pais têm o impedimento de vir aqui. Mas na verdade é relativo, porque se eles vierem, as coisas se ajustam. Então assim, não tem criança porque não tem escola, ou não tem escola porque não tem criança? Eu não sei ainda, tem que ver. Mas quanto mais pessoas vierem pra cá, mais as coisas se ajustam, acho que é por aí.

Essa questão da escola demonstra que ir para uma ecovila em construção exige que a pessoa tenha disposição para ajudar nesse processo. Pois não está nada pronto, não existe uma infraestrutura, e sim, inúmeros projetos e muito trabalho a ser feito. A escola só vai nascer quando tiver crianças morando ali e houver uma necessidade concreta. Para a ecovilense Naomi, quando isso acontecer é que a comunidade começará realmente a crescer.

Tem muita coisa pra fazer aqui – diz Naomi. Por exemplo, nascer uma escola. [...] E acho que nós, na nossa cultura, não temos muito o caráter de empreendedores. [...] Minha expectativa é que venha gente pra cá. Gente com ideias novas, que venha gente jovem. Minha expectativa é que venha gente morar e não daqui a cinco, dez, vinte anos. Que venha gente amanhã, daqui um ano, daqui dois. Que as pessoas tenham a capacidade de dar um salto, e quebrar paradigmas, e se aventurar mesmo. [...] Mas a gente está chegando lá. Até fim de semana retrasado eu estava conversando com uma amiga nossa, a Mel. Ela já está pensando em alugar uma casa na cidade, pra já começar a vir de mudança pra cá. O Nelson com a Andresa já estão morando na cidade, que é bem pertinho daqui. Essa mudança, esse processo já está se iniciando, graças a Deus.

Dois casais mais jovens já estão morando na cidade próxima. Andressa (33 anos, jornalista) e Nelson (40 anos, jornalista e professor universitário), Rafaela (34 anos, advogada) e Rogério (37 anos, engenheiro agrônomo). Ambos os casais estão terminando suas casas na ecovila e têm planos de se mudar em breve e, também, de terem filhos em breve. Andressa está pensando em mudar seu rumo profissional: sair do jornalismo e abarcar a área da educação, fazer uma licenciatura em pedagogia. Seu sonho é o de trabalhar em parceria com a escolinha rural do bairro, num projeto para fortalecer a escola. Tal projeto não só resolveria o problema da ecovila, mas, ao mesmo tempo, seria uma contribuição para as crianças da região.

Além desses “pioneiros” que já estão morando na ecovila ou na cidade próxima, existem outros membros que, apesar de frequentarem a comunidade apenas aos finais de semana, participam ativamente do projeto: ocupando cargos de gestão, participando dos grupos de trabalho, doando tempo e trabalho para a comunidade. Entre eles, podemos destacar Mel, atual secretária da ecovila, Thiago, atual presidente, Natália, o casal Vanda e Gustavo com seu filho Elton, de 16 anos. (Este último é o único adolescente que participa ativamente da vida na ecovila.) Outro casal ativo na comunidade é Igor e Ieda, que já chegaram a morar integralmente lá, mas que tiveram de se afastar por conta dos estudos de pós-doutorado de Ieda. Eles compraram um terreno ao lado da Andorinha onde já começaram a produzir mel, e onde pretendem realizar outras atividades agrícolas.

Houve também cinco famílias que desistiram do projeto – quatro delas antes mesmo de começarem a construção de suas casas – e que colocaram seus lotes à venda. Segundo Thiago, parte dessas desistências se deu por problemas de relacionamento e outra parte por questões financeiras.

Acontece – diz Danuza. Tanto pessoas desavisadas que nem sabem por que vêm aqui. Ou então pessoas que vêm atrás do Rodrigo, ou que conhecem alguém que veio e que gostou muito. E a pessoa não tem o perfil. Aí ela começa achar ruim uma série de coisas... Mas elas nunca falam, não é? Elas falam que mudou o plano... Ou houve separações de casais, ou falecimentos, como a vida, não é? E mudanças de local, ou por trabalho ou por família. Existiu sim. Aí resolvem vender.

Um conflito que não foi bem resolvido – conta Lilian – foi uma questão com cachorro também. E a pessoa até foi embora daqui da ecovila. É uma casa que está aí parada, à venda. É o temperamento deles, quando a pessoa está aqui na ecovila e não quer nem saber do coletivo, acaba criando problema. Quer fazer só o que quer, o individual, sem pensar no coletivo. Todos os problemas aqui ou em qualquer comunidade é quando a pessoa olha só pra si. Tem que resolver o problema próprio e do outro, não é?

Mesmo para as pessoas que se identificam com a proposta e desejam levar adiante esse projeto, existe uma grande dificuldade em sair da cidade, dos seus empregos, da escola de seus filhos, para morar na comunidade e criar um novo estilo de vida. Essa reorganização é dificultada, principalmente, por não se tratar de uma ecovila já estruturada, que oferece escola, trabalho, etc., mas uma ecovila que está começando do zero e na qual tudo precisa ainda ser construído. Os ecovilenses se encontram, portanto, em um limiar entre o *desejo* e as *dificuldades* de romperem com a sociedade de consumo na qual se encontram, da qual dependem economicamente (e estruturalmente), mas da qual querem se afastar.

Eu acho – diz Danuza – que a nossa ecovila ela está ainda em formação, mas sem que a gente desconsidere tudo o que já foi feito. Quando que vai estar pronta? A gente não sabe quando vai estar pronta, porque é uma coisa de construção contínua. Porque é a vida das pessoas, não é? [...] Não deu pra fazer um modelo pronto, sabe? Como as pessoas às vezes me ligam e perguntam: “O que tem lá? E dá pra trabalhar e morar lá?” Então as pessoas querem um lugar pronto. Não deu! Eu não consegui pensar nisso e não sei se existe algum lugar assim, onde você chega e está tudo pronto, eu vou morar lá e vou ter como me sustentar. É meio utópico isso, seria muito bom. Então a gente tem que ir atrás e ver as possibilidades. [...] Agora disso depende, não é qualquer pessoa que vem aqui, a pessoa que quer comprar tudo no shopping, na loja, ela não vem pra cá. E se ela vem com esse perfil, ela não vai querer integrar. Ela pode integrar na hora do social, mas ela não está inteira nessa.

Inúmeros são os desafios para a construção de uma ecovila. Não só na questão estrutural como, também, na construção da confiança nos relacionamentos, algo que demanda tempo e energia e que só é possível a longo prazo.

O conceito de *comunidade*

O que significa ser uma comunidade? Uma influente definição de *comunidade* foi formulada por Ferdinand Tönnies em 1887. Filho de uma família camponesa, Tönnies percebeu a influência do racionalismo ao ver a antiga cultura rural de sua província ser submetida à mecanização e comercialização. Com um irmão mercador, Tönnies pôde vivenciar os dois mundos: o do camponês enraizado no solo e o mundo do mercador cuja alma está no lucro obtido do comércio. Ele formou, então, o conceito de *Gemeinschaft* (*comunidade*) em oposição ao conceito de *Gesellschaft* (*sociedade* ou *associação*). A *Gemeinschaft*, para Tönnies, é uma relação orgânica de pessoas que se sentem ligadas como membros de uma totalidade. A

Gemeinschaft pode ser baseada em laços de sangue (família, clã), em uma localidade comum (vizinhança, vilarejo rural) ou em uma mentalidade comum (associação religiosa, cooperativa de trabalho, amizade). Essas três formas de comunidade estão inter-relacionadas no espaço e no tempo e todas pressupõem certo *consenso*: entendimento mútuo, sentimentos, desejos, crenças e atitudes similares. A vida em comunidade envolve posse e desfrute de bens comuns e está em permanente relação com a terra, a propriedade e o trabalho comum.

Já a *Gesellschaft* (*sociedade*), para Tönnies, é um agregado de pessoas cujas vontades e esferas de vida estão em relações umas com as outras, mas, no entanto, se mantém independentes e desprovidas de relações familiares mútuas. Nenhuma ação, na *sociedade*, manifesta a vontade da unidade. Há uma tensão entre as pessoas e uma atitude negativa com relação aos outros se torna normal: “ninguém quer doar ou produzir nada para outro indivíduo, a não ser em troca de um bem ou trabalho equivalente que ele considere ao menos igual ao que deu”. Na *Gemeinschaft*, portanto, os seres humanos se mantêm essencialmente unidos, apesar de todos os fatores desagregadores, enquanto que na *Gesellschaft* eles estão essencialmente separados, apesar de todos os fatores agregadores (TÖNNIES, 1955, p. 74-75, tradução nossa).

Ao longo do desenvolvimento histórico, Tönnies vê uma mudança contínua na base original sobre a qual o *viver junto* se dá: a *comunidade* dá lugar à *sociedade*¹⁹, libertando os indivíduos de todos os laços que os uniam à família, à terra e à cidade. Na *sociedade*, viver em um local comum torna-se apenas uma escolha deliberativa ou acidental, sem significar nenhuma ligação entre os vizinhos. A vida em família também deixa de ser atrativa e os indivíduos partem em busca de negócios, interesses ou prazeres. Os consensos, mitos, tradições e crenças que uniam as pessoas na *comunidade* são substituídos por convenções, legislações e pela opinião pública. As relações de autoridade (cujo protótipo é a relação pai-filho) se tornam relações de coerção e abuso. Os bens comuns passam a ser retidos como propriedade comum da *Gesellschaft* – ou seja, propriedade do Estado. Para o autor, esse processo significa a vitória do egoísmo, da falsidade e da ganância pelo dinheiro, demonstrando uma visão da *comunidade* de certa forma idealizada e em

¹⁹ Tönnies (1955, p. 273) relaciona essa evolução ao desenvolvimento normal da vida vegetativa para a vida animal e, em seguida, para a vida mental. A vida rural corresponderia, então, à vida vegetativa-animal e a vida urbana, por sua vez, à vida animal-mental.

extinção, já que a urbanização levaria, inevitavelmente, à dissolução e decadência de todas as formas de comunidade, inclusive da família (TÖNNIES, 1955, 235-270).

Um pensador que procurou reformular essa ideia foi Martin Buber. Para Buber, o declínio da *comunidade* e sua substituição histórica pela *sociedade* não representa uma evolução inevitável. Ele faz, então, uma diferenciação entre dois tipos diferentes de comunidade. De um lado, ele coloca as “antigas comunidades” que, como descritas por Tönnies, eram baseadas nos laços sanguíneos e no trabalho, costumes e crenças comuns. No entanto, Buber argumentava em favor da reconstrução de um novo tipo de comunidade.

Na realidade, nós que passamos pela era do individualismo, pela separação da pessoa de sua interdependência natural, não podemos mais voltar para aquela vida em comunidade. [...] Nós não podemos retornar à totalidade primordial; podemos, no entanto, avançar para outra totalidade, produtiva, que não se desenvolveu como a primeira, mas que é, sem dúvida, feita com material espiritual verdadeiro e que, portanto, não é menos autêntica. Assim, uma obra de arte perfeita é de espécie essencialmente diferente daquela da natureza, mas em virtude de sua autenticidade é tão orgânica quanto uma parte desta mesma natureza. [...] Sem dúvida, não podemos voltar a uma etapa anterior à sociedade mecanizada, mas podemos ir além dela para uma nova organicidade. (BUBER, 2008, p. 52)

Essa “nova comunidade” (que ele chama de “comunidade pós-social”), ao contrário da “antiga”, se basearia em relações de livre-escolha entre as pessoas. Nelas, a vida não seria mais um “viver-um-no-outro” como nas comunidades primitivas, mas um “viver-ao-lado-do-outro” ajustado. Esse novo modelo também não se confunde com o socialismo, já que o socialismo se preocupa com a tomada do Estado e com a instalação de novas instituições no lugar das existentes – o que, para Buber, não basta para transformar as relações humanas em seu íntimo. A criação das novas comunidades indica uma busca diferente, que se volta para a mudança interior, e que representa, para Buber, a verdadeira revolução (2008, p. 53-54). Esse movimento

sabe que a substituição de instituições gerais pode ter um verdadeiro efeito libertador somente se promover a reorganização da verdadeira vida entre os homens de modo estimulante, esclarecedor e unificador. A verdadeira vida entre o homem e seu semelhante não se passa, no entanto, na abstração do Estado, mas essencialmente lá onde existe uma vitalidade de coexistência espacial, funcional, emocional e espiritual, a saber, na comunidade, precisamente na comunidade da aldeia e da cidade, da cooperativa de trabalho e da oficina, da união religiosa. [...] Somente do interior, pela reanimação do tecido celular pode realizar-se a cura e a renovação. (BUBER, 2008, p. 55)

Segundo Buber, a forma ideal de relação humana é a ligação direta e concreta entre duas pessoas – o diálogo face a face. Para ele, uma comunidade real

é uma associação de “personalidades”, na qual as pessoas se conhecem e são capazes de assumir a responsabilidade por suas ações. A comunidade se define em função das personalidades, e vice-versa. Distingue-se, portanto, da “massa”, que agrega os indivíduos anônimos sem preservar ou desenvolver suas genuínas singularidades. A comunidade, afirma Buber, “pode efetivar-se somente quando homens se aproximam uns dos outros de modo imediato, na imediaticidade de seu dar e de seu receber”. Imediaticidade que significa a inexistência de mediações como “espécie”, “cidadão”, “membro de uma classe” e na qual os homens são simplesmente *peessoas* e, portanto, se encontram como únicos e responsáveis por tudo. Dessa forma, “Ihe são colocados limites espaciais cuja ultrapassagem representa o início da diluição do conteúdo da imediaticidade: a forma legítima da comunidade como construção social é a comunidade concreta” (BUBER, 2008, p. 47).

Um segundo aspecto presente no conceito de *comunidade* de Buber é que esta não tem uma finalidade externa. “A nova comunidade tem como finalidade a própria comunidade”. Como a arte, portanto, a comunidade é um fim em si, e seu único desejo é o de criar. Ela também não quer reformar, mas sim, transformar:

Não queremos instalar nosso mundo no torvelinho das cidades onde, se quiser construir casas, deve-se antes demolir velhos rebotalhos; queremos ir bem longe, a uma terra calma e acolhedora, queremos procurar um solo forte e virgem, de modo que o amor livre da natureza florescente e o perfume fortificante da terra succulenta circunde nossa casa. *Lá* podemos construir sem precisar destruir antes [...]. Deste modo, nossa comunidade não *quer* revolução, ela *é* revolução. Ela ultrapassou, porém, o antigo sentido negativo de revolução. Para nós, revolução não significa destruir coisas antigas, mas viver coisas novas. Não estamos ávidos por destruir mas ansiosos por criar. (BUBER, 2008, p. 37-38)

Por fim, um terceiro elemento importante da “nova comunidade” é o fato de não levarem em consideração o ditado e a teoria que tendem a se cristalizar em dogmas ou leis obrigatórias. Ao contrário, afirma Buber, “a diversidade de opiniões nos é tão cara e valiosa como para as coisas o é a variedade das formas e das cores”. Dessa forma, de acordo com o conceito desenvolvido por Martin Buber, a ecovila Andorinha, mesmo tendo poucos membros efetivos, pode ser considerada uma comunidade. Primeiro, por se tratar de um grupo de pessoas que se relacionam de forma concreta e direta. Todos conhecem a personalidade e as ações de cada pessoa, exigindo que assumam a responsabilidade por suas palavras e seus atos.

Eu conheço, por exemplo, os netos da Inês, os filhos da Ieda, filhos da Lilian e do George, os pais da Inês e do Guilherme, a mãe do Rodrigo, os filhos

dele, sabe? – conta Thiago. A gente acaba conhecendo a família, o nome, sabe quem é, eles nos conhecem. Amplia o conceito da família, não é?

Eu gosto das pessoas – diz Danuza. Porque pra nós é um orgulho as pessoas que estão aqui. E eu gosto até das pessoas mais difíceis. [...] Eu acho que um lugar com pessoas legais, que se entendam, que busquem coisas comuns, eu acho que é o grande... Você tendo isso, você acaba tendo tudo, não é? E do respeito que você tem que ter.

Em segundo lugar, trata-se de uma comunidade cujo único fim é a própria comunidade. Nesse sentido, ela se assemelha a uma obra de arte e se torna um local de contínua criação e experimentação.

Nós somos uma comunidade – diz Lilian – uma ecovila que está fazendo experiências. Estamos começando. Então a gente fala: “Ah, que legal fazer isso”, então faz. Mas não é uma coisa assim de tantos anos, que já exista uma característica própria. A gente está escolhendo, está sentindo, entre os sonhos de todos, o que queremos.

Por fim, um aspecto muito valorizado por Buber: não se trata de uma associação baseada em dogmas ou regras instituídas de conduta, mas um espaço onde a diversidade de opiniões é valorizada.

Cada membro tem um estilo – diz Rodrigo. Cada pessoa é uma individualidade única, como sua impressão digital, e cada ecovilense é único. Então as relações com cada um vêm por um viés. Por exemplo, o meu viés com o Nelson e a Andressa é assim, mais intelectual. [...] É uma aula conversar com ele. Agora quando eu converso, por exemplo, com a Lilian, já é um viés assim mais de intuição, porque ela intuiu, o que ela sonhou, nada pelo intelectual, entende? Então é outro assunto. E cada um... O Rogério, então! Nossa, a gente vai falar de planta, de minhoca, de bactéria, de passarinho, é outra coisa. Então cada um é um, e por isso a riqueza. Porque não dá pra ficar entediado aqui. [...] Então a relação com os ecovilenses é muito enriquecedora. Coisa que lá em São Paulo, no prédio onde a Danuza mora, a gente nunca consegue conversar com ninguém, a não ser “bom dia” e que “hoje está frio”, não é? Só “o Brasil perdeu de 3 a 2 pra Alemanha”.

Se, para Buber, a comunidade só se realiza quando os homens se aproximam uns dos outros de modo imediato, também nesta pesquisa a investigação se baseou na observação das relações *presenciais* entre os membros. Muitos ecovilenses relatam haver um contraste entre as relações que estabelecem entre si na internet e pessoalmente. Não tive acesso ao grupo virtual de discussão da comunidade, mas diversas vezes foi comentado o quanto as relações via correio eletrônico geram conflitos que inexistem nas relações face-a-face. Para Thiago, “existem duas Andorinhas: a dos e-mails e a real”. Inês também fala sobre isso:

Existem conflitos. E é uma coisa muito interessante: os conflitos, geralmente, são muito fortes pela internet. Porque o que acontece: nós temos poucos moradores aqui, pouquíssimos, e também poucas pessoas vêm durante o final de semana. Então existe uma lista na internet em que acaba saindo opiniões e eu acho que internet é péssima pra resolver problemas, conflitos. Porque quando você está pessoalmente, você além de ter a palavra, você tem a alteração de voz, tem os trejeitos, tem o olhar e a coisa vai se

adequando. Não que seja uma falsidade, mas você vê se aquilo que você está falando está magoando alguém, você já vai falar de outro jeito e tal. Na internet não tem isso. Então saem conflitos sim, e é bem forte na internet. Eu pelo menos, só tive conflitos na internet. Quando é pessoal, eu não acho que seja conflito. Você pode ter opiniões diferentes que você defende e tal. E depois você acaba aquela conversa e tudo volta ao normal.

Dessa forma, são nos encontros presenciais que a comunidade realmente se constrói. Esses encontros, mesmo não sendo diários, são reforçados por uma proposta comum: a vontade de estarem juntos e criarem juntos um projeto de longo prazo. Um projeto que possa crescer, tanto em número de pessoas quanto em propostas, atividades e experimentações. Tarefa que tende a ser assumida com mais intensidade conforme cada membro consegue reorganizar sua vida e seu trabalho para isso.

A experiência de vida em comunidade permite o desenvolvimento de valores como solidariedade, amizade, flexibilidade e responsabilidade. Por isso, um projeto como a ecovila Andorinha pode ser entendido como uma tentativa de ruptura com relação a determinados valores estimulados pela cultura da sociedade de consumo. Cabe ressaltar que os ecovilenses não se limitam a criticar a cultura prevalecente, mas trazem, também, novas propostas e novas experimentações. Examinaremos agora a cultura da sociedade de consumo, procurando entender de que forma seus valores se relacionam com a vida na ecovila.

1.2 A Cultura da Sociedade de Consumo

“Vive com teu século, mas não seja sua criatura; serve teus contemporâneos, mas serve-os no que precisam e não no que louvam.”
Friedrich Schiller

Corpos anestesiados

A experiência corporal nas cidades contemporâneas é marcada, segundo Richard Sennett (2003), pelo anestesiamento do corpo. Os indivíduos perdem contato com seus sentidos e suas sensações. Muitas vezes, nos sensibilizamos com um filme trágico ou violento, mas quando saímos na rua e nos deparamos com um sofrimento verdadeiro, uma dor verdadeira, nós desviamos o olhar, esquivando-nos. “Grande consumo de dor ou de sexo simulados serve para anestesiarmos a consciência

do corpo”. Experimentamos nosso corpo de uma maneira mais passiva do que nossos antepassados que tinham suas próprias sensações, ainda que possamos falar explicitamente sobre nossas experiências corporais. “Então, o que devolverá o corpo aos sentidos?” pergunta Sennett (2003, p. 17). “O que poderá tornar as pessoas mais conscientes uma das outras, mais capacitadas a expressar fisicamente seus afetos?”

Ernesto Sabato também fala dessa erosão dos sentidos:

Muitas vezes me espantei ao perceber como enxergamos melhor as paisagens no cinema do que na realidade. [...] Os sentidos do ser humano estão se embotando, exigindo cada vez mais intensidade, como acontece com os surdos. Não vemos o que não tem a luz da tela, nem ouvimos o que não vem carregado de decibéis, nem sentimos perfumes. Já nem as flores os têm. (SABATO, 2008, p. 14-5)

Para Sennett, as relações entre os corpos humanos no espaço determinam suas relações mútuas. Dessa forma, a passividade do corpo urbano contemporâneo tem uma relação íntima com o espaço das cidades, que se tornou fragmentado: os condomínios, os *shoppings*, os edifícios comerciais, as instalações industriais. Fragmentação que só se tornou possível graças às tecnologias de locomoção, que fazem do espaço um mero lugar de passagem. No percurso entre um local e outro (geralmente dentro de um veículo), atravessamos a paisagem e as pessoas, mas sem interagir com elas, sem nos deixar percebê-las.

Transformado em um simples corredor, o espaço urbano perde qualquer atrativo para o motorista, que só deseja atravessá-lo. A condição física do corpo em deslocamento reforça a desconexão do espaço. Em alta velocidade é difícil prestar atenção à paisagem. [...] Navegar pela geografia da sociedade moderna requer muito pouco esforço físico e, por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao redor. [...] O viajante, tanto quanto o telespectador, vive uma experiência narcótica; o corpo se move passivamente, anestesiado no espaço, para destinos fragmentados e descontínuos. (SENNETT, 2003, p. 18)

Mesmo quando acreditamos viver em uma cidade “multicultural”, para Sennett, essa diversidade não significa que haja diálogo, interação ou acolhimento das diferenças. Na maior parte das vezes existe apenas indiferença. Temos uma grande dificuldade em sairmos de nossa zona de conforto, em aceitarmos o que é diferente, em arriscarmo-nos ao conflito. Diante de pessoas estranhas ou de cenários não familiares, o indivíduo tende a classificar o que vê de acordo com estereótipos culturais. Dessa forma, um branco de classe média que cruza com um negro mal vestido na rua instantaneamente registra uma ameaça e desvia do caminho.

O sociólogo Erving Goffman, por sua vez, revelou que a “desestimulação defensiva” influencia as pessoas até mesmo nos locais por onde elas caminham, isto é, o modo como elas administram seus corpos nas ruas: ao olhar de relance segue-se um posicionamento que acarrete o menor risco de contato físico. Assim, é possível reduzir a complexidade da experiência urbana – afastando-se dos outros, mediante um conjunto de clichês, o cidadão sente-se mais à vontade; ele pressente a realidade e desloca o que lhe parece confuso ou ambíguo. Hoje, à medida que a experiência corporal cria guetos individuais, o medo do contato [...] está robustecido. (SENNETT, 2003, p. 296)

A crescente violência urbana reforça esses deslocamentos defensivos. Entre as classes mais privilegiadas, torna-se comum parar no farol, de vidros fechados, e não dirigir sequer um olhar para a pessoa que está a pedir esmola. É corriqueiro também o uso de vidros escuros nos carros, muros altos nos condomínios e outras tecnologias de segurança que acabam por nos distanciar dos outros. Temos medo de estabelecer contato com aquele que é estranho. E, assim, “o individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade. A rua, o café, os magazines, o trem, o ônibus e o metrô são lugares para se passar a vista, mais do que cenários destinados a conversações. [...] centelhas de vida não merecem mais que um lampejo de atenção” (SENNETT, 2003, p. 289).

Embora Sennett baseie sua análise nas cidades americanas, uma tendência similar pode ser verificada no Brasil. Na cidade de São Paulo, por exemplo, a destruição cada vez mais acentuada de espaços públicos de convivência e a constante remodelação urbana²⁰ são fatores que contribuem para essa perda de uma relação mais profunda com os espaços urbanos e seus moradores, bem como para a privatização da vida na metrópole.

Diante dessa privatização da vida nas grandes cidades, e do individualismo que ela gera, o consumo é a atividade que se mostra mais segura e cômoda. Os indivíduos se mostram mais preocupados em consumir, em obter confortos que aliviem a fadiga do trabalho “do que com qualquer outro propósito mais complexo, poético ou comunitário”. No entanto, esse repouso e busca por comodidades

²⁰ Eder Sader fala sobre essa destruição física de lugares culturalmente significativos da cidade de São Paulo, como resultado do ritmo avassalador da remodelação urbana: “praças e parques, campos de várzea, botequins ou quarteirões inteiros desaparecem, dissolvendo espaços de convivência formados pelos encontros cotidianos na cidade. [...] Sem incidência política direta, são espaços onde se forma um “público”, pelo intercâmbio de comentários, informações, histórias. [...] Também as grandes distâncias e o pouco tempo disponível, os maiores ritmos de trabalho e o cansaço acrescido devem ter contado para uma nítida diminuição das formas de lazer público. A indicação mais evidente disso está dada pela diminuição absoluta do número de cinemas na metrópole. O fato de a televisão ter ocupado seu lugar bem expressa uma tendência à privatização da vida urbana”. (SADER, 1988, p. 118-9)

também reduziu a sensibilidade do corpo, “suspenso numa relação mais passiva com o ambiente e cada vez mais solitário” (SENNETT, 2003, p. 305).

Dessa forma, um traço significativo desta sociedade é a “busca incessante e onipresente” da felicidade. Mas uma felicidade que, segundo Georges Friedmann, está relacionada com a aquisição e fruição de bens materiais, comodidades e formas de evasão, tanto reais (viagens) como imaginárias (pela mídia). Viagens, sol na praia, eletrodomésticos, roupas da moda, produtos que aumentam o conforto: esses modelos de busca da felicidade se difundem sobre o planeta, penetrando diversas sociedades e tradições. Contudo, ressalta Friedmann, essa busca não significa descoberta, fruição e compreensão para todos. “Outro traço significativo da civilização tecnicista é que os meios de felicidade aí estão presentes, que esta é teoricamente possível, mas que nem as sociedades, nem os indivíduos estão preparados para a *realizar*” (FRIEDMANN, 2001, p. 118). Ou seja, o potencial para o lazer existe, mas nem sempre é realizado. Isolada nos aglomerados urbanos, grande parte dos indivíduos gastam parte do seu tempo liberado no transporte, indo e voltando do trabalho. Além disso, por estarem distantes das instituições de lazer e da vida coletiva, acabam confinados em suas moradias e invadidos pelas *mass media*. O mesmo autor mostra haver, também, uma relação entre trabalhos repetitivos e monótonos, e uma apatia durante o tempo liberado, ou então, a busca de compensações à opressão da personalidade nessas tarefas. “Vê-se bem”, observa Ecléa Bosi (2008, p. 111), “que o trabalho não pode ser despojado da alegria da expressão. Existindo o trabalho como atividade marginal em relação à ‘verdadeira vida’, o lazer se tornará um espaço de fuga”.

Walter Benjamin descreve essa evasão imaginária:

Ao cansaço segue o sono, e não raramente o sonho compensa a tristeza e o desânimo do dia, revelando a existência simples e grandiosa para o qual faltam forças quando se está acordado. A existência do Mickey Mouse é um desses sonhos do homem atual. É uma existência cheia de milagres, que não apenas superam os prodígios técnicos, mas zombam deles. O mais notável é que todos eles surgem sem maquinaria, de improviso, do corpo de Mickey [...]. Natureza e técnica, primitivismo e conforto aqui se tornaram uma coisa só, e aos olhos das pessoas fatigadas com as infinitas complicações do dia-a-dia, e cujo objetivo de vida não emerge senão como um ponto de fuga remoto numa infindável perspectiva de meios, aparece uma existência redentora que, em cada episódio é autossuficiente, da maneira mais simples e ao mesmo tempo mais confortável, e onde um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha e a fruta na árvore se arredonda tão rapidamente como um balão inflável. (BENJAMIN, 1986, p. 198)

Dessa forma, os indivíduos das cidades contemporâneas vivem fragmentados no espaço (da casa para o veículo, do veículo para o escritório/fábrica, do escritório para *shopping*), no tempo (o relógio determinando o tempo de trabalho e o tempo liberado), e nas sensações (percebendo-as melhor na tela do que na vida). Suas preocupações se voltam para seu conforto individual (por meio do consumo), seu trabalho (que, em geral, só tem sentido por possibilitar o consumo), seu lazer (que também está ligado, em geral, ao consumo). “Tragicamente”, diz Sabato (2008, p. 14), “o homem está perdendo o diálogo com os demais e o reconhecimento do mundo que o rodeia, quando é nele que se dá o encontro, a possibilidade do amor, os gestos supremos da vida”.

Hoje o homem não se sente um pecador, acredita ser uma engrenagem, o que é tragicamente pior. E essa profanação só pode ser sanada com o olhar que cada um dirige aos demais. Não para avaliar os méritos de sua realização pessoal nem para analisar seus atos, mas como o abraço capaz de nos dar a satisfação de pertencermos a uma grande obra que inclua a todos. [...] O homem da pós-modernidade está acorrentado às facilidades que a tecnologia lhe oferece e muitas vezes não ousa mergulhar em experiências profundas como o amor ou a solidariedade. Mas o ser humano, paradoxalmente, só se salvará quando arriscar a vida por outro homem, por seu próximo, por seu vizinho ou pelas crianças abandonadas no frio das ruas, sem os cuidados que a idade requer [...]. (SABATO, 2008, p. 88-89)

Mesmo quando buscam paisagens mais belas – condomínios em áreas verdes, viagens para a praia ou para o campo – isso não significa uma mudança na relação dos indivíduos urbanos com essas paisagens. Mais comumente, levamos conosco as imagens da velocidade e da fragmentação. Vemos a paisagem de um carro em movimento. Paramos. Tiramos fotos. Mas não estabelecemos um relacionamento real com esses lugares ou com seus habitantes. Ecléa Bosi cita uma estória que ilustra bem essa atitude:

Lippmann descreve um homem de negócios, em viagem, contemplando paisagens sem ver nada, a não ser possibilidades de loteamento. Esse homem costuma apreciar certas vistas em quadros pendurados na sala de visitas: um pôr-do sol rosado, uma torre de igreja com uma lua prateada, por exemplo. Um belo dia, vai ao campo e viaja durante horas sem ver uma única “paisagem”. Nisso, o sol se põe, numa atmosfera cor de rosa. Ele imediatamente reconhece a cena e exclama: finalmente uma paisagem bonita! (BOSI, 2003, p. 116)

Os ecovilenses aqui estudados são, em sua maioria, citadinos. São pessoas que, querendo romper com esse individualismo, se propuseram a sair de sua zona de conforto: levando uma vida mais simples, interagindo mais com os vizinhos, participando de atividades comunitárias, diminuindo o consumo de bens materiais e

simbólicos (midiáticos), discutindo e tomando decisões de forma coletiva, trabalhando pela comunidade, etc. No entanto, todos esses aspectos da vida urbana contemporânea que discutimos aqui se apresentam como obstáculos a esse projeto. Como sair desse corpo passivo para encarar o Outro? Como dialogar e produzir consenso se poucas vezes puderam praticar esse tipo de relação em suas vidas? Como se propor a uma vida comunitária em uma sociedade individualista? Como aprender a cooperar se cresceram em uma cultura competitiva? Como fazer com que a ida ao campo seja, realmente, uma mudança de *valores*? Inúmeros são os desafios. “Uma cultura solidária”, diz Paulo de Salles Oliveira (2006, p. 57), “para constituir-se necessita de muito empenho, sempre renovável, forte o bastante para ultrapassar seja as determinações prevaletentes seja as deserções advindas de nossa frágil capacidade de perseverar”.

Ao estimular atividades conjuntas, e, portanto, uma convivência maior entre as pessoas, a vida na ecovila propõe uma integração. Nos almoços comunitários, por exemplo, todos ajudam a preparar a comida, fazer uma oração, comer e, depois, lavar a louça. As mesmas pessoas que vão às reuniões e participam dos grupos de trabalho, nos finais de semana se reúnem para conversar, plantar, meditar ou assistir a um filme na casa de alguém. Os ecovilenses, portanto, realizam trabalhos, tomam decisões, lavam louça, brincam e festejam ao lado das mesmas pessoas. Nesse contexto, fica mais difícil manter as máscaras. Suas personalidades, suas ações e suas vidas ficam à vista de todos. Consequentemente, suas relações exigem ética e cuidado. Como disse a ecovilense Vanda: “É um aprendizado. Porque é diferente de São Paulo ou de Campinas, onde tudo fica difuso. Aqui tudo fica mais visível”.

Estar em um espaço integrado também faz com que a dor alheia fique mais visível. E a intimidade que se cria entre as pessoas facilita o acolhimento da dor: uma conversa, um abraço ou um olhar. Esse acolhimento da dor alheia, esse estado de atenção para com o entorno e as pessoas ao redor é algo incentivado na ecovila. Podemos dizer que procuram oferecer mais disponibilidade para o que Schiller chama de *impulso sensível* – tanto nas suas relações pessoais quanto na sua relação com o espaço natural. Segundo Friedrich Schiller, o *impulso sensível* é um estado de receptividade pelo qual os homens se deixam sensibilizar pelo mundo em que vivem, pelas suas sensações. Segundo o filósofo, esse impulso é tão importante

quanto o entendimento intelectual justamente por tornar os homens conscientes uns dos outros, permitindo-os não só projetar suas próprias ideias, mas também *escutar* o mundo e as pessoas ao redor. Schiller afirma que a integração entre *impulso sensível* e *impulso racional* (tarefa da cultura²¹) é o caminho para a liberdade.

Para que sejamos homens participantes, prestimosos e ativos, é necessário que sentimento [sensível] e caráter [racional] se conjuguem, assim como para a experiência é necessário que colaborem os sentidos abertos e a energia do entendimento. Por louváveis que sejam nossos princípios, não poderemos ser razoáveis, bondosos e humanos se faltar a faculdade de aprender fiel e verazmente a natureza do outro, se faltar a força de nos empenharmos em situações estranhas, de tornarmos nosso o sentimento alheio. [...] Por ser difícil o convívio da vivacidade do sentimento e da fidelidade aos princípios, apelamos para um meio mais simples, asseguramos o caráter pelo embotamento da sensibilidade [...]. Um homem formado assim [...] estará escudado por princípios contra toda a sensação da natureza, impermeável exterior e interiormente a qualquer humanidade. (SCHILLER, 1991, p. 83)

O projeto da ecovila tem como proposta um estilo de vida mais calmo e contemplativo, o que permite aos indivíduos desenvolver essa receptividade, reintegrando aos corpos a experiência sensível do mundo. Para muitos, a prática da meditação também exercita esse estado de atenção. Segundo o ecovilense Rodrigo, nossa civilização “usa demais o hemisfério esquerdo do cérebro, a razão, e atrofia o outro”. A meditação seria, então, uma maneira de “perder a razão” e de “abrir o ouvido intuitivo”:

Por isso que a meditação é o momento em que há uma transição desse cérebro pensante e utilitário pra esse cérebro expandido em que eu me uno a todos os eventos do meu entorno. Então é, vamos dizer assim, um momento de fusão. Por isso chama-se samadhi, que é a morte do eu pequeno para o nascimento do eu expandido. Então eu deixo de ser eu e passo a ser o entorno todo que me envolve.

Para Danuza, estar num ambiente natural facilita a escuta do Outro:

A gente tem que se relacionar e interagir com a natureza – diz Danuza. Ela devolve pra gente muito em saúde, em saber olhar o outro, conviver com o outro, a natureza ensina bastante pra gente. Então quando a gente tem essa possibilidade, de estar conversando aqui nesse gramado, olhando todo esse entorno aqui. Isso, por mais que às vezes a gente não sinta, não perceba, mas quando você está em contato assim; que nem falou a vizinha: quando você está “com a mente limpa”, de repente você pode conectar o outro. A coisa do um olhar pro outro, um saber do outro, mais próximo do que na cidade a gente consegue. Se você sentar num bar, a conversa vai fluir, mas

²¹ A cultura tem, para Schiller, uma dupla tarefa: “Quanto mais facetada se educar a receptividade, quanto mais móvel for, quanto mais superfície oferecer aos fenômenos, tanto mais mundo o homem *percebe*, mais disposições ele cultiva em si; quanto mais força e profundidade ganhar sua razão, tanto mais mundo ele *concebe*, mais forma ele cria fora de si. [...] Quando as duas faculdades se unificam, o homem conjuga a máxima plenitude de existência à máxima independência e liberdade, abarcando o mundo em lugar de perder-se nele submetendo a infinita multiplicidade dos fenômenos à unidade de sua razão” (SCHILLER, 1991, p. 81-82).

não vai fluir tão bem quanto se você sentar num gramado e começar a conversar, não é?

Dizer que a ecovila incentiva o alargamento da sensibilidade não significa que todos estejam atentos uns aos outros o tempo todo. Por mais que a vida ali facilite a receptividade do impulso sensível, esse alargamento não se dá de forma imediata, e sim de forma gradual, dependendo do processo pessoal de cada um. Convém ressaltar, também, que, apesar de ser um espaço que convida a uma maior integração, para aqueles que passam poucos dias da semana na ecovila, a sensação de fragmentação permanece. Muitas vezes, até mesmo se intensifica. Certo dia, a ecovilense Natália estava comentando sobre a sensação de estar num limbo: não está nem totalmente em São Paulo, nem totalmente na ecovila. Disse ser muito ruim ficar nessa duplicidade: “É como se eu abrisse um portal, mas na hora em que estou entrando, tenho que sair e fechar a porta”. Pois, segundo ela, a vida na ecovila tem um ritmo diferente, e demora algum tempo até que se entre nesse ritmo. Ieda também comentou que, quando estava morando integralmente na ecovila, estava num estado de “conexão com a natureza”. E agora que só vai para lá aos finais de semana, disse ter perdido essa conexão, essa “sintonia”.

Dessa forma, no início, essa nova maneira de habitar proposta pela ecovila se dá somente nos finais de semana ou férias, muitas vezes dissociada de sua vida “normal”. Para muitos, entretanto, essa nova maneira de ser e agir, essa nova “identidade” vai ganhando força, impulsionando o indivíduo a reorganizar sua vida para que possa, cada vez mais, assumir essa nova identidade. “Todo indivíduo atuante aspira à totalidade, e o valor de uma realização está justamente ali, no fato de que possa se expressar a essência total e indivisível de um ser humano”, diz Benjamin (1986, p. 153). Se os indivíduos aspiram à totalidade, participar da vida na ecovila, mesmo que de forma fragmentada, pode, muitas vezes, impulsionar uma transformação mais radical em suas vidas como um todo.

Ao tomarem suas decisões de forma comunitária, os ecovilenses buscam transcender, também, a passividade contemporânea. Encarar o conflito, expor seu ponto de vista, compreender uma pessoa que pensa de forma diferente, tudo isso instiga o indivíduo a sair de sua zona de conforto e assumir o Outro. As diferenças e estranhezas não podem ser afastadas. Elas estão lá e precisam ser encaradas e trabalhadas. Esforço que é recompensado no primeiro momento de crise pessoal,

quando se recebe o apoio do grupo, um ouvido atento ou o acolhimento de um abraço.

Muitas pessoas já passaram por situações de carência emocional na cidade. Precisamos de algum favor, mas temos receio de pedir a um vizinho (que, em geral, mal conhecemos). Sentimo-nos tristes, mas as pessoas passam por nós sem se importar com isso. A única solução é o consumo. Pagamos a alguém para realizar aquela tarefa. Pagamos um terapeuta para falar da tristeza ou, simplesmente, vamos ao *shopping* consumir algo que nos faça esquecer. Na cidade somos incapazes de aceitar nossa incompletude. Nossa maneira de lidar com o sofrimento é individual. Mas alguns projetos nos mostram que ela pode ser, também, coletiva²².

Para Sennett, somente quando pudermos aceitar o sofrimento e a nossa incompletude é que criaremos um corpo sensível às dores alheias. Não somos pessoas completas e autossuficientes. Precisamos dos outros. Numa comunidade isso se torna algo mais natural, aceitável. Cada um contribui para o todo com aquilo que pode ou sabe. Forma-se um laço emocional que traz segurança e apoio. Todavia, resolver conflitos cara a cara é mais trabalhoso do que simplesmente pagarmos alguém para obter o que queremos. Os ecovilenses também não podem mais fazer o que bem entendem. Perdem algo. Perdem uma forma de liberdade.

Eu acho – conta Danuza – que só o aprendizado do lidar com o outro, não é? Do respeito. Isso foi um aprendizado grande. Porque uma coisa é você fazer uma coisa pra você, você atender as suas necessidades, as suas vontades. Outra coisa é você fazer algo que precisa agradar um entorno, que você precisa ter uma ética, que você precisa ter um cuidado com o outro. Que você não pode falar qualquer coisa pro outro. [...] Eu tenho que ser sincera porque eu vou ficar aqui dentro, não é? Eu não sou uma empreendedora que estou vendendo um lote. Eu sou uma pessoa que faz parte de uma comunidade. Eu devo satisfação à comunidade. [...] Então isso mudou muito, porque, de repente, você vê que você tem que respeitar o outro e não dá pra você fazer as coisas sozinha.

Esse cuidado com o outro, essa responsabilidade que assumem se dá por que se trata de relações concretas e imediatas entre os homens, num projeto de longo prazo.

²² Hoggart (2001) mostrou que, nos bairros pobres de Londres, existe mais solidariedade. As pessoas *precisam* contar umas com as outras, já que não podem ter suas necessidades plenamente satisfeitas pelo consumo. Nos cortiços e favelas da cidade de São Paulo, os mesmos laços de solidariedade e ajuda mútua podem ser encontrados, conforme demonstrou Kowarick (2009, p. 283): “as pessoas conversam, trocam informações, a ajuda mútua também está presente, seja quando se toma conta das crianças de outra família, seja quando se trocam favores e se presta assistência nos momentos de crise. [...] desenvolvem-se laços de solidariedade e amizade, inclusive para enfrentar as condições penosas e desgastantes de moradia”.

Antigamente as pessoas se conheciam e não precisavam se exhibir, a trajetória de vida de cada um estava à vista de todos. [...] Por outro lado, quando multidões de seres humanos pululam nas ruas das grandes cidades sem que ninguém os chame pelo nome, sem saber de que história fazem parte nem para onde se dirigem, o homem perde o vínculo com o chão sobre o qual transcorre sua existência. (SABATO, 2008, p. 39)

Sociedade de curto prazo

Em seu outro livro intitulado *A corrosão do caráter*, Sennett analisa as mudanças ocorridas, no novo capitalismo, referentes à forma de organizar o trabalho. A carreira tradicional na qual uma pessoa ascendia dentro de uma ou duas instituições está desaparecendo, bem como a utilização de um único conjunto de qualificações durante uma vida de trabalho. “Hoje, um jovem americano com pelo menos dois anos de faculdade pode esperar mudar de emprego pelo menos onze vezes no curso do trabalho, e trocar sua aptidão básica pelo menos outras três durante os quarenta anos de trabalho”. As empresas também enxugaram sua estrutura, terceirizando diversas tarefas por meio de contratos de curto prazo. O dinamismo do mercado não permite que se façam as coisas do mesmo jeito por muito tempo (1999, p. 21-22).

Segundo Sennett, essas mudanças resultam na anulação de qualquer relação de longo prazo, tanto dentro quanto fora das organizações. “‘Não há longo prazo’ é um princípio que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo”. Pois as experiências mais profundas de confiança ocorrem com o tempo, quando as pessoas aprendem em quem podem confiar. Hoje, ao contrário, “as formas passageiras de associação são mais úteis às pessoas que as ligações de longo prazo”; “o distanciamento e a cooperatividade superficial” são mais eficientes. “‘Não há longo prazo’ significa mudar, não se comprometer e não se sacrificar”. Segundo o sociólogo, é essa dimensão do *tempo* no novo capitalismo que mais afeta a vida emocional das pessoas fora do local de trabalho.

Esse conflito [...] impõe algumas questões sobre a própria experiência adulta. Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego. Se eu fosse explicar mais amplamente o dilema de Rico, diria que o capitalismo de curto prazo corrói o

caráter dele, sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável. (SENNETT, 1999, p. 27)

A ligação social nasce, segundo Sennett, do senso de mútua dependência. Uma sociedade que celebra a independência e a autonomia apenas aumenta nosso sentimento de vulnerabilidade. Deveríamos, ao contrário, desenvolver uma visão mais positiva de nossos próprios limites e saber que, muitas vezes, dependemos de outras pessoas. Esse também é o pensamento de Sabato:

Quantas lágrimas por trás das máscaras! Quanto mais perto o homem estaria do encontro com outro homem se nos aproximássemos uns dos outros nos assumindo como necessitados que somos, em vez de nos fingirmos de fortes! Se parássemos de nos mostrar autossuficientes e nos atrevéssemos a reconhecer a grande necessidade que temos do outro para continuar vivendo, como mortos de sede que somos na verdade, quando mal poderia ser evitado!" (SABATO, 2008, p. 61)

Ainda mais importante do que saber que precisamos dos outros é, para Sennett, sentirmos que *somos necessários*, que contamos para alguma coisa. Somente esse sentimento pode apagar a indiferença. É importante ressaltar que, para Sennett, confiança e compromisso mútuo não significam inexistência de conflitos, e sim a articulação e negociação das diferenças.

Uma visão mais realista de como as comunidades se mantêm juntas aparece no clássico ensaio de Lewis Coser, *The Functions of Social Conflict*. Ele afirmou que as pessoas são mais ligadas pelo conflito verbal que pela concordância verbal, pelo menos concordância imediata. Em conflito, elas têm de se esforçar mais para comunicar-se [...]. Coser observou que as diferenças de opinião muitas vezes se tornam mais agudas e explícitas, embora as partes possam acabar chegando a um acordo: a cena do conflito torna-se uma comunidade, no sentido de que as pessoas aprendem a ouvir e responder umas às outras, mesmo quando mais agudamente sentem suas diferenças. Essa visão do "nós" comunal é muito mais profunda que a partilha muitas vezes superficial de valores comuns [...]; na opinião de Coser, não há comunidade enquanto não se reconhecem diferenças dentro dela. [...] Fortes laços entre as pessoas significam enfrentar com o tempo suas diferenças. (SENNETT, 1999, p. 171)

Podemos afirmar que a vida na ecovila busca resgatar laços sociais duráveis que permitam o desenvolvimento da confiança e do compromisso mútuos, ou seja, resgatar uma narrativa de identidade. Ao contrário dos condomínios e vizinhanças atuais, nos quais ninguém "se torna testemunha a longo prazo da vida de outra pessoa" (ibidem, p. 20), a vida em uma comunidade rural propõe um compromisso e vínculos profundos com os vizinhos, permitindo um enraizamento.

Zygmunt Bauman (2003, p. 47-8) também fala sobre a prevalência das relações de curto prazo na sociedade contemporânea, que nunca foi tão "hostil à comunidade".

Deixaram de existir os simpáticos mercadinhos de esquina; se conseguiram sobreviver à competição dos supermercados, seus donos, gerentes e os rostos atrás dos balcões mudam com excessiva frequência [...]. Também não existe mais o carteiro, que batia à porta seis dias por semana e se dirigia aos moradores pelo nome. [...] Uma criança média tem diversos pares de avós e diversos “lares” entre os quais escolher [...]. Em suma: foi-se a maioria dos pontos firmes e solidamente marcados de orientação [...]. Foi-se a certeza de que “nos veremos outra vez”, de que nos encontraremos repetidamente e por um longo porvir – e com ela a de que podemos supor que a sociedade tem uma longa memória e de que o que fazemos aos outros hoje virá nos confortar ou perturbar no futuro; de que o que fazemos aos outros tem significado mais do que episódico, dado que as consequências dos nossos atos permanecerão conosco por muito tempo depois do fim aparente do ato – sobrevivendo nas mentes e feitos de testemunhas que não desaparecerão.

Para o autor, as classes mais privilegiadas nem mesmo desejam uma comunidade. Existe uma aversão ao compromisso, especialmente ao compromisso de longo prazo, que impede a liberdade de movimento. Esses são substituídos pelas relações “até nova ordem” ou “por uma noite” (ou um dia). E assim, não precisamos nos preocupar com os efeitos que nossas ações podem ter sobre a vida dos outros. Reduzimos o risco do desconforto e levamos uma vida “vívda como uma sucessão de episódios e uma série de recomeços” (BAUMAN, 2003, p. 51). A elite contemporânea busca a “invenção e experimentação, mas acima de tudo sem pontos de não-retorno”.

No entanto, por mais que apreciem sua autonomia individual, “os membros da elite global por vezes sentem necessidade de fazer parte de alguma coisa. Saber que não estamos sós e que nossas aspirações pessoais são compartilhadas por outros pode conferir segurança”. Para isso, os membros dessa elite buscam uma “comunidade estética”, isto é, uma comunidade “tecida com os transitórios fios dos juízos subjetivos”. Uma comunidade estética deve ser tão fácil de decompor como a foi de construir; o compromisso declarado em nenhum caso deve ser irrevogável; o vínculo com essa comunidade não pode prejudicar ou impedir escolhas adicionais e diferentes. Os ídolos, por exemplo, invocam a “experiência da comunidade” sem comunidade real, “a alegria de fazer parte sem o desconforto do compromisso”. As comunidades estéticas não requerem uma longa história de lenta e cuidadosa construção, ou de esforço para assegurar seu futuro, não se cria uma rede de responsabilidades éticas entre seus membros, nem de compromissos de longo prazo: não há, portanto, narrativa partilhada de dificuldade. “Qualquer que seja o foco, a característica comum das comunidades estéticas é a natureza superficial,

perfunctória e transitória dos laços que surgem entre seus participantes (BAUMAN, 2003, p. 62-67).

Na ecovila, ao contrário, existe um compromisso de longo prazo, uma narrativa partilhada que inclui conquistas e festas, mas também conflitos, dificuldades e superações. Trata-se, portanto, da construção de uma “comunidade ética”, em oposição à “comunidade estética”. Para Bauman, essa comunidade ética só é buscada pelos indivíduos que não têm boas condições financeiras ou autoconfiança, e que precisam de abrigo e proteção contra a instabilidade. Pessoas que não têm recursos para enfrentar as dificuldades individualmente. “Em suma, o que os indivíduos *de jure*, mas decididamente não *de facto*, provavelmente veem na comunidade é uma garantia de certeza, segurança e proteção – as três qualidades que mais lhe fazem falta nos afazeres da vida e que não podem obter quando isolados” (BAUMAN, 2003, p. 68). No entanto, a Comunidade Andorinha demonstra que uma comunidade ética também pode nascer das classes privilegiadas. A necessidade de enraizamento é uma necessidade humana, independente da classe social.

A ideia de “progresso”

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Nele está representado um anjo, que parece querer afastar-se de algo a que ele contempla. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão prontas para voar. O Anjo da História deve parecer assim. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde diante de *nós* aparece uma série de eventos, *ele* vê uma catástrofe única, que sem cessar acumula escombros sobre escombros, arremessando-os diante dos seus pés. Ele bem que gostaria de poder parar, de acordar os mortos e de reconstruir o destruído. Mas uma tempestade sopra do Paraíso, aninhando-se em suas asas, e ela é tão forte que ele não consegue mais cerrá-las. Essa tempestade impele-o incessantemente para o futuro, ao qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce ante ele até o céu. Aquilo que chamamos de Progresso é essa tempestade. (BENJAMIN, 1985, p. 157-9)

Esse pensamento de Walter Benjamin leva-nos a refletir sobre a nossa própria concepção de “progresso”. Esse progresso contínuo, sempre direcionado para o futuro, mas que ignora os que ficam para trás e os escombros que se acumulam. Em nome do progresso tudo pode ser justificado, desde que caminhemos para ter sempre *mais*: mais empregos, mais produtos, mais dinheiro, mais conforto, mais estradas, mais tecnologia, mais “conhecimento”. Progresso que,

como diz Capellari (2007, p. 194), é sempre o progresso da *espécie*, e não do *indivíduo*. “Um progresso que é da história, mas não da história de cada um individualmente”.

Atraídos pelas “novidades” do mercado, não nos perguntamos mais se sua produção e seu consumo estão realmente melhorando a vida das pessoas. De *todas* as pessoas. Parece quase ilegítimo questionar se todo esse progresso é realmente necessário. “O impulso da grande indústria fez das forças produtoras a divindade de uma espécie de religião”, diz Simone Weil. Para ela, o progresso das forças produtivas não faz a humanidade progredir, necessariamente, no caminho da libertação (WEIL, 1996, p. 285-6). Em um texto datado de 1937, Weil afirma que, por mais que o rendimento do trabalho humano houvesse aumentado com o desenvolvimento técnico, isso não deveria significar (ao contrário do que admitiam tanto capitalistas quanto socialistas) que o crescimento poderia prosseguir indefinidamente no mesmo ritmo. O primeiro fator que ela aponta para essa desconfiança é o limite dos recursos naturais. Já naquela época, a filósofa apontava para uma questão básica, mas que se manteve por muito tempo negligenciada: toda produção depende da utilização de fontes naturais de energia, e essa energia, ela diz, a natureza não nos dá. “Seja qual for a forma que se apresente, força animal, hulha [carvão] ou petróleo; é preciso arrancá-la, transformá-la com o nosso trabalho para adaptá-la aos nossos próprios fins” (ibidem, p. 289).

Dessa forma, Weil nos alerta que o desenvolvimento das máquinas não significa menor esforço humano. Pelo contrário, a extração dos metais de que são feitas as máquinas *só pode* ser realizado com trabalho humano. Trata-se do trabalho das minas, que se torna mais penoso à medida que se efetua. Sem contar que as jazidas correm o risco de se esgotarem. “Também não se deve esquecer, embora isso não venha registrado nos relatórios financeiros e estatísticas dos economistas, que o trabalho das minas é mais doloroso, mais exaustivo, mais perigoso do que a maioria dos outros trabalhos; o ferro, o carvão, o potássio, todos esses produtos estão manchados de sangue”. Outro fator apontado por Weil é que as máquinas automáticas são vantajosas para produzir em grandes quantidades. Seu funcionamento está ligado, portanto, à centralização econômica exagerada e à tentação de se produzir muito mais do que o necessário para satisfazer às

necessidades reais, levando ao desperdício de matéria-prima e força humana (WEIL, 1996, p. 289).

Além disso, o progresso técnico não serve somente para obter barato o que outrora se conseguia com muitos esforços; torna possíveis obras que sem ele teriam sido quase inimagináveis. Seria o caso de examinar o valor dessas possibilidades novas, considerando-se o fato de que elas não são apenas possibilidades de construção, mas também de destruição. (WEIL, 1996, p. 296)

Na nossa sociedade, contudo, a necessidade do consumo e a finalidade do desenvolvimento técnico-científico não são questionadas. Tudo parece caminhar para um progresso científico cada vez mais formidável – que conseguirá resolver todos os nossos problemas e tornará nossas vidas cada vez mais confortáveis (para alguns). Caminhamos, também, para um progresso econômico que criará empregos e permitirá que todos os marginalizados possam usufruir desses confortos (no futuro). Para a grande maioria dos brasileiros, o progresso é visto como uma panaceia para curar todos os problemas sociais²³.

Entretanto, a ciência ecológica indica que o grau de produção e consumo, tanto de matéria como de energia “motivado pelo desenvolvimento de novas tecnologias de apropriação dos recursos naturais, contradiz a realidade dos ecossistemas que não têm sido mais capazes de manter seu equilíbrio natural” (BONFIGLIOLI, 2008, p. 52). O meio ambiente não pode mais, portanto, ser reconhecido unicamente como depurador de resíduos e provedor de matéria-prima, ar, água e alimento. “O modo como nosso sistema produtivo se apropria da Natureza poderá levar ao fracasso a própria sociedade que sustenta, caso não sejamos bem sucedidos no estabelecimento de uma reestruturação ampla do modelo atual de desenvolvimento” (ibidem, p. 52).

O atual modelo de desenvolvimento pauta suas estratégias políticas na suposição de que o modelo de uma “vida boa” é aquela prevalecente nas sociedades afluentes do Norte. No entanto, esse modelo já demonstrou sua insustentabilidade, tanto no âmbito ecológico quanto no social. Maria Mies ressalta:

²³ Jessé Souza aponta para o fato de que o Brasil foi país de maior crescimento econômico do globo entre 1930 e 1980, “sem que as taxas de desigualdade, marginalização e subcidadania jamais fossem alteradas radicalmente” (2009, p. 59). Ele afirma que em nosso país ainda vigora um “economicismo”, que só percebe a “matéria”, visível e tocável, como única realidade possível: dinheiro, fábricas, carros, usinas, estradas. Dessa forma, deixamos de perceber a enorme influência dessas coisas imateriais como *ideias* e *valores*. “A realidade não se apresenta como ‘construída’, ou seja, como uma forma de viver dentre várias outras formas possíveis, mas sim como ‘dada’, necessariamente a que está aí fora de nós e existe” (SOUZA, 2009, p. 39).

Sem a exploração passada e presente do Sul colonizado, os padrões de vida indulgentes dos países ricos do Norte não poderiam ser mantidos. Se todo o trabalho incorporado nas mercadorias importadas vendidas nos países ricos fosse pago pelo custo de um (homem) trabalhador europeu qualificado, apenas uma pequena minoria poderia comprá-las. O assim chamado desenvolvimento (Vandana Shiva chama de maldesenvolvimento) não é um processo evolucionário do menor para o maior estágio mas um processo de polarização no qual alguns se tornam mais ricos porque fazem outros mais pobres. [...] Além de exaurir recursos escassos e explorar colônias, o modelo de crescimento industrial também produz montanhas cada vez maiores de detrito, lixo tóxico, destrói a camada de ozônio e é responsável pelo efeito estufa. Não apenas um quarto da população mundial consome 75% da energia do mundo, mas também produz 80% da emissão de CO₂. [...] Indisputavelmente, um sistema de mercado global industrial orientado para o crescimento é não sustentável e não generalizável por todo o mundo. (MIES, 1994, p. 251-2, tradução nossa)

No entanto, quando compramos uma mercadoria, tudo isso fica invisível. Esquecemo-nos de que na feitura de cada produto, muita energia (natural e humana) foi consumida. Segundo Éclea Bosi, existe uma alienação, um “espírito coagulado”, como disse Max Weber²⁴, não só na *produção* dos bens (pela divisão do trabalho), mas também no *consumo*. Consumimos os bens sem tomarmos consciência da vida dos que neles trabalharam²⁵. Em seu livro *O Tempo Vivo da Memória*, ela propõe um exercício “marxista” de “subjativarmos a matéria”, de avaliarmos as coisas que nos rodeiam sob o prisma: “Quantas horas de trabalho operário foram precisas para a confecção desta mesa, deste lápis, desta cadeira?” Perceber no objeto a presença do sujeito, das horas de vida do trabalhador que o criou, substância oculta da mercadoria” (2003, p. 170). Este já seria um início para no redirmos da barbárie, ao enxergar o objeto como uma *obra*, produto de um trabalho.

O sociólogo Boaventura de Souza Santos, durante uma conferência na Cúpula dos Povos²⁶, fez um exercício similar. Ao pegar seu celular do bolso disse: “*Eu sei que aqui há trabalho escravo. Eu sei que aqui há sangue pra extrair um metal raríssimo sem o qual esta máquina não funciona. Eu sei que aqui há ditaduras impostas a países pra que isso esteja no nosso bolso. Mas nós, numa agenda de consumo, separamos o processo de produção*”.

²⁴ “Uma máquina inanimada é um espírito coagulado (*geronnener Geist*). É daí que lhe vem o poder de obrigar os homens a servi-la e a modelar suas vidas de trabalho cotidiano de maneira tão coercitiva como na fábrica. Da mesma maneira, também é um espírito coagulado essa máquina viva que constitui a organização burocrática com sua especialização das qualificações aprendidas, sua compartimentação das competências, seus regulamentos e suas relações de subordinação hierárquica.” (WEBER apud GORZ, 2007, p. 58)

²⁵ Informação fornecida verbalmente por Ecléa Bosi durante aula ministrada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em 2011.

²⁶ Realizada no Rio de Janeiro, em junho de 2012.

Mesmo quando se fala em “desenvolvimento sustentável”, a preocupação continua a ser a de preservar os recursos naturais (também chamados de “serviços dos ecossistemas”) unicamente com o propósito de manter a base produtiva da economia, sem atentar para o acesso a esses bens e ao capital produzido, nem para a preservação de espécies e comunidades que não têm “utilidade” econômica. Segundo Sorrentino et. al. (2005, p. 289):

Atualmente, o conceito de desenvolvimento sustentável indica claramente o tratamento dado à natureza como um recurso ou matéria-prima destinado a objetivos de mercado cujo acesso é priorizado a parcelas da sociedade que detém o controle do capital. Este paradigma mantém o padrão de desenvolvimento que produz desigualdades na distribuição e no acesso a esses recursos, produzindo a pobreza e a falta de identidade cidadã.

Os ecovilenses são pessoas que também estão problematizando essas questões. Procuram se tornar conscientes, a cada ato de consumo, do processo de produção que existe por trás das mercadorias. Procuram não só dar preferência para produtos ambientalmente corretos e socialmente justos como, também, diminuir o consumo em si, por meio da redefinição de suas necessidades.

Refletir sobre a real necessidade de tudo o que fabricamos poderia nos levar a repensar o próprio regime de trabalho. O socialista Paul Lafargue já em 1883 se perguntava sobre isso:

Uma boa operária só faz com o fuso cinco malhas por minuto, alguns teares circulares para tricotar fazem trinta mil no mesmo tempo. Cada minuto à máquina equivale, portanto, a cem horas de trabalho da operária; ou então cada minuto de trabalho da máquina dá à operária dez dias de repouso. Aquilo que se passa com a indústria de malhas é mais ou menos verdade para todas as indústrias renovadas pela mecânica moderna. Mas que vemos nós? À medida que a máquina se aperfeiçoa e despacha o trabalho do homem com uma rapidez e precisão incessantemente crescentes, o operário, em vez de prolongar o seu repouso proporcionalmente, redobra de ardor, como se quisesse rivalizar com a máquina. Ó concorrência absurda e mortal! [...] Mas tudo é insuficiente: o burguês se farta, a classe doméstica que ultrapassa a classe produtiva, as nações estrangeiras e bárbaras que se enchem de mercadorias europeias; nada, nada pode conseguir dar vazão às montanhas de produtos que se amontoam maiores e mais altas do que as pirâmides do Egito: a produtividade dos operários europeus desafia todo o consumo, todo o desperdício. (LAFARGUE)

Ainda hoje continuamos presos a esse ritmo avassalador de produção, inventando necessidades novas e expandindo a publicidade para poder dar vazão a esses produtos. Ao mesmo tempo, nessa cultura de consumo, as novas formas de comodidade vão se tornando “necessárias” em nosso cotidiano. Passamos a acompanhar o ritmo vertiginoso das inovações técnicas: aparelhos de celular cada vez mais sofisticados, iPods que podem armazenar muito mais músicas do que

seríamos capazes de lembrar ou usar (SENNETT, 2011, p. 141). Presos “numa infundável perspectiva de meios”, como disse Benjamin, não nos perguntamos mais pelos fins.

Essa multiplicação do consumo promove ainda outra consequência importante, no interior dos próprios indivíduos: afetam a sua percepção do mundo.

A expansão das técnicas vem quase sempre consorciada às contribuições da ciência. Tem gerado conquistas, explorado riquezas, multiplicado e diversificado as possibilidades de consumo. Os confortos obtidos nos enchem de coragem para nomear isso tudo avanço da modernidade. Todavia, antes mesmo de indagar se estas proezas estão acessíveis a todos, talvez seja possível distinguir, em cada aquisição, a presença como intromissão de uma possibilidade perturbadora: o esvaziamento da percepção em cada um de nós acerca dos homens, das coisas e do mundo. O produto do trabalho que a humanidade nos legou, anos e anos, diante de nós aparece opaco, difuso, embaralhado, perdido até, em meio ao amontoar-se vertiginoso de mercadorias [...] A predominância do regime da mercadoria interfere, assim, na percepção e dificulta o discernimento das coisas belas, dignas de serem vistas, amadas e preservadas. (OLIVEIRA, 1999, p. 49-50)

Dessa forma, o regime da mercadoria não só é ambientalmente e socialmente insustentável como, também, acaba por contribuir para o anestesiamiento do corpo. Os indivíduos deixam de perceber e de sentir o mundo e as pessoas que os cercam. Para Roszak (1972, p. 234-6), a consciência objetiva por meio da qual se desenvolve a ciência e tecnologia permitiu-nos subordinar a natureza a nosso controle, mas ao preço de nos apartarmos cada vez mais daquilo que experimentamos pessoalmente. Todo o conhecimento objetivo do mundo converte-se num “universo de alienação congelada”²⁷. Segundo Roszak, devemos subordinar a pergunta “Como haveremos de saber?” à pergunta muito mais vital: “Como haveremos de viver?”. Assim, ampliaríamos nossas vidas para abarcar aquelas experiências que, embora não produzam hipóteses demonstráveis, ainda assim “despertam em nós o sentido da majestade do mundo”.

Como haveremos de viver? Será que precisamos esperar mais desenvolvimento para, *então*, vivermos melhor? Será que o desenvolvimento técnico e científico pode ser dissociado desses questionamentos morais? Hannah Arendt

²⁷ Simone Weil também fala sobre esse distanciamento entre conhecimento objetivo, de um lado, e o contato com nosso universo, do outro: “Acredita-se comumente que um pequeno camponês de hoje, aluno da escola primária, sabe mais do que Pitágoras porque repete docilmente que a terra gira em torno do sol. Mas, na realidade, ele não olha mais para as estrelas. Esse sol de que lhe falam na aula não tem, para ele, nenhuma relação com o sol que vê. Arrancaram-no do universo que o rodeia” (WEIL, 1996, p. 414).

acredita que não²⁸. Ela também faz uma crítica ao conhecimento que se distanciou das preocupações humanísticas, da experiência do homem “não como cientista, nem como produtor ou consumidor, mas sim como *humano*”.

Cada progresso da Ciência nas últimas décadas, tão logo foi absorvido pela tecnologia e assim introduzido no mundo fatural em que vivemos nossas vidas cotidianas, trouxe consigo uma verdadeira avalanche de instrumentos fabulosos e maquinismos cada vez mais engenhosos. Tudo isso torna a cada dia mais improvável que o homem venha a encontrar no mundo ao seu redor algo que não seja artificial e que não seja, por conseguinte, ele mesmo em diferente disfarce. O astronauta, arremessado ao espaço sideral e aprisionado em sua cabine atulhada de instrumentos, na qual qualquer contato físico efetivo com o meio ambiente significaria morte imediata, poderia muito bem ser tomado como encarnação simbólica de Heisenberg – o homem que terá tanto menos possibilidades de deparar algo que não ele mesmo e objetos artificiais quanto mais ardentemente desejar eliminar toda e qualquer consideração antropocêntrica de seu encontro com o mundo não-humano que o rodeia. (ARENDR, 1972, p. 341)

A vida na ecovila pode ser entendida como uma tentativa de reafirmar a primazia do encontro verdadeiro, direto e encarnado com o mundo. Um mundo com cheiros, bichos, terra, lama, minhoca, sol e chuva, alegria e dor, vento e escuridão... Um mundo geocêntrico “no sentido de que a terra, e não o universo, é o centro e a morada dos homens mortais” (ARENDR, 1972, p. 342). Um mundo de experiência sensorial, na medida do *homem*. Uma das propostas da vida na ecovila é a de relativizar a importância das inovações técnico-científicas. Ao valorizar uma vida mais simples, eles colocam a busca incessante pelos produtos disponíveis no mercado em segundo plano, para que outras fontes de satisfação possam aflorar: na convivência, no lazer ativo e comunal, no relacionamento sensível com a natureza, na criação de novos projetos e ideias para a comunidade.

Também colocam em segundo plano as regras ditadas pelos “especialistas” – o que usar, o que comer e o que não comer, o que fazer e o que não fazer²⁹ –

²⁸ Ela escreve: “Decerto o cientista não se pode permitir indagar: que consequências resultarão das minhas investigações para a estatura (ou, por isso, para o futuro) do homem? A glória da ciência moderna foi ter sido ela capaz de emancipar-se completamente de todas as semelhantes preocupações antropocêntricas, isto é, verdadeiramente humanísticas. [...] Se o cientista tivesse refletido acerca da natureza do aparelho sensorial e mental humano, se houvesse levantado questões tais como *Qual é a natureza do homem e qual deve ser sua estatura? Qual é o objetivo da Ciência e por que o homem persegue o conhecimento?*, ou mesmo *O que é a vida, e que distingue a vida humana da vida animal?*, ele nunca teria chegado onde a Ciência moderna está hoje. As respostas a essas questões teriam agido como definições e, por conseguinte, como limitações a seus esforços” (ARENDR, 1972, p. 326-8).

²⁹ Um exemplo dessa relativização das regras ditadas pelos especialistas foi quando o ecovilense Rodrigo comentou com o grupo sobre uma matéria de capa da revista *Isto É*. A matéria dizia que a Associação Mundial de Saúde, depois de muitos estudos, chegou à conclusão de que ioga faz bem à saúde. Todos deram risada e comentaram como a medicina tradicional dá voltas e voltas para provar coisas que algumas culturas já sabem há milênios.

abrindo espaço para experimentações, intuições, contemplações e para ouvirem a “sabedoria do corpo”:

Essa coisa de saúde – me disse Rodrigo certo dia – é algo que acontece naturalmente quando se mora no campo. Você começa a conhecer as plantas e gera uma curiosidade: pra que serve isso, pra que serve aquilo? Aí você testa numa pessoa e dá certo. Aí vem outra e você testa outra coisa, aí você acaba virando meio que um curandeiro.

Então – conta George – eu tenho que necessariamente sair daquela crença de que “Ah, eu estudei bastante então eu sei o que é melhor pra você”. O que meus pacientes me ensinam, no aspecto prático na medicina, é que as normas de conduta terapêutica nem sempre funcionam. E a pessoa tem, na verdade, ou deveria ter, a última palavra em relação à sua saúde [...]. O meu papel é apenas dar a informação que é pedida. E, obviamente, alertar pra alguma coisa que eu vejo que é inadequada. Mas se eu vejo que está indo tudo bem, porque tentar impor um modelo médico, quando cada um cria a sua sabedoria?

Relativizar as “descobertas” científicas e as inovações técnicas não significa que excluam completamente sua utilização. Quase todos os ecovilenses possuem carro, máquina de lavar, perfil no *facebook*, site na internet, além das tecnologias “verdes”: aquecimento solar, captação de água da chuva, tratamento ecológico dos resíduos. O que muda é que essas tecnologias são utilizadas para a preservação da vida e *em função* do homem. Elas não recebem mais atenção do que as plantas, a lua ou o pôr-do-sol. Ou seja, as tecnologias são entendidas como *meios* e não como fins em si, apontando para outras possibilidades de sua utilização.

O descaso com o mundo

Ao refletir sobre a crise americana na educação, Hannah Arendt afirma que essa crise é reflexo de uma instabilidade mais geral na sociedade moderna: a crise da autoridade. Pais e educadores se preocupam em proteger a criança do mundo, mas se esquecem de que eles também são responsáveis pela continuidade do mundo. Pois “também o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração” (1972, p. 235). Essa responsabilidade pelo mundo assume, na educação, a forma de autoridade.

Todavia, vivemos numa época em que a autoridade ou não existe, ou é contestada. Passamos a desconfiar da autoridade na esfera pública e, naturalmente, a esfera privada também reflete isso. Mas, para Arendt (1972, p. 240), querer viver

sem autoridade pode significar duas coisas: ou que, “de agora em diante, se exija de todos uma igual responsabilidade pelo rumo do mundo”, ou que “toda e qualquer responsabilidade pelo mundo está sendo rejeitada”. Para a autora, os dois significados têm trabalhado juntos. “A autoridade foi recusada pelos adultos, e isso somente pode significar uma coisa: que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças”.

Para Arendt, a recusa em assumir, perante as crianças, essa responsabilidade, é sintoma moderno de um *estranhamento do mundo*. As pessoas não se sentem mais ligadas à sua sociedade, ao seu entorno. Como disse Ernesto Sabato, “o homem perde o vínculo com o chão sobre o qual transcorre sua existência”. Existe certo descaso pelo rumo dos acontecimentos. “Hoje todas as interpretações são válidas, e as palavras servem mais para nos desnortear da responsabilidade sobre nossos atos do que para responder por eles” (SABATO, 2008, p. 38).

Essa preocupação com as gerações futuras também aparece em Benjamin quando critica a juventude alemã de sua época: a obsessão pela ideia de aproveitar os poucos anos de liberdade antes de assumirem uma vida burguesa. Uma juventude que busca preencher o tempo de espera vazio, antes do trabalho ou casamento com um conteúdo qualquer. Para Benjamin, esses estudantes não são a geração mais jovem, e sim a geração que envelhece. “Sua meta e medida são os pais, não os que nasceram depois; assim eles mantêm a aparência da juventude”.

Todas essas instituições da vida são um mercado de coisas provisórias e, como a agitação nas aulas e nos cafés, servem apenas para preencher o tempo de espera vazio ou para desviar a atenção da voz que os conchama a construir sua vida a partir da unidade entre criação, eros e juventude. Trata-se aqui do projeto de uma juventude sóbria e ascética, imbuída de respeito pelos que vêm depois [...]. (BENJAMIN, 1986, p. 157-8)

Um exemplo recente desse descaso pelo mundo pode ser encontrado no resultado de uma pesquisa do Datafolha, realizada em São Paulo em 2012³⁰. Segundo tal pesquisa, 62% dos consumidores paulistanos não gostaram da suspensão da distribuição de sacolinhas plásticas nos supermercados. A razão? Segundo grande parte dos entrevistados, “ficou mais difícil levar os produtos”. Diante da crise ambiental que enfrentamos, na qual a redução do consumo de plástico é medida mínima para garantir um futuro habitável no planeta, querer a volta

³⁰ Dados divulgados no jornal Metro São Paulo, em 23 de maio de 2012.

dos plásticos porque “ficou mais difícil levar os produtos” realmente mostra a dificuldade que temos em sairmos da nossa zona de conforto, em realizarmos mudanças mínimas no nosso cotidiano. Nós lemos e ouvimos o tempo todo sobre a crise ambiental, sobre o esgotamento dos recursos naturais e a necessidade de mudarmos nossa relação com a natureza. No entanto, somos incapazes de transformar essas informações em atitudes concretas. Cuidando de nossas atribuladas vidas privadas, ficamos esperando que políticos e cientistas tomem as providências necessárias e resolvam todos os problemas do mundo para nós³¹.

Nesse contexto, a atitude dos ecovilenses se mostra como ruptura e reproposta. De certa forma, eles assumem uma maior responsabilidade pelo mundo – procurando cuidar melhor da natureza e tentando não colaborar com o consumo desenfreado propagandeado pela sociedade de massas. São pessoas que rejeitam o discurso conformista e se esforçam para assumir mudanças concretas em seu cotidiano. Para isso, buscam problematizar o mundo em que vivem, investigar melhor as causas dos problemas sociais e ambientais para, então, deixarem de ser coniventes com elas.

Afinal, se percebemos tantos problemas no mundo, tantas coisas que poderiam ser diferentes, por que tudo continua como está? Por que suportamos e toleramos esse estado de coisas? O filósofo Étienne La Boétie, que viveu no século XVI, também se perguntava como é que tantos homens e tantas cidades toleravam um tirano que só tinha o poder que *eles* lhe davam, que só poderia lhes prejudicar enquanto *eles* o suportavam. Para o filósofo, a tirania só se mantém porque os homens se acostumam com ela e continuam a servi-la. O mal se mantém pela conivência do povo, isto é, pela *servidão voluntária*.

Portanto, digamos então que ao homem todas as coisas lhe são como que naturais; nelas se cria e acostuma; mas só ele é ingênuo a isso - a que o chama sua natureza simples e inalterada; assim, a primeira razão da servidão voluntária é o costume [...]. Eles dizem que sempre foram súditos, que seus pais viveram assim; pensam que são obrigados a suportar o mal, convencem-

³¹ Bonfiglioli (2008, p. 52) aponta, citando Harvey: “Tal crença no poder da Ciência, típica da modernidade, não consegue cumprir a promessa de ‘liberdade da escassez, da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais’. Qualquer leitura superficial dos noticiários televisivos e do jornalismo impresso ou virtual mostra, claramente, o fracasso dessa empreitada filosófica. De enchentes em rios e córregos paulistanos, passando pelos vendavais e tufões em Santa Catarina, ‘línguas negras’ no Rio de Janeiro, até terremotos no Oriente Médio e tsunamis na Ásia, a crença na onipotência tecnocientífica não foi apenas colocada à prova, mas evidenciada, também no campo da ecologia, como mais um mito do racionalismo moderno.”

se com exemplos e ao longo do tempo eles mesmos fundam a posse dos que os tiranizam [...]. (LA BOÉTIE, 1982, p. 23-24)

La Boétie sugere, portanto, que a ordem estabelecida não é mantida nem pelos governantes nem pelo exército, mas, sim, pela nossa convivência, pelo nosso conformismo. O pensamento conformista diz: “Todo mundo faz assim! De que adianta *eu* mudar?” e “As coisas são assim mesmo”. Nossa tendência é sempre agir como a maioria³² e não é nada fácil assumirmos uma mudança de atitude.

É lícito interpretar o pensamento de La Boétie como um convite para analisarmos os aspectos de *nossas* vidas em que estamos sendo coniventes com a manutenção de uma ordem injusta, seja ela econômica, política ou ideológica. Essa convivência não significa participarmos diretamente das causas dessas misérias, mas significa nosso abandono, nosso desinteresse, nossa irresponsabilidade com relação àquilo que fazemos, compramos, desperdiçamos ou ignoramos.

Como vimos, os ecovilenses não conseguiram (e nem mesmo desejam) uma ruptura total com a sociedade de consumo. Procuram, todavia, diminuir sua convivência com uma lógica que consideram destrutiva, tanto para os indivíduos quanto para o ambiente natural do qual dependemos. Sua proposta de resistência não se dá por meio da luta contra essa lógica, mas pela recusa em servi-la.

No entanto, não é preciso combater esse único tirano, não é preciso anulá-lo; ele se anula por si mesmo, contanto que o país não consinta a sua servidão; não se deve tirar-lhe coisa alguma, e sim nada lhe dar; não é preciso que o país se esforce a fazer algo para si, contanto que nada faça contra si. Portanto são os próprios povos que se deixam, ou melhor, se fazem dominar, pois cessando de servir estariam quites [...]. Como o fogo de uma pequena chama torna-se grande e sempre cresce, e quanto mais lenha encontra mais está disposto a queimar; e sem que se jogue água para apagá-lo, é só não pôr mais lenha que ele, não tendo mais o que consumir, consome-se a si mesmo e vem sem força alguma, e não mais fogo [...]. (LA BOÉTIE, 1982, p. 14-15)

Os ecovilenses preocupam-se com o mundo que deixarão para as futuras gerações e a não-colaboração torna-se uma importante ferramenta de resistência: procuram consumir menos, selecionar melhor os produtos que compram, criar menos lixo, poluir menos, competir menos. No entanto, como veremos mais adiante, a recusa só pode se sustentar por uma afirmação – ou seja, somente pela criação de novos conteúdos é que podemos nos libertar de formas de ação interiorizadas³³. Na ecovila, a não-colaboração vem acompanhada de propostas alternativas de vida:

³² Ver ASCH, 1977, p. 379-421.

³³ Ver adiante o item Simplicidade Voluntária, p. 189-196.

novas formas de busca da felicidade, novas formas de satisfação pessoal e novas experimentações. Apesar de suas dificuldades e limitações, os ecovilenses se sentem corresponsáveis pelo mundo, numa era de estranhamento.

A crença – diz Naomi – é que aqui você tem uma casa que tem aquecimento solar, eu trato o meu esgoto, eu recebo água da chuva e lavo roupa, limpo a casa, rego as plantas, tomo banho. Não estou usando água limpa pra fazer isso. Cuido dos detergentes e das coisas que eu estou usando pra não poluir os lençóis freáticos pros filhos que estão nascendo. Essa é a crença.

Esse tipo de resistência que se opera no nível da vida cotidiana pode parecer, para alguns, um gesto insignificante e de pouco alcance; para outros, uma resposta individualista para problemas que, na verdade, são políticos e sistêmicos. No entanto, como já apontamos anteriormente, mudanças culturais surgem a partir da transformação das nossas sensibilidades e da maneira como construímos a experiência humana. A partir daí, dessas mudanças “moleculares”, é que as mudanças políticas e estruturais são impulsionadas. Afinal de contas, toda decisão política é tomada por indivíduos concretos, indivíduos que se baseiam em certas ideias e certas visões de mundo³⁴.

Esta resistência cultural é também uma questão primordial que a crise ecológica levanta. Diversos são os indicadores de que mudanças políticas não serão suficientes para deter a atual crise se não se transformarem, também, os valores que norteiam nossas atitudes e estilos de vida (RASKIN et. al., 2002). Segundo Melucci, a questão ecológica revela que a sobrevivência do homem não está no sistema de meios (aparatos técnico-burocráticos), mas no problema dos fins, “isto é, dos modelos culturais que orientam o agir e sobre os quais se estrutura a vida cotidiana”. A questão ecológica reporta, pois, em primeiro plano, à dimensão *cultural* da experiência humana, sendo essa a dimensão que rege as relações sociais, os sistemas políticos e as formas de produção e consumo. Dessa forma, garantir um equilíbrio diferente entre o homem e a natureza é hoje um problema que

³⁴ Jessé Souza escreve: “A política não é feita, como muitos imaginam, pelos burocratas da política, pelos jornalistas da política ou, menos ainda, pelos políticos profissionais da política. [...] o conjunto de ideias (e de valores ligados a essas ideias) e dos consensos sociais que se criam a partir delas, [é] que são o estímulo e o limite de qualquer ação política. Essas ideias são, no contexto de sociedades modernas secularizadas, obras de indivíduos ou de grupos de pessoas que possuem a “autoridade científica” para falar sobre os assuntos públicos. Como essa ligação entre ideias e prática política é quase sempre tornada invisível, [...] ela só “aparece” aos nossos olhos nos seus “efeitos” [...]. É por conta disso que, para compreender os dilemas da vida coletiva de uma sociedade, tem-se que reconstruir, desde sua gênese, o fio condutor que esclarece por que certas “interpretações do mundo” ganharam vida e outras não. [...] Essas concepções são apenas “ideias”, mas são elas que explicam por que o mundo material e econômico visível e palpável se construiu dessa forma e não de outra forma qualquer [...]. (SOUZA, 2009, p. 51-3)

interfere na vida de cada um e que se refere aos indivíduos enquanto tais, e não como pertencentes a um grupo, a uma classe, a um estado. “A mudança não é então separável do agir individual, o investimento direto e pessoal dá condição e recurso para a intervenção sobre o sistema” (MELUCCI, 2001, p. 114).

Se afirmo que os moradores da ecovila procuram assumir a responsabilidade pelo mundo, isso não significa, contudo, que o façam como um ato heroico (apesar do orgulho que essa atitude traz), nem o sentem como uma privação (apesar das dificuldades que enfrentam). Colocar em prática seus valores traz uma enorme gratificação moral³⁵, especialmente quando compartilhados com uma coletividade. Além disso, os ecovilenses sentem que a vivência na comunidade e a prática de ações diferenciadas trazem experiências pessoais muito mais ricas do que aquelas das quais procuram abrir mão.

Eu acho – diz Danuza – que é a crença de encontrar mesmo uma vida melhor, mais saudável. A busca de uma convivência e de algo que você possa fazer além do que morar e usufruir das coisas que estão aí no mundo, na terra, pra gente usufruir. Mas ao mesmo tempo devolver alguma coisa pelo menos. Se não tudo, alguma coisa. Mas à medida que a gente vai fazendo isso a gente vai devolvendo mais.

Dessa forma, cuidado com o mundo e satisfação pessoal são aspectos que convergem. Não se trata de um sacrifício individual em prol de uma coletividade, mas sim de mudanças que melhoram a vida dos indivíduos enquanto seres *humanos* e possibilitam o desenvolvimento de suas potencialidades:

Eu acho – diz Inês – que eu estou mais centrada. Estar aqui me deixa bem centrada, bem equilibrada. Eu tenho pessoas com afinidades e com os gostos que, enquanto eu estava só em Campinas, não tinha. Eu acho que estou conseguindo me tornar uma pessoa melhor.

Muito melhor a qualidade de vida – diz Lilian. Estar aqui é muito bom. Estar perto da natureza. Olhar a natureza. Eu atingi uma coisa que eu desejava muito: viver num ambiente em que as pessoas têm semelhanças maiores, e longe da cidade, que a cidade não me faz tão bem. Não é um ambiente que eu gosto de estar, me locomover... Eu gosto de lugar mais calmo. Acordar vendo essa natureza e ir dormir, antes de fechar a janela, e sentir o cheiro de mato. Pode parecer pequeno pra algumas pessoas, mas isso me preenche tanto. Preenche minha alma isso. E no silêncio, no céu, não estar no agito, eu não gosto do agito, entende?

³⁵ Segundo Jasper, o ativismo traz um senso de dignidade e propósito raros na sociedade moderna, a enorme satisfação de batalhar por uma utopia. “Esse é o prazer de estabelecer nossa própria conduta pessoal no curso correto: a recompensa intrínseca que acompanha uma vida que percebemos como moral” (JASPER, 1997, p. 135-6, tradução nossa).

É, portanto, nessa convergência entre as suas próprias necessidades pessoais e as necessidades do planeta que o projeto ganha força³⁶. Sennett (1999, p. 176) diz ter aprendido com o “amargo passado radical” de sua família que, “se ocorre mudança, ela se dá no chão, entre pessoas que falam por necessidade interior, mais do que por levantes de massa”.

1.3 Cultura e Resistência

Se a mentalidade do homem mudar, o perigo que vivemos será paradoxalmente uma esperança. Poderemos recuperar esta casa que nos foi miticamente entregue. A história sempre oferece novidades. Por isso, apesar das desilusões e frustrações acumuladas, não há motivo para desacreditar do valor das proezas cotidianas. Embora simples e modestas, são elas que estão gerando uma nova narrativa da história, abrindo um novo curso para a torrente da vida. (SABATO, 2008, p. 25)

Cultura como *construção*

Afirmo, neste trabalho, que os ecovilenses constroem uma cultura alternativa. O termo *cultura* é entendido aqui como uma maneira específica de interpretar e se relacionar com a natureza, as pessoas e o universo que os rodeia, *em suas vidas cotidianas*³⁷. Incluo nesse conceito tanto os significados, ideias e valores como as atividades e ações concretas dos indivíduos.

Existe uma tendência a se entender *cultura* como sendo o consumo de objetos e produtos culturais. Herbert Read chama a essa tendência de “cultura exibicionista”:

³⁶ Theodore Roszak (2001, p. 311) também percebe uma convergência entre as necessidades psíquicas do homem e as necessidades ecológicas do planeta: “Ambos, terapeutas e ecologistas, nos oferecem uma agenda política comum, para o bem do planeta, para o bem da pessoa. Ela é simplesmente afirmada: Diminua. Desacelere. Democratize. Descentralize. Metas ecológicas que podem curar a psique; valores psicológicos que podem curar o planeta. Essa convergência de necessidades internas e externas não pode ser pura coincidência”.

³⁷ Marilena Chauí afirma que a cultura é uma criação múltipla: “Uma outra observação concerne ao uso do singular “cultura”, quando talvez fosse mais adequado empregar o plural, “culturas do povo”. Esta observação é aparentemente descabida [...]. Afinal, não vivemos sob o signo de um mundo cuja eficácia decorre da força que possui para universalizar, generalizar, homogeneizar tudo quanto fazemos e pensamos, reduzidos à condição de simples suportes de uma racionalidade idêntica que perpassa a vida econômica, social e política? [...] Não se trata, porém, de empirismo nem de romantismo. [...] Se mantivermos viva a pluralidade permaneceremos abertos a uma criação que é sempre múltipla, solo de qualquer proposta política que se pretenda democrática” (CHAUÍ 2000, p. 45).

Exibições de pintura e escultura, de tapeçaria francesa ou totens australásicos; concertos de música clássica, de música moderna ou chinesa; óperas de Viena e balé da Rússia – sim, tudo muito interessante, um pouco extenuante se tentamos acompanhar o ritmo acelerado de tudo isso; e não há dúvida de que é tudo um acréscimo à nossa curiosa coleção de impressões estranhas, de fatos desconexos e nomes mal lembrados, que guardamos em algum canto de nosso cerebelo e que denominamos “conhecimento” – e que desenterramos desse receptáculo nebuloso e superpovoado quando queremos demonstrar “cultura”. Mas o que significa tudo isso em termos da realidade vital que é o nosso comportamento cotidiano e a felicidade imediata? Muito pouco, que eu possa ver. (READ, 1986, p. 52)

Para ele, a cultura, tanto como a arte, deve ser entendida como atividade, criação. Alfredo Bosi também critica a ideia de que “ter cultura” é possuir uma soma de objetos culturais. Pois os objetos em si – os quadros na parede e os livros na estante – são sempre *o outro*. Para Bosi, ao contrário, *cultura é vida pensada*. “Em vez de tratar a cultura como uma soma de coisas desfrutáveis, coisas de consumo, deveríamos pensar a cultura como o *fruto de um trabalho*. Deslocar a ideia de mercadoria a ser exibida para a ideia de trabalho a ser empreendido” (BOSI, 1987, p. 36-38). Falamos aqui, portanto, de uma cultura que se relaciona com a vida cotidiana, com as relações que estabelecemos com os outros e com o universo que nos rodeia, bem como a reflexão sobre essas relações. “Pois qual é o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não o vincula a nós?”, pergunta Benjamin (1986, p. 196).

Diante da alienação e mercantilização da cultura, Alfredo Bosi propõe uma visão alternativa, um projeto recuperador: a ideia de cultura como *participação, trabalho, processo*. Para isso, ele resgata a raiz latina na palavra *cultura*, que vem do verbo *colo*, que significava “cultivar a terra”. O passado de *colo* é *cultus* e o futuro é *culturus* (aquilo que se vai cultivar). Daí surgem as dimensões de *cultivo, culto* e *cultura*. “No espírito da língua romana, a cultura está ligada a um trabalho duro, a um trabalho de conquista”. Ele ressalta, dessa forma, a importância da *produção* de cultura, ao invés de seu consumo: a cultura como ação e trabalho. “É o processo e não a aquisição do objeto final que interessa”.

“Entenda-se bem”, mediatiza Paulo de Salles Oliveira (1999, p. 33), “não se trata de rejeitar como cultura o legado das gerações precedentes e sim de refutar uma cultura que seja postiça, distante, inacessível, sem nexos com a vida, tal qual ela é vivida por todos nós”. Para exemplificar a noção de cultura como processo, Bosi traz duas noções distintas do que seria possuir uma *cultura ecológica*:

Hoje se fala muito em *ecologia*. [...] Como é que se adquire uma *cultura ecológica*? Existem centenas de livros sobre ecologia [...]. Agora, quem é que tem cultura ecológica? É a pessoa que lê esses livros? Esses livros podem ser lidos, nós podemos escolher uma boa bibliografia e ler estes livros. E depois de lidos vamos passar para outra ciência, ou outra atividade, e aquilo fica como uma *matéria morta*. Porque nós supusemos que conhecer ecologia era possuir aqueles livros. Mas não é verdade. A Ecologia, como qualquer outra ciência, é um conjunto de obras dos homens. Nós temos que ser operários. Se nós formos operários do conhecimento ecológico, toda aquela tradição cultural que já existe há tantos anos e que formou esta ciência, será por nós assimilada e a construiremos como uma nova ciência. (BOSI, 1987, p. 40-41)

Ele conta o caso, então, de um grupo de pessoas de Cotia que se mobilizaram, em 1984, para lutar contra a poluição das grandes fábricas. “Então elas começam a lutar; e para lutar é preciso trabalhar, é preciso estudar”. Esse grupo foi falar com os governantes, aprendeu mais sobre o funcionamento das leis e portarias, descobriu quais eram as fábricas que estavam poluindo, enfim, fez uma ação concreta, dando vida ao conhecimento meramente intelectual. Para o autor, *isso é produzir cultura*. “Se não houver militantes assim, os livros de ecologia vão ficar na estante e continuar perfeitamente inúteis”. Ideais inertes não produzem cultura.

Dessa forma, o conceito de *cultura* utilizado neste trabalho não inclui somente ideias e valores, nem somente os objetos culturais, mas, principalmente, os processos que levam de uns aos outros. Essa dimensão cultural de *processo*, de *projeto*, “restitui a todos nós a condição potencial de produzir, e não apenas consumir, cultura”, nos diz Oliveira (2006, p. 31-32): “Cultura é sempre produto de uma conquista, que se realiza na ação e no trabalho por sujeitos sociais concretos”.

Dessa forma, podemos afirmar que os membros da ecovila estudada estão construindo uma forma singular de cultura: uma cultura alternativa. Esta não se constitui por um acúmulo de bens, materiais ou simbólicos: não são as roupas, objetos de decoração ou livros na estante que fazem com que essas pessoas criem uma cultura alternativa. Mas a reflexão sobre seu papel na sociedade e a prática de novas relações entre si e com a natureza, isto é, *vida pensada*. Assim como os praticantes da cultura solidária estudados por Oliveira, os ecovilenses afirmam uma “posição de resistência” e assinalam “um caminho possível, construído a partir de práticas desenvolvidas *em comum*” (2006, p. 31).

Cultura supõe uma consciência grupal operosa e operante que desentranha da vida presente os planos para o futuro. Essa *dimensão de projeto*, implícita no mito de Prometeu, que arrebatou o fogo dos céus para mudar o destino material dos homens, tende a crescer em épocas nas quais há classes ou extratos capazes de esperanças e propostas [...]. Esse vetor de cultura como

consciência de um presente minado por graves desequilíbrios é o momento que preside à criação de alternativas para um futuro de algum modo novo. (BOSI, 1992, p. 16-17)

Não é só a estrutura da ecovila que é ecológica, pois isso não bastaria. Diversas pessoas possuem um ou outro objeto “ecológico” sem que isso modifique seu cotidiano. Mas na ecovila, o dia-a-dia está pontilhado de pequenas ações que não estão isoladas, mas resultam de um esforço para transformar ideias e valores em um novo estilo de vida. A cultura alternativa que os ecovilenses estão construindo busca resgatar o contato direto com o mundo que os cerca, sem deixar de lado a espiritualidade e os valores transcendentais. Uma cultura que, como queria Simone Weil, está ao mesmo tempo em contato com este nosso universo e com abertura para outro mundo (1996, p. 414).

Outrora a cultura era considerada por muitos como um fim em si, e nos nossos dias, os que veem nela mais do que uma simples distração, procuram habitualmente um meio de evadir-se da vida real. *Seu verdadeiro valor consistiria, ao contrário, em preparar para a vida real, em armar o homem para que ele pudesse entreter com este universo, que é a sua partilha, e com seus irmãos, cuja condição é idêntica à sua, relações dignas da grandeza humana.* Hoje a ciência é considerada por uns como um simples catálogo de receitas técnicas, por outros como um conjunto de puras especulações do espírito que se bastam a si mesmas... [O pensamento] se exerce no vazio, e portanto só se exerce em aparência, quando não agarra o seu objeto, que só pode ser o universo. (WEIL, 1996, p. 347, grifo nosso)

Preferi usar aqui o termo *construir* cultura para enfatizar que esse novo modo de vida proposto pelos ecovilenses é algo que exige trabalho, esforço, paciência. Não se dá de uma hora para outra, mas precisa ser construído ao longo do tempo. “Não existe imediato no homem”, nos diz sabiamente Vernant. Diversas são as dificuldades e incoerências que se apresentam, como veremos mais adiante. No entanto, mesmo diante de todos os obstáculos, podemos afirmar que eles *constroem cultura*, pois esta se caracteriza como um processo contínuo, algo sempre em *movimento*. “A terminação *-urus*, em *culturus*, enforma a ideia do porvir ou de movimento em sua direção” (BOSI, 1992, p. 16).

Hannah Arendt, em seu texto *A crise na cultura*, apesar de discorrer especificamente sobre a questão dos objetos culturais, também relembra a origem romana da palavra, na qual encontra uma relação entre cultura e *cuidado pelas coisas do mundo*, sua preservação.

A cultura – palavra e conceito – é de origem romana. A palavra “cultura” origina-se de *colere* – cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar – e relaciona-se essencialmente com o trato do homem com a natureza, no sentido do amanhã e da preservação da natureza até que ela se torne

adequada à habitação humana. Como tal, a palavra indica uma atitude de carinhoso cuidado e se coloca em aguda oposição a todo esforço de sujeitar a natureza à dominação do homem. Em decorrência, não se aplica apenas ao amanho do solo, mas pode designar outrossim o “culto” aos deuses, o cuidado com aquilo que lhes pertence. Creio ter sido Cícero quem primeiro usou a palavra para questões do espírito e da alma. Ele fala de *excolere animum*, cultivar o espírito, e de *cultura animi* no mesmo sentido em que falamos ainda hoje de um espírito cultivado, só que não mais estamos cômnicos do pleno conteúdo metafórico de tal emprego. (ARENDDT, 1972, p. 265)

Cultura como *resistência*

“Além dos outros aspectos da cultura está o seu momento criativo, o lado ativo de construção no qual a cultura encontra a arte.”

James Jasper

Se a cultura não é simplesmente um conjunto de obras, mas sim ações pensadas, ela também não é um conjunto de regras fixas que os indivíduos seguem automaticamente. Apesar dos costumes e convenções sociais serem forças poderosas, e apesar dos indivíduos tenderem a agir conforme a maioria, existe sempre, na cultura, a possibilidade de resistência e de (re)criação. Segundo Ecléa Bosi, podemos colocar, ao lado do conceito de estrutura e conformismo, o conceito de transformação social. “Se o comportamento apresenta formas cristalizadas e repetitivas por que há mudanças contínuas nas normas das instituições? Não podemos negar a mudança”. Cada personalidade, ainda que obedeça à gramática das relações vigentes traz em si o selo da individualidade. “Sob o império da socialização, a formação de uma nova pessoa é sempre um processo criador, o que nos faz recordar Martin Buber: ‘O gênero humano começa a cada momento’” (BOSI, 2003, p. 130-1).

Nós estamos mergulhados nas tradições culturais e não podemos escapar delas, mesmo quando as criticamos. No entanto, nós podemos selecionar os elementos dessas tradições que queremos incorporar e, também, criar novas formas de ação. Segundo Ann Swidler (1986), a cultura de uma sociedade é composta de diversos modelos, rituais, histórias e guias de ação. Mas cada indivíduo seleciona diferentes pedaços desse “repertório” da cultura mais ampla, construindo linhas de ação singulares que fazem sentido para ele. Segundo ela, embora tenhamos forte tendência em utilizar estratégias de ação com os quais estamos familiarizados, os

indivíduos podem ampliar suas capacidades culturais e aprender novas maneiras de organizar a ação individual e coletiva, adquirindo novos hábitos.

James Jasper (1997, p. 11) também ressalta essa capacidade transformadora dos indivíduos na cultura: “Nós somos artistas quando aceitamos, brincamos, modificamos ou rejeitamos regras culturais”. Para ele, nós trabalhamos dentro de certos aspectos da estrutura, mas subvertemos outros. A cultura deve ser entendida, assim, como “criação poética”³⁸: os indivíduos não são meros seguidores de regras instituídas pela tradição, mas também agem, avaliam seus resultados, fazem ajustes, imaginam novas metas e possibilidades, experimentam novas maneiras de fazer, sentir e pensar. Problematização, experimentação e criação são aspectos que encontramos tanto na arte como na cultura (JASPER, 1997, p. 65).

Dessa forma, a cultura é um espaço, também, de transformação social. “A sociedade não somente obriga os indivíduos”, afirma Bergson, “mas também o indivíduo pode julgar a sociedade e obter dela uma transformação moral” (2005, p. 93). Transformação que nunca escapará totalmente às tradições existentes, mas que tem o poder de criticar certos elementos dessa tradição, e modificá-los. É nessa construção crítica que a cultura passa a ser, também, *resistência*.

Para que a cultura seja um processo de *construção*, como prática *pensada e humanizadora*, ela precisaria simultaneamente constituir-se criticamente em relação à cultura de fetiches, à cultura industrializada e à cultura que se exerce como dominação, tanto dos homens como da natureza (OLIVEIRA, 1999, p. 34).

A ecovila estudada foi, portanto, entendida como criadora de uma cultura de resistência. No entanto, não se trata de uma resistência extremista, nem de uma ruptura total com os valores dominantes. A resistência de que aqui se trata é algo mais singelo: uma mudança gradual gestada no cotidiano e que é construída pelos pequenos espaços que os ecovilenses conseguem desvendar. Para Sabato, a resistência que podemos opor à atual miséria espiritual do homem é algo muito modesto, “algo como a fé num milagre”. Se não podemos abandonar esse sistema, pois precisamos sobreviver, cabe a cada um de nós perceber quais os espaços de liberdade, as frestas pelas quais podemos abrir novos horizontes e, assim, resistir.

Acredito que é preciso resistir: esse tem sido meu lema. Hoje, contudo, muitas vezes me pergunto como encarnar essa palavra. Antes, quando a vida era menos dura, eu teria entendido por resistência um ato heroico, como

³⁸ No texto original, Jasper usa a palavra *artfulness*, que preferi aqui traduzir como *criação artística* ou *poética*, já que o autor faz uma relação explícita entre cultura e arte.

negar-se a continuar sobre este trem que nos leva à loucura e ao infortúnio. Mas pode-se pedir às pessoas tomadas pela vertigem que se rebelem? Pode-se pedir aos homens e mulheres do meu país que se neguem a pertencer a esse capitalismo selvagem, quando eles têm de sustentar os filhos e o país? [...] A situação mudou tanto, que devemos reavaliar com muita atenção o que entendemos por resistência. [...] Nessa tarefa, o primordial é negar-nos a sufocar a vida que podemos dar à luz. Defender, como heroicamente fazem os povos ocupados, a tradição que revela quanto de sagrado há no homem. Não deixarmos desperdiçar a graça dos pequenos momentos de liberdade de que podemos desfrutar: uma mesa compartilhada com pessoas que amamos, umas criaturas que amaremos, uma caminhada entre as árvores, a gratidão de um abraço. Gestos de coragem como saltar de uma casa em chamas. Não são atos racionais, mas isso não importa: nós nos salvaremos pelos afetos. (SABATO, 2008, p. 90-1)

Mais importante do que romper radicalmente com a cultura dominante é construir novas maneiras de viver que não sejam passageiras, que não se esgotem ao fim de alguns meses ou anos. Construir uma cultura de resistência significa construir algo sólido, que seja incorporado pelas pessoas no seu cotidiano e que transforme as relações concretas entre os homens. Segundo Ecléa Bosi, a verdadeira mudança política dá-se a perceber no interior, no concreto, no miúdo, no essencial. Mais do que uma formação ideológica, geradora de discursos intelectuais, uma autêntica revolução exige uma formação política – um treinamento corporal que também é espiritual. “Uma revolução que não comece e não acabe transformando o cotidiano não merece nosso empenho” (BOSI, 2003, p. 168-9).

A vida é complexa demais para criarmos fórmulas mágicas de mudança social. A verdadeira mudança é aquela que, mais do que discurso, seja prática cotidiana, seja humanização das relações sociais, seja reflexão e também corpo.

Assim como os sistemas sociais, os indivíduos também podem ser vistos como mudando ou subitamente ou gradualmente. Adotar um sistema moral abstrato pode requerer uma súbita conversão, quando o convertido compreende a simples lógica por trás do sistema, e aceita o resto pela fé. Pessoas podem atingir moralidades incorporadas de forma mais gradual, baseando-se numa acumulação de evidências “pedaço por pedaço”, através do teste da experiência, mais do que numa súbita epifania. (JASPER, 1997, p. 354, tradução nossa)

Dessa forma, a resistência proposta pelos ecovilenses é difícil de ser encarnada, pois exige mudanças no cotidiano, nos modelos simbólicos e nos hábitos do corpo, isto é, uma *mudança cultural*. “Mudar culturalmente é um processo incerto, irregular, muitas vezes contraditório, que demanda persistência, paciência e tempo” (OLIVEIRA, 2006, p. 113). Trata-se, portanto, de um *processo*, algo que não se dá de modo imediato. O alcance das mudanças que os ecovilenses puderam concretizar até agora não deve, assim, ser encarado como limite intransponível.

Muito menos deve ser desvalorizado. Pois cultura é movimento, e eles estão dando os primeiros passos na direção de um horizonte, na busca por um mundo mais humano, solidário e sustentável. Não se trata, portanto, de um caminhar a esmo, mas de um caminhar crítico e, ao mesmo tempo, utópico.

Recentemente, o escritor uruguaio Eduardo Galeano³⁹ contou sobre algo que lhe aconteceu quando dava uma palestra numa universidade colombiana, juntamente com o diretor de cinema argentino, Fernando Birri:

E então os estudantes faziam perguntas. Às vezes pra mim, às vezes pra ele. E fizeram a ele a pergunta mais difícil de todas. Um estudante se levantou e perguntou: “Para que serve a utopia?”. Eu o olhei com pena, pensei: “e agora?” E ele respondeu magnificamente, da melhor maneira. Ele disse que a utopia está no horizonte. E disse mais: “eu sei muito bem que nunca a alcançarei, que seu eu caminho dez passos, ela se distancia dez passos. Quanto mais eu a buscar, menos a encontrarei, porque ela vai se afastando à medida que eu me aproximo”. Boa pergunta, não? Para que serve? “Pois a utopia serve para isso: para caminhar”.

³⁹ Relatado por Galeano numa entrevista ao programa espanhol Singulares (TV3) no dia 23/05/2011.

CAPÍTULO 2:
UM OLHAR SOBRE A ECOVILA

2. UM OLHAR SOBRE A ECOVILA

“Método para compreender as imagens, os símbolos, etc. Não tentar interpretá-las, mas olhá-las até que jorre a luz. [...] A condição é que a atenção seja um olhar e não um apego”.
Simone Weil

Neste capítulo, apresento com mais detalhes a vida na ecovila: suas casas, seu cotidiano, relações interpessoais, estrutura política, etc. Antes, uma introdução à metodologia que guiou a observação e as entrevistas. Ao final, conto um pouco mais sobre os percursos da pesquisa de campo e suas ressonâncias na pesquisadora.

2.1 O olhar

Três propostas principais guiaram a pesquisa de campo deste trabalho: a simpatia, a alternância entre sujeito e objeto, e a constante ligação entre teoria e prática. A simpatia é, segundo Ecléa Bosi (2003, p. 116), uma “afinidade pré-categorial do sujeito com seu objeto”. Quando exercemos simpatia tornamo-nos mais sensíveis às coisas, evitando enxergá-las através de estereótipos. Negando os dados imediatos, passamos a não classificar ou descrever, mas *habitar* as coisas do mundo.

Nem sempre estamos dispostos à aventura da percepção: somos insensíveis e desatentos às coisas que povoam nosso mundo e, por isso, sofremos de uma perda, de um empobrecimento que nos faz capitular e enxergar através de mediações impostas. Castigo que sofremos à medida que não sentimos nem exercemos simpatia pelas coisas. [...] No trato com as pessoas isso acontece frequentemente. Elas nos aparecem como que embaçadas pelo estereótipo, e é preciso tempo e amizade para um trabalho paciente de limpeza e reconstituição da figura do amigo [...]. (BOSI, 2003, p. 115-117)

Para Bergson (1974, p. 20), a simpatia corresponde à intuição “pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com o que ele tem de único e, conseqüentemente, de inexprimível”. Enquanto a *análise* consiste numa diversidade de pontos de vista parciais que buscam completar uma representação sempre incompleta, a intuição é absoluta:

Quando falo de um movimento absoluto, é que atribuo ao móvel um interior e como que estados de alma, é, também, porque simpatizo com os estados e me insiro neles por um esforço de imaginação. Então, conforme o objeto seja

móvel ou imóvel, conforme adote um ou outro movimento, não experimentarei a mesma coisa. E o que experimentarei não dependerá nem do ponto de vista adotado em relação ao objeto, pois estarei no próprio objeto [...]. *Em outros termos, compreendemos que conceitos fixos podem ser extraídos, por nosso pensamento, da realidade móvel; mas não há nenhum meio de reconstituir, com a fixidez dos conceitos, a mobilidade do real. [...] É relativo o conhecimento simbólico por conceitos preexistentes que vai do fixo ao movente, mas não o conhecimento intuitivo que se instala no movente e adota a própria vida das coisas.* Esta intuição atinge um absoluto. (BERGSON, 1974, p. 19-39, grifo do autor)

Dessa forma, iniciei a pesquisa de campo sem um ponto de vista fixo, sem pré-conceitos definidos. Procurei adotar uma atitude aberta e desarmada, para poder, assim, entrar na interioridade dos sujeitos pesquisados, buscando captar melhor os desafios que enfrentam e podendo, também, valorizar as pequenas mudanças que conseguem incorporar. Após alguns meses de pesquisa de campo, determinados temas começaram a se destacar e certos elementos foram se delineando para a reflexão. Assim, este capítulo foi o primeiro a ser escrito a partir desses elementos que se destacaram durante a observação. Baseadas nesses elementos – extraídos da própria vida da ecovila – e da sua associação com a pesquisa bibliográfica, é que surgiram as questões analisadas no primeiro e no último capítulos.

Essa atitude desarmada e a simpatia pelos sujeitos pesquisados foram facilitadas por haver uma afinidade prévia com o tema e com o projeto das ecovilas. E também por se tratar de pessoas muito próximas de mim, não só em termos de classe social, mas também em suas inquietações, em suas buscas e desejos, em seu projeto de vida.

Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes. Segundo Jacques Loew, em *Journal d'une mission ouvrière*, é preciso que se forme uma *comunidade de destino* para que se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana. *Comunidade de destino* já exclui, pela sua própria enunciação, as visitas ocasionais ou estágios temporários no *locus* da pesquisa. Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados. (BOSI, 1994, p. 38)⁴⁰

A afinidade com o tema e com o os sujeitos pesquisados permitiu, assim, a criação de laços de amizade. Laços esses que, felizmente, não se acabaram com o

⁴⁰ Uma visão alargada do conceito de *comunidade de destino* é oferecida por Leonardo Boff (2012). Ele nos recorda que todos os seres humanos constituem “uma única espécie, ocupando uma casa comum com a qual formamos uma comunidade de destino”. Seguindo esse pensamento, veremos que a atual crise ambiental é algo que atinge a todos, de maneira irreversível e sem possibilidade de retorno. Portanto, a questão de como viveremos sobre a Terra é uma questão que, de certa forma, remete a cada um de nós.

término da pesquisa. Houve, portanto, uma abertura para que o convívio com os ecovilenses pudesse, também, me transformar.

A convivência próxima aos sujeitos da pesquisa permite que os ensinamentos ultrapassem os limites do que é tematizado, levando o pesquisador, que também se assume como objeto, a divisar horizontes até então desconhecidos. [...] Não são lições de casa; são lições de vida. (OLIVEIRA, 1999, p. 266)

Essa abordagem à pesquisa é uma atitude que inviabiliza, por si própria, uma rígida separação entre sujeito e objeto. O olhar que surge daí deve, então, ser móvel, aproximando-se mais do “olhar feminino” benjaminiano do que do “ponto de vista” científico, conforme nos explica Olgária Matos (2006, p. 189-190). Segundo ela, há uma vantagem epistemológica do olhar em relação ao ponto de vista. “O olhar é amplo, móvel, traz consigo uma intensidade própria que faz dele ‘uma maneira de ver’. O ponto de vista, ao contrário, é fixo, imóvel como o da perspectiva geométrico-cartesiana: ele examina, compara, escruta, mensura, separa”. O olhar móvel não faz uma distinção entre sujeito e objeto. “Se existe uma identidade, ela passa pelos caminhos internalizados da alteridade, aquela que assimilamos e que também nos assimila. É o tema benjaminiano da *mimesis*, essa inteligência psicossomática com seu poder de imitação, essa capacidade de reconhecer semelhanças, mas também de criá-las, produzindo novas afinidades entre as coisas”.

Assim, a segunda proposta desta pesquisa – a alternância entre sujeito e objeto – decorre naturalmente da primeira. Eu também fui objeto da pesquisa, pois, compartilhando com os ecovilenses uma *comunidade de destino*, pude sentir suas conquistas e dificuldades como minhas próprias conquistas e dificuldades. Procurei ficar atenta às minhas reações e sensações no decorrer do trabalho, percebendo como as pessoas e as situações também me afetavam. Sendo seres humanos, os pesquisadores sociais também sentem, também afetam e são afetados. Esta pesquisa não buscou, portanto, uma pretensa “neutralidade” científica, mas, sim, assumir as mútuas influências que ocorrem toda vez em que há interações sociais⁴¹. E os ecovilenses também foram sujeitos da pesquisa: foram suas vidas e suas falas que levantaram os temas que aqui são debatidos.

Oliveira (2011, p. 15) faz uma importante ressalva: “Uma relação solidária, marcada pela simpatia não pode, porém, ser confundida com complacência”. Na

⁴¹ Algumas dessas percepções serão descritas no item 2.10- “Percurso da Pesquisa”.

pesquisa é preciso dosar proximidade com distanciamento, para que as afinidades não sufoquem o olhar crítico, e nem deixem de levar em conta a existência de diferenças:

O espaço da amizade, da proximidade, do afeto é também o espaço da discordância, da possibilidade de exteriorizar outra visão e interpretação acerca de problemas comuns, procedimentos que se exercem com distanciamento. Simone Weil desde cedo defendeu que “é preciso que as diferenças não diminuam a amizade e que a amizade não diminua as diferenças”. Muito provavelmente porque, estudiosa das fontes clássicas gregas, tenha entendido a amizade como essa força que nos transforma e ajuda a forjar nossa identidade. [...] Proximidade e distanciamento se mesclam no desdobramento da pesquisa; um e outro são valiosos na exata medida em que capazes de promover o humano a patamares que ultrapassem o imediatismo [...] e, ao invés disso, possibilitem laços de crescimento mútuo entre pesquisados e pesquisadores. (OLIVEIRA, 2011, p. 20-21)

A minha própria afinidade com o movimento das ecovilas exigiu esse olhar crítico, pois essa é, talvez, a minha maior contribuição para o movimento.

Finalmente, a terceira proposta foi a de procurar manter uma ligação constante entre teoria e prática, não só na construção do pensamento, mas iniciando este projeto já com a pesquisa de campo, paralelamente à pesquisa bibliográfica. Novamente é Ecléa quem nos ensina:

Pensar não é uma atividade subjetiva, é um relacionamento entre sujeito e objeto. [...] O pensamento não é uma potência formal que se alimente de si mesmo. Deve voltar-se para o mundo e, se for um pensamento prudente, deve prover com objetos os seus conceitos. A opinião sem recurso aos fatos gera uma razão interna que incorpora a si só o que lhe é semelhante, vindo em tudo confirmação de si própria. [...] O corretivo é a relação do pensamento com o objeto que o liberta do capricho, da volubilidade da opinião pela adesão humilde às coisas. (BOSI, 2003, p. 121-2)

Estas propostas aqui apresentadas, apesar de terem norteados a pesquisa desde seu início, não se apresentaram como tarefas simples. Exigiram um trabalho constante de atenção. Falarei um pouco sobre esses desafios na última parte deste capítulo. Passemos agora ao meu olhar sobre a ecovila.

2.2 Viagem à Comunidade Andorinha

A Comunidade Andorinha está localizada em uma Área de Preservação Ambiental (APA) a menos de duas horas (de carro) da cidade de São Paulo. A viagem até lá é muito interessante: de uma pequena cidade do interior pegamos

uma estrada asfaltada na qual podemos ver sítios, pastos com gado, pedaços de mata nativa e alguns eucaliptais. Árvores floridas ladeiam alguns trechos da rodovia. Nela podemos ver os habitantes locais se locomovendo também em carroças ou cavalos. Após dez minutos nessa estrada, depois de algumas curvas, uma linda paisagem se abre ao viajante: uma espécie de vale e uma represa com algumas montanhas mais altas ao fundo. É hora de sair da estrada asfaltada e entrar numa estrada de terra que contorna essa represa e um córrego que corre para ela.

Logo no início dessa estrada de terra existe uma escolinha municipal de ensino fundamental. Mais adiante, encontramos um ou dois sítios mais sofisticados, com casas grandes e bem acabadas; outros (a maioria) mais simples, com vacas, galinhas, perus, cachorros e outros animais. A estrada esburacada vai fazendo curvas, subindo e descendo as encostas dos montes e, a cada descida, podemos encontrar novos vales e novas paisagens. Passarinhos, borboletas grandes e azuis ou pequenas e amarelas, e flores de todas as cores também estão presentes. À noite, as águas da represa ficam especialmente belas, como espelhos da noite refletindo a luz da lua.

Nos dias de chuva, deve-se ir com muito cuidado, pois muitas poças se formam e qualquer descuido pode resultar num atolamento para os carros menos preparados. Em algumas ladeiras foram colocados blocos de concreto (“bloquetes”), sem os quais a subida, nesses dias chuvosos, seria impossível. Por outro lado, nos dias mais úmidos parece que o cheiro de mato fica mais forte, deliciando o olfato dos viajantes urbanos⁴².

Após atravessarmos duas pontes (locais em que a estrada está mais sujeita aos danos causados pela chuva), avistamos, finalmente, o sítio da D. Edite, sinal de que a comunidade está próxima. São aproximadamente quinze minutos de estrada de terra, quando a pista está seca. Podemos ver, então, à esquerda, a entrada para o Sítio das Nascentes, e à direita, a entrada para a ecovila.

⁴² Essa nova sensibilidade, que exalta as sensações da vida natural, ganhou expressividade, no mundo ocidental, no século XVIII (PAIVA, 2009). Com a urbanização e a formação de uma classe ociosa, o campo já não era local de trabalho duro, de incertezas, de dependência dos climas favoráveis, tornando-se, assim, local de contemplação estética (BERQUE, 2009). Essa exaltação da natureza é tema recorrente, por exemplo, na obra de Rousseau: “Os odores suaves, as cores vivas, as mais elegantes formas parecem disputar à porfia o direito de fixar nossa atenção. Basta amar o prazer para se entregar a sensações tão doces” (ROUSSEAU apud PAIVA, 2009, p. 154).

O terreno da comunidade não é murado, não há portaria ou sistema de segurança. Apenas uma velha porteira de madeira que, durante os nove meses de pesquisa, encontrei sempre aberta. Somente nas últimas visitas é que vi a porteira consertada e fechada (mas não trancada) para evitar a entrada de animais. Ao passar por ela, os margaridões saúdam os visitantes. Mais à frente está a casa do caseiro, do lado esquerdo, e a horta comunitária, com alface, tomate, couve, chicória e outras verduras. Do lado direito da rua encontramos a Casa Um, a única que já estava construída quando o terreno foi comprado. Tecnicamente, a Casa Um pertence à Danuza, empreendedora do projeto. Mas, como já mencionamos, enquanto a comunidade ainda não tem um Centro Comunitário, a Casa Um (e o quiosque que fica em frente à casa) funciona como local de encontro, reuniões e celebrações, além de hospedar visitantes e membros que ainda não construíram suas casas.

O terreno da ecovila está localizado na encosta de um morro e a maioria das casas foi construída em declive. As ruas da comunidade são de terra, com alguns trechos de blocos de concreto. À noite, não há iluminação nas ruas, por opção dos moradores, que preferem a luz natural da lua e das estrelas. Quando caminham à noite, portanto, os moradores devem levar lanternas – algo que me fez lembrar um filme de Kurosawa (*Sonhos*), no qual um viajante, ao chegar a uma aldeia, conversa com um velho:

Viajante – Não há eletricidade aqui?

Velho – Não precisamos. As pessoas acostumam-se ao conforto. Acham que o conforto é melhor. Rejeitam o que é realmente bom.

Viajante – Mas, e as luzes?

Velho – Temos velas e óleo de linhaça.

Viajante – Mas a noite é tão escura.

Velho – É. Assim é a noite. Por que a noite deveria ser clara como o dia? Eu não ia querer noites claras, que não deixassem ver estrelas.

Da Casa Um, a rua principal segue subindo pela encosta. Andando por ela, passamos por algumas casas e, mais à frente, uma trilha que leva até um terreno que é coletivo – isto é, que pertence à Associação dos Moradores da Andorinha – e onde será construído o Centro Comunitário. No início da trilha fica a composteira comunitária (cujas funções serão explicadas mais adiante). A rua continua subindo até chegar a uma rotatória, de onde surgem duas ruas. Uma desce um pouco até o pomar, que também é comunitário, algumas casas e uma área de mata preservada

(que é considerada uma APP - Área de Preservação Permanente). E a outra rua sobe até o topo do morro e leva às casas construídas lá no alto. Nestas, a vista do vale lá embaixo e da represa é estonteante.

Existem cinco nascentes de água e três córregos na comunidade, exigindo um planejamento do terreno de forma a preservar esses recursos hídricos, incluindo projetos de reflorestamento (ainda não totalmente aplicados) de matas ciliares, isto é, vegetação de margens de rios e nascentes que protegem o curso e a qualidade da água. Além disso, a comunidade procura tomar extremo cuidado com o tratamento dos esgotos para preservar a água, que passa por exames periódicos de qualidade. No planejamento da ecovila, um terço do território é destinado a áreas preservadas ou de reflorestamento.

2.3 As casas

Ao comprar um lote na Andorinha, a pessoa assina um contrato no qual estão previstas certas exigências com relação à construção. Estas visam reduzir o impacto visual e ambiental das obras e estimular o uso de técnicas *sustentáveis*, ou seja, técnicas que possam cumprir sua função no presente sem diminuir os recursos naturais que serão deixados para as futuras gerações⁴³. Foi criado, também, um organismo interno para fiscalizar e auxiliar os compradores no cumprimento dessas exigências.

A primeira exigência é a captação de água das chuvas, que é então usada, principalmente, na rega dos jardins. Em uma das reuniões, Nelson reforçava aos ecovilenses a importância de utilizarem *muita* água da chuva. Mesmo com todo o potencial hídrico que existe na ecovila é importante preservá-los, já que o número de moradores tende a aumentar e, conseqüentemente, também o uso da água. “Para

⁴³O termo “sustentável” foi introduzido na linguagem política pelo Clube de Roma em 1972 (em um relatório intitulado “Limites ao Crescimento”). No entanto, segundo Grober, nas ciências florestais o termo tem raízes muito mais antigas. “Sustentabilidade’ é uma modificação, extensão e transferência semântica do termo ‘produção sustentada’. Essa tinha sido a doutrina e, de fato, o ‘santo gral’ dos silvicultores em todo o mundo por mais ou menos dois séculos”. A essência da “silvicultura de produção sustentada” era a necessidade de cada geração de sustentar seus recursos em um alto nível e entregá-los não diminuídos para seus descendentes de forma a estabilizar as comunidades e sustentar a própria vida (GROBER, 2007, p. 6-7, tradução nossa).

lavar roupa, precisa ser água mineral?”, perguntou. “Pode ser água da chuva. Isso é de muita importância, uma questão de *sobrevivência da comunidade*”. Segundo ele, algumas pessoas não gostam de tomar banho com água da chuva, mas isso se dá por uma questão pessoal “e não químico-fisiológica da água”, ressaltou. Outra dificuldade encontrada na ampliação do uso de água da chuva na cozinha e nos banheiros é a complicação que isso gera na hora da construção, pois exige que sejam feitas duas tubulações diferentes em toda a casa, o que acaba se tornando muito caro.

No contrato também é recomendado o uso de fontes de energia renováveis. A maioria das casas possui painéis solares para o aquecimento das águas dos banheiros. Algumas pessoas instalaram lâmpadas movidas à energia solar. Dois dos moradores da Andorinha, ambos engenheiros, estão realizando pesquisas (de livre iniciativa) para ampliar o uso desse tipo de energia e da energia dos ventos⁴⁴.

Também é recomendado o uso de materiais sustentáveis e de baixo impacto ambiental nas construções. Para isso, os membros procuram dar preferência para pedras e outros materiais retirados do próprio lugar (deixando, assim, de consumir combustíveis fósseis pelo transporte de materiais), além de reaproveitar portas, janelas, e outros materiais usados. O uso de madeiras nobres, madeiras tratadas com produtos tóxicos ou madeiras não certificadas são explicitamente proibidas. O uso do concreto é evitado. Isso ocorre porque, segundo a ecovilense Andressa:

O cimento requer uma enorme quantidade de energia para ser fabricado e esse processo ainda emite à atmosfera uma tonelada de CO2 para cada tonelada de clínquer produzida. [...] Além disso, tem a extração das matérias-primas, feita por grandes mineradoras que geram impactos significativos ao meio ambiente. Tem ainda o transporte desse material, que consome combustível fóssil e o problema do descarte inadequado de entulho, que também gera impactos.

A ecovila acaba por se tornar, também, local de experimentação em bioconstrução. Além das casas que utilizam a tradicional técnica de *tijolos de adobe*,

⁴⁴ Aqui também existe uma dificuldade, mas de ordem legal, para a ampliação do uso da energia solar nas casas. Segundo o ecovilense Guilherme, a lei permite que você tenha dois circuitos com fontes de energia diferentes: uma com energia elétrica fornecida pelo governo, e outra com a energia captada pelos painéis solares. Dessa forma, toda a fiação deve ficar separada. Não é permitido, portanto, integrar as duas fontes em um mesmo circuito de forma a usar a energia solar para ligar equipamentos domésticos e, na falta desta, automaticamente entrar em uso a fonte de energia comum, por exemplo. Guilherme diz que nos EUA e na Europa a legislação é diferente do Brasil, permitindo relógios reversíveis. Segundo Thiago, a ecovila de Findhorn é mantida, principalmente, pela venda de energia eólica. Lá existe um relógio de energia reversível: se eles estão consumindo energia, eles recebem a conta. No entanto, com o tempo, eles passaram a produzir tanta energia, que o relógio tem andado “para trás”, ou seja, eles estão vendendo energia para o governo.

isto é, tijolos feitos com terra do próprio local que são secos ao sol e ficam prontos em poucos dias, duas novas casas estão sendo construídas com a técnica chamada *superadobe*. Essa técnica consiste em preencher sacos de rafia com uma mistura de terra feita no próprio local da obra, e empilhar esses sacos, socando-os para que fiquem firmes. Quando a parede está levantada, os sacos são queimados para que a terra que estava dentro de cada saco se solidifique em uma única estrutura. São literalmente casas de terra, cujo interior se mantém numa temperatura sempre fresca. Essa técnica é extremamente simples de fazer e tem baixíssimo custo⁴⁵. O uso do *superadobe* ainda é visto com receio por algumas pessoas e todos na comunidade estão muito curiosos para saber como vão ficar, e se precisarão de muita manutenção.

Outra técnica interessante de construção é o *telhado verde*, que é um telhado coberto por terra e plantas, que embeleza a casa, mas exige cuidado constante. Uma característica das casas ali é o uso de grandes janelas de vidro voltadas para o leste, que possibilitam a entrada de luz solar e diminuem o consumo de energia para acendimento de lâmpadas. Já as áreas externas dos lotes são usadas para o plantio de jardins ou hortas individuais.

A separação do lixo também é obrigatória na ecovila. O lixo doméstico é dividido em: *lixo orgânico* (restos de alimentos, folhas, frutas, etc.), *materiais recicláveis* (embalagens de plástico, papel, metal e vidro) e *lixo não-reciclável* (pilhas, etc.). Papéis higiênicos são queimados. A maioria das casas possui, também, suas próprias composteiras, que fazem a decomposição controlada dos *resíduos orgânicos*, transformando-os em adubo. As composteiras que são usadas na ecovila consistem em uma simples caixa de madeira sem fundos, ou um pedaço de terra (de aproximadamente um metro quadrado) cercado por uma rede com mais ou menos um metro de altura. Nesse espaço, os materiais orgânicos (os restos de alimento) vão sendo depositados, intercalados com camadas de palha, serragem e outros materiais secos. Com isso, a própria natureza se encarrega de transformar o lixo em húmus, rico em nutrientes, para ser aplicado nas hortas e jardins.

⁴⁵ A construção com adobe é uma técnica milenar, associada aos primeiros anos das civilizações do Nilo, Tigre, Eufrates, Hindu e Huang He (GUILLAUD e HOUBEN, 1995, p.13). A técnica de *superadobe*, mais moderna, é extremamente simples e rápida. A casa de Rogério foi levantada em apenas 50 dias. Em contrapartida, tanto a técnica do *adobe* quanto do *superadobe* apresentam uma dificuldade a mais: a de encontrar mão-de-obra que saiba utilizá-las.

O esgoto das casas é tratado por um sistema chamado Lavoisier, que consiste, resumidamente, em um tanque no qual algumas bactérias consomem a matéria orgânica mais densa (a que polui os lençóis freáticos), e o restante desce pelo terreno sendo naturalmente absorvido pela vegetação. Leda explica melhor o sistema usado em sua casa:

A gente precisa captar, dependendo da situação, em dois sistemas: um de vasos e o outro de águas de pias, etc. O de águas de pias vai pra irrigação do lugar, o de vasos vai pra um tratamento específico que chama Sistema Lavoisier, que é de vasos comunicantes e de limpeza. E depois ele é reaproveitado. No nosso aqui em casa é tomado mais cuidado ainda. Nós tivemos a preocupação de fazer dois sistemas. Fizemos um sistema pronto que é da AquaLimp que chama biodigestor, que segundo as indicações do fabricante e da ANVISA seriam suficientes pra limpar a água, mas porque estamos em cabeceira de nascente, nós tivemos a preocupação de fazer, além dele, o sistema Lavoisier contíguo. [...] Em ambos o que acontece é a digestão dos elementos por bactérias, por microorganismos. É basicamente isso, são microorganismos que digerem os elementos do esgoto e isso é filtrado. E quando é devolvido pra natureza já não tem os coliformes agressivos, volta pra natureza como adubo.

Cabe ressaltar que construções ambientalmente responsáveis não significam desconforto. As casas ali são grandes, bonitas e confortáveis, com vários quartos, salas espaçosas, escritórios e banheiras de hidromassagem. Algumas pessoas de fora da ecovila chegam a criticar esse aspecto, afirmando que casas sustentáveis deveriam ser pequenas e multifuncionais. Para a ecovilense Leda, entretanto, mais importante do que ter uma casa “minimalista” é procurar uma coerência com o modo de vida. Não é uma técnica específica que determina a consciência ecológica. É preciso haver um *todo* coerente.

2.4 Vida cotidiana

Como já foi dito anteriormente, os membros da Comunidade Andorinha possuem seus trabalhos na cidade próxima, em São Paulo ou Campinas. Dessa forma, enquanto muitas comunidades alternativas possuem projetos agrícolas e buscam a autossustentabilidade, isto é, produzir quase a totalidade dos alimentos que seus membros consomem, este não é o foco deste grupo. Afinal, os membros mais ativos da Comunidade Andorinha são, em sua maioria, pessoas com mais de 50 anos de idade. Com poucas exceções, são todos urbanos e com formação superior. Incluem ex-administradores de empresas, psicólogos, médicos e

professores universitários, ou seja, pessoas que, em sua maioria, não tem experiência em mexer com a terra.

Lucas, bioconstrutor que está trabalhando em uma das casas na ecovila, critica essa característica da Andorinha que, segundo ele, é “um loteamento urbano na roça”. Rodrigo, por outro lado, acredita que trabalhar a terra não é o mais importante aspecto de uma ecovila:

Eu sonho, sim, que as pessoas fossem mais presentes, que fossem mais terra. Mas, como eu disse, é o meu desejo. Mas as pessoas têm o seu tempo de voltar pra terra, sabe? Por exemplo, eu vejo muitas pessoas que evoluíram aqui dentro. Gente que tinha medo de pisar no chão, porque “tem bactéria” (não sei por que vem pra cá!), mas hoje em dia já anda descalço. Então, já houve uma evolução. Já não fica o tempo todo de luvas com medo de se contaminar. Já é uma evolução. Então eu fico contente com essas pequenas evoluções. É como eu sempre falo: o caminhante não tem que chegar nalgum lugar, ele tem que caminhar. E o caminhar é que faz o prazer, a alegria da coisa, não é? Se chegar, acaba tudo. Cheguei, então acabou! Então esse caminhar é que vê as pessoas evoluindo, o grupo se harmonizando. Pra mim, isso é ecovila. Não é só ficar comendo o repolho que eu plantei. Isso é fácil, isso é fase. Eu já vivi assim. Eu sei que é fácil, mas eu também não quero mais só isso. Eu já passei por isso e não tenho que provar nada pra ninguém. [...] Só que aqui as pessoas não têm essa expertise ainda. Eles estão sonhando com isso, então tem que dar tempo ao tempo.

Segundo ele, ainda não é o momento da Comunidade Andorinha investir nesse tipo de projeto.

Quando eu era mais mocinho, a gente estava em busca dessa autossuficiência. Na verdade é uma coisa de ego também, porque eu vou dar um exemplo: um repolho. Aqui, pra eu plantar o meu repolho... Eu planto o meu repolho porque eu gosto do meu repolho, mas o tempo que eu gasto com o meu repolho (que eu vou comprar na quitanda por dois reais), eu gastei muito mais pra produzir esse repolho aqui. Está certo que é meu, sem veneno sem nada. Mas eu posso comprar um repolho orgânico também por três ou quatro reais, que vai sair mais barato que o meu até, se eu for colocar o meu tempo, entende? Mas não é isso que põe na balança. Então muitas coisas não me interessam. A comunidade como um todo também não se interessa, porque as coisas ainda são muito baratas de comprar. [...] Então por enquanto ainda... Essa questão de “Ah, não compro arroz nem feijão”, é uma questão de ego, porque a pessoa, se colocar na ponta do lápis, não está precisando fazer isso. Vai chegar o momento em que vai precisar, algum momento de crise. Mas pra isso ainda tem sinais, e nós não vamos escolher nem arroz, nem nada, nós já temos as plantas próprias pra cá. Porque produz muito mais o tanto de caloria por muito menos, então já temos. Mas por enquanto não precisa. [...]

Primeiro, ninguém aqui tem know-how agrícola. Só um ou dois ou três. E não dá pra depender dessas duas ou três pessoas. A maioria não sabe plantar nada, por isso é diferente de uma comunidade agrícola. Uma comunidade agrícola, como eu conheço, como umas comunidades japonesas que eu sei, eles plantam de tudo, pouca coisa eles compram fora, mas aí é a expertise deles. O doutor George, uma hora de consulta com ele paga 20 horas de um homem na enxada, entendeu? Então pra quê que ele vai pegar na enxada se a expertise dele não é a enxada? Então tem isso aqui, não é? Então, por enquanto, pra gente não interessa porque não chegou o momento ainda. Vai

chegar. Eu acho aviltado um repolho por dois reais, porque o trabalho que dá pra produzir um repolho é muito mais que dois reais. Vai chegar um momento em que um repolho vai valer mais que um carro, mas não chegou esse momento ainda, entende? Então, eu já passei por situações de isolamento em que o produto vale muito. Mas por enquanto ainda não é o momento, o momento agora é de construir uma infraestrutura.

Existem alguns membros que têm experiência com a terra e que já produzem alguma coisa em seus lotes. Naomi, por exemplo, acredita que a comunidade deveria focar mais na produção agrícola:

Eu não acredito no dinheiro. Não acredito no cartão nem no dinheiro, isso também é outra ilusão que a humanidade tem. Eu nunca acreditei, e eu acredito na terra, naquilo que você planta e naquilo que você colhe pra comer: um chuchu, uma mandioca, uma batata.

Ela, além de fazer trabalhos manuais, participando ativamente da construção de sua casa, cuida de sua exuberante horta. O almoço em sua casa sempre inclui uma mandioca, um repolho ou algum ingrediente colhido na hora.

Gostaria que aqui fosse povoado por gente mais jovem – confessa Naomi – com crianças, com pessoas mais “pé no chão”, sabe? Chinelo de dedo, andando descalço, tomando chuva, deitando no barro, se enlameando, pegando bosta de vaca com a mão, sabe? Um pessoal mais... Que esse é o meu perfil também, não é?

O casal Igor e Ieda preferiu comprar terras na vizinhança e estão fazendo seus próprios projetos agrícolas individualmente. Os outros estão descobrindo agora essa relação com a natureza:

Olha, no começo você fica assim meio peixe fora d'água – conta Thiago – porque eu não tenho cultura de morar em casa, sempre morei em apartamento. A Natália já morou em casa. E eu não entendo nada de terra, de plantio, essas coisas. Então eu tive que “mudar o chip”, vamos dizer assim. O silêncio, o vento, os ritmos, acordar mais cedo, dormir mais cedo. Até você começar a entender essas dinâmicas da natureza, você tem que se acostumar. Depois você começa a ficar mais sensível e você fala: “Olha! Aquela plantinha nasceu, não estava aqui!” “Aquela formiga apareceu.” “Olha, aquele passarinho é novo porque eu não me lembro desse som”. Você acordar de manhã e ter aquele silêncio absoluto, não ter ambulância, não ter carro de bombeiro, polícia, não ter taxi buzinando... Tem gente que vem aqui e fica super incomodada com o silêncio. Eu digo que é um “silêncio ensurdecedor”. Mas é uma outra dinâmica. E não tem internet, não tem televisão. O que você vai fazer? Você vai curtir a sua casa (a sua casa eu digo o espaço interno e externo) e vai curtir o entorno e as pessoas, é isso que a gente faz. Eu brinco que a gente só tem uma refeição por dia, que é o dia inteiro! Toda hora nós estamos comendo, indo tomar café, vai na casa de alguém, conversa. Então a gente procura vivenciar muito mais as relações do que a gente teria em São Paulo, por exemplo, que eu moro em prédio e muitas vezes eu não conheço o vizinho de porta, não é?

A ecovilense Inês também cresceu num ambiente urbano. Quando está na ecovila, entretanto, nos seus momentos de folga, gosta de cuidar de sua horta. Orgulha-se das suas experiências de plantio, como umas lindas flores de alcachofra

que viraram motivo para um jantar com os amigos. À noite, ela e seu marido muitas vezes saem para caminhar sob a luz da lua e das estrelas.

Vê-se, portanto, que mesmo sem trabalhar diretamente com agricultura, todos os ecovilenses procuram essa relação mais íntima com a natureza, o que acaba por influenciar os ritmos das atividades.

Eu gosto dessa amplitude de vista que a gente sente – disse Inês. Eu gosto do ritmo pausado. Eu gosto que a gente consegue se conectar muito bem com o ritmo da natureza. Então depois de um dia aqui, você já começa a seguir: você acorda junto com o sol, os horários do dia parecem que estão conectados com seu ritmo interno... E a hora que vai anoitecendo você também vai diminuindo. Isso traz um bem-estar muito grande. Isso é uma coisa que eu gosto muito. Durante a semana, são poucas pessoas que estão aqui, então a gente tem uma vida mais introspectiva, mais dentro de nós mesmos. E aí dá a sexta-feira, já começa a chegar o pessoal de fora. E aí também é muito gostosa essa convivência de amigos: chegar em casa, entrar, conversar, tomar café, jantar junto, aí tem uma coisa bem ativa, não é? Eu gosto muito dessa vida.

Em geral, os horários de pico do sol determinam os momentos de pausa. Para aqueles que produzem alguns alimentos, o ritmo das plantas determina, também, o cardápio do dia.

E tem ritmo – diz Rodrigo. Eu aprendi assim, chama-se sadhana, que é o ritmo. Como eu sou apreciador de música, eu sei que o universo funciona em tempos corretos: as estações, as translações, as lunações. Tudo é um ritmo, tudo é um tempo, e tem um tempo correto, então é música. [...] Então aqui eu acordo com a luz. Eu tenho uma janela no meu quarto sem cortina pro leste. Clareou, meu subconsciente já “Acorda!”. Cantou o passarinho, o tico-tico, “Acorda!” O sabiá e o tico-tico são os primeiros que acordam. O bem-te-vi é o último que acorda, não dá pra se espiar por ele... Então, cantou o sabiá laranjeira, eu acordo. Quando tinha um galo eu acordava com o galo. Mas clareou, eu acordo, seja que relógio for, não importa se é seis ou cinco, clareou eu acordo. Aí eu tenho um ritmo, eu tenho um sadhana que eu faço: eu tomo banho frio, eu faço ioga e meditação. Então, sete horas eu já fiz tudo isso. [...] Então, a partir das sete e meia, oito horas é quando o dia de serviço começa. Aí depende do que está acontecendo, às vezes tem coisa de plantio, às vezes tem coisa de construção, às vezes tem “n” coisas pra fazer. Então eu tenho na cabeça tudo que é pra ser feito, e a gente trabalha debaixo de sol até dez horas. Depois de dez horas em diante, normalmente algum serviço na sombra, ou ligado à marcenaria, ou ligado a alguma coisa assim. Aí almoça... Quem faz o almoço? Depende, a maior parte sou eu. Eu gosto de cozinhar e também porque eu sei onde está tudo aqui... Por exemplo, eu sei que se não comer aquela alface agora, vai pendoar, vai ficar amargo, então tem que ser ela. Aquele repolho vai rachar e dar semente, então tem que ser aquele repolho. Então o cardápio vem de acordo com o cronograma das plantas que tem. Não pode falar: “ah hoje eu quero repolho!” Não, não vai dar, hoje vai ter que ser alface com chicória. Por quê? Porque tem que ser esse daqui senão vai pendoar. Então tem um calendário também do timing das plantas e quem planta é que sabe. Então, a gente obedece a um calendário diferente do calendário aí de fora, porque é o calendário do timing das plantas que a gente plantou aqui. Isso é muito legal, porque você fica no ritmo da natureza daqui, entendeu?

Na ecovila, a televisão não faz parte do cotidiano. Na maioria das casas a TV só é usada eventualmente para ver filmes no DVD. Dessa forma, as pessoas buscam outras atividades menos passivas, tanto em termos de ação física quanto de encontro com outras pessoas. Esse foi um dos aspectos que atraiu Thiago quando visitou pela primeira vez uma ecovila:

Uma das coisas que eu achei muito legal, que eu não conhecia, era aquela história de fazer danças junto, de fazer meditações junto, cantar junto, comer junto, lavar prato junto. Pode parecer uma babaquice, mas me mostrou uma outra dinâmica de possibilidade de vida em sociedade do que eu estava acostumado aqui em São Paulo.

As pessoas também se visitam mais. Principalmente os finais de semana são os dias em que mais pessoas estão presentes na comunidade, e quando se dão as reuniões, almoços comunitários e celebrações.

Nos finais de semana o ritmo muda, porque tem vida social intensa – explica Guilherme. Então passa muita gente em casa, a gente sai pra ver algumas outras casas, trocar visita, muito bate-papo. Algumas vezes os bate-papos são conversas furadas. A maior parte das vezes os bate-papos são conversas mais sérias: “Vamos arrumar o mundo?” “Vamos!”. Filosóficas...

Nos finais de semana – conta Thiago – basicamente é o mesmo, só varia um pouco em termos de contato social, que é mais intenso, porque é quando mais pessoas veem. Então a gente encontra mais pessoas, às vezes têm aqueles almoços comunitários, reuniões, ou a gente compartilha quando tem piquenique. Nesse sentido varia, mas no geral as atividades são as mesmas, quer dizer, a gente não trabalha tanto na terra, com a enxada essas coisas de sábado e domingo porque têm os outros dias pra fazer. Basicamente domingo. Domingo é dia mais de dar uma volta, de socializar, não é?

Outra característica da vida na ecovila é a tentativa de se viver com menos “bugigangas” elétricas e eletrônicas (o que não exclui a presença de alguns eletrodomésticos, como máquina de lavar roupas, liquidificadores, sanduicheiras, etc.), e a valorização do trabalho manual, isto é, fazer mais coisas com as próprias mãos. Isso ocorre inclusive nas construções, nas quais é muito comum a participação direta do proprietário na obra. Guilherme, por exemplo, conta que fez as portas e janelas de sua casa, toda a parte de eletricidade e boa parte da hidráulica. Naomi diz: “Pra mim foi uma coisa deliciosa entrar nesse processo de vir pro mato e *construir*. Fazer parte da construção. [...] Eu assentei piso, hoje eu sei assentar piso, estou mexendo com madeira, estou mexendo com máquina de corte. É uma delícia, eu aprendi bastante.” Thiago conta como isso faz parte de seu dia a dia:

Bom, normalmente eu acordo às sete horas. Aí eu tomo café, dou uma volta, eu molho uma parte das plantas que precisa de manhã. Se precisar eu lavo a roupa, aproveito quando tem sol e coloco pra secar. Se tiver alguma demanda eu vou lá, eu falo com o funcionário. Ou eu faço alguma coisa aqui na casa: por exemplo, prateleiras, cortina, lustre, tudo, nós mesmos que

colocamos. Às vezes não é tão perfeito, mas o prazer de você mesmo fazer e não ter que pagar pra alguém fazer pra você...

A própria proposta de viver afastado da cidade exige que as pessoas abdicuem de certos confortos, como os depoimentos de Naomi e Thiago indicam:

Da minha família – diz Naomi - 90% das pessoas não gostam do mato, 90% das pessoas não querem viver na terra. Mesmo com todo o caos que está em São Paulo, a poluição, o rush e tal, as pessoas não querem. Porque querem tudo “easy”, tudo “delivery”. E aqui é o seguinte: acabou o óleo, não vou pegar 8 km de estrada de terra, mais 15 de asfalto pra buscar o óleo. Eu vou comer sem óleo, entendeu? Você tem que abdicar de algumas coisas aqui.

Eu acho que principalmente quem já tem a sua casa e já está mais aqui sabe que as coisas são difíceis – afirma Thiago – que às vezes você não tem a pessoa na hora e no dia que você precisa e quer; que as pessoas dizem que vêm, não vêm. O ritmo daqui é muito diferente, você não tem um catálogo que você pega o telefone como em São Paulo e tem dez empresas pra fazer o serviço pra você de vidro, de pedreiro, de encanador. Então as pessoas procuram se ajudar e se solidarizar, porque já passaram por isso antes.

Podemos ver que os ecovilenses aqui estudados possuem boas condições financeiras. Poderiam, facilmente, usufruir de todos os confortos do estilo de vida urbano. Poderiam passar os finais de semana em condomínios fechados com toda a infraestrutura já pronta, onde não precisariam interagir com os vizinhos, nem tomar decisões de forma coletiva. No entanto, essas pessoas optaram por um estilo de vida diferenciado, em busca de uma convivência mais humana. Segundo Sabato:

É urgente reconhecermos os espaços de encontro que podem nos salvar de ser uma multidão massificada assistindo isoladamente à televisão. O paradoxal é que essa tela nos dá a sensação de estarmos ligados ao mundo inteiro, quando na verdade ela nos rouba a possibilidade de convivermos de forma humana e, o que é igualmente grave, nos predispõem à abulia. [...] Mas de fato acho que estamos ficando entorpecidos diante da tela, e mesmo quando não encontramos nada do que procuramos, continuamos lá, incapazes de nos levantar e ir fazer algo de bom. Ela nos tira a vontade de trabalhar em algum artesanato, de ler um livro, de fazer um concerto na casa enquanto se escuta música ou se toma um mate. Ou de ir ao bar com um amigo, bater papo com alguém da família. (SABATO, 2008, p. 14-15)

Além de realizarem trabalhos manuais dentro de casa, os ecovilenses participam ativamente de ações coletivas, trabalhando voluntariamente pela comunidade, como nos mostra os depoimentos a seguir:

Além das nossas próprias atividades agrícolas, artísticas e de envolvimento com os nossos projetos de agricultura, do nosso jardim, do nosso sítio – diz leda – nós temos uma atividade intensa com a comunidade, nós trabalhamos muito pela comunidade. Cuidamos dos funcionários, fomos nós que fizemos o pomar, doamos o pomar pra comunidade. Nós administramos os funcionários, fica tudo por nossa conta. Os mosaicos dos nomes das ruas foram feitos por nós. Estamos fazendo barreiras de velocidade que somos nós que escolhemos, trazemos, nós colocamos no lugar.

Algumas coisas você acaba ficando encarregado – conta Guilherme. Não sei, eu acho que sou o único engenheiro que trabalhou com eletricidade mesmo.

Então acabei ficando responsável pelo funcionamento das bombas d'água. Agora, o caseiro toma conta da água. Só quando o problema é um pouco maior ele vem me pedir ajuda.

Olha, eu tenho uma natureza assim: tudo que aparece e que eu sei e eu posso, eu faço – diz Lillian. Eu tenho um espírito meio livre de não ficar me amarrando numa coisa que depois eu me sinta chateada de estar fazendo. Eu gosto muito da parte de construção. Então, está com dificuldade da parte de intercâmbio com a prefeitura, eu vou lá e resolvo as coisas com a prefeitura. Você não pode imaginar o que já foi a estrada! Eu consegui muita melhoria na estrada. [...] Eu não sou muito da terra, de conseguir por a mão na enxada. Meu hobby, e o que gosto de fazer e já fiz muito: projetos. E eu doo. Doe pra cá [o projeto do Centro Comunitário]. E o que for necessário, se eu vejo uma coisa que precisa, que eu sei, eu me disponho. Assim, meio coringa.

Bom, atualmente eu sou presidente da associação – conta Thiago. A minha função é verificar o andamento dos trabalhos, da relação com os funcionários, verificar que os acordos que nós fizemos sejam cumpridos, a parte do orçamento, dos gastos, a comunicação, as decisões, criar um ambiente pra que a comunidade possa evoluir. Tem demandas que eu provooco, que eu trago, e tem demandas que a comunidade levanta e eu tento fazer essa interface. É como um administrador das ações operacionais da comunidade.

Olha, aqui é como se fosse um coringa – diz Rodrigo – no baralho dos atores aqui, porque se alguém perguntar onde está um cano de três polegadas enterrado, eu sei onde está. Ninguém viu eu enterrar esse cano de três polegadas e se alguém perguntar onde é que tem uma boca de lobo, eu sei onde está, porque eu acompanhei desde o início. Então é quase que um memorial de tudo o que aconteceu aqui, está comigo. [...] Tem coisa que só eu que faço mesmo. Agora não, agora distribuiu, agora até faço questão de não me colocar na frente de nada, porque agora criam grupos de trabalho e esses grupos têm quem mexa. Então a agricultura é o Otávio, elétrica é o Guilherme, contabilidade é o Roberto. Então pra mim sobrou o meu mil metro. Então o meu repolho, a minha horta, está tudo lá. Mas eu fico de reserva, aquela reserva técnica, aquele saber antigo.

Todos esses aspectos acima apresentados: procurar uma relação mais sensível com a natureza, evitar a televisão, se visitar mais, fazer as coisas com as próprias mãos, abdicar de certas facilidades, doar trabalho para a comunidade, tudo isso pode ser entendido como uma tentativa de superar a passividade e o individualismo que predominam nas cidades contemporâneas.

2.5 O cuidado com a Terra

O dia a dia dos ecovilenses está permeado de ações ecológicas⁴⁶. Uma delas, que está presente em todas as casas, é a separação do lixo e compostagem

⁴⁶ Bonfiglioli (2008) relata o surgimento do termo “ecologia” (do prefixo 'eco', o 'oikos', de 'casa'), criado por Haeckel em 1866 para nomear uma nova epistemologia: uma biologia que aceitasse e incluísse a teoria da evolução para entender como os seres vivos se relacionam com o ambiente natural e como se adaptam e se transformam para poderem sobreviver. Dessa forma, cabe utilizar

dos resíduos orgânicos, acima descrita. Certo dia, eu estava na casa de Naomi. Ela e sua ajudante estavam retirando o húmus resultante da compostagem para aplicá-lo na horta. Naomi, então, me chamou e disse: “Cheira! Olha que delícia, que terra rica! Isso é Vida! Todas as sementes e os restos de alimentos voltam pra terra e geram novos alimentos, geram vida! Mas as pessoas acham que não, que o legal é botar concreto em tudo e mandar os resíduos pra um aterro”. Fiquei pensando nessa observação e achei coerente essa analogia entre compostagem e vida, e sua oposição, que seria a relação do lixo comum com a morte. Pois a maior parte dos resíduos orgânicos gerados nas cidades brasileiras vai para “lixões”, onde geram um chorume muito concentrado que polui os lençóis freáticos, além de gerarem gases também tóxicos⁴⁷. E os resíduos, estando dentro de sacos plásticos, não entram em contato com a terra – não se fecha o ciclo natural da vida. A compostagem, ao contrário, devolve os resíduos orgânicos para a terra, que se enriquece, que reabsorve seus nutrientes, e que gera adubo, terra altamente nutritiva.

Quando foi passar alguns dias no meu apartamento em São Paulo, Naomi demonstrou uma tristeza sincera ao ver todos os resíduos orgânicos indo para o lixo comum. Já Lilian, por exemplo, é menos entusiasta e prefere não ter composteira em sua casa, levando seu resíduo orgânico para a composteira comunitária, que é cuidada pelos funcionários da ecovila.

Outra preocupação dos ecovilenses é a de darem preferência aos materiais reutilizáveis. Por exemplo, em todas as casas o café é feito em coador de pano, e

aqui o termo “ecológico” por se tratar de uma visão privilegiadamente científica da relação entre homem e natureza, ligada ao pensamento ocidental, ainda que contenha críticas a ele. Ao contrário das comunidades indígenas ou ribeirinhas, cujas ações são guiadas por mitos e tradições culturais (e na qual não se costuma falar em ações “ecológicas”), na ecovila as ações são engendradas, em sua maior parte, a partir do conhecimento científico. Segundo Bonfiglioli, o “discurso ecológico contemporâneo estabelece normas de conduta a partir da cidade, ou melhor, do espaço urbanizado [...]. Ainda que haja componentes românticos no discurso ecológico, eles estão constantemente em atrito com os valores científicos e tecnológicos da ideia de progresso humano norteado pela razão, que é o âmago do pensamento iluminista. Não pode haver liberdade, fraternidade e igualdade sem a intervenção da razão” (BONFIGLIOLI. Mensagem recebida por e-mail em 03/01/2012).

⁴⁷ “Segundo a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2002), a população brasileira é de aproximadamente 170 milhões de habitantes, produzindo diariamente cerca de 126 mil toneladas de resíduos sólidos. Quanto à destinação final, os dados [...] indicam que 63,6% dos municípios brasileiros depositam seus resíduos sólidos em “lixões”, somente 13,8% informam que utilizam aterros sanitários e 18,4% dispõem seus resíduos em aterros controlados, totalizando 32,2%. [...] O depósito de resíduos sólidos a céu aberto ou lixão é uma forma de deposição desordenada sem compactação ou cobertura dos resíduos, o que propicia a poluição do solo, ar e água, bem como a proliferação de vetores de doenças. Por sua vez, o aterro controlado é outra forma de deposição de resíduo, tendo como único cuidado a cobertura dos resíduos com uma camada de solo ao final da jornada diária de trabalho com o objetivo de reduzir a proliferação de vetores de doenças”. (FERREIRA e ZANTA, 2003, p. 1-2)

não descartável. Hugo, que trabalha na ecovila com bioconstrução, e Larissa, sua esposa (que não moram na Andorinha, mas é como se fizessem parte da comunidade) usam somente fraldas de pano na sua filha pequena. E são fraldas modernas, com modelos ajustáveis e cores estampadas. Esse casal se orgulha em dizer que sua filha nunca usou uma fralda descartável sequer. Naomi quase não usa guardanapos de papel, nem aqueles panos de limpar pia cheios de furinhos, pois rasgam facilmente. *Todo* o lixo de sua casa é levado para a composteira ou reciclado. Ela toma o cuidado de não criar nenhum tipo de lixo para o qual não possa dar uma destinação ambientalmente correta. Também se orgulha de não ter retirado uma caçamba sequer de entulho quando terminou a construção de sua casa. Procurou reutilizar ou guardar todo o material que sobrou. Ieda usa em sua casa uma vassoura bem velha e desgastada. Ela me disse que usa as coisas até não poder mais. Quando não desse mais, ela reciclaria a parte de baixo da vassoura e reutilizaria o cabo para uma vassoura nova. Quando o cabo estivesse também muito gasto, reciclaria a ponta de borracha e usaria a madeira quando fizesse uma fogueira. Ela também costuma pegar azulejos velhos que encontra na cidade para fazer mandalas de mosaico.

Outro produto muito usado é o *mooncup*, um copo de silicone feito para mulheres. De uso interno, esse copo recolhe o fluxo menstrual e pode ser lavado e reutilizado. Além de econômico (usa-se apenas um copo por toda a vida), ele é ecológico (pois torna desnecessário o consumo contínuo de absorventes e seu descarte no meio ambiente).

Todos esses exemplos apontam para um cuidado com a redução do consumo e, conseqüentemente, do descarte, pois entendem que os recursos naturais não são inesgotáveis. Sobre isso, Rutkowski, Pereira e Mello (2008, p. 116) afirmam:

A matemática da economia para o consumo que satisfaça os desejos ilimitados de conforto sempre desconsiderou duas incontroversas variáveis em sua equação: de onde vem a matéria-prima e para onde vai o resíduo descartado? [...] A insustentabilidade da economia produtiva é caracterizada por fluxos industriais de sentido único, nos quais matéria e energia de baixa entropia são transformadas continuamente em formas com alta entropia, não integradas nos ciclos naturais. Dessa forma, o fluxo linear de produção e consumo, tido como padrão e/ou meta, é contrário aos sistemas naturais que se autoequilibram, se ajustam e se “purificam”.

Os mesmos autores chamam esse modelo de fluxo linear de *CUD* – *Compre muito, use pouco e descarte sempre*. Para eles (p. 118), a “interdependência da produção com o consumo remete à pessoa e às suas práticas como consumidor”, e

tanto o indivíduo quanto a coletividade têm uma responsabilidade ética com a transformação do modelo CUD para o modelo 3Rs, ilustrado na figura abaixo:

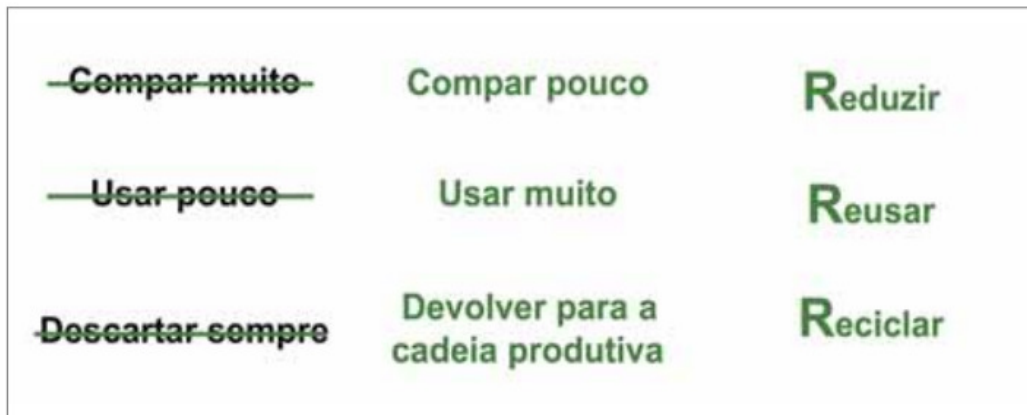


Figura 1 – Do modelo CUD para os 3Rs (Fonte: RUTKOWSKI; PEREIRA; MELLO, 2008, p. 118)

Dessa forma, os ecovilenses procuram *não* entrar na lógica do consumo desenfreado e *se recusam* a participar de certos estereótipos culturais que ditam o que é bom (geralmente o mais novo, o que “está na moda”) e o que é belo (algo novo, comprado, industrializado): “Faz parte da estética neocapitalista o desprezo pelas coisas gastas, usadas, com marcas de trabalho e da vida. Preferem-se objetos novos, frios, protocolares. No entanto, os velhos objetos estão impregnados de biografia e de memória” (BOSI, 2003, p. 167). Para Walter Benjamin (1985, p. 40), o novo – qualidade que independe do valor de uso da mercadoria – é a essência da falsa consciência, cujo agente é a moda. “Do lado dos *magasins de nouveautés* se colocam os jornais. A imprensa organiza o mercado dos valores espirituais, provocando logo uma alta”.

Para Alfredo Bosi (1987, p. 38), o fato de lidarmos a todo o tempo com objetos que não entendemos, fabricados por uma indústria altamente especializada é algo alienante. A “ideia de que ter cultura é possuir uma alta soma de objetos da civilização” é “uma ideia (ou uma atitude) que nos barbariza; no fundo somos bárbaros no sentido de que usamos os bens mas não conseguimos pensá-los”.

Quando falamos de responsabilidade socioambiental, muitas pessoas acreditam que o consumo responsável é simplesmente escolher marcas de empresas que não agridam ao meio ambiente ou que possuam ações de responsabilidade socioambiental. Rutkowski, Pereira e Mello (2008, p. 119) classificam essa concepção de “consumo verde”. Trata-se da incorporação da

variável ambiental ao poder de escolha do consumidor. No entanto, esses autores ressaltam que, apesar de auxiliar na redução dos problemas ambientais, esse tipo de consumo não induz o consumidor a repensar seu papel social. “Há, quase sempre, uma simples troca de marca de produto não uma avaliação sobre a necessidade de adquiri-lo. Esse novo hábito consumista tem sido usado pelas empresas como diferencial de lucratividade” (RUTKOWSKI; PEREIRA; MELLO, 2008, p. 120). É por isso que Vicki Robin intitulou seu artigo de *O (não) consumo verde*. Ela sugere, antes de cada ato de compra, uma reflexão sobre a real necessidade de adquirir aquele produto:

E se, a cada ato de compra, nos perguntássemos “Será que este produto vai me trazer satisfação proporcional à quantidade de energia da minha vida que estou gastando para obtê-lo?” Se você ganha \$10/hora, uma blusa de seda pode custar um dia da sua vida. Talvez valha a pena se você usa bastante a blusa, até ela acabar. Mas se ela fica pendurada no seu guarda-roupa, é muito delicada para usar, o quociente de satisfação é bastante baixo. Examine suas possessões atuais. Quantas passam pelo teste de satisfação? Nossas garagens, guarda-roupas, sótãos e porões estão cheios de itens sem uso, ou pouco usados, que não nos dão nenhum prazer, e de fato nos custa dinheiro para armazenar e segurar. Todas essas coisas representam horas desperdiçadas de nossas vidas e recursos globais jogados fora. Cada dólar desperdiçado representa meio litro de petróleo desnecessariamente extraído e queimado – ou seja, energia consumida em transformar um pedaço do planeta num pedaço de porcaria do seu porão. Faça uma venda. Compartilhe a riqueza. Reduza àquilo que lhe traz satisfação, e nada mais. Logo você vai atingir o ponto mágico do “bastante”. (ROBIN, 2007, tradução nossa)

Essa reflexão sobre o consumo pode ser entendida como uma forma de resistência, pois indica uma recusa dos sujeitos em serem coniventes com uma lógica que perpetua a desigualdade e a entropia poluente. Em vez de buscarem a felicidade por meio do consumo de comodidades, eles encontram outras formas de gratificação, como veremos mais adiante.

Na ecovila, a preocupação com o consumo se estende, também, aos alimentos. Todos os ecovilenses, mesmo os que não plantam, dão preferência para alimentos orgânicos e produzidos localmente (queijos, leite, ovos), pois o transporte de alimentos por longas distâncias contribui para a poluição do ar e consumo de combustíveis fósseis. Rodrigo prefere comer no café da manhã produtos brasileiros, como a tapioca (derivada da mandioca) e o cuscuz (derivado do milho) ao invés do trigo que, segundo ele, é quase todo importado⁴⁸.

⁴⁸ Rodrigo me contou que o trigo não cresce no Brasil, apenas em países mais frios. No Brasil, antigamente, se comia, no café da manhã, mandioca (em forma de tapioca) ou milho (em forma de cuscuz). No entanto, em certa época, os Estados Unidos teve uma superprodução de trigo e quis

Todos os ecovilenses são contra o uso de organismos geneticamente modificados (OGM), como os transgênicos, e contra o uso de agrotóxicos. Entendem que o uso de OGM e de agrotóxicos deve ser substituído pelo cultivo orgânico – não só por causa das implicações do uso de tais tecnologias ao meio ambiente e à saúde humana como, também devido às suas implicações sociais. Os OGM são formulados, em grande parte, de forma a permitirem o uso de altas doses de agrotóxicos, sendo especialmente úteis em monoculturas extensivas, nas quais é mais difícil o controle de ervas daninhas e pragas. Tanto pela extensão da terra quanto pelo desequilíbrio causado pelo cultivo intensivo, que diminui a resiliência do ecossistema. As grandes corporações de biotecnologia formulam esses OGM em seus laboratórios de engenharia genética, registram a patente dessas sementes, e lucram com a venda das sementes e dos agrotóxicos aos quais são resistentes. Dessa forma, os produtores rurais têm de pagar os royalties de propriedade intelectual à empresa, a cada nova safra. Para os pequenos produtores isso sai muito caro. A semente, que antes era gratuitamente oferecida pela natureza, passa a ser uma mercadoria a ser comprada. Isso acaba gerando uma polarização: de um lado, os grandes proprietários de terra cujas monoculturas se sustentam na medida em que podem pagar por sementes e agrotóxicos para produzir alimentos artificialmente baratos; e do outro, os pequenos produtores que não conseguem competir com os preços do mercado do agronegócio⁴⁹.

expandir seu mercado para incluir o Brasil. Segundo Rodrigo, nessa época começaram a veicular propagandas dizendo: o índio come mandioca; o negro come não sei o que (com imagens bem preconceituosas de índios e negros como inferiores), *mas o francês* (e uma imagem de um francês bem vestido com uma *baguete* de baixo do braço) come... pão francês! De acordo com Rodrigo, essa mudança nos nossos hábitos alimentares, para introduzir o consumo de pão, foi fomentada pelo mercado americano de trigo. Até hoje, mais de 90% do trigo que consumimos é importado. Rodrigo conta que, desde que ficou sabendo dessa história, deixou de comer pão. E ensina a todos os visitantes a fazer, no café da manhã, pratos mais “abrasileirados”.

⁴⁹ No Brasil, esse foi um dos motivos que levou o MST a se decidir pela técnica da agroecologia, como demonstra um estudo realizado por Melissa Veras: “Assim, o discurso em favor da agroecologia é montado a partir da identificação do que acreditam ser as “armadilhas do capital” – aqui representadas pelas empresas multinacionais de insumos industrializados.[...] Note-se que a modernização da agricultura representou para estes agricultores a substituição de suas atividades produtivas tradicionais, tornando-os gradativamente mais dependentes de fatores externos para produzir e conseqüentemente integrando-os de forma subordinada à economia. A atividade agrícola modificou-se, ampliaram-se os riscos principalmente econômicos devido à instabilidade dos mercados, à baixa remuneração dos produtos agrícolas, a contratação de dívidas com os bancos (para a compra de insumos e implementos agrícolas) e a ampliação dos custos de produção. Conforme demonstram as entrevistas, a agroecologia surge como o oposto (alternativo) possível para aqueles agricultores que não se adequaram às modificações decorrentes na modernização da agricultura, permanecendo numa condição de marginalidade” (VERAS, 2005, p. 72-75).

Segundo a ativista indiana Vandana Shiva, a “guerra contra as pestes” levada a cabo pelas corporações de biotecnologia é uma guerra sem fim, pois as pestes se modificam continuamente e se tornam resistentes aos venenos, exigindo cada vez mais toxidade para serem eliminadas. Mas essa guerra é desnecessária. As pestes são produto de uma desarmonia nos ecossistemas, e podem ser evitadas por meio da produção orgânica, que restaura a diversidade e o equilíbrio ecológico.

Os insetos passam a ser considerados pestes na agricultura quando monoculturas encorajam um aumento na sua população, e a agricultura química e a criação industrial produzem plantas menos resistentes. Pestes são produto da desarmonia nas plantas e nos ecossistemas. Tecer harmonia na agricultura requer que revitalizemos a diversidade que cria o equilíbrio peste-predador e restaure métodos orgânicos de criação e produção que produzem plantas resistentes. No paradigma dominante da agricultura, entretanto, as pestes são [...] vistas de forma reducionista como entidades indesejáveis que precisam ser exterminadas com os métodos mais potentes e tóxicos. [...] esses tratamentos químicos aprofundam a desarmonia que cria pestes. [...] Mas a “guerra” contra as pestes é desnecessária. O mecanismo de controle de pestes mais efetivo é construído na ecologia das plantas cultivadas. (SHIVA, 2005, p. 70-71, tradução nossa)

O ecovilense Eduardo contou-me um caso muito interessante. Segundo ele, é comum, nos Estados Unidos, o uso de um tipo de soja geneticamente modificada de forma a se tornar resistente ao uso de herbicidas. Em grandes extensões de terra, a técnica utilizada pelos produtores é passar com um avião jogando veneno (*Roundup*) na plantação. A soja transgênica, que é resistente ao veneno, vinga; e as outras plantas indesejadas, morrem. Ele me contou, então, de um caso inesperado que ocorreu: o amaranto, planta nativa da região, “capturou” o gene transgênico e tornou-se, também, resistente ao veneno, passando a invadir as fileiras de soja. A única forma de impedir o avanço do amaranto seria tirar suas plantas com a mão, uma a uma. Algo impossível numa plantação extensiva. Os produtores tiveram, então, de abandonar suas terras.

Shiva (2005, p. 72; 130) afirma que uma nova geração de OGM é resultado da inserção de genes de bactérias nas sementes, de forma a deixá-las resistentes a certos vermes. Essa tecnologia, teoricamente, eliminaria a necessidade de uso de agrotóxicos. No entanto, ela aponta que, em inúmeros casos, essas sementes se mostraram vulneráveis aos vermes aos quais deveriam resistir, além de terem aprofundado a desarmonia, promovendo a emergência de novas pestes e doenças. Além disso, segundo a ativista, uma consequência provável do uso desse tipo de OGM é a criação de superpestes. Neste caso, os produtores rurais teriam de se voltar para as empresas de biotecnologia em busca de novas sementes mais

resistentes, criando um círculo vicioso de dependência. Isso prejudicaria, também, os produtores dos arredores que não querem utilizar OGM em suas plantações, e que teriam de lidar com essas mesmas pestes.

A retirada da diversidade está intimamente ligada à retirada dos recursos das pessoas para se sustentar. Ambas são consequência de uma visão do desenvolvimento baseada na uniformidade criada pelo controle centralizado, num processo que serve a interesses econômicos poderosos (SHIVA, 1997, p. 143-4). Para Shiva, a biotecnologia tende a aumentar a dependência dos produtores a itens comprados – acelerando o processo de polarização⁵⁰ – e até mesmo a aumentar o uso de químicos ao invés de diminuí-lo, já que o foco dominante das pesquisas em engenharia genética não está na produção livre de agrotóxicos, mas ao contrário, na produção de variedades resistentes a eles.

Dessa forma, os ecovilenses dão preferência aos produtos orgânicos e procuram utilizar remédios caseiros naturais para lidarem com eventuais insetos. Naomi diz não comprar nenhum produto da Nestlé, Sadia, Bünge ou Monsanto, ou de qualquer outra empresa que trabalhe com transgênicos e critica outros ecovilenses que consomem essas marcas.

Outra forte preocupação dos ecovilenses é com o desperdício de água. Naomi procura reutilizar a água usada na lavagem das roupas mais limpas para lavar os panos de chão. Outra medida que ela toma, ainda mais inusitada, é a de “acumular alguns xixis” na privada antes de dar descarga. Vanda e Gustavo me contaram que, em sua casa em Campinas, possuem aquecimento a gás nos chuveiros e a água demora muito para esquentar. Para não desperdiçar a água fria, (mas limpa) que sai, eles a recolhem em um balde, reutilizando-a para lavagem de roupas. Rodrigo também aconselha as pessoas a darem menos descargas:

A questão, por exemplo, de esgoto. [...] Eu oriento as pessoas a usarem o mínimo possível o vaso sanitário para urina. Então quem puder, urinar nas plantas. Assim, na árvore, entendeu? Porque falar: “Ah, não contamina?” Não, não contamina, o solo é extremamente vivo pra... E a urina é estéril. Mas eles não... Eles querem urinar no vaso. E toda vez que urina no vaso tem que dar descarga. E joga água limpa fora. Então eles não conseguem entender isso. Mas os moços entendem: Rogério, Otávio, vira e... Tem um pé de laranja ali, faz lá no pé de laranja. A laranja não vai ficar com gosto de

⁵⁰ “A relocação da produção de sementes da fazenda para o laboratório corporativo realoca o poder e o valor entre o Norte e o Sul; e entre corporações e produtores rurais. Estima-se que a eliminação de sementes “caseiras” irá aumentar dramaticamente a dependência pelos produtores rurais das indústrias de biotecnologia em aproximadamente U\$ 6.000 milhões anualmente”. (SHIVA, 1997, p. 145, tradução nossa)

urina. Mas os mais velhos não entendem. Eles fazem xixi de 200 ml e dão descarga de 6 litros, entendeu?

Outro cuidado que tomam é com os produtos utilizados na limpeza da casa. Para limpar o chão e os móveis utilizam produtos ecológicos (biodegradáveis) específicos para esse fim. Para lavar a louça, usam sabão de coco em pasta ao invés de detergente.

Em todos esses cuidados com o meio ambiente podemos perceber um senso de responsabilidade pelo mundo em que vivem, que nasce da percepção mais ampla dos ciclos naturais e das consequências das ações individuais dentro desse todo. Não se trata, portanto, da obediência a regras impostas, ou da vontade de economizar dinheiro, mas da sensação de estarem participando no conjunto do trabalho da natureza, entendendo suas relações e contribuindo para um mundo mais sustentável. Participação que traz orgulho, estímulo e criatividade. Exatamente os aspectos que Simone Weil (1996, p. 421) percebeu faltar no trabalho operário:

É preciso mudar o regime da atenção no decorrer das horas de trabalho, a natureza dos estímulos que levam a vencer a preguiça ou o esgotamento – estímulos que hoje são apenas o medo e os tostões –, a natureza da obediência, a quantidade demasiado fraca de iniciativa, de habilidade e de reflexão exigida dos operários, a impossibilidade em que estão de tomarem parte pelo pensamento e pelo sentimento no conjunto do trabalho da empresa, a ignorância, às vezes completa, do valor, da utilidade social, do destino das coisas que fabricam, a separação completa entre a vida do trabalho e a vida familiar.

Apesar de Weil falar sobre a vida dos operários na primeira metade do século passado, muitas dessas características persistem ainda hoje: o estímulo quase exclusivo do dinheiro no trabalho e nas ações, o modelo pragmático de preparação para o trabalho que exige pouca reflexão crítica, e a impossibilidade das pessoas em abarcarem com o pensamento o conjunto social e ambiental. A maioria das pessoas nem pensam sobre a origem e o destino das coisas que fabricam, consomem e descartam. Ao colocarmos nossos lixos na rua para que o caminhão da prefeitura faça a coleta, acreditamos que aquele lixo não é mais problema nosso.

Dessa forma, os ecovilenses são pessoas que passaram a se perceber no interior de um conjunto mais amplo de relações e de causas, passaram a questionar o modelo existente e se posicionar quanto a essas questões. Quando isso acontece, adotar hábitos ecológicos não é algo penoso, que precisa ser imposto por lei para ser cumprido. Pelo contrário, muito antes de haverem leis exigindo essas ações,

essas pessoas já sentiam prazer em realizá-las. Orgulham-se de sua contribuição. É um sentimento que vem de dentro.

Esse fenômeno interno do *dever* é explicado por Solomon Asch (1977, p. 304) através da teoria da *gestalt* e do conceito de “exigência”. Segundo ele, a compreensão de uma situação, de seus problemas e tensões, produz em nós uma tensão que incita a uma ação adequada, que venha a atender essa necessidade percebida.

Os homens podem incluir, no seu ponto de vista, a estrutura de uma situação, e sentir suas tensões; quando o fazem, são movidos pelas necessidades que sentem no outro. Preocupar-se com os outros e ocupar-se com seu destino é uma capacidade fundamental dos seres humanos. [...] Em certo sentido, a situação estava incompleta; nossa apreensão dos fatos e de suas relações, ou a apreensão da necessidade da situação estabeleceu, para nós, uma exigência de melhorá-la ou remediá-la, para agir de maneira adequada. Julgamos que a ação que se ajusta às exigências é apropriada ou certa [...].

Trata-se, portanto, da experiência da responsabilidade e do *dever* que, para Asch, não surge nem do hábito nem do medo da coerção. No entanto, alguns autores percebem nesse sentimento de *dever* algo mais do que uma apreensão *intelectual* de fatos e relações. Para Herbert Read, existe um componente estético⁵¹ nesse fenômeno: a estrutura da situação e as formas de ação que se adequam a ela são sentidos como um “padrão coerente”.

A palavra “sentidos” deve ser enfatizada, pois o fator do sentir, na percepção, é estético. Trata-se não apenas da percepção de um padrão em particular, mas também de uma discriminação em favor desse padrão específico. Ou seja, de todos os padrões possíveis de comportamento, um é escolhido como particularmente adequado ou apropriado. É sentido como correto – isto é, sentimos ao mesmo tempo a facilidade com que esse padrão é apreendido e a adequação do ato que se segue. [...] O que é sentido como correto funciona corretamente, e o resultado, ao ser medido pela consciência do indivíduo, é um senso elevado de prazer estético. (READ, 1986, p. 28)

Para Bergson (2005, p. 66), o sentimento de *dever* é constituído por duas forças distintas que agem sobre nós: uma relacionada a um conjunto de hábitos (“tem de ser porque tem de ser”); e a segunda, essencialmente intuitiva e emocional. As ideias intelectuais possuem influência sobre nossa vontade, mas diante de influências antagônicas, uma delas triunfa por uma “força de atração”.

Dessa forma, nossa apreensão de uma determinada situação, de sua estrutura e suas exigências não se dá somente no plano intelectual. Os afetos, sensações e emoções vividas na biografia de cada indivíduo são fatores que

⁵¹ Estético refere-se aqui a um discernimento ou juízo espontâneo, baseado em sensações (READ, 1986, p. 85).

influenciam sua percepção do mundo. “As emoções não só acompanham nossos mais profundos desejos e satisfações, elas os constituem, permeando nossas ideias, identidades e interesses” (JASPER, 1997, p. 108). Esse padrão percebido também não é algo fixo e imutável como o conceito de “estrutura” poderia nos levar a pensar. Trata-se de num processo criativo e em constante mudança. Pois cada vez que temos um encontro genuíno com uma pessoa, com um lugar, com uma obra poética, com um pensamento ou uma informação relevante, nossa maneira de apreender a “estrutura da situação” se transforma, bem como as exigências percebidas. Determinadas pessoas e determinadas experiências têm o poder de nos afetar e de influenciar nossa identidade, nossos interesses e nosso padrão de comportamento.

Existe, portanto, na cultura alternativa uma estética diferente daquela que prevalece na sociedade de consumo. As relações percebidas no mundo se apresentam em um padrão distinto, e exigem comportamentos distintos. Existe um discernimento em favor de certos padrões de ação, modelos de conduta e acepções sobre o que é “belo”. Por mais que exista um componente intelectual nesse discernimento – que surge da problematização das questões socioambientais – ele é fundamentado em intuições e sentimentos pré-existentes.

... nenhuma especulação criará uma obrigação ou nada que com ela se pareça; pouco importa a beleza da teoria, poderei sempre dizer que não a aceito; e, ainda que a aceite, pretenderei continuar livre de me conduzir à minha maneira. Mas se a atmosfera de emoção comparecer, se a respirei, se a emoção me penetrar, agirei segundo ela, movido por ela. Não por constrangimento ou necessidade, mas em virtude de uma inclinação à qual não quereria resistir. E em vez de explicar meu ato pela própria emoção, poderia igualmente deduzi-lo então da teoria que será sido construída pela transposição da emoção em ideias. (BERGSON, 2005, p. 53)

A experiência de vida em comunidade, a atração por modelos espirituais de conduta, a busca do autoconhecimento e de uma vida mais simples, a convivência humana, a partilha de suas histórias de vida, a conexão com a experiência corporal sensível; tudo isso traz um componente emocional e estético que está na base do seu projeto ecológico. Há um fundamento emocional que impele a inteligência, que “vivifica, ou antes vitaliza, os elementos intelectuais com os quais fará corpo” (BERGSON, 2005, p. 52). Dessa forma, por mais que o discurso ecológico empregado pelos ecovilenses se baseie, principalmente, em fatos objetivos, a inspiração estética e emocional não deixa de transparecer:

Eu acho que estar aqui – diz Inês – são as minhas convicções e crenças: respeito à natureza e gostar de vida introspectiva. [...] Foi o gosto de viver com a natureza, viver com simplicidade. Sempre gostei de montanha, gosto

de frio, gosto de bicho. Então, vontade de estar perto de árvores, de ter nascentes, de ter essa energia em volta. Então é uma coisa que tanto eu quanto o Guilherme a gente sempre gostou, sempre quis. Desde que a gente casou, na verdade.

Bom – conta Thiago – nós já estávamos há muitos anos procurando um modo de vida diferente, já estávamos pesquisando nesse tema das ecovilas. Em 2004 eu fui convidado a participar de uma conferência em Findhorn, aquela ecovila lá na Escócia que é a referência. Aí eu levei a Natália comigo e nós pudemos ficar lá uma semana, vivenciar, conversar com pessoas de outras ecovilas, ver livros sobre o assunto, conversar com quem morava lá... Vivenciar durante essa uma semana... Nós ficamos num trailer com uma alemã e uma portuguesa e conversamos, sabe? E nós voltamos muito mobilizados e falamos: bom, é isso que a gente quer.

A ecovila reúne, como já mencionamos, pessoas com sensibilidades morais parecidas. E esse encontro entre pessoas com percepções similares acerca da melhor forma de ação traz conforto e entusiasmo. A pessoa não se sente tão só nas suas ideias do que é correto e do que é belo. Esse compartilhamento reforça o senso de grupo, bem como o senso de grupo reforça e fortalece essa forma de pensar, estimulando a criatividade nas respostas às exigências percebidas.

Cabe ressaltar também que, apesar de os ecovilenses terem essa forte preocupação ecológica, isso não significa que não apresentem contradições e incoerências. Por exemplo, mais de uma vez presenciei um ecovilense que, andando de carro, parou para conversar com alguém deixando o motor do carro ligado por um longo tempo, desnecessariamente. A ecovilense Ana Paula acha que os membros da Andorinha compram produtos com muita embalagem: bolos, comidas prontas, biscoitos que vêm embalados em pacotes descartáveis. A comunidade também não se organiza para fazer compras compartilhadas e outras ações conjuntas que poderiam minimizar o impacto ambiental. Os próprios ecovilenses admitem que seu principal desafio é essa busca por coerência em suas ações.

E o fato de estar aqui – diz Thiago – tem a ver com a coerência também, com aquilo que eu falo, que eu acredito. Então não adianta eu falar de sustentabilidade, de salvar o planeta, de boas relações, se eu não estou vivenciando isso. Que é uma das coisas que eu acho que aqui ainda tem muito problema de incoerência, não é? Entre o que se fala e o que se faz, e o que se pratica.

Além disso, a preocupação ecológica é maior em uns do que outros. Para Naomi, a minimização do impacto ambiental é algo central na sua decisão de morar na ecovila. Já para Lilian, a relação com a natureza se dá numa dimensão mais contemplativa, enquanto a questão do relacionamento entre as pessoas fica em primeiro plano. Dessa forma, não são, como grupo, extremistas. Aceitam os limites

personais de cada indivíduo. Por exemplo, existem (poucos) fumantes entre eles, que não são censurados. Mesmo sendo em sua maioria vegetarianos⁵², não se importam quando alguém leva um prato de linguiça ou uma feijoada para o almoço comunitário (talvez alguns se importem se a servirem num almoço em *sua* casa, como chegou a ocorrer certa vez). Há também uma casa sendo construída na comunidade, quase toda em alvenaria comum. A ideia inicial do casal de proprietários era de construir a casa toda em adobe, mas ocorreram diversos problemas com os funcionários que fariam a bioconstrução (um deles roubou muito dinheiro do casal, outros cometeram graves erros na construção), e eles acabaram ficando sem dinheiro (e sem paciência). Resolveram, então, terminar a casa com blocos de concreto mesmo, por ser mais fácil de encontrar mão-de-obra. E a comunidade acabou aceitando e permitindo. “Porque a vida é assim, não é?”, me disse leda ao falar sobre esse assunto, “o que a gente pode fazer?”.

2.6 Estrutura política e reuniões comunitárias

Todas as decisões com relação à ecovila passam pelo grupo. Sua organização interna é composta por uma diretoria, um conselho consultivo, um conselho fiscal, colegiados representativos e grupos de trabalho. A *diretoria* é formada por um presidente, um vice-presidente, uma secretária e um diretor financeiro. Estes são eleitos em assembleia e possuem mandato de dois anos. O *conselho fiscal*, como o próprio nome já diz, fiscaliza e aprova as contas da diretoria. O *conselho consultivo* é formado por três membros que decidem sobre a legitimidade das propostas (procurando preservar os valores da comunidade) e a melhor maneira de decidi-las ou votá-las (aspectos processuais). Sobre o conselho consultivo, Guilherme explica, comparando-o com o Supremo Tribunal Federal:

Ele suporta o presidente nas suas decisões e resolve como é que vai ser a votação. Por exemplo: teve a votação do manual de acordos comunitários. Então o conselho “STF” resolveu que ele só seria válido se tivesse 70% dos votos a favor pra cada um dos itens. Então ele resolve esse tipo de coisa: “Precisa comprar um portão novo pra ecovila, e aí? Como é que faz?”. O “STF” resolve como é que faz: “ah isso aí é gasto de manutenção”, o presidente vai lá, compra, faz e fica quieto. Outro exemplo, algo impossível eu

⁵² Alguns pratos mais recorrentes são: saladas, arroz e pães integrais, lentilhas, shimeji, escarola, mandioca, abobrinha, couve, cenoura, tofu, abóbora, quibe vegetariano, queijos da região, tapioca, frutas e biscoitos caseiros.

acho, na situação vigente: “Vamos botar luz na rua. Com que dinheiro?”. Então o “STF” consulta todo mundo e resolve que pra botar luz na rua tem que ter 90%, 100% dos votos.

Os *colegiados representativos* atuam nas tomadas de decisão. São três colegiados: o dos *proprietários*, que são os que compraram terreno, mas ainda não começaram a construir suas casas (com direito a dois votos); o dos *construtores*, que já começaram a construir suas casas mas ainda não moram nelas (com direito a três votos); e o dos *moradores*, que são aqueles que possuem casa mobiliada, mesmo que não morem integralmente na comunidade (com direito a quatro votos). Cada um desses colegiados discute internamente o assunto em pauta. No dia de votação, os representantes de cada colegiado já sabem quantos votos vão dar e comentam um pouco para o restante dos membros sobre como foram as discussões no seu grupo. Esse sistema agiliza a tomada de decisão e valoriza a opinião daqueles que já vivenciam o cotidiano da ecovila. Além desses nove votos, existe um dado por um *representante do interesse geral* da ecovila, que procura zelar pela comunidade como um todo.

Então nós temos representantes dos moradores, dos construtores e dos proprietários simples de lotes - explica Thiago. Os proprietários têm peso dois, os construtores peso três, os moradores peso quatro. Porque quem mora aqui está mais sujeito e vivencia mais as coisas que realmente acontecem aqui – por exemplo, a estrada está bloqueada, ou entrou um boi aqui, ou precisa fazer um serviço – do que quem está lá na internet. Então quando tem um assunto, passa por esses colegiados, tem um representante que anima a sua turma, [...] esses membros de cada colegiado conversam entre si e falam: “Olha, o nosso colegiado acha que tem que ser x votos”. Por exemplo, o colegiado dos construtores tem direito a três votos. [...] Se o grupo está dividido, tem mais gente que é contra do que a favor, ele pode dar dois votos contra e um a favor. [...] dentro do número de votos que ele tem, ele pode dividir de maneiras diferentes. E tem um quarto representante que é o de interesse geral que é alguém que teoricamente está vendo o interesse geral de todos, não só daquele grupo, não é? Cuida do bem estar da comunidade, vamos dizer assim.

Na prática, é comum os representantes de colegiado simplesmente consultarem, individualmente, cada membro do seu grupo e decidir sobre a alocação de votos a partir dessa consulta, sem promover nenhum debate ou encontro presencial. No entanto, acredito que essa votação baseada na simples consulta individual deixa de explorar as potencialidades que esse modelo de gestão oferece. Afinal, um debate presencial entre os integrantes de um colegiado propiciaria um diálogo maior e uma percepção mais ampla das necessidades daquele grupo. Muitas vezes, ao ouvir a opinião do outro, o indivíduo pode reformular suas próprias

opiniões ou, pelo menos, ter mais elementos para a reflexão sobre o tema⁵³. Uma decisão tomada a partir dessa partilha seria, certamente, muito mais conscienciosa.

Finalmente, os *grupos de trabalho* (GTs) são grupos formados voluntariamente por membros para trabalhar em atividades específicas. Por exemplo, existe um GT de Comunicação que se encarrega de fazer contatos com pessoas de fora da ecovila que estejam interessadas em realizar entrevistas ou pesquisas ali. Esse GT recentemente assumiu a responsabilidade de criar um boletim mensal com notícias da ecovila e da evolução dos trabalhos realizado pelos outros GTs. A líder do GT de Comunicação é uma jornalista, mas não por uma exigência interna. Não é necessário ser um especialista para assumir um grupo de trabalho de seu interesse. Na verdade, qualquer pessoa com uma ideia nova pode criar o seu próprio GT e, assim, chamar outros membros para ajudá-la no desenvolvimento do seu projeto.

Apesar de terem como ideal a rotatividade de funções, a falta de mais pessoas participando ativamente do projeto acaba dificultando sua efetivação. Tanto que, nas eleições para presidente, conselheiro ou líder de GT, nunca houve, até agora, disputa entre dois ou mais candidatos.

As ecovilas têm um princípio de rotação de funções – diz Thiago. Por quê? Pras pessoas poderem desenvolver novas habilidades. Então coloca uma pessoa que não entende nada de finanças pra cuidar da contabilidade, mas ajuda ela a aprender. Coloca alguém que nunca mexeu com a terra pra ajudar na horta. Assim, mais pessoas vão desenvolvendo novos saberes e não fica dependente sempre das mesmas pessoas pra se fazer as coisas. Que eu acho que isso é um problema nosso aqui: temos muito poucas pessoas que vêm pra cá ou que moram, e muito trabalho pra fazer. E no fim acaba ficando pra sempre os mesmos fazerem as coisas. E isso acaba sendo cansativo.

No início de 2011 foi aprovado o Manual de Acordos Comunitários da ecovila, que funciona como uma espécie de regulamento interno, considerando situações como barulho, limite de velocidade, iluminação das casas, animais, etc. Algumas pessoas acreditam que uma comunidade não precisa de tantas regras:

Nós temos um caderno de conduta que foi exaustivamente debatido em várias reuniões - diz Rodrigo. Aí filtrou e saiu um caderno de conduta que tem vários aspectos: arma de fogo! Cachorro violento! Música alta! E luz invasiva! [Risos] Tudo isso está lá, não é? Está no caderno, e a coisa assim: bom-senso. Claro que é bom senso não ter um cachorro agressivo, é bom-senso não ficar tocando música alta, então na verdade é um bom-senso colocado

⁵³ Como se verá adiante na discussão sobre a construção do Centro Comunitário.

no papel. Engraçado ter que ter isso, sabe? Eu acho engraçado, mas às vezes precisa ter, não é?

Eu acho - desabafa Naomi – que as coisas se resolvem quando todo mundo está junto na lida e o problema está ali e você acha a solução no momento. O negócio de ter que fazer projeto e elaborar e pesquisar, eu já não concordo muito, entende? [...] Eu acho que você tem que resolver a coisa ali no momento. Tem que fazer, não tem que ficar elucubrando e nem teorizando e nem reunindo e reunindo e reunindo pra discutir, sabe? Você tem que pegar a coisa e fazer. [...] O que é regra de convivência? Regra de convivência é o momento. [...] Eu acho que tem que estar todo mundo junto aí no bolo, no caldeirão, cozinhando, e vamos ver como vai sair esse caldo.

Já Thiago acredita que esses acordos são muito importantes:

...se não tem as coisas escritas e claras, pra que todo mundo saiba, fica uma coisa mais subjetiva: “Ah, eu achei que era isso” “Ah, eu achei que eu tinha que fazer tal coisa” Quanto mais os acordos estiverem escritos e mais claros, menos conflito vai dar por causa de mal entendimento de coisas.

Uma vez por mês é realizada uma reunião comunitária na ecovila, momento em que se dão as eventuais votações, criação de GTs, discussão de assuntos que os associados queiram compartilhar e, muitas vezes, momento de desabafo emocional. São nessas reuniões, sempre bem-humoradas e com muitas brincadeiras, que se vê com mais clareza a tentativa dos ecovilenses em fazer algo diferente da sociedade de consumo. Além disso, as reuniões mensais são momentos de encontro entre as pessoas e são sempre seguidas por um almoço comunitário. Para muitos, esse encontro é a melhor parte da reunião. Inês, por exemplo, disse participar das reuniões porque gosta da “convivência, de ver o pessoal, almoçar, ouvir música, dar risada”. Lilian também afirmou que o que mais gosta nas reuniões é o antes e o depois. Gosta quando Rodrigo está presente e toca seu violão. “E tem a oportunidade de encontrar as pessoas, porque nem sempre as pessoas vão na casa um do outro. Então lá a gente encontra com as pessoas e eu sinto uma solidariedade legal”, completa ela. Thiago disse que o que mais gosta nas reuniões é:

Dos almoços. E de rever as pessoas. Muitas vezes elas são cansativas, você já participou. Muitas vezes elas são tensas. Muitas vezes elas cansam a paciência, dá vontade de você subir no pescoço de alguém. Muitas vezes eu não tenho vontade de ir, eu não vou. Também tenho que ter esse direito de não ir, mas a maioria eu vou, em poucas eu não fui. E é um momento importante, é um momento de nós conversarmos sobre os nossos assuntos, nossos conflitos, nossas coisas. Muitas vezes eu fico até chateado de saber que alguém está aqui e faz questão de não ir e não vai de propósito, mas isso acontece. Mas na última reunião veio pessoas que há dois, três anos não apareciam e eles resolveram voltar pra participar. Então é uma alegria quando alguém retoma, reconecta por algum motivo. Alguma coisa que a gente falou, ou propôs, ele achou “bom, vamos ver o que é, não é?” Ou tinha um conflito que foi resolvido e ele se sentiu mais confortável pra vir. Então eu

gosto de estar junto das pessoas e depois de ter esse momento de confraternização, é o que eu mais gosto.

Todas as reuniões começam com um clima de encontro. As pessoas vão chegando, trazendo pratos de comida, e vão sendo recebidas (com muitos abraços e sorrisos) pelas que já estão ali. Emília, funcionária da Casa Um os recebe com um café e chá fresquinhos. As pessoas ficam tão entretidas no bate-papo que, em geral, a reunião começa sempre meia hora depois do horário combinado – geralmente às 10 horas. Todos se dirigem, então, para o local da reunião (geralmente o quiosque em frente à Casa Um, quando não está chovendo) e é feita uma *harmonização*: as pessoas ficam de pé, em roda e com as mãos dadas. Após um momento de silêncio, em que as pessoas ficam com os olhos fechados, alguém propõe uma abertura, que pode ser uma oração, um exercício de respiração, uma música ou uma visualização. Depois, todos se sentam em cadeiras dispostas em um círculo e o presidente começa a debater os assuntos em pauta. Os cachorros também participam, acomodando-se no centro da roda. O clima é sempre alegre. Claro que existem alguns momentos de tensão, mas as brincadeiras estão sempre presentes. Ao final da reunião é feito um fechamento, que também pode ser uma oração ou uma frase inspiradora.

Do que eu mais gosto nas reuniões? – diz Rodrigo. Ah, do encontro das pessoas, não é? Eu gosto mais do começo e do fim. Quando senta pra ficar quieto, dar o início da reunião: uma oração... um silêncio... Eu acho que a comunidade se realiza é nessa hora. E depois o debate - blábláblá - as personalidades - blábláblá - e quando o finalzinho, as conclusões. Aí pronto! Na conclusão sempre sai uma coisa boa. Então eu estou assim, sossegado.

É muito interessante perceber, nessas reuniões, os assuntos e a forma como são discutidos. A primeira reunião que assisti me impressionou muito. O tópico era a proposta do então presidente de criarem uma taxa mensal no valor de R\$ 30,00 para arrecadar fundos para a construção do Centro Comunitário. O ecovilense Douglas falou, então, da importância de terem o Centro construído o mais rápido possível, já que a própria autossustentabilidade da ecovila depende desse espaço. Ele disse que, segundo alguns cálculos simples, com apenas trinta reais por mês eles levariam quinze anos para juntar o dinheiro necessário. Propôs, então, que fosse feito um cálculo real do valor da construção (que ele imaginava ser por volta de R\$ 300 mil) e que esse valor fosse dividido pelos moradores em 12 ou 24 parcelas. Neste último caso, sairia um valor mensal de R\$ 220 para cada lote. Dessa forma, a construção do Centro Comunitário poderia se concretizar mais rapidamente.

Era uma proposta lógica, mas à qual a grande maioria se opôs. Eduardo propôs que pensassem em formas de economia solidária que levassem em conta as diferentes realidades econômicas do grupo e permitissem que parte do pagamento fosse feito por meio de trabalho. Guilherme também falou da possibilidade de realizarem mutirões, que têm mais a ver com a ecovila do que contratar funcionários: “A construção do Centro Comunitário pode ser mais interessante do que ter o próprio Centro construído”, disse ele, que também falou da importância do grupo “ser autossustentável e valorizar nossas habilidades e saberes”. Naomi também afirmou que a proposta de uma ecovila não é a mesma de um condomínio e que eles precisam “ancorar a energia ali, ao invés de trazer tudo de fora”, como dinheiro e mão-de-obra.

Alguns membros viam com desconfiança essa ideia do trabalho voluntário substituir o pagamento mensal, pois acreditam que isso pode criar injustiças (no sentido de algumas pessoas trabalharem menos do que as outras). Apesar disso, a grande maioria dos ecovilenses concordou que simplesmente comprar o material e contratar mão-de-obra externa seria reproduzir uma lógica convencional. Nas palavras de Eduardo: “A presença de alguém no trabalho vale por sua vontade, amor e não por quantos blocos ela consegue colocar na obra”. Diogo também disse que é simples ratearem o valor da obra e pagarem alguém para fazer o Centro, “mas, aí, onde ficaria a participação de todos juntos na construção, com histórias, risadas e trabalho?”, ele pergunta. “Eu teria orgulho em dizer para minha filha que trabalhei para construir o Centro Comunitário”, completa ele. Inês disse que não tem condições de fazer um trabalho de construção propriamente dito, como assentar tijolos, por exemplo, mas que pode ajudar de outras maneiras. A ajuda, tanto na forma de dinheiro, quanto nas variadas formas de trabalho, é muito valiosa. “Ter o Centro Comunitário é ótimo, mas o caminho para a sua construção também”, completou.

Outras pessoas sugeriram que a ajuda poderia ser dada de diversas formas: cozinhar para as pessoas que estão trabalhando na obra, fazer rifas, eventos, cursos ou palestras para levantarem fundos, entre outras coisas. A opinião da maioria era a de que se eles mesmos construíssem o Centro, isso poderia levar mais tempo, dar mais trabalho, mas seria uma atividade mais propriamente comunitária. Outro comentário interessante, após a reunião, foi de Eduardo, dizendo que pagar a

obra com o dinheiro que vem de fora, do trabalho na cidade, poderia ser mais caro do que com o trabalho voluntário. Já que, dependendo do tipo de trabalho, seu custo *ambiental* para o planeta pode ser bem maior.

Thiago apresentava uma visão mais realista dizendo que uma comunidade não pode ter preconceito com relação a assuntos empresariais. “Bom planejamento, boa gestão, acompanhamento e competência não são usados só por empresas. Todas as comunidades que deram certo são muito bem administradas. Temos poucas famílias morando na Andorinha e, sem mais pessoas, fica inviável falar em comunidade, sustentabilidade ou em fazer as coisas com as próprias mãos. É preciso um mínimo de 35 a 50 pessoas vivendo numa comunidade para se poder falar em divisão de trabalho e de responsabilidades. Além disso, economia solidária implica segurança, respeito, solidariedade, transparência profunda entre as pessoas, e ainda estamos construindo esse processo”.

Ao final, todos concordaram que precisavam chegar a uma decisão em que todos se sentissem confortáveis, tanto aqueles que querem “pôr a mão na massa”, quanto aqueles que preferem pagar em dinheiro. Decidiram, então, criar dois GTs: um GT de Gerenciamento da Construção do Centro Comunitário, para pesquisar exatamente o valor de cada etapa da obra e sua duração; e um GT de Economia Solidária, para pesquisar instrumentos da economia solidária que poderiam ser utilizados para organizar o trabalho voluntário e formas alternativas de pagamento. Logo algumas pessoas se ofereceram para participar de um ou outro GT.

Esse primeiro contato com o grupo me surpreendeu. Primeiramente, pelo conteúdo: o esforço em fazer algo diferente, em não reproduzir os mecanismos da sociedade contemporânea me chamou especial atenção. Assim como o conflito entre a lógica convencional (mais concreta e objetiva) e a busca de formas alternativas (que muitas vezes parece irrealizável, tantos são os desafios). Também me surpreendeu a forma como se deu o debate: ao menos naquele momento, as pessoas procuravam se articular com cuidado para não serem agressivas com os outros, todas as posições divergentes eram ouvidas com respeito e incorporadas às tentativas de solução. A decisão final, de criar os GTs, também me pareceu uma forma inteligente de interromper o debate sem encerrar o assunto, visto que a reunião já tinha se prolongado muito além da hora do almoço.

Após uma outra reunião, também muito produtiva e interessante, o ecovilense Nelson fez o fechamento. Ele citou, então, dois slogans que se opõem mutuamente. Um, da rebelião de Maio de 68, na França: “Seja razoável, peça o impossível”; e o outro, do Consenso de Washington⁵⁴ de 89: “Não há alternativas”. Esse fechamento, após uma reunião em que uma forma alternativa de vida *estava sendo efetivamente criada, imaginada junto*, coletivamente, apontou com muita clareza o contraste entre uma forma de viver homogênea e heterônima – na qual as pessoas não conseguem nem *conceber* possibilidades de transformação da realidade – com uma forma de viver imaginativa, e até mesmo *poética* – na qual se *cria* novas regras, novas técnicas, novas maneiras de se relacionar, em um projeto compartilhado.

Essas reuniões comunitárias demonstram que é possível valorizar os aspectos comunitários, solidários e integrativos de um grupo, sem cair para o sentimentalismo, irracionalidade e desorganização. Muito pelo contrário, a forma racional como eles lidam com essas questões aponta para a possibilidade de um equilíbrio entre racionalidade e sensibilidade.

Dessa forma, uma característica da vida na ecovila é a participação de todos, não só nas tomadas de decisão como, também, na execução dessas decisões. Eles criam uma demanda que eles mesmos irão concretizar através dos grupos de trabalho, “acompanhando até o fim a consequência corporal da ideia”, nas belas palavras de Ecléa Bosi. Além disso, todos ficam a par do que está ocorrendo na comunidade, desde a quebra de uma bomba d’água, até o andamento do projeto de algum dos GTs. Todos podem fazer perguntas, compreender todos os processos e participar em qualquer GT que tiver interesse. Isto é, cada indivíduo pode exercer controle e influência na vida coletiva. E também sentirão mais diretamente o resultado de suas ações. Podemos falar, portanto, que a vida em uma comunidade permite um enraizamento.

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. (WEIL, 1996, p. 411)

⁵⁴ O Consenso de Washington marcou o início do neoliberalismo. Trata-se de um conjunto de recomendações políticas feitas aos países em desenvolvimento por instituições financeiras como o FMI e Banco Mundial, entre outros, visando inserir essas economias no mercado global. A frase “Não há alternativas” é creditada a Margaret Thatcher, defensora da política neoliberal.

Para Weil (1996, p. 352), o desequilíbrio da civilização moderna se dá porque “vivemos num mundo onde nada está na medida do homem; há uma desproporção monstruosa entre o corpo do homem, o espírito do homem e as coisas que constituem atualmente os elementos da vida humana”. Para ela, a autêntica medida de análise social se dá em função das relações entre *o pensamento e a ação*. Quanto mais o pensamento estiver guiando as ações, em todos os tipos de trabalho, e quanto menos intermediações existirem entre a coordenação (a tomada de decisões) e o trabalho físico, maior a liberdade dos homens.

... uma equipe de trabalhadores na linha de montagem, vigiados por um contramestre é um triste espetáculo, enquanto é maravilhoso ver um punhado de operários de construção, todos parados diante de uma dificuldade, refletindo, cada um por seu lado, indicando vários meios de ação, e, depois, aplicando unanimemente o método concebido por um deles, o qual pode indiferentemente ter ou não ter uma autoridade oficial sobre os outros. Em tais momentos, a imagem duma coletividade livre surge quase pura.” (WEIL, 1996, p. 342-4)

O conceito que Simone Weil tem da sociedade ideal é o de uma coletividade na qual cada indivíduo pode compreender e exercer influência sobre os processos que afetam sua vida (p. 341-2). Esta seria uma sociedade na medida humana, na qual a vida coletiva estaria submetida aos homens, em vez de submetê-los. Só interviriam na vida material os esforços dirigidos pelo pensamento, pela *reflexão metódica*. Na sociedade ideal de Weil, cada trabalhador teria uma ideia nítida de todas as especialidades:

...as coletividades nunca seriam tão extensas que ultrapassassem o alcance de um espírito humano; a comunhão de interesses seria evidente o bastante para apagar as rivalidades; e como cada indivíduo estaria em condições de controlar o conjunto da vida coletiva, esta seria sempre conforme a vontade geral. [...] cada um estaria em condições de controlar a atividade de todos os outros apelando somente para a razão. [...] quanto aos trabalhos que são criações do espírito, a pressão exterior, tornada inútil e nociva, seria substituída por uma espécie de pressão interior; o espetáculo da obra inacabada atrai o homem livre com tanta força quanto o chicote empurra o escravo. Só uma sociedade como essa seria uma sociedade de homens livres, iguais e irmãos. Os homens cairiam, por assim dizer, nos laços coletivos, mas exclusivamente em sua qualidade de homens; nunca seriam tratados como coisas uns pelos outros. [...] Assim possuiríamos, além da liberdade, um bem ainda mais precioso; pois se nada há mais odioso do que a humilhação e o aviltamento do homem pelo homem, nada é tão belo nem tão doce quanto a amizade. (WEIL, 1996, p. 341-342)

No entanto, por mais a ecovila represente uma meta compartilhada, isso não significa que não haja momentos de reservas – que beiram a pré-conceitos – bem como rivalidades – algumas explícitas e outras mais sutis – dentro do grupo. As reservas existem porque, nas reuniões, fica claro que a fala de certas pessoas tende

a ser sempre recebida com receio. Um exemplo disso é quando Danuza, empreendedora da ecovila, propõe uma ação qualquer. Suas propostas tendem a ser vistas com desconfiança, já que ela teria, teoricamente, alguns interesses comerciais diversos do restante do grupo. Outro exemplo ocorre com a fala de Lilian, uma pessoa emotiva que, por diversas vezes, acaba usando a reunião para desabafos emocionais. Em muitos momentos ela também consegue ser objetiva, mas as pessoas já apresentam uma tendência a querer cortar sua fala e não acolher suas ideias. Sobre isso, Lilian diz:

Uma coisa que eu não gosto e existe aqui... Às vezes eu vejo um certo preconceito, um certo jogo de poder. Então, às vezes, junta-se um grupinho... É uma coisa quase preconceituosa. Por exemplo: se tem afinidades porque gostam de telhado verde, (eu acho que telhado verde é bonito na fotografia da Alemanha. Mas não funciona). Então tem umas pessoas às vezes muito... eu que sempre fui tão alternativa! Tem certas coisas que você olha e vê que é muito bonito na teoria, mas que na prática não funciona. E tem pessoas que ainda estão naquele ritmo, deslumbradas com certas coisas que acabam por não funcionar. Eu não sou uma pessoa careta, não é evidente? Se não, eu não estaria aqui. Então, a pessoa ainda não percebeu isso. Então fica uma tendência a formar um "time". Então aqueles se agrupam e o que vem do outro não é tão legal quanto o que vem... Não é uma coisa impermeável, mas existe uma tendência a isso, sabe? [...] Existe uma tendência, eu não posso dizer que é muito forte, mas eu percebo. [...] Eu percebo, quase como um feedback profissional, que na reunião as pessoas querem mostrar uma figura, uma imagem. Então, se Joãozinho, que não é o máximo do meu time, falou que a bola é redonda, e se eu falar: "é mesmo redonda", é como se eu traísse o outro time. Então, na melhor das hipóteses, fica quieto ou torce o nariz. Ou acha irrelevante falar que a bola é redonda. Então existe isso, mas é uma coisa implícita que eu consigo observar.

Para Vernant (2001, p. 28), não há amizade (*philía*) sem rivalidade (*éris*): “o sentimento profundo da comunidade de iguais sempre inclui a ideia de uma competição pelo mérito, pela glória” e “sem essa tensão, não funciona”. Ao analisar o período em que participou da Resistência francesa, Vernant percebe que mesmo dentro de relações igualitárias podem aparecer autoridade e prestígio. Afinidades entre as pessoas não surgem somente porque elas têm ideias semelhantes ou participam de um mesmo projeto. Para o filósofo, existe nisso uma escolha, uma avaliação. “Tudo é comum, tudo é igual, mas não somos os iguais de qualquer um. As pessoas que escolhemos, aqueles com quem temos afinidades são aquelas que nos inspiram confiança total” (2001, p. 30).

De qualquer forma, podemos afirmar que na ecovila existe uma participação política mais direta⁵⁵, pois as decisões se relacionam com a vida das pessoas,

⁵⁵ “Participação política” no sentido de uma atuação ativa dos membros da ecovila nas decisões e procedimentos relativos à comunidade em que estão inseridos.

tendo, portanto, um compromisso maior do que as políticas do estranho e do distante que ocorre nos parlamentos. Nestes, deputados decidem sobre saúde pública, mas têm seus próprios planos de saúde; decidem sobre investimentos em educação, mas colocam os filhos em escolas particulares. Martin Buber (2008, p. 58) afirma que esse tipo política, sem vínculo e exercida de modo “fictício”, não é uma política autêntica. Como vimos, ele defendia a criação de novas comunidades:

E, além disso, que os homens reconheçam que esta pequena e modesta entidade que os envolve com seu curto raio [a nova comunidade] não é de categoria inferior e pode, de fato, ser superior ao Estado amplo e poderoso; que a autêntica participação em uma autêntica assembleia comunitária exige força de alma não menos poderosa do que aquela exigida em qualquer parlamento; da mesma forma, como a atividade naquilo que é próprio, próximo e familiar se sobrepõe à política do estranho, do distante e do desconhecido que em geral é praticada – só a primeira [...] não é palavras e gestos descompromissados e desautorizados, mas autêntica ajuda [...].

Para Buber (2008, p. 58-9), a política autêntica se dá por uma “urgência interior de que algo deva ser feito quanto à forma de vida”. A justiça, portanto, se inicia “pela sua incorporação lá onde um homem vive no meio de homens”. Ou seja, “a autenticidade de um conteúdo político de um homem é provada e formada em sua esfera natural, ‘apolítica’”.

Essa “força de alma” que a autogestão exige também é apreciada por Paul Singer. Segundo ele, o principal mérito da autogestão é o de propiciar aos seus praticantes o desenvolvimento humano. “Participar das discussões e decisões do coletivo ao qual se está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura” (SINGER, 2008, p. 21). Para a ecovilense Lilian, quando a pessoa desenvolve a capacidade de se expressar, de falar o que pensa, isso promove sua autoaceitação, isto é, a capacidade de aceitarmos quem somos, mesmo quando os outros não concordam. Cabe ressaltar que, apesar de seus méritos, a autogestão demanda muito trabalho e energia. Para Singer, ela exige um esforço adicional, pois além de cumprir suas tarefas, cada membro tem de se preocupar com os problemas gerais. Esse esforço adicional pode se tornar desgastante e resultar em um desinteresse dos membros. Esse não é o caso da ecovila Andorinha, mas fica o alerta:

... o esforço adicional torna-se desgastante quando é preciso se envolver em conflitos, tomar partido pró ou contra companheiros, participar de reuniões cansativas etc. O maior inimigo da autogestão é o desinteresse dos sócios, sua recusa ao esforço adicional que a prática democrática exige. Em geral não é a direção da cooperativa que sonega informações aos sócios, são estes que preferem dar um voto de confiança à direção para que ela decida

em lugar deles. [...] A prática autogestionária corre o perigo de ser corroída pela lei do menor esforço. Os gestores da cooperativa enfrentam frequentemente questões urgentes, que têm de ser resolvidas sem haver tempo de consultar outros sócios. Nas assembleias, os problemas e as soluções adotadas costumam ser relatados como fatos consumados. É muito raro que algum participante se preocupe em discutir se a solução encontrada foi realmente a melhor. [...] Se a desatenção virar hábito, as informações relevantes passam a se concentrar em círculos seletos de responsáveis, cujas propostas têm toda chance de ser aprovadas, pelos sócios ou seus delegados, por inércia. [...] As pessoas não são naturalmente inclinadas à autogestão, assim como não o são à heterogestão. (SINGER, 2008, p. 19-21)

Dessa forma, o envolvimento dos ecovilenses, os debates, e até mesmo os conflitos são muito importantes para manter o caráter democrático e participativo da ecovila. Para Paulo de Salles Oliveira (2006, p. 33-34), esse esforço em participar de um projeto compartilhado pode ajudar as pessoas a “desenvolver e cultivar a solidariedade no dia-a-dia”. Segundo Oliveira, interações solidárias não significam ausência de conflitos, divergências, ou até mesmo outras formas de competição, veladas ou não.

Quando há interações sociais solidárias, espera-se, isto sim, que as pessoas se respeitem entre si e se vejam como iguais nos seus direitos. Mas também que saibam ou que se proponham aprender a trabalhar as diferenças. Que se disponham a aprimorar-se na autogestão do trabalho em comum. Não parece ser tarefa fácil nem de rápida resolução e muito menos sujeita a fórmulas esquemáticas, aplicáveis a toda situação conflituosa. É enriquecedora a manifestação das diferenças porque garante que as individualidades possam aflorar. Permitem também – quando trabalhadas em contexto de mútuo respeito das pessoas entre si – que cada um divise no outro o seu inacabamento. [...] É um percurso que nos mostra, a todos, forçosamente incompletos. Está sempre a nos desafiar, a questionar nossa acomodação, a rechaçar nossas certezas [...].

Outro aspecto interessante da vida na ecovila é que, por mais que os ecovilenses ainda tenham seus empregos convencionais na cidade, quando trabalham para a comunidade, nesses momentos, as distinções entre trabalho e lazer se tornam menos nítidas. As reuniões não são vistas como “algo sério”, mas são, também, uma oportunidade de encontrar as pessoas, cantar, tocar, bater papo. Nos grupos de trabalho, eles podem usar suas habilidades e sua imaginação com mais liberdade, tornando-se mais inteiros, integrados. Para Herbert Read (1986, p. 48-61), é imprescindível que modifiquemos nosso hábito mental de separar o trabalho e o lazer como duas esferas distintas. “Thoreau tentou conseguir a liberdade abolindo o trabalho: a verdadeira solução é combinar liberdade e trabalho, e isso pode ser feito apenas se transformarmos trabalho em diversão e diversão em trabalho”. Com isto ele quer dizer que a arte, a criatividade e a imaginação deveriam permear todas as nossas atividades cotidianas. O lazer seria, então, simplesmente o

tempo que reservamos para o descanso, o relaxamento e a meditação em uma vida totalmente criativa e integrada.

Um exemplo dessa liberdade para a criatividade foi a solução encontrada pelo grupo para o problema de como controlar a velocidade dos veículos nas ruas da ecovila. Pensaram em lombadas, tartarugas, mas a ideia final veio de Ieda, que sugeriu de colocarem grandes vasos com flores como obstáculos no caminho. Os carros precisariam desviar dos vasos, diminuindo naturalmente a velocidade. Uma ideia simples e criativa, que cumpre o objetivo além de trazer graça e beleza para o lugar.

Dessa forma, tanto nas reuniões como nos grupos de trabalho, a participação ativa e criativa predomina. Inúmeros são os exemplos da presença lúdica nas reuniões e encontros. Um deles ocorreu no início de uma reunião: quando o presidente começava a fazer a apresentação dos assuntos, dois cachorros no centro da roda (a fêmea no cio e o macho em cima dela) distraíram a atenção de todos. Inês tentou separá-los enquanto outros defendiam o macho. Surgiu até mesmo uma proposta de votação para decidirem se deixavam o macho subir ou não na fêmea. Em outra reunião, a proposta (também em tom de brincadeira) foi a de criarem um GT de renovação do repertório musical de Rodrigo (que está sempre com o seu violão). Quando o novo presidente assumiu o cargo, houve a cerimônia de “entrega do abacaxi” (literalmente), em que o antigo presidente retirou a fruta de uma sacola e a passou ao novo presidente, com direito a fotos.

Nesse sentido, a ecovila se aproxima das cooperativas de economia solidária estudadas por Oliveira e dos valores que praticam. Dentre eles “o de que o lúdico é essencial na vida das pessoas”. “A brincadeira, a distensão, a busca de um reequilíbrio físico e mental são vitais para que se sintam gente, e não objetos” (OLIVEIRA, 2006, p. 97).

Esse aspecto risonho e brincalhão que emerge nestas reuniões mostra a presença lúdica no interior do exercício de trabalho, conferindo à atividade um clima especialmente caloroso, revelador da atmosfera solidária que reina em torno destas pessoas. [...] É preciso que fique claro que a presença do lúdico não significa que passem o tempo todo a brincar. Longe disso, trabalham muito e trabalham duro; o lúdico se insere como brisa de alento para prosseguirem atuando com vigor, lutando contra a barbarização dos sentidos. Esta parece ser uma prática estimulante no dia-a-dia, explorando bem as margens de liberdade que o trabalho autogestionário oferece, sem perder de vista as responsabilidades implícitas. Prescindir de controle significa assumir compromissos; quando isto é feito coletivamente, um serve ao outro como apoio e referência. (OLIVEIRA, 2006, p. 93-94)

No entanto, enquanto nesse caso a presença do lúdico não interferia no rendimento do trabalho, na ecovila há muitas reclamações de que as pessoas não cumprem o que se propuseram a fazer. Isso pode ocorrer, talvez, por se tratar de um trabalho voluntário. Muitos também estão mais distantes do projeto, frequentando menos o lugar e com menos disposição para investir na comunidade, tanto em forma financeira como com trabalho.

Uma coisa que eu acho chato – confessa Lilian – as pessoas dizerem que vão fazer uma coisa e não fazem. A pessoa fala assim: “Ah, então eu vou ligar”. Não liga. “Eu vou providenciar isso”, não providencia. Isso é chato. “Falei isso”, “não falei isso”, não ter muita responsabilidade. Não é que seja uma grande coisa, mas acontece e isso é chato.

O que menos gosto? – responde Thiago – Às vezes querer fazer muita coisa e não ter condições, ou iniciar projetos e não terminar, ou contar com pessoas que estão aqui, mas na verdade não estão. Porque o fato de ter um lote aqui não significa que estão na ecovila. Tem que participar, não é? [...] Gostaria de mudar, ter mais pessoas aqui trabalhando, contribuindo, dividindo as coisas. Muitas pessoas falam que vão fazer coisas e depois não fazem, então é um desrespeito com a comunidade. Porque ela assumiu uma responsabilidade que ela não fez. Se fosse no emprego dela, ela poderia ser mandada embora. Aqui não dá pra mandar um morador embora, mas tem que chegar e falar: “Olha, você se comprometeu com isso, você não fez, não deu retorno, não deu a menor satisfação”, que é o que normalmente está acontecendo.

Para Thiago, a Comunidade Andorinha ainda precisa aprender a lidar melhor com seus conflitos e resolvê-los de forma não violenta. Isso significa, principalmente, aprender a dar *feedback*: saber colocar a crítica e saber também aceitá-la.

Já tive vontade de sair do grupo sim – conta Thiago. Por causa dos conflitos, da lentidão dos processos, por causa de algumas pessoas ou situações, mas depois passou. Mas sendo honesto já tive sim, de procurar um outro lugar, talvez num outro estágio de maturidade, porque nós estamos num estágio muito infantil como comunidade. Um outro grupo mais adulto, onde eu pudesse ter um nível mais profundo de relacionamento social, muito mais profundo e transparente. Como eu estudo muito e visito e conheço ecovilas, eu já vi ecovilas que tem um nível assim muito avançado de relacionamento. Mas também tenho que dar um desconto porque eles têm vinte, trinta, quarenta anos de vida e nós estamos há cinco anos juntos. O que seria esse alto nível de relacionamento? Seria [...] saber que se um chegar pro outro e dizer: “Olha, você não fez tal coisa, está me atrapalhando”, não é que ele está sendo sacana ou desrespeitando o outro, mas cobrando algo que é importante pra ele e para o grupo.

É por essa razão que, ao assumir a presidência da ecovila, Thiago propôs uma prática chamada “círculo do coração”, para exercitar a comunicação não violenta e a prática do *feedback* entre as pessoas do grupo, como será descrito mais adiante.

Na ecovila Andorinha, portanto, o grupo já conseguiu criar um sistema de gestão que baliza a negociação entre diferentes propostas, facilitando a tomada de decisões. No entanto, depois de tomada a decisão e criados os GTs, existe ainda muita dificuldade na *concretização* dessas decisões. Uma das causas dessa dificuldade é, como já foi dito, a falta de uma participação mais efetiva dos membros e a falta de compromisso que muitos apresentam.

Porque se estabelece: grupo de trabalho pra festa – conta Lilian. Quem é? Benedita, Joana e Antônia... Não acontece! E daí a Joaquina resolve fazer. É mais ou menos assim que funciona. [...] Eu gostaria que as pessoas tivessem maior comprometimento, uma rapidez de execução. [...] Que se tenha maior responsabilidade. [...] O que nós temos, que é difícil de pôr em prática, é uma questão de ritmo. São coisas que se pretende e não se faz. É necessário um Centro Comunitário: devagar quase parando. É necessário plantar: está devagar. Eu acho que eu não diria qual que é a questão pontual. O maior desafio é a lentidão do ritmo e do comprometimento.

É possível, no entanto, que exista outra causa para isso: a diversidade de imagens e expectativas que cada membro projeta na ecovila. Cada ecovilense possui uma imagem pessoal de como gostaria que a comunidade se desenvolvesse, privilegiando determinados aspectos em detrimento de outros. Muitas vezes, o que impulsiona um membro para o trabalho não estimula outros. Um exemplo disso é o envolvimento de Lilian no planejamento do Centro Comunitário, projeto que assumiu com muito entusiasmo e dedicação. No entanto, seu envolvimento com o projeto não foi partilhado pelos outros membros. Em várias reuniões, Lilian queixava-se das pessoas que, após se voluntariarem para realizar determinada tarefa, passada a reunião, logo já perdiam o entusiasmo e ela sentia-se constrangida de ficar “cobrando” um comprometimento das pessoas. Na reunião de setembro de 2011, seis meses após ter assumido o GT, Lilian fez um desabafo. Ela disse que não estava se sentindo apoiada nem acolhida em seu trabalho. Que as pessoas estavam sempre dispostas a criticar, mas poucas traziam contribuições efetivas. Na falta de um envolvimento maior dos outros membros, todas as ideias que ela formulava sozinha pareciam como imposições e acabavam não sendo aceitas pelos outros. “As pessoas cobram, mas não dizem como fazer melhor”. Ela decidiu, portanto, que não queria mais tomar decisões, e desistiu de assumir esse projeto que é tão importante para ela.

Já o engenheiro agrônomo Otávio sonha com um plano de manejo para a ecovila que incluía reflorestamento das matas ciliares, projetos de educação ambiental, proteção das nascentes e dos cursos dos córregos, etc. Ele acha de

extrema importância, para uma ecovila, ter um plano de manejo amplo e consolidado. No entanto, também não se sente muito acolhido em seus projetos. O que para ele deveria ser prioridade na ecovila, não o é para outros. Isso resulta em falta de recursos para levar adiante seus sonhos.

Dessa forma, por mais que os ecovilenses tenham avançado no seu sistema de gestão, nos acordos comunitários e na tomada de decisões, a concretização dessas decisões ainda apresenta alguns obstáculos – seja pela falta de participação e envolvimento dos membros, seja pela multiplicidade de interesses e visões. Aquilo que é prioridade para uns não o é para outros, o que pode indicar a necessidade de fortalecerem sua identidade coletiva⁵⁶.

2.7 Espiritualidade

“A matéria e a vida que abundam no mundo também estão em nós; as forças que trabalham em todas as coisas, sentimos-las em nós; seja qual for a essência íntima do que é e do que se faz, nós nela estamos. Desçamos então ao interior de nós mesmos: quanto mais profundo for o ponto que tocarmos, mais forte será o impulso que nos reenviará à superfície.”
Henri Bergson

A busca espiritual está muito presente na ecovila, não só no sentido religioso (em toda a sua diversidade, com espíritas, budistas, cristãos, judeus e, claro, ateus), mas principalmente como uma forma holística de interpretação dos acontecimentos e de ação. Conceitos como *sincronicidade*, *intuição*, *karma*, necessidade de *centramento*, acreditar que as coisas acontecem por uma razão, a crença em outros *níveis de energia*, todos esses temas são recorrentes nas *conversas*. Certa noite em que eu estava na Casa Um, por exemplo, um debate surgiu durante o bate-papo: será que a mágica dos pajés funcionava porque os índios acreditavam nela, ou porque realmente eles conseguiam trabalhar algumas forças da natureza que nós hoje desconhecemos? Outro dia, numa conversa entre Selma e Ana Paula, cada uma colocava seu ponto de vista: para Ana Paula, alma e corpo são uma coisa só. Já Selma tem uma visão dualista da alma como separada do corpo. No entanto, cada uma ouvia com atenção e curiosidade os argumentos contrários apresentados. Numa outra conversa que se deu na casa de Lilian, esta contava sobre um dia de

⁵⁶ Voltaremos a refletir sobre esta questão no terceiro capítulo.

muita chuva, em que estava de carro na estrada de terra e tinha que passar por um trecho muito enlameado. Na dúvida sobre por qual lado passar, ela disse ter procurado “se centrar” para ouvir sua intuição, e conseguiu passar pelo trecho difícil. Logo após uma meditação, Rodrigo se lembrava de quando voltou para Piracicaba alguns anos depois que morou lá, e viu que várias árvores haviam sido derrubadas. “Tudo muda”, ele disse. “As plantas desaparecem, os animais desaparecem, o carro apodrece, tudo se acaba. O palco da vida está sendo desmontado e só vai sobrar essa conexão com Deus”. Natália, então, respondeu que muitas coisas estão se acabando, mas que também muita coisa nova está surgindo, e “às vezes é preciso haver destruição para poder haver criação”. Ela se referia à noção indiana de destruição e criação contínua do universo. Shiva, deus da destruição, é venerado e tão importante quanto Bhrama, o criador. Murilo comentou que quando morreremos só ficará de nós nossas ações, nossas lembranças, o que as pessoas lembrarem sobre nós. “Devemos pensar no que vamos deixar para o mundo”, disse ele, “construir para os próximos que virão”.

Outra ideia muito difundida entre os ecovilenses é o da doença como um aprendizado. Todas as doenças são vistas, no imaginário alternativo, como um processo de transformação do ser⁵⁷. Certo dia, Lilian contou sobre a doença de um familiar que, segundo ela, era uma pessoa muito crítica. Tudo nela e nos outros tinha que estar perfeito, sem nenhum fio de cabelo fora do lugar. Até que ela ficou cega, e isso a transformou profundamente. Rodrigo acredita que a causa de qualquer tipo de câncer são rancores e emoções que guardamos e não conseguimos trabalhar. Quando Vanda e Gustavo foram até a casa de Naomi rezar por seu filho que estava doente, Gustavo pediu a Deus para que o filho de Naomi e todos aqueles que estivessem à sua volta (médicos, familiares e amigos), que fossem abençoados e que tivessem calma e sabedoria ao lidar com essa questão. Disse que, por mais que não consigamos entender o porquê de tudo isso que ele está passando, existe uma razão. É uma lição que ele tem de aprender, uma experiência pela qual ele tem de passar em seu processo espiritual; e que temos de confiar que Deus sabe melhor do que nós qual é o processo de cada um.

⁵⁷ Sobre esse assunto, é muito conhecido o livro *A doença como caminho*, de DAHLKE e DETHLEFSEN (publicado no Brasil pela editora Cultrix).

Nas estantes das casas predominam os *livros* sobre permacultura, espiritualidade e “Nova Era”: Trigueirinho, Fritjof Capra, Joseph Campbell, Rudolf Steiner, James Lovelock, Osho, Yogananda, livros sobre ioga, meditação, psicologia, antroposofia, filosofia oriental, entre outros. Nas *músicas* cantadas também são recorrente os temas que falam de Deus, como na seguinte música, muito tocada por Rodrigo nos encontros comunitários: *Que bom saber que somos irmão filhos da Mãe Terra e do Pai do Céu. /Todo planeta é nosso quintal e toda casa que eu entro, faço o meu lar. /Que bom saber que somos irmãos filhos da Mãe Terra e do Pai do Céu. /Venha com a gente cantar essa canção tão simples. Que aqui a Terra é nosso lugar.*

A busca espiritual na ecovila apresenta-se, portanto, menos como um aspecto religioso, baseado na tradição e nos costumes, e mais com uma forma mística de dar sentido aos acontecimentos e de moldar a ação. É uma forma de restabelecer o questionamento moral na vida cotidiana, bem como a possibilidade de se encantar e se maravilhar com as coisas. Acolhendo práticas e conceitos de diversas tradições, a espiritualidade na ecovila relaciona-se com a busca de uma vida equilibrada e de relações mais solidárias. Essa busca da ação correta é, como já vimos, própria do ser humano e tem relação com aquela mesma experiência do *dever* que guia uma atitude de cuidado para com a Terra.

Além dos prazeres imediatos que as ações produzem, o prazer também é relativo à consecução de um propósito considerado valioso. [...] Portanto, embora ninguém esteja fisicamente presente ou venha a tomar conhecimento do que estamos fazendo, é natural não conceber, na solidão, o certo e o errado. Esta é a razão por que, embora façamos o que consideramos certo, diante da desaprovação e da punição pensamos em *algumas* outras pessoas que aprovariam nossa ação. E mesmo que todos os seres humanos desaprovassem um ato que consideramos certo, o nosso comportamento estaria em função da aprovação – aquela que *seria* dada pelos nossos semelhantes se eles conhecessem melhor as coisas. (ASCH, 1977, p. 305)

Dessa forma, a fé em um poder superior reforça essa noção de que a ação deve ser correta, mesmo quando ninguém mais a vê, já que há uma testemunha presenciando nossos atos. A busca espiritual e do autoconhecimento é uma das propostas da ecovila Andorinha, conforme declarado em sua Visão:

Ser uma comunidade que incentiva o autodesenvolvimento de seus integrantes e promove o florescimento de talentos, habilidades e saberes. Cultivar o Sagrado, a amorosidade, a simplicidade, a cooperação mútua e com a Terra e celebrar a alegria de viver em grupo.

Existe também uma valorização das terapias alternativas (Reiki⁵⁸, florais, massagens, uso de ervas, etc.) e alimentação naturalista (o que não exclui uma linguiça ou feijoada no cardápio de alguns). Quase todos os membros fazem alguma prática diária de meditação. Muitas vezes, reúnem-se na Casa Um para meditar juntos com Rodrigo. Também fazem uma meditação semanal na casa de Andressa, que mora na cidade próxima.

Aí - conta Rodrigo – a partir das sete horas, novamente tem meditação. Às sete da manhã e às sete da noite, é religioso, tem meditação. Porque é um tempo em que você cria um ritmo e esse ritmo é obedecido até em outras esferas. E isso cria um portal que todo mundo que entra nesse salão aqui sente algo diferente, porque já criou um ritmo, não é? [...] Pra mim eu vejo assim um foco, um compasso: é a meditação. Em torno gira a minha arte, o meu conhecimento, meu saber, minha leitura, meu ganha-pão, sabe? Meus amigos... Mas o foco, a ponta seca do compasso é a meditação. A importância? Na minha vida a meditação é o objetivo de estar aqui na Terra, que é esse contato com o superior. Amar a Deus sobre todas as coisas, o resto virá por acréscimo. Então quando eu foco o compasso, o centro nesse ponto, o resto, tudo é acréscimo.

Eu acredito que essa busca que eu faço – conta Inês – e que várias pessoas fazem com vários caminhos, é o único caminho pra gente como humanidade ter algum futuro. Porque mesmo o caminho ecológico, que eu gosto, eu faço, se você não tiver uma busca de melhoria como ser humano, você não vai a lugar nenhum. Então eu acho que é o único caminho. E se você tem um caminho de autoconhecimento, de você querer se melhorar eticamente, querer se melhorar, como consequência vem um respeito com a natureza, um respeito com outro ser humano, um respeito com os animais. E aí a coisa vai.

Mas a vida é um autoconhecimento – diz Naomi. Todos os movimentos espirituais os quais você adentra, independente, é um autoconhecimento. E o autoconhecimento pra mim é você silenciar, e ouvir a voz divina dentro de você. À medida que você ouve a voz divina dentro de você, você está fazendo um trabalho de autoconhecimento. [...] Eu já pratiquei de várias... Figueira⁵⁹ é um dos trabalhos. Ioga também. Algumas religiões são trabalhos de autoconhecimento. [...] A importância? É você reconhecer que você não é nada nessa Terra. É você reconhecer que você não é nada, absolutamente nada. E ao mesmo tempo você é tudo. É exatamente reconhecer isso, esse paradoxo: você pode ser tudo e você pode ser nada, você é o tudo e você é o nada. [...] Que quem sou eu diante do cosmo e do universo? Quem-sou-eu? Eu sou tudo, porque através de mim eu posso mover tudo e fazer da minha vida o que eu quiser: um inferno, um paraíso, e a do outro também. Então nisso eu sou o tudo e eu sou o nada. E o reconhecimento maior pra mim, depois disso, é que existe uma hierarquia superior. Pela fé eu desenvolvi isso. Eu desenvolvi essa fé de que nós somos guiados por uma hierarquia superior que nos trouxe e que nos diferenciou nessa terra. Mas essa diferenciação não é pra fazer a diferenciação entre os outros seres vivos, é só a diferenciação do intelecto que tem que chegar no anímico, no espiritual. E elevar as coisas que ainda não são para o espiritual. É esse reconhecimento.

⁵⁸ Reiki é uma terapia alternativa que consiste na canalização da energia universal, que penetra pelo topo da cabeça e sai pelas mãos. O terapeuta de reiki encosta suas mãos no paciente, ou mantém suas mãos a poucos centímetros de distância, para que essa energia flua para o receptor, curando-o e harmonizando-o.

⁵⁹ Figueira é uma comunidade localizada em Minas Gerais, originada a partir do pensamento de Trigueirinho. Dedicam-se à busca de “um novo estado de consciência na vida grupal e nas ações abnegadas, por meio de estudos, retiros, oração e serviço altruísta” (FIGUEIRA).

As meditações propostas por Rodrigo geralmente seguem o seguinte formato: após dispor alguns livros místicos de variadas tradições sobre a mesa, Rodrigo começa a tocar seu violão e todos o acompanham em uma canção simples, repetidas vezes, como um *mantra*⁶⁰. Após repetirem os versos diversas vezes, a melodia continua por algum tempo (geralmente com Rodrigo e Elton no violão), diminuindo de velocidade até parar. Quando a música para, todos fecham os olhos e ficam em silêncio durante alguns minutos. Após esse momento de introspecção, Rodrigo toca uma tigela tibetana⁶¹ e todos abrem os olhos. Alguém é então chamado para escolher um livro qualquer, e abri-lo numa página aleatória para ler em voz alta. Os temas das leituras são diversos, mas sempre relacionados à espiritualidade: a importância de se perdoar, a importância da gratidão e de uma vida simples, entre outros. Após a leitura de um trecho do livro, as pessoas discutem o texto, fazem comentários, ou falam sobre como esse texto se aplica em suas vidas.

Antes das refeições comunitárias as pessoas ficam sempre de mãos dadas em um círculo ao redor da mesa e alguém é convidado para fazer um agradecimento. É comum se agradecer pela presença das pessoas, pelo alimento e por todos aqueles que contribuíram para que aquele alimento chegasse até ali. Todos são convidados para entrar na roda, inclusive Emília, a funcionária que geralmente ajuda na preparação dos almoços na Casa Um. Nessas rodas, assim como naquelas feitas antes das reuniões, os ecovilenses procuram intercalar um homem e uma mulher, para equilibrar as energias *ying* (feminina, receptiva) e *yang* (masculina, ativa). Outra característica interessante das rodas é que a mão direita deve ficar voltada para baixo e a mão esquerda para cima. Essa forma de se dar as mãos é muito comum em rituais e práticas alternativas. Acredita-se que a mão esquerda é receptiva e, por isso, deve ficar voltada para cima, para receber a energia da palma da mão direita (que canaliza a energia) da pessoa ao lado. Dessa forma, a energia pode circular pela roda com mais fluidez.

⁶⁰ *Mantras* são, na tradição indiana, frases ou palavras (originalmente em língua sânscrita) que, ao serem recitadas repetidas vezes, conduzem a um estado de concentração e meditação. Nas meditações propostas por Rodrigo, além da canção acima citada, outra canção muito usada como *mantra* é: “A onda do mar desfaz-se no mar / Eu sou a onda, faze-me o mar / Faz assim, ó meu Senhor / Tu e eu sempre unidos”.

⁶¹ A tigela tibetana é um instrumento utilizado nas meditações. Consiste em uma bacia de metal, na qual se bate levemente com um pedaço de madeira. O som que ela produz é como uma onda, que vai sumindo aos pouquinhos, e é considerado harmonizador.

As harmonizações que são feitas antes e após as reuniões refletem bem a diversidade de linhas filosóficas dentro do grupo. Qualquer membro pode propor uma harmonização qualquer, que pode ser um pensamento não religioso, um Pai Nosso, até uma prática mais complexa como os “mudrás de luz”⁶² proposta por Natália em certa ocasião. Certo dia, por exemplo, Thiago propôs uma meditação em prol dos japoneses e de seu sofrimento recente (com o terremoto, o tsunami, e o vazamento da usina nuclear). Em outra reunião, Daniela, que se interessa pelo movimento do Calendário da Paz⁶³, conduziu uma “prece das sete direções galácticas”. Foi interessante ver, durante essa prece, uma das ecovilenses “sair de fininho” e ficar num canto para não participar da oração. No entanto, salvo essa vez, todas as propostas de harmonização que presenciei foram bem aceitas pelos outros membros. A ecofeminista Starhawk escreve:

Uma cultura femeocentrada, baseada na natureza, celebra a diversidade, pois a diversidade assegura a sobrevivência e a evolução contínuas. A natureza cria milhares de espécies e não somente uma; e cada uma é diferente, adaptada a diferentes nichos ecológicos. Quando uma espécie se torna superespecializada, muito limitada em suas possibilidades de adaptação, é mais provável que se extinga. Quando movimentos espirituais e políticos tornam-se muito limitados, provavelmente também definirão. [...] Se a nossa cultura, como um todo, deve evoluir para a vida, precisamos amparar a diversidade, criar e manter um amplo leque de diferenças em estilos de vida, teorias e táticas. Precisamos nos livrar da hipocrisia que advém de nos vermos como o povo escolhido, e precisamos criar uma religião de heréticos, que se recusem a sustentar qualquer linha ideológica ou serem leais a quaisquer doutrinas exclusivas. (STARHAWK, 2001, p. 255)

Essa diversidade de linhas filosóficas coexistindo num mesmo grupo⁶⁴ é um dos aspectos mais singulares da Comunidade Andorinha. Eles respeitam todas as formas de busca, seja ela espiritual ou intelectual, como fica claro nos depoimentos abaixo:

Por exemplo, o Nelson é ateu – diz Rodrigo – eu sou extremamente “teu” [risos]. Então ele é completamente a-teu. Mas a gente se dá muito bem, porque eu gosto dos argumentos que ele apresenta. Eu falo “nossa, nunca tinha pensado dessa maneira. Eu vou pensar”. Mas também não concordo com essa maneira, mas eu acho bom ele falar, pra ver de outros ângulos, não é? É, por exemplo, a inquisição, essas perseguições cristãs, guerra, cruzadas, tudo em nome de Deus. Então ele é ateu por causa disso também. Mas assim vai.

⁶² Mudrás são gestos feitos com as mãos e que possuem significados simbólicos específicos na cultura indiana.

⁶³ Esse movimento divulga um calendário diferente do gregoriano, baseado nos ciclos lunares, que possibilitaria às pessoas se conectarem melhor com as energias do universo.

⁶⁴ No altar existente na sala da Casa Um, por exemplo, um quadro da Nossa Senhora com o menino Jesus divide o espaço com outro quadro menor com a foto do mestre indiano Yogananda.

Minha busca é de estar bem – diz Thiago – de contribuir com o lugar, de fazer parte e me integrar. Do lugar ser parte de mim. Aceitar as diversas formas de reverenciar o sagrado, as manifestações. Aqui o legal é que todo mundo respeita a crença e a maneira de cada um se conectar com Deus, então tem espaço pra tudo.

Os ecovilenses trazem, dessa forma, referências de diversos povos e culturas. Os “mudrás de luz” são uma referência da cultura indiana, assim como as meditações de Rodrigo, que seguem a linha espiritualista do mestre indiano Paramahansa Yogananda. Já o movimento do Calendário da Paz se baseia em uma releitura contemporânea do calendário Maia. Uma referência que vem dos índios norte-americanos é o *pau falante*, que consiste em um objeto, geralmente um pedaço de pau, usado em reuniões para garantir que todos sejam ouvidos. A pessoa que segura o pau falante é a única com o poder de fala naquele momento. Os outros devem escutar com atenção. Ao final de sua fala a pessoa pode dizer: “*Assim falei, hey!*” Ao que os outros respondem “*How!*”, que quer dizer algo como “*Te escutamos e acolhemos sua opinião*”. Depois, o pau falante pode ser entregue para outra pessoa ou permanecer no centro da roda até que alguém queira segurá-lo e falar. Segundo Jamie Sams, essa forma de procedimento parlamentar usada pelos nativos americanos há muitos séculos visa reconhecer o valor de cada orador:

Cada membro do Conselho deve ouvir com atenção as palavras que são ditas, de forma que, quando chegar sua vez, não repita informações desnecessárias nem faça perguntas impertinentes. As crianças indígenas aprendem a escutar desde os três anos de idade. Aprendem também a respeitar o ponto de vista dos outros. Isso não quer dizer que não podem discordar, mas estão obrigadas por sua honra pessoal a permitir que cada um expresse seu Sagrado Ponto de Vista. (SAMS, 1993, p. 149)

Esta técnica foi utilizada na Andorinha tanto como uma proposta colocada no início de uma reunião (no “círculo do coração”), como também espontaneamente. Isso ocorreu quando, durante uma reunião, Andressa estava querendo falar mas muitas pessoas atropelavam sua fala. Então, Inês pegou um cristal que estava em cima da mesa e entregou-o para Andressa para que usasse como *pau falante* e, assim, colocasse uma ordem na discussão. Quando os ânimos se acalmaram, o “*pau*” falante foi deixado de lado, pois não era mais necessário. Quanto à palavra *How!*, ela é usada em diversas ocasiões. Especialmente quando alguém diz algo que corresponde aos nossos pensamentos, significando que confirmamos e endossamos o que foi dito.

Diante dessa diversidade de influências na busca espiritual dos ecovilenses, vale retomar o pensamento de Ernesto Sabato. Este acredita que a humanidade se

empobreceu quando passou a desprezar os valores transcendentais, os afetos, a intuição, a busca religiosa.

O conhecimento de outras culturas oferece a perspectiva necessária para olhar o mundo de outro ângulo, para incorporar à vida outras dimensões e outras saídas. A humanidade está caindo numa globalização que não tende a aproximar as culturas, mas a impor a elas um padrão único para melhor se enquadrar no sistema mundial. Apesar disso, a fé que me possui se baseia na esperança de que o homem, na iminência de um grande salto, volte a encarnar os valores transcendentais, agora escolhendo-os com a liberdade que este tempo lhe dá, providencialmente. (SABATO, 2008, p. 45-46)

Na cultura alternativa engendrada pela ecovila existe, portanto, a valorização da diversidade e da interdependência – tanto quando se fala em meio ambiente (a diversidade de espécies e sua interdependência), em relações interpessoais (a singularidade de cada um e a ligação que existe entre todos os homens) quanto nas formas de busca espiritual. Isso pode ser percebido com muita clareza no depoimento de Rodrigo:

Sim, sim, eu já morei em comunidades alternativas. Diferente da ecovila, na comunidade existia uma cola e um eixo muito filosófico: ou budismo, ou macrobiótica ou espírita. E aí acaba criando uma monocultura de pensamentos, não é? Existe uma cartilha a ser lida e você não pode sair daquilo. Já por isso eu não queria mais. Apesar de espírita e budista, pra mim não me interessa mais morar numa comunidade espírita [...].

A primeira era uma comunidade iogue, ninguém era dono. Que coisa boa! Mas também era uma confusão tremenda. Na segunda, que era a macrobiótica, tinha um dono, mas ele era senhor absoluto de todas as decisões, e quem não concordasse saía fora. Aí eu falei: esse modelo também não dá certo. Aí depois na terceira eu fui morar numa comunidade espírita. E já era uma harmonia maior, meus filhos cresceram lá, achei muito bom, ainda existe essa comunidade. Mas, aquela coisa: a monocultura. O assunto é só aquele e gira em torno daquilo e é fechado pras outras ideias. Então, apesar de serem todo mundo boas pessoas, todo mundo família, todo mundo querendo o bem, mas eu sempre falo: cedro é bom, mas uma floresta de cedro é desequilibrada, tem que ter uma biodiversidade. Então quando eu montei essa ecovila, eu tirei todos esses aspectos ideológicos, filosóficos, que têm que ser tirados. Não banidos, mas colocados em segundo plano, que o primeiro plano seja outra coisa, um universo de interesse que tange a todos nós. Então a ecologia é assim, a Agenda 21, que é a nossa cola, não é? Por isso que elegemos a nossa cola como sendo a Agenda 21.

Vandana Shiva (1997, p. 7-8) afirma a diversidade como uma alternativa à monocultura, homogeneidade e uniformidade, tanto na natureza como na cultura e na política. “Mudar para a diversidade como um modo de pensamento, um contexto de ação, permite a emergência de múltiplas opções”. É o que é necessário “para ir além das empobrecidas monoculturas da mente”.

Esse aspecto de não-separatividade, ou seja, uma espiritualidade que inclua a todos os povos e religiões corresponde ao entendimento de que toda busca ética,

por mais diferente que seja, é *fundamentalmente* a mesma. Essa percepção mais ampla de espiritualidade pode ser percebida em diversas práticas da ecovila. Por exemplo, uma das aberturas de reunião proposta por Thiago deu-se da seguinte maneira: em roda e de mãos dadas, Thiago convidou-nos a fecharmos os olhos e esquecermos nossos problemas. Deixarmos para trás o trabalho, a casa em São Paulo, e lembrarmos nossos valores, nossas qualidades positivas. Depois pediu para visualizarmos, no centro da roda, um círculo de luz dourada. Deveríamos imaginar aquela luz se expandindo para incluir aquele círculo, se expandindo para abarcar as casas da ecovila, os sítios do entorno, e, enfim, todo o planeta. Ao final, pediu para que “voltássemos” para onde estávamos e abrissemos os olhos. As pessoas, então, se olharam nos olhos e sorriram umas para as outras.

Lilian trabalha com um remédio vibracional chamado Sanjeevini, cujos frascos são colocados sobre cartelas contendo desenhos específicos. Acredita-se que cada desenho emana uma espécie singular de energia que, juntamente com as visualizações que ela faz, trabalham para a cura de seus pacientes. Em uma das cartelas que me mostrou foi colocado um globo terrestre, representando o mundo. Nessa cartela, ela visualiza boas energias para todo o planeta. Ela também pratica, em sua casa, uma meditação dirigida, isto é, uma fita gravada com uma voz que vai dirigindo as visualizações. Nessa fita, uma voz masculina falava algo assim: “Visualize todos os países e continentes iluminados por Deus. A Terra inteira iluminada por Deus. Paz no planeta. Agora volte para o seu corpo e sua identidade, tão importante no cumprimento de sua missão na Terra. Respiração correta, alimentação correta, pensamentos corretos”.

É interessante perceber que, nesses casos acima mencionados, a luz divina ou o círculo de energia crescia para englobar *todo o planeta* – e não algum povo escolhido ou uma religião específica – indo ao encontro da própria concepção ecológica, na qual o planeta como um todo é percebido como um único sistema. A destruição em um ponto do globo afeta o todo.

Essa visão holística de mundo, muito presente no movimento alternativo, ganhou expressividade a partir da década de sessenta com a *hipótese Gaia*. Essa teoria, formulada pelo químico inglês James Lovelock, foi imediatamente aceita por grande parte do movimento ecológico e alternativo e reinterpretada de diversas formas, conferindo à Gaia uma enorme força simbólica. A tese de Lovelock e de sua

colaboradora Lynn Margulis é a de que todas as coisas vivas, todas as espécies do planeta têm um papel criativo no meio ambiente global, de forma a aumentar a potencialidade de vida do planeta. A meta da vida é a homeostase⁶⁵ global, e a *simbiose*⁶⁶ é a principal maneira pela qual as espécies evoluem. Mais importante do que a competição, portanto, seria a cooperação entre as espécies, formando comunidades intimamente unidas ao seu meio ambiente físico e químico, e em relação de interdependência com todo o planeta. Dessa forma, segundo essa teoria, o planeta Terra poderia ser entendido como um único organismo que se autorregula através da integração e cooperação entre as espécies (ROSZAK, 2001, p. 145).

Gaia, a Mãe Terra, simboliza a importância da cooperação, da comunidade e da solidariedade entre as formas de vida. Nessa visão de mundo, espiritualidade, ecologia e comunidade são aspectos que se relacionam e se complementam, em uma forma de pensar coerente. A diversidade de personalidades, de sistemas ecológicos, de culturas e de formas de busca espiritual, bem como sua inter-relação cooperativa é vista como essencial para o equilíbrio do planeta – nossa casa comum.

Perceber a unidade de todos – diz Lilian. Perceber que somos um. E que eu e você interferimos em todo o mundo. E que o ar que eu respiro, toda a humanidade respira. [...] Porque todos nós respiramos o mesmo ar do planeta. Toda a água. Todas as nuvens. Toda a terra. Todos os planetas, eles interagem entre si. E isso é a beleza da vida. [...] Na essência, a maior parte das religiões e as posturas espirituais são idênticas. [...] E o Sai Baba mesmo diz: “as religiões são muitas, Deus é um”. [...] Então, a religião, do ponto de vista formal, não é o que me importa.

O círculo que os ecovilenses fazem antes das reuniões e das refeições representa bem essa inter-relação: todos estão de mãos dadas, ligados, mas ninguém ocupa o centro da roda e todos podem ver uns aos outros na sua singularidade. Essa ideia também aparece de forma explícita no documento que descreve os *valores* da comunidade:

Sagrado: reconhecer nossa unidade com tudo o que existe – incluindo todos os seres, especialmente os humanos -, procurando em nós mesmos as raízes de tudo o que nos acontece; praticar a atenção plena, sinceridade e consciência responsável em todas as nossas ações e relações; [...] **Respeito:** valorizar e aceitar, com humildade, a liberdade e a diversidade de cada ser, os pontos de vista diferentes dos nossos, reconhecendo que cada voz tem

⁶⁵ Homeostase é a capacidade de um sistema aberto, principalmente organismos vivos, de regular seu ambiente interno (ex.: temperatura) para manter-se estável. Isso é realizado por um conjunto de mecanismos regulatórios que fazem ajustes para manter o equilíbrio dinâmico do sistema.

⁶⁶ Simbiose é a vida em comum de dois organismos de espécies diferentes que se associam numa relação mutuamente vantajosa.

sua parte na construção da verdade coletiva; [...] **Alegria:** celebrar a vida e a realização de nossa interdependência com todos e com tudo, com gratidão e profundo sentimento de pertencer.

2.8 Relações interpessoais

Ah, o relacionamento é bom – conta Inês. A gente quando está aqui se visita bastante, tem bastante intimidade. A gente se dá mais com uns do que outros, com quem você tem mais afinidade ideológica, de maneira de encarar a vida. Então têm aquelas pessoas com quem você se vê mais, mas de uma forma geral eu acho boa. Alguns mais perto, outros mais distantes, e é isso. E se visita, vem na casa, eu recebo muita gente em casa, de passagem. Acho que, porque a minha casa é no caminho, então acaba muita gente dando uma paradinha aqui.

Então os conflitos existem – afirma Thiago. Se uma comunidade não tiver conflito ela está morta, porque o conflito faz parte da vida.

Os conflitos são trabalhados da maneira mais comum – diz Naomi – a gente torce o nariz, fecha a cara, faz bico, mas depois acaba se envolvendo tudo numa reunião, ou numa dança, numa coisa, acaba ficando... A gente vai continuando. É o limite que nós temos aqui, e graças a Deus está dando certo. A gente vai remoendo e vai trabalhando, e vai perdendo e vai convivendo. Como todo mundo, não tem nada de diferente.

Mas o que une todo mundo é a vontade de ter um grupo legal – afirma Guilherme – que muita gente pense da mesma maneira sobre o que realmente importa na vida, não é?

Na Comunidade Andorinha, como em todo agrupamento humano, existem conflitos, fofocas, dificuldades de lidar com o outro.

Vários conflitos – diz Guilherme. Mas também não sei o que é conflito. Primeiro precisa definir conflito. Por exemplo, conflito também é muito usado pra determinar, em outras palavras, “zona de guerra”. Nunca saiu conflito aqui dentro, acho eu, pelo menos nunca soube de ninguém trocando tapa. Então aqui dentro não tem conflito. Tem um monte de opiniões divergentes. Sobre que assuntos divergem? Sobre tudo. Imagina um assunto aí: tem divergência. Como são trabalhadas? Conversando. Ou conversando ou esperando.

Um exemplo? O Centro Comunitário – diz Inês. Então tem pessoas que acham que pra você construir qualquer coisa você tem que planejar. Se você vai fazer um Centro Comunitário, você tem que pagar um arquiteto muito bom e que vai fazer uma coisa certa, perfeita. Têm outros que acham que isso é o fim do mundo: se nós estamos aqui, numa ecovila, a gente tem que fazer com as nossas mãos, com nossos saberes e, se sair mais ou menos, não tem importância porque fomos nós que fizemos. Então isso dá conflito. Então são formas bem antagônicas de ter um único objetivo que é o tal do Centro Comunitário. Às vezes se fala uma palavra mais forte, tem gente mais estourada, então às vezes dá conflito e deu conflito. Mas esse conflito se deu por internet, é isso que eu estou te dizendo: fala alguma coisa, fala outra e tal, depois acalmou, já foi feita a paz. Outro conflito que deu foi questão do cachorro. Os donos achavam que cachorro tem que andar solto, com toda a liberdade. Eu também acho, mas se o cachorro é agressivo, ataca, já mandou três ou quatro pro hospital, arranha carro dos outros, mata outro cachorro, na

nossa opinião e na do restante, esse cachorro tem que ser contido de alguma forma. Então isso deu um conflito também. Como são trabalhados? Então o conflito do Centro Comunitário foi trabalhado dessa forma: foi o conflito, houve um afastamento, depois eu acho que a pessoa que foi mais agressiva pensou, pensou, refletiu, demonstra uma boa intenção, entrou em contato, pediu desculpa pra todo mundo e tal. E a gente, na hora, também “ótimo, sem problema”. Então foi trabalhado por um desenvolvimento das próprias pessoas, não há um trabalho externo. Já a questão do cachorro, o dono do cachorro achou que não, que ele estava certo, e foi embora. Então foi porque quis também, ninguém botou pra fora.

Os conflitos existem e são até importantes, como já vimos, para manter o debate e a participação atenta dos membros na vida coletiva. Algumas pessoas não conseguiram lidar com esses conflitos e desistiram do projeto. Na verdade, grande parte dos ecovilenses já pensou em sair do grupo.

Houve caso de gente que desistiu por causa de conflito – conta George – mexeu num ponto sensível e desistiu de vir. E tem gente que ainda não está aparecendo por causa de conflito. Pra não encontrar com tal pessoa, e não falar coisa desagradável.

Já tive vontade de sair do grupo por causa de conflitos – confessa Inês – Por formas de pensar diferentes. A gente construiu também, na comunidade, a casa do caseiro. E nessa ocasião, meu marido trabalhou muito pra comunidade. Muito, muito, muito. De tempo, de força física, de muito. E o que aconteceu? Aquela história: quase ninguém vem, poucos trabalharam e foi num momento da ecovila que, talvez justamente porque as pessoas não façam, não ponham a mão na massa, é muito fácil criticar. E houve críticas, que eu achei pesadas, despropositadas, injustas e me aborreceu muito.

No entanto, a maioria das pessoas foi para lá com uma *proposta* de viver em solidariedade. E isso acaba por estimulá-las a enfrentarem esses desafios em busca de uma convivência mais harmoniosa. Existe no grupo uma vontade muito forte de ser uma comunidade, como me disse certa vez Inês: “apesar de sermos tão diferentes uns dos outros, todos aqui *querem* ser pessoas melhores, *querem* conviver bem”.

Rodrigo conta a história de um conflito que ocorreu ali:

Por exemplo, dois vizinhos que não se falavam por causa de cachorro: cocô na porta. Aí passou um tempo assim, nesse clima chato. Aí passou um tempo, um deles fez aniversário e nesse dia o vizinho foi e levou um presente muito bonito e declamou um poema! Aí eu vi que não existia... Os dois estavam querendo transcender essa desarmonia. O aniversário foi a chance dos dois... Pronto! Aí voltou a ter harmonia, e ali a comunidade dá um passo. Que, num condomínio careta, a guerra continuaria pra sempre. Mas aqui eles sabem, nós sabemos que não pode ter. Que tem que cutucar nessa ferida, que tem que falar disso pra transcender isso, não é?

Os ecovilenses possuem os mesmos medos e limitações que todos temos. São pessoas que se formaram subjetivamente em uma cultura individualista. A busca de relações solidárias é algo que se constitui como um processo, e não como

algo dado. Criar relações harmoniosas exige um trabalho interno de autoconhecimento, de mudança pessoal, de descodificação desse corpo passivo que a vida nas cidades condiciona. A ecovilense Vanda me disse certo dia: “Eu acho que, na ecovila, as pessoas são pessoas comuns, como em qualquer outro lugar. Só que com uma proposta diferente. Nem sempre conseguimos agir como gostaríamos. Mas acho que aqui é um bom lugar pra desenvolver algumas coisas, pra se desenvolver.” É com o tempo que as pessoas vão conhecendo melhor uns aos outros e aceitando as singularidades de cada indivíduo.

Você vê, por exemplo, nas reuniões – conta Inês. Eu às vezes me irrita com um, outro se irrita com outro naquele momento. Acabou, acabou. Vai todo mundo almoçar, porque não é um conflito sério, então... Eu acho que esses conflitos ocorrem por formas diferentes de ver a vida. Eu acho que muitas comunidades que eu vejo, elas são criadas em torno de um líder e têm uma ideologia. E as pessoas buscam e se adéquam àquela ideologia pré-estabelecida. Aqui não tem isso, o que é muito bom, na minha opinião. Então existem várias formas de ver o mundo e existem várias personalidades, então existem conflitos de como se vai fazer acontecer. [...] Eles são trabalhados normalmente, com o bom senso, com reflexão. A maioria das pessoas que estão aqui tem uma vontade de ser melhor na vida, tem uma vontade de viver em paz, uma vontade de criar uma sociedade mais harmoniosa. [...] Então não temos ainda uma instância externa, mas eu acho que as pessoas que estão vindo pra cá, estão vindo com essa boa intenção, com essa boa vontade, e isso acaba resolvendo dessa forma.

Muitos são os depoimentos que falam de ajuda mútua e de solidariedade. Mesmo as pessoas com mais atritos e divergências no grupo, mesmo elas admitem que, numa situação de necessidade, todos se ajudam. Lilian fala com emoção de alguns momentos difíceis em que recebeu o apoio do grupo:

Eu lembro que uma época eu fui operada, estava delicada. Foi uma coisa assim inesquecível! Nós estávamos fazendo um encontro da “visão” aqui da comunidade e eu não podia ir porque estava de cama. Tinha acabado de ser operada, agora graças a Deus estou ótima. Eu fui com muito sacrifício até a casa do Guilherme, que estava sendo a reunião lá. E vieram duas pessoas, o Nelson e o Guilherme me ajudar porque o meu marido estava fazendo explanação. E me ajudaram a andar. Eu me senti tão acolhida naquele momento. E quando chegou lá, eu fiquei sentada, todos fizeram uma roda ao meu redor, fizeram uma roda de cura e falaram assim: “Você já está curada não é?” Então assim, com muito amor.

E quando ainda eu estava doente - ela se emociona e sua voz começa a falhar -, um dia eu estava ouvindo que começou chegar uma música... Eu ouvi que todo mundo da ecovila veio, com o Rodrigo tocando violão, vieram fazer serenata pra mim. E eu saí ali, e ele falou “entra, você tem que descansar”. Todo mundo cantou as músicas que eu gostava. Cantando pra mim, então, num momento difícil. Às vezes um acolhimento é uma coisa tão amorosa.

Estou dando uns momentos difíceis: e o momento que a minha filha estava morando comigo, e ela ficou mal, independendo dos detalhes. A minha outra filha estava aqui, aquela minha outra empregada que tinha sido de São Paulo, e veio uma ambulância pra buscá-la. E eu falei pro meu marido: “eu

não quero vê-los saírem daqui”, e eu fui pra Casa Um. Olha – diz Lilian emocionada – aquele período da minha vida foi um dos mais difíceis que eu passei. Eu sentindo que a ambulância estava a levando, e minha outra filha estava acompanhando. O que eu chorei ali! Todo mundo se reunia em volta de mim, me abraçava, sabendo o que estava se passando. Eu recebi muito acolhimento, então... Nessas três situações que eu te trouxe, me ficou assim o flash do olhar de várias pessoas, do abraço. Aquele momento foi um momento muito difícil. E recebi acolhimento... Acolhimento nesses momentos tão difíceis!

Naomi fala da atitude solidária de uma das ecovilenses:

Nesse sentido, eu vejo esse comportamento, eu vejo que é bem legal. A própria ação da Viviane, essa médica que eu te falei. Ela fez dois partos que o pessoal daqui pediu pra ela fazer, gratuitamente, pra duas pessoas que não eram daqui, mas trabalhavam aqui, que não tinham dinheiro pra pagar parto e tal, e ela foi e fez.

Ela conta também uma situação em que um ecovilense passou por dificuldade financeira e o grupo teve uma atitude de solidariedade:

Foi uma coisa bonita, não houve nenhum tipo de pressão, não houve nenhum tipo de discriminação. Ele vinha, chegava, e a gente solidarizava. E ele estava desempregado e fazia umas plantinhas pra vender, ou coisa assim, que ele vendia com o preço acima, e a gente comprava. E eu espero que nós possamos realmente desenvolver esse comportamento cada vez maior de ajudar um ao outro, que é o mínimo que se espera. A gente pode não fazer nada junto, pode não ter as atividades festivas, etc., mas que a gente realmente desenvolva este lado, que é um pelo outro e o outro pelo um, sabe? Isso é mais importante que qualquer dança circular, festa de natal, festa junina e tudo. Isso é mais importante que tudo isso.

Uma situação solidária que presenciei foi quando Vanda e Gustavo ficaram sabendo que uma ecovilense estava com um filho doente, deixando-a muito preocupada. O casal foi até a casa dela para rezarem juntos pelo filho. Outro caso interessante foi o incentivo do grupo para que Otávio pudesse se mudar definitivamente para a ecovila:

Ele chegou aqui – conta Rodrigo – e tinha um trabalho em São Paulo de jardineiro. Ele saía daqui, ia pra São Paulo e deixava as coisas aqui. Aí nós nos reunimos e falamos “Vamos tirar o que o Otávio gasta do talento dele em São Paulo, no jardim, vamos fazer aplicar aqui”. Aí reunimos a comunidade: “Quem é que está querendo um jardim na sua casa?” “Eu, eu, eu!” Então, em vez do Otávio ir pra São Paulo cuidar do jardim fora da ecovila, ele cuida do jardim dentro da ecovila. Então fizemos um pacote de dez moradores que querem que ele mexa na terra, nós “cotizamos” e pagamos o que ele ganha fora, até mais. E agora ele pode ficar aqui. Ele está já se mudando pra cidade graças a isso, entende? Ele mesmo não tinha coragem de falar, mas nós olhamos e vimos, não é? “Por que você vai pra São Paulo mesmo?” “Ah, lá tem os jardins que eu fazia antes de conhecer ecovila”. [...] É bom pra um, é bom pra outro, sabe? Quem quer jardim vai ficar feliz, não é? Então esse é um exemplo de como a comunidade se mobiliza pra auxiliar quem está passando por dificuldade.

Thiago conta uma situação na qual a mediação da comunidade foi importante para a resolução do conflito:

Sim, tem vizinhos que tiveram uma briga feia por causa de cachorros e, assim, vizinhos de frente. Não se falavam. Um queria que prendesse, o outro queria que não prendesse e ficou mais de ano, sei lá, anos assim. Aí depois, falando com um: “Olha, até quando vai ficar essa situação? Vocês não acham que vocês estão perdendo? Vocês são vizinhos!” e falava com o outro: “Olha, por que você não procura fulano?” Aí a pessoa não se sentiu confortável pra falar no primeiro momento, mandou uma cartinha e a gente entregou pro outro. Aí o outro recebeu a cartinha, se animou e procurou o outro pra conversar, aí o conflito foi sanado. Então houve um trabalho de fazer uma ponte com essas pessoas que não estavam confortáveis pra diretamente ter esse primeiro encontro, essa primeira resolução.

Mesmo no depoimento de Guilherme, que é geralmente muito racional e objetivo, aparece a questão da solidariedade:

Acho que tem duas coisas: uma é o sossego, e a outra é você ter algumas pessoas que querem, gostam, desenvolver uma comunidade. Então, se você precisar de alguma coisa, você chama o pessoal e todo mundo ajuda. [...] Como se dá o relacionamento? Eu acho que como todo e qualquer relacionamento que você tem em uma comunidade. Seja ela um prédio, a comunidade onde você trabalha, ou a comunidade onde você estuda: tem umas pessoas que você vai se afinar melhor e tem umas pessoas que você vai se afinar não tão bem. Então alguns laços vão ser mais fortes com alguns e outros laços menos fortes com outros. O que eu acho que é interessante é que a gente tem que ver (e já me falaram que é um sentimento egoísta, mas que eu gosto muito da maneira de ver) é ver o que cada um pode contribuir e usar o que esse cada um pode. E o resto, conviver amorosamente, talvez. Cordialmente. Sei lá.

A ecovilense Lilian gosta muito de receber as pessoas na sua casa, que está sempre cheia de convidados. Mesmo sem me conhecer direito, já me convidou para dormir na sua casa quando precisasse. Gosta de hospedar tanto os membros que ainda não construíram suas casas quanto visitantes, sem pedir nada em troca. Sendo psicóloga, gosta também de aconselhar as pessoas, dando inúmeras “consultas informais”. O grupo como um todo procura receber bem todos os visitantes, já que o desenvolvimento da *amorosidade* é um dos valores norteadores do estilo de vida que defendem. Rodrigo, por exemplo, conta sobre os eventos que promovem para receber possíveis compradores de lotes:

Esses eventos às vezes me aborrecem porque vem muito curioso sabe? E vêm três tipos de curioso: vem um que quer conhecer verdadeiramente; outro que quer provar que não dá certo: que a chuva vai derreter essas casas de tijolo, e que dá barbeiro... Tem esses aí, não é? Que quer dizer que você está errado. Isso é fácil de identificar. E o outro que quer copiar em algum outro lugar. Tem esses tipos. Então às vezes me cansa, sabe? [...] Então, que nem eu te falei, hoje em dia eu estou tão tranquilo que nem estou me incomodando mais. Então quando vêm essas pessoas, por mais que eu saiba que vêm só conhecer, é assim: Deus mandou? Então bem-vindo! Te dou chá, te dou café, te levo passear, toco violão pra você, eu cumpro meu papel sabe? Eu trago pra você um pouco de alegria pra esse momento, um pouco de conhecimento, de esclarecimento pra esse dia. Talvez eu nunca mais vá ver essa pessoa na vida, mas pra esse dia eu vou te dar, e aí eu dou.

Essa hospitalidade do grupo contrasta, portanto, com a indiferença do cosmopolitismo. Olgária Matos, lembrando Derrida, afirma que o cosmopolitismo corresponde à noção de tolerância. Trata-se de um “direito de visita”, de “não ser tratado como inimigo em terra estrangeira”. Quanto à hospitalidade, ela é incondicional e diz respeito ao estrangeiro que chega sem ter avisado (MATOS, 2006, p. 65).

Os ecovilenses, além de receberem bem todos os visitantes, procuram também promover a integração de seus membros por meio de atividades de “lazer”⁶⁷ comunitárias e pela valorização do encontro entre as pessoas, com frequentes festas e celebrações. Costumam festejar tanto as datas específicas – como Natal, Festa Junina, aniversários – como celebrações “inventadas” – como a Festa da Primavera, por exemplo. São celebrações simples, incluindo, em geral, uma meditação, uma refeição comunitária e, quando Carolina está presente, uma dança circular. Guilherme e Inês falam sobre essas festas:

Semana passada teve celebração – conta Guilherme. Fora do horário, mas... Fizemos uma Festa Junina. Tem Festa da Primavera, tem Natal, tem celebração... Sei lá, deu na telha, vamos celebrar que o dia está bonito! Vai lá e celebra. Como? Se junta, faz uma roda, faz uma oração, faz uma dança e varia também. Mas em geral se junta, faz uma oração, medita um pouco, agradece o que a gente tem... Está feito! A dança? Ah, tem uma mulher aqui da comunidade que é professora de dança circular, a Carolina. De vez em quando se resolve fazer uma porque precisa dar uma agitada, porque deu saudades do pessoal que não pode vir sempre. Aí marca alguma coisa com bastante antecedência. Aí vem um monte de gente, e vira festa.

Normalmente é assim – conta Inês – Ano Novo, já faz uns três ou quatro anos que a gente passa aqui, é na casa de um ou de outro. E eu acho legal porque é bem singelo tudo, então: “Vamos fazer a festa?” “Vamos”. Ano passado foi na casa da Natália. Cada um levou um prato, rimos, brincamos, comemoramos a virada com os amigos, foi gostoso. Mas nós não fazemos nenhuma festa especial, ou evento. Não difere muito dos encontros mensais, vamos dizer assim. Talvez porque a gente se arruma um pouco melhor, bota uma roupa melhor, pensa em fazer um prato mais elaborado, só isso.

Eu tive a oportunidade de participar de uma dança circular, no encerramento de uma das reuniões. Começamos de mãos dadas, fazendo duas rodas: algumas pessoas na roda de dentro, e outras na roda de fora. Carolina nos ensinou a coreografia e letra da música, que era inspirada em um canto tibetano: “*Alegremonos nos bons tempos juntos. Também juntos na adversidade. Taschdeli. Taschdeli. Taschdeli. Hei-Ma-How!*” Dançávamos girando em círculos para um lado e para o

⁶⁷ Muitas vezes essas atividades incluem a realização de trabalhos para a comunidade, tornando difícil distinguir “trabalho” e “lazer” nesses casos.

outro. Quando a música dizia “Taschdeli”, uníamos as palmas próximas ao peito e nos curvávamos numa saudação. Primeiro, para a pessoa do nosso lado direito, depois para o centro da roda e, no terceiro “Taschdeli”, para a pessoa do nosso lado esquerdo. Sempre olhando-nos nos olhos. Quando a música dizia “Hei-Ma-How” dávamos uma volta de 360º sem sair do lugar, enquanto levávamos as mãos para o céu, simbolizando a elevação das energias pra um nível superior. Repetimos a dança várias vezes, indo cada vez mais rápido e, depois, diminuindo novamente o ritmo, que Carolina estabelecia com um pequeno tambor. Ao final, todos bateram palmas e Carolina pediu pra que a lembrança dessa dança ficasse com as pessoas: “Porque desde a primeira vez em que se pensou em se fazer uma ecovila, sempre houve adversidades. Mas o importante é estarmos juntos, olhando-nos nos olhos, e respeitando cada pessoa. Quando os ânimos estiverem acirrados, que a lembrança dessa dança nos ajude”.

Para Rodrigo, esses momentos de celebração são muito importantes para a comunidade:

É muito bonito porque é o momento em que parece que os instrumentos da orquestra se afinam. Assim, eles chegam desafinados, aí saem afinados. Eles vão, depois voltam pros seus lugares, mas a memória daquela dança fica guardada, entende? Porque, apesar de às vezes ser pouco tempo, mas é um pico de qualidade na vida. É diferente do cotidiano, onde a qualidade é baixa. Então, nesse momento, existe um pico de qualidade, e isso marca. E aí quando a pessoa lembra: “Nossa, foi incrível aquele momento!” e não esquece, porque são momentos inesquecíveis, não é?

A vida na ecovila procura, deste modo, resgatar práticas artísticas comunais, incentivando a participação de todos, ao invés de formas passivas de entretenimento. Outro exemplo disso é quando a nova caixa d’água chegou na comunidade e Mel propôs de todos se reunirem para pintá-la. Ela levou diversas tintas e pincéis, e logo todos entraram na brincadeira desenhando árvores, flores, bichos, nuvens e sóis, além de palavras como “paz”, “gratidão” e “felicidade”. A intenção não era a de fazer uma pintura “perfeita”, mas, sim, de ser uma criação coletiva – o *fazer junto* era mais importante do que o resultado final.

Esse *fazer junto* é algo muito valorizado pelas ecovilas em geral, e visa desenvolver o *senso de comunidade*. Para Diana Leafe Christian, autora de diversos livros sobre comunidades e ecovilas, o *senso de comunidade* é o sentimento de confiança e conexão entre as pessoas:

Começar uma ecovila não é somente sobre sustentabilidade ecológica, mas também sobre criar um senso de comunidade – um espírito de bem-estar grupal no qual as pessoas tenham se conectado emocionalmente umas às outras e se conheçam profundamente. Sentir-se conectado aos outros, sentindo confiança nos seus relacionamentos, por si mesmo, reduz os conflitos – não porque o conflito não vai aparecer, mas porque quando ele aparece, não o faz com tanta força. Um conflito entre pessoas que não se conhecem bem ou não confiam umas nas outras pode ser assustador e ofensivo; o mesmo conflito entre pessoas que se conhecem bem e confiam umas nas outras pode parecer leve e ser facilmente resolvido. O que constrói confiança e conexão? Trabalhar juntos, fazer refeições juntos, contar aos outros suas histórias, falar do coração sobre questões pessoais ou interpessoais, cantar, dançar, fazer rituais e celebrar juntos. (CHRISTIAN, 2007, p. 51, tradução nossa)

Liz Walker, cofundadora de uma ecovila em Ithaca, nos Estados Unidos, afirma que celebrar juntos os feriados, aniversários e outras datas é um dos aspectos mais gratificantes da vida em comunidade. Celebrar e, também, apoiar uns aos outros nos momentos de crise:

As pessoas se formam, se casam, têm filhos, sofrem separações ou perdem os pais. Conforme nós testemunhamos as vidas uns dos outros, nós encontramos em nós uma capacidade mais ampla de dar e amar do que sabíamos existir. Nós crescemos como seres humanos. [...] O cuidado da comunidade – seja quando damos ou recebemos – deve ser valorizado. Ele cria uma rede de segurança que, infelizmente, não está disponível para a maior parte da nossa sociedade. Nós sabemos que haverá ajuda para nós nos momentos mais traumáticos de nossas vidas. [...] Tecer uma comunidade exige dedicação e tempo. Envolve comunicação e metas claras, liderança compartilhada, trabalhar, resolver conflitos e tomar decisões juntos. Além disso, e talvez ainda mais importante, envolve a criação de um espaço de expressão emocional que permita a todos respirarem e crescerem, celebrarem e enfrentarem os momentos difíceis com amor e apoio. No seu melhor, viver em comunidade pode nos ajudar a nos tornarmos os seres humanos generosos e expandidos que somos destinados a ser, e a sentir um senso profundo de pertencimento a algo infinitamente maior do que nós mesmos. (WALKER, 2007, p. 63-64, tradução nossa)

É claro que gestos de solidariedade nem sempre ocorrem. Nem sempre as pessoas estão atentas ao Outro. Um desses momentos ocorreu em um almoço comunitário, em que Larissa estava presente com o seu bebê de poucos meses. Quando a mesa estava posta, todos correram para fazer seus pratos, sem notar que Larissa ficou de lado, esperando a fila diminuir, com o bebê no colo. Num outro dia, isso não ocorreu: Rodrigo pegou o bebê de Larissa no colo, na hora do almoço, para que ela pudesse comer tranquilamente. Trata-se, portanto, de uma *busca* por solidariedade. Por mais que a vida na ecovila propicie esse tipo de relacionamento, ele não é algo pronto ou instantâneo. Exige um processo de construção. E tanto a comunidade quanto os indivíduos se (re)constróem nesse processo.

É importante também que os indivíduos estejam dispostos a articular e negociar suas diferenças com o restante do grupo. Caso contrário, podem acabar se isolando, como aconteceu com uma das ecovilense. Ao ir para a ecovila com uma imagem idealizada, esperando encontrar solidariedade incondicional, teve suas expectativas frustradas e acabou por abandonar os processos da comunidade: deixou de frequentar as reuniões, festas e atividades coletivas. Assumindo uma posição independente (divergente) com relação a inúmeros aspectos da vida na ecovila Andorinha, e sem conseguir efetuar mudanças no grupo, ela acabou por se retrair e, até mesmo, a depreciar o grupo. O mesmo aconteceu com outro membro que, estando alinhado com a maioria do grupo, passou a depreciar a ecovilense divergente. Segundo Festinger e Aronson (1967, p. 213), uma tendência a depreciar uma pessoa que discorda pode surgir quando os indivíduos percebem uma divergência considerável entre sua opinião e a do outro indivíduo, e procuram, assim, reduzir a dissonância.

No entanto, o grupo como um todo perde com essa ruptura, já que o dissenso é importante em qualquer coletividade – o membro divergente pode oferecer ao grupo uma nova perspectiva sobre os processos, contribuindo para a autoavaliação e para o crescimento da comunidade como um todo.

Vemos que a existência social pressupõe, como vimos, a obtenção do consenso; mas o consenso, para não ser um gesto vazio e traiçoeiro, precisa ter validade. O sentido de consenso se destrói quando os indivíduos agem como espelhos que refletem uns aos outros. [...] A necessidade de um consenso exige que o indivíduo seja capaz de se recusar a concordar, quando não vê como fazê-lo. [...] O ato de independência é produtivo do ponto de vista social, pois é a única maneira de corrigir erros e dirigir o processo social de acordo com as exigências percebidas. [...] As pessoas que procuram pensar independentemente, e não simplesmente repetir lugares-comuns, estão desempenhando um papel, no processo social, muito diferente do desempenhado por aqueles que se desviam das ideias porque são ameaçadoras [...]. (ASCH, 1977, p.416-417)

Mas, para que isso ocorra, ou seja, para que o pensamento divergente desempenhe um papel no processo social, é necessário que o membro saia de seu isolamento e se esforce por articular o conflito de forma respeitosa. Não para chegar a uma homogeneidade, mas sim, para promover a aceitação e respeito mútuos. Como vimos, o conflito exige dos indivíduos um esforço de comunicação. As pessoas aprender a ouvir e se expressar *apesar* das diferenças, sendo essa a essência de uma comunidade. Isso exige compreensão e flexibilidade, de todas as partes. Exige que as pessoas se coloquem como iguais, “desejosas de construir

um caminho em comum com os outros; dispostas, portanto, a muitas conversas até que um entendimento seja possível” (OLIVEIRA, 2006, p. 103).

Uma prática importante para enfrentar e superar tais impasses está na predisposição de conversar, de dialogar, de entender e se fazer entender. [...] É rico o momento em que se percebem inacabados, divisando na imagem do colega a possibilidade recíproca de crescimento e mudança. (ibidem, p. 103)

O grupo, em sua grande maioria, está disposto a buscar esse entendimento. Presenciei diversas conversas em que os membros discutiam essa questão, procurando a melhor forma de lidar com esse isolamento e de reintegrar a pessoa à vida coletiva. Mas, como já mencionado, existem ainda algumas resistências pessoais. Nem todos estão verdadeiramente dispostos a buscar um entendimento, a reconhecer no outro (que é tão diferente) o seu próprio inacabamento.

Percebemos, portanto, que, para construir uma vida comum, é necessário abdicar de certas expectativas e desenvolver a disposição para o diálogo, para a aceitação das diferenças e das limitações e dificuldades próprias de cada indivíduo. É possível que essa situação de grave dissonância tenha surgido por se tratar de um grupo aberto – isto é, um grupo que não procura “selecionar” os membros ingressantes, nem possui uma rígida linha ideológica. Dessa forma, sem ter uma doutrina para modelar a ação, a vida em comum deve ser negociada constantemente, o que certamente acaba por criar maiores dificuldades na criação de consensos. Somente com o tempo é que o grupo vai se conhecendo melhor e, assim, aprendendo a incluir todas as singularidades num projeto coletivo, ou seja, aprendendo a respeitar cada indivíduo como um outro “que é *alius*, diferente, e não *alter*, que pode comportar os sentidos de contrário, oposto, adversário” (OLIVEIRA, 2011, p. 16).

Essa situação de dissonância e ruptura demonstra, portanto, que a confiança mútua ainda não está sedimentada no grupo, e que ainda há muito trabalho pela frente para que possam criar um verdadeiro senso de comunidade.

Círculo do coração

O ecovilense Thiago, procurando fortalecer o *senso de comunidade* do grupo, propôs a realização de uma prática de partilha que ele chamou de “círculo do

coração”, baseada em técnicas adotadas por outras ecovilas e comunidades. Trata-se de uma reunião destinada não a resolver assuntos de ordem prática, mas, sim, a oferecer um espaço para que cada ecovilense pudesse se expressar emocionalmente: falar do que está sentindo, em termos gerais, ou falar do que sentiu numa situação específica. Para Thiago, essa prática ajuda as pessoas a entenderem melhor o sentimento do outro, favorecendo a resolução de conflitos que, muitas vezes, ficam contidos:

Os conflitos ficam, de alguma maneira, embaixo do tapete – conta Thiago. E apesar de já termos feito vários convites pra que esses conflitos sejam resolvidos, ainda está num nível superficial. [...] Nessa reunião que eu estou propondo em novembro, eu vou fazer o primeiro “círculo do coração” que eu chamo. Que é justamente pra poder as pessoas se colocarem, se expressarem, num ambiente de segurança, saberem que não vão ser pichadas, e isso pode propiciar a resolução de conflitos, ou no dia, ou no futuro. Eu acho muito importante trazer isso, eu já venho falando há um ano dessa história dos conflitos, mas o pessoal não dá muito valor talvez. Mas eu quero fazer isso periodicamente. Essa é uma técnica que eu aprendi e faço em cursos que eu dou em ecovilas. As ecovilas procuram trabalhar os seus conflitos. Como eu falei, quando há conflitos é sinal de que a comunidade está viva.

Eu tive a oportunidade de acompanhar esse primeiro “círculo do coração”. Na realidade essa técnica, que se chama “Cura das atitudes”, foi criada por um psiquiatra americano em 1975 e hoje é praticada em todo o mundo por facilitadores treinados para isso. Para iniciar a vivência, todos se sentaram em um círculo, e Thiago pediu para que as pessoas fossem se fechando para os estímulos externos: “Este é o momento de se expressar, se olhar, trabalhar sentimentos e conflitos internos, num ambiente de segurança e confiança. Um momento importante para saúde da comunidade”. Pediu, também, para que as pessoas tivessem humildade para receber os comentários sem “ficar na defensiva” e sem julgar. “Importante ter confiança”, ele disse. E pediu para que falassem sempre na primeira pessoa: “Eu me senti assim quando aconteceu isso...”, “eu gostaria que as pessoas tomassem mais cuidado com isso ou aquilo...”. Dessa forma, a intenção é a de criar um espaço não para acusações, mas para que as pessoas sejam escutadas e acolhidas. Para Thiago, ao ouvir sobre uma atitude que desrespeita o outro, as pessoas passarão a refletir sobre elas, permitindo que outros conflitos sejam resolvidos em paralelo. Além disso, essa partilha pode fazer com que as pessoas entendam melhor o que angustia o outro, ou porque o outro assume determinadas posturas sobre alguns assuntos. Natália ressaltou que não é preciso compartilhar só coisas ruins. Coisas boas também podem ser ditas.

O “pau falante” circulou duas vezes pela roda. Cada pessoa podia segurá-lo e falar, ou passar para a pessoa ao lado. A experiência foi muito interessante. Muitas pessoas sentiram a necessidade de compartilhar sentimentos e experiências alegres, sonhos e expectativas. Algumas pessoas falaram também de coisas que as angustiam, ou do momento de vida pelo qual estão passando. Muitos falaram da insegurança que estavam sentindo em sair de seus empregos na cidade para se mudarem para a ecovila, e da vontade de criarem uma fonte de renda ali. Uma ecovilense falou sobre a lista de discussão da ecovila na internet. Disse que, quando as pessoas se encontram presencialmente na ecovila, são muito amorosas e receptivas. No entanto, parece que a comunidade tem outras características na lista virtual. Ela diz que tem medo de se expressar pela internet, medo das críticas. Porque, nesse caso, não dá pra ter a mesma relação que se têm presencialmente: olhar no olho, a entonação. Pediu, então, para que as pessoas tivessem cuidado e respeito também na comunicação eletrônica.

Algumas pessoas falaram sobre o preconceito que parece existir ali. Outros membros mais recentes falaram da preocupação que sentiam ao entrar numa comunidade: será que conseguiriam viver junto? “A gente sonha em viver uma vida amorosa, mas não basta ficar no sonho. Tem que suar, tem que construir. Eu vim aqui para aprender”, disse a recém-ingressante no grupo. Houve também desabafos. Danuza contou um pouco das dificuldades que enfrentou na criação da ecovila, das coisas das quais abriu mão para se dedicar a esse projeto. E de como se sentia cobrada pela comunidade. Enfim, foi uma experiência foi muito positiva para o grupo. As pessoas puderam se mostrar de forma transparente, *humana*. E todos os participantes demonstraram o desejo em fazer desse círculo uma prática constante.

Entender melhor o universo do Outro aproxima as pessoas e reforça os laços de confiança. Sentir-se compreendido na sua singularidade, e acolhido pelo grupo, cria relações verdadeiras de amizade e a sensação de pertencimento, necessidades fundamentais do homem, como percebeu Simone Weil. A filósofa que virou metalúrgica conta como a rotina de trabalho na fábrica isolava os homens. Mesmo trabalhando tão próximos uns dos outros, a cadência do trabalho impedia qualquer relação mais profunda entre eles. No entanto, durante uma greve, ela entendeu que a maior alegria dos trabalhadores, independentemente das reivindicações, era a de

sentirem-se em casa na fábrica, recebendo “palavras de acolhimento fraterno”, sentindo-se como irmãos.

Sim, uma alegria. Fui ver os colegas numa fábrica onde trabalhei há alguns meses. Passei com eles algumas horas. Que alegria, entrar na fábrica com a autorização sorridente de um operário que vigiava a porta. Alegria de encontrar tantos sorrisos, tantas palavras de acolhimento fraterno. Como a gente se sente entre colegas nessas oficinas em que, quando eu estava lá, cada um se sentia tão só, atrás de sua máquina! [...] Alegria de dizer o que está no coração para todo mundo, chefes e colegas nesses lugares onde dois operários podiam trabalhar meses seguidos, lado a lado, sem que nenhum dos dois soubesse o que o vizinho pensava. [...] Além do que, aconteça o que acontecer depois, sempre houve isto, agora. Finalmente, pela primeira vez, e para sempre, haverá em torno destas máquinas pesadas outras lembranças fluando, e não só as do silêncio, da opressão, da submissão. Lembranças que põem um pouco de orgulho no coração, que deixarão um pouco de calor humano em cima de todo esse metal. [...] Mas o melhor de tudo é sentirmo-nos tão irmãos... (WEIL, 1996, p. 127-9).

A vida nas grandes cidades pode, muitas vezes, se assemelhar ao trabalho na fábrica: tão próximos uns dos outros, mas, ao mesmo tempo, numa cadência que dificulta a criação de relações mais profundas. A rotina competitiva gera desconfiança e nos faz esconder nossos medos e angústias ao invés de declará-los. “O senso comum”, afirma Sennett, “atribui negatividade à instabilidade social e à insuficiência pessoal”. Segundo ele, a imagem idealizada do corpo desapegado sugere passividade. Para Ernesto Sabato, também, nossa civilização tem um medo e uma incapacidade de viver os momentos duros, as situações limites, os obstáculos.

Tem-se particular horror ao fracasso. Oculta-se qualquer arranhão no bem-estar, temendo-se ficar excluído, eliminado da existência como um time de futebol de um campeonato. Tamanha é a dificuldade que o homem atual tem de superar as tormentas da vida, de recriar a existência depois das quedas. [...] Se tivéssemos mais senso de comunidade, nossa história seria bem outra, e assim também o sentido da vida que desfrutaríamos. Quando critico a competição, não o faço apenas por um princípio ético, mas também pela enorme satisfação de compartilhar o destino, o que nos salva de ficarmos esterilizados pela corrida para o êxito individual a que se tem resumido a vida do homem. (SABATO, 2008, p. 74-77)

O “círculo do coração” é uma tentativa de se criar relações interpessoais que vão além do relacionamento superficial, além da aparência e da cordialidade. Promover entre as pessoas um diálogo mais profundo, que expresse a essência de cada um, no que Sennett chamou de “narrativa partilhada de dificuldade”. Quando as pessoas se mostram tais como são, com todos os seus medos, alegrias, conflitos e necessidades, os indivíduos se abrem para aquilo têm em comum: sua humanidade.

Jamais seremos capazes de captar a diferença alheia enquanto não reconhecermos nossa própria inaptidão. A compaixão cívica provém do estímulo produzido por nossa carência, e não pela total boa vontade ou retidão política. [...] A simpatia corresponde ao entendimento de que as aflições exigem um lugar em que possam ser reconhecidas e onde suas origens transcendentais sejam visíveis. O sofrimento físico possui uma trajetória na experiência humana. Ele desorienta e torna o ser incompleto, derrota o desejo de arraigamento; aceitando-o, estamos prontos a assumir um corpo cívico, sensível às dores alheias, presentes, junto às nossas, na rua, finalmente suportáveis – mesmo que a diversidade do mundo dificulte explicações mútuas sobre quem somos e o que sentimos. (SENNETT, 2003, p. 300- 305)

Famíliares e amigos

Já vimos que a comunidade Andorinha tem dificuldade em receber integralmente as crianças devido à questão da escola. Além disso, existe também uma dificuldade em atrair os filhos adolescentes.

Mas a gente sempre gosta quando tem criança – diz Thiago – porque a Andorinha acabou virando uma ecovila de média idade. Isso é ruim, tem que ter de várias faixas etárias e os mais jovens têm que levar o bastão dos mais velhos pra frente. Quer dizer, tem famílias que vêm pra cá, que é o sonho dos pais, por exemplo, mas se os filhos não entrarem no esquema, e gostarem, e levarem pra frente, vai chegar um dia que vai morrer. Então as ecovilas têm muito essa preocupação em como incluir os jovens nas decisões e nas ações pra que eles amanhã assumam o papel que os adultos estão fazendo hoje. Isso é um ponto falho aqui, que tem que ser trabalhado. [...] Por exemplo, a minha filha (que está com 22 anos) fala: “Ah, não tem nada pra fazer, não tem ninguém da minha idade”, realmente não tem. [...] E mesmo nas reuniões, quando você vê que tem casais com filhos, se forem adolescentes, quase nunca eles vêm. Que eles têm festa, balada, aniversário, saem com os amigos. Quando vêm é uma festa, não é? É como se fosse uma vitória dos pais e nossa também. Bebê de colo, criança pequena é mais fácil, mas pode ver que adolescente quase não vem.

Para Rodrigo, a dificuldade em atrair adolescentes se dá porque os jovens dessa faixa etária tendem a estar mais enredados na sociedade de consumo:

As crianças menores são mais fáceis de adaptar – afirma Rodrigo – porque existe um universo lúdico, de brincadeira... Já os adolescentes querem a “tribo”, e a “tribo” deles é shopping. Então o adolescente é mais difícil de trazer pra cá. Eles querem tribo, querem shopping, querem consumo, não é? Porque eles estão completamente imersos nesse hipnotismo massificante. Até chegar o momento em que eles vão dar a volta. Isso tem um timing também. Chega uma hora que a pessoa desilude. [...] Mas eu sei que dá a volta, porque todo adolescente passa por essa fase de ilusão, até ver que isso tudo está causando o mal do mundo. Mas é uma fase que às vezes demora e que às vezes não demora.

Foi interessante conhecer Roberta, filha de Thiago e Natália. Ela estuda Relações Internacionais e trabalha numa empresa de comércio exterior. Disse que

gosta da cidade e quase nunca vai para a ecovila, sobretudo porque lá não tem internet e ela “não vive sem internet”. Disse também que não gosta muito de “fazer social” com o pessoal de lá, preferindo ficar mais em casa. Ela mesma afirma que é completamente diferente de seus pais. Com 22 anos, já tem um cargo de destaque na empresa onde trabalha e diz que seu sonho é ser “madame”: ter um BMW, morar bem. Certo dia, estávamos na sala conversando, e Roberta disse que ia assistir a algum filme. Thiago, então, falou: “Porque você não sai um pouco, vai dar uma volta? Deixa pra ver filme à tarde”. Ao que Roberta respondeu: “Está muito vento lá fora”. Thiago olhou para mim balançando a cabeça e demonstrando sua incompreensão.

O único adolescente que frequenta a ecovila é Elton. Ele acaba ficando sempre em meio aos adultos e reclama de não haver outros jovens por lá. Certa ocasião, ele dizia sentir falta de uma namorada – ou, em suas palavras, de uma “ficante”. De qualquer forma, ele participa bastante das reuniões e atividades, tanto que, às vezes, as pessoas até se esquecem de que ele é menor de idade. Em certa reunião, por exemplo, em que falavam sobre a eleição para conselheiro, Nelson quase aceitava a candidatura de Elton, não fosse Inês lembrá-lo de que é preciso ter mais de 18 anos para fazer parte do Conselho.

Não só os adolescentes, mas os amigos e a família de uma forma geral, quando não se afinam com a proposta, acabam ficando mais distantes:

Da minha família não veio ninguém ainda – conta Thiago – eu estou querendo trazer até o final do ano pra eles conhecerem. Até pra eles saberem se a gente é louco de verdade ou não. Ou pelo menos o que a gente faz aqui. Ver que a gente não está numa barraca. No inconsciente dos meus pais, por exemplo, eles acham que a gente está acampado no meio do mato, com um buraco na terra como banheiro. Não, eu quero que eles vejam que é uma casa, que tem equipamentos e que eles podem vir e ficar numa boa. [...] Os amigos e familiares admiram, eles acham legal, eles acham bacana esses valores que a gente pratica. Eles falam: “Ah, isso não é pra nós, mas acho legal o que você faz”. E eles veem isso como uma coisa exótica, não é?

Ah, até uma prima muito chegada, todo mundo disse: “Você é uma louca, imagine ir pra lá!”. [...] Fica mais difícil estar junto com os amigos, acaba substituindo – conta Lilian em tom de brincadeira. Então, às vezes eu busco compensar ligando por telefone. Eu sempre fui uma pessoa acolhedora, mas é mais difícil das pessoas virem. [...] Os amigos sabem que eu não sou muito convencional. Falam: “ah eu não faria isso”, “ah eu não conseguiria” ou “ah não é a minha praia”. Chamam pra encontrar quando eu estou em São Paulo. É isso.

A minha mãe vem, mas não entende direito por que eu estou aqui – diz Inês. Vem porque eu acho que ela tem saudade, quer ficar com a gente. Morando aqui, vai ter que vir aqui. Eu acho que é “folclórico” a gente morar aqui. [...] Tenho uma grande amiga que, essa daí, acha que eu sou louca. Ela gosta de

São Paulo, de um luminoso na cara dela. Gosta de teatro. Eu gosto também, mas não preciso estar lá direto pra aproveitar essas coisas de São Paulo. Então ela ri e diz assim: “ah, você é louca!”. [...] Meus filhos, acho que eles já me conhecem mais, já sabem que combina muito comigo e com o pai deles essa forma de vida. [...] Alguns dão risada: “você são loucos! Vocês estão ficando malucos!”. E algumas pessoas acham legal.

É, alguns amigos e familiares perguntam – diz Danuza – querem entender. Outros vêm aqui, falam: “Ah, legal, mas não é pra mim”. Outros dão outras desculpas menos específicas: “ah! Pra mim é longe!” Mas eu acho que falar claramente, ninguém fala, sabe? “Ah, você é louca!” “Ah, o que é isso?” Ninguém fala assim. Mas você vê que ninguém vem, não é?

Uma situação que presenciei e que mostra bem essa diferença no perfil dos familiares foi quando a mãe de Inês passou uns dias na ecovila. Ela dizia sentir falta da televisão e tentava convencer a filha (sem muito sucesso) de que ter TV em casa é importante.

Outra questão interessante é a da sintonia entre os casais. Danuza conta que, muitas vezes, um dos membros do casal se afina com o projeto, e o outro acaba indo junto – o que pode ou não dar certo:

E eu já vi coisas assim de casal: o casal comprou, vinha, e aí de repente sumiu. O tempo passou e um dia um deles apareceu: “Estou aqui, separamos!” “Ah, separaram, puxa que pena!” “É, mais está tudo bem e eu vou continuar.” “E a pessoa, e o outro?” “Ah não, mas isso aí era uma coisa minha, não era dele.” Eu às vezes eu até me surpreendia. Eu achava que os dois... Eu não percebia essa diferença. Aconteceu com dois casais, e achei engraçado essa coisa de falar: “não, mas eu continuo, isso é meu”.

Por outro lado, quando ambos se identificam com o projeto, a vida na ecovila pode aproximar ainda mais o casal:

E pra mim e pra Natália – conta Thiago – esse fato de estar aqui é uma boa pra nós como casal, porque a gente estava ficando sem um projeto comum. Então a gente acabou se reaproximando, deu uma nova dinâmica pra nós como companheiros. De ter uma coisa, um projeto comum... A gente teve sempre projetos mais individuais que tiveram apoio um do outro, mas eram individuais. Poucos eram assim: vamos fazer junto. Isso aqui deu pra nós uma dinâmica na relação e uma perspectiva legal.

Esse rompimento de vínculos sociais – que se dá não só pela distância, mas pela mudança de valores e atitudes diante da vida – é, segundo Ecléa Bosi, um preço a se pagar pela insubmissão às normas e valores dominantes. “A mudança de atitude exige uma reorientação intelectual, um rompimento com vínculos sociais” (2003, p. 119). Daí a importância que o grupo adquire para que o indivíduo não se sinta isolado, e sim, parte de um movimento de resistência; para que a mudança a que se propõe seja *rebelião*, e não *retraimento*. Ecléa, baseando-se em Merton, afirma que o *retraimento* é a rejeição individual a uma coletividade, a fuga de um modelo cultural. E o indivíduo que procura escapar é visto como um ser estrangeiro

que não quer partilhar valores comuns. “A fuga pode ser individual, solitária, e sobreviver nas fímbrias do sistema, mas também é possível a integração na subcultura de um grupo divergente” (BOSI, 2003, p. 137). É quando o retraimento se torna *rebelião*, uma ação organizada em busca de alternativas.

Relações com os funcionários

Devido ao reduzido número de pessoas morando efetivamente na ecovila, ainda não é possível a implantação de uma escala de trabalho para manutenção dos espaços comuns. Dessa forma, quem faz essa manutenção são dois funcionários, um caseiro que mora na ecovila com a família e um ajudante. Danuza diz:

[...] a ideia sempre foi da comunidade poder fazer o máximo que pudesse em termos de trabalho, não delegando, não contratando tudo. No entanto, se você faz um plantio, um roçado de uma coisa, você tem que ter alguém que está aqui todo dia, que tenha uma continuidade. Então o caseiro ajuda nesse particular.

No relacionamento com os funcionários, também podemos encontrar essa busca da solidariedade. Um exemplo disso é o estímulo do grupo para que Valdinei, o caseiro, voltasse a estudar. Este se matriculou, então, em um curso noturno, juntamente com sua esposa. Na última reunião que presenciei na ecovila, fiquei sabendo que ambos são alunos muito esforçados e só tiram notas altas. Além disso, fiquei sabendo que Emília, funcionária da Casa Um, e seus dois filhos também vão voltar a estudar, inspirados no exemplo do casal. Todos ficaram muito contentes com a notícia.

Rodrigo conta da sua relação com a esposa do caseiro:

Ela dizia “Ai Rodrigo, eu estou tendo insônia”. “O que você tem? O que você vê na insônia?” “Ai, assassinato, crime, um homem jogando gasolina numa criança, pondo fogo”. “Você assiste o quê à tarde?” “Cidade alerta!”. “Vá, vá! Mas também, não é? Você fica impregnada com essas coisas!” Aí eu falei “Eu vou te dar esse livro aqui dum bailarino chinês. Olha, é um livro bem grosso, mas você começa a ler... Ele era de uma família pobre... [ele conta a história] Aí eu dei o livro pra ela ler e ela leu todinho, leu todinho! E leu rápido um livro de mil páginas. Porque ela se encantou com essa história, porque é uma história verídica. Então ela começou a pegar gosto por leitura. Aí eu já passei um monte de livros pra ela, então ela já não vê mais essas bobagens, está dormindo bem! Agora eu vou ensinar os filhos dela a fazer origami. Então, e tirar da televisão, muito importante, senão não leva a nada, não vai crescer em nada.

No entanto, por mais que o grupo esteja aberto a aprender com os funcionários, especialmente quando se trata de plantio, pesca, etc., existe certa sensação de superioridade na relação com eles. É muito difícil abandonar as hierarquias sociais aprendidas, especialmente por se tratar de um grupo que vem da classe média ou alta. Uma situação que presenciei foi quando almoçava na casa de Natália. Nós duas conversávamos animadamente com Irene, a moça que estava fazendo faxina. Como Irene já tinha almoçado, Natália e eu estávamos comendo na mesa da sala e conversando com Irene enquanto esta limpava as janelas. Como tinha feito muito macarrão, Natália perguntou se Irene não gostaria de experimentar. “Quero sim!”, respondeu Irene, “Deixa só eu terminar esse vidro”. Natália então se levantou, fez um prato para a moça, colocou-o sobre o balcão da cozinha (que era estilo americano) e voltou a sentar-se à mesa da sala. Irene terminou de limpar o vidro e veio procurar o prato na nossa mesa. Natália disse: “está ali em cima”, apontando para a cozinha. Irene, então, sentou-se ao balcão e comeu ali. Estávamos as três conversando e, no entanto, Natália não chamou Irene para se sentar conosco à mesa. Irene ficou na cozinha e, Natália, na mesa da sala de costas para ela. A moça, entretanto, pareceu não se importar e continuou a conversar normalmente.

Rodrigo, em seu depoimento, também falava da empregada usando expressões como “no nível dela”.

Depende do nível. Por exemplo, pra Emília aqui é queimar as coisas [o lixo]. Ai, qualquer coisinha ela quer queimar. E por mais que você fale, você orienta, ela queima! E saquinho [de mercado] também, ela reclama que na cidade não tem mais saquinho de plástico, sabe? Aí ela fica revoltada, porque não tem saquinho de plástico e não sei o quê, ela quer saquinho de plástico! Então, no nível dela, não é?

Outra atitude condescendente que presenciei ocorreu numa reunião, quando os membros discutiam se deveriam permitir ou não que os funcionários da ecovila fizessem “bicos” fora do horário de trabalho. George achava que esses trabalhos extras comprometeriam o descanso dos funcionários. Douglas afirmou, então, que os funcionários mesmos devem decidir sobre seu próprio descanso. Ao que George respondeu: “Quem tem mais consciência ajuda quem tem menos”.

Essa desconfiança que as classes mais privilegiadas têm com relação às classes menos privilegiadas é muito comum. Até mesmo aqueles que se engajam na

luta pela libertação dos oprimidos demonstram, muitas vezes, as marcas da opressão, como já o demonstrou Paulo Freire:

Acontece, porém, que ao passarem de exploradores ou de espectadores indiferentes ou de herdeiros da exploração – o que é uma convivência com ela – ao polo dos explorados, quase sempre levam consigo, condicionados pela “cultura do silêncio”, toda a marca de sua origem. Seus preconceitos. Suas deformações, entre estas, a desconfiança do povo. Desconfiança de que o povo seja capaz de pensar certo. De querer. De saber. (FREIRE, 1981, p. 51)

Num dia de chuva, o jardineiro chegou para trabalhar na casa de Lilian. Ela saiu lá fora para conversar com ele e depois entrou, fechou a porta e deixou-o trabalhando na chuva. Mesmo na hora do café, ele não foi convidado a entrar. Vê-se, portanto, que a proposta da ecovila de fazerem mais trabalhos manuais, colocarem a “mão na massa”, ainda não conseguiu erradicar, nas relações cotidianas, certa distinção entre trabalho manual e trabalho intelectual. Até porque eles ainda dependem de trabalhos especializados na cidade para sobreviverem, exigindo, portanto, que funcionários façam os trabalhos de limpeza, conservação dos espaços externos, etc. Essa reprodução da desigualdade que se dá no plano cultural da vida cotidiana também foi analisada por Jessé Souza. Segundo ele, o “grande drama histórico da sociedade brasileira” é a contínua naturalização da desigualdade. Uma sociedade que “aceita produzir ‘gente’ de um lado e ‘subgente’ de outro” (2009, p. 24).

Certo dia, por exemplo, encontrei uma das moradoras aflita porque seus funcionários não tinham aparecido para trabalhar. Estava especialmente preocupada com o tanto de roupa para lavar e com o cocô do *seu* cachorro que não queria limpar. “Você não tem máquina de lavar?” perguntei. “Tenho”, ela respondeu, “Mas depois tem que estender tudo e eu tenho que trabalhar, fazer coisas que ninguém pode fazer por mim.” Essa atitude de aversão ao trabalho de limpeza é, para Gandhi, um obstáculo na construção de relações igualitárias entre os homens. Segundo ele, cada um deveria limpar seus próprios detritos. Parece-lhe haver qualquer coisa de fundamentalmente falsa no fato de que uma classe particular seja encarregada de tal trabalho. Ele afirma que, quando compreendemos que somos todos limpadores, isso nos permite apreciar mais facilmente a igualdade entre os homens (GANDHI, 198-, p. 56-7).

Ecléa Bosi (2003, p. 167-8) também nos convida a refletir sobre os resíduos do nosso existir: os restos, as migalhas, a poeira que deixamos para trás ao viver.

Entregues ao consumo e desfrute da cultura achamos natural que outrem se encarregue de “questões secundárias”: alguém continua cozinhando, servindo, lavando pratos, copos onde bebemos, limpando banheiros, arrumando camas para nosso sono, esvaziando cinzeiros, regando plantas, varrendo o chão, lavando a roupa. Alguém curvou suas costas para o resíduo de outras vidas.

O que poderá mudar enquanto a criança escuta discursos igualitários na sala, mas observa na cozinha e nos fundos da casa, o sacrifício constante dos velhos e empregados? [...] *Somos todos limpadores*, ensina Gandhi; cada um tem o dever de esconder seus detritos, de apagar os traços residuais de sua atividade, não agindo mal como as indústrias que lançam na natureza seus restos poluídos.

Nesse aspecto, a ecovilense Naomi muito me ensinou. Ela faz questão de tratar a todos como iguais. Senta-se à mesa com os funcionários (seja a faxineira ou o pedreiro) para comerem juntos. Isso foi algo que só presenciei em sua casa. Em nenhuma outra casa da ecovila houve um convite para que os funcionários se sentassem à mesa. Além disso, Naomi procura incluir os visitantes nas tarefas, valorizando o *fazer* junto. Durante minhas visitas à sua casa, eu era convidada a participar de todas as atividades: preparando o almoço, lavando louça, envernizando porta, preparando os ramos da batata para o plantio, ajudando a “catar pedras” que seriam depois usadas para fazer um caminho no gramado em frente à sua casa. Sandra, a funcionária que a ajuda nas tarefas domésticas, que também é sua amiga, leva a filha para o trabalho todos os dias. Naomi trata a menina como se fosse da família. “Você mesmo viu que a gente come junto, a Sandra é minha *colaboradora*” disse ela. “Eu falei pra ela que quando ela se comportar como empregada estará despedida!” Nas pausas entre as atividades, Sandra sempre se sentava conosco para tomar um café. Naomi conta de sua experiência na comunidade espiritualista de Figueira, na qual aprendeu a valorizar todo o tipo de trabalho:

E o mais incrível são as coisas mais simples e mais básicas. Então, por exemplo, se você vai lá, você é um mestre ou uma doutora, ou não sei o quê: você vai levantar às cinco horas pra fazer oração, e seis horas você vai estar limpando o banheiro junto com qualquer outra pessoa, independentemente da profissão que você tenha em São Paulo. O quão doutor você é ou mestre você é em São Paulo. Você passa por todos os estágios, e isso eu acho o trabalho mais fundamental na vida de um ser humano. Que é ter a capacidade de ter a humildade de reconhecer que a vida é simples e é básica. Entende? Isso mexe e transforma tudo na cabeça de um homem. [...] Lá eu aprendi que não é a quantidade de diploma que dá valor ao trabalho, é o trabalho. O trabalho é o trabalho. Não importa que trabalho é. A hora em que a humanidade acordar pra isso e não fazer mais essa distinção... O trabalho é o trabalho. Aí o mundo muda. Mas enquanto ficar colocando essas coisas, essas hierarquias, aí pronto. A gente vai acabar detonando tudo como a gente está fazendo, até o fim.

Talvez ela tenha uma facilidade maior em criar relações de igualdade com os funcionários porque, ao contrário da maioria ali, ela vem de uma família mais pobre.

Aqueles que vêm da classe média, por mais que ideologicamente valorizem o trabalho manual, têm mais dificuldade em incorporá-los em sua prática diária, por não terem sido educados dessa forma. É interessante um comentário feito por Ana Maria, esposa do caseiro, que ilustra bem essa diferença na educação. Ela falava sobre sua enteada de doze anos, que não arrumava as coisas, nem ajudava na casa, e que ela estava tendo de ensinar tudo. Disse ser importante para a menina saber fazer as coisas, cozinhar, lavar a louça. “Mulher tem que aprender essas coisas”, me disse, “ainda mais quando é pobre. Porque quando se é rica, tudo bem, porque não foi acostumada. Mas uma moça pobre tem que saber fazer essas coisas”.

Essa educação para o trabalho manual é uma característica comum nas classes menos privilegiadas. Em sua pesquisa com avós e netos de classes populares, Oliveira observou a prática constante de “servicinhos” pelas crianças:

Esses servicinhos são desde cedo aprendidos na prática da vida cotidiana. [...] Habitados às tarefas domésticas, os netos vão desenvolvendo um senso de responsabilidade, aprendendo a avaliar o esforço que representa ter teto, pão e agasalho. [...] Esse aprendizado fica bem incorporado, como pude notar, no cuidado com que me mostraram suas coisas, seus brinquedos, suas caixas de guardados. [...] Nenhum dos netos com quem falei deixa de fazê-lo: preparar o leite, limpar o quarto, lavar o banheiro, limpar os móveis, lavar a casa, lavar louça, ir caçar os brinquedos (depois de terminado o divertimento), passar cera, enxugar a louça, guardar os trens, varrer a casa, passar enceradeira, ir buscar mantimentos nos mercadinhos, varrer a frente e o quintal, arrumar as camas, lavar, estender, recolher, dobrar e guardar as roupas, recolher o lixo e fazer o jogo do bicho – eis uma lista completa dessas atividades. (OLIVEIRA, 1999, p. 291-292)

Dessa forma, a proposta de uma vida mais simples, na qual o trabalho manual seja valorizado, na qual as pessoas se relacionem de forma igualitária, para se concretizar, exige que os indivíduos se libertem dos condicionamentos criados por uma sociedade hierarquizada – na qual esses “servicinhos” são relegados à terceiros, encarregados de curvarem suas costas para o resíduo de outras vidas.

É, portanto, na relação com os funcionários, que mais percebemos os obstáculos para a criação de uma cultura alternativa e a dificuldade que os indivíduos têm em incorporar uma mudança cultural. Esse assunto será retomado para discussão no último capítulo. Todavia, devemos ressaltar que existem algumas iniciativas de mudança, no sentido de diminuir essas distinções: a vontade de trabalharem na construção do Centro Comunitário e não somente contratar mão-de-obra externa; o caseiro que é chamado a opinar com relação aos projetos do Centro

Comunitário e da caixa d'água, por exemplo, e cujas ideias são ouvidas e valorizadas. Ele também foi convidado para posar para a foto oficial da comunidade; além do estímulo para que os funcionários voltassem a estudar.

Relações com o entorno

Em termos gerais, as relações entre os moradores da Comunidade Andorinha e os sítios vizinhos e outros moradores do bairro são superficiais. Para muitos, limita-se à compra de seus produtos.

É um pouco superficial – confessa Thiago. A gente pouco conhece os vizinhos porque cada um está no seu quadrado. A gente tem feito um trabalho de falar com os vizinhos (a gente conhece alguns) e parar na estrada, conversar. Já vieram aqui. Mas nunca me convidaram pra ir na casa deles. [...] Recentemente a gente foi numa festa no sítio aqui ao lado e conhecemos as pessoas. A gente procura fazer ações regionais mas são muito poucas do que a gente poderia realmente fazer. Uma coisa que eu e a Natália fizemos, a gente fez um mutirão de limpeza lá na represa, no começo. Que a gente teve mais apoio do pessoal de fora do que da própria comunidade. [...] Mas assim, a gente conhece alguns mais próximos que vendem leite, vendem queijo, vendem ovo, etc., às vezes eles vêm aqui. Mas poucos vizinhos. [...] O que eles acham do nosso projeto? Eles acham que é um bando de paulista, gente da cidade, cheio de dinheiro que vem aqui. Não conhece muito.

Também no relacionamento com os moradores da região, podemos perceber, em muitos casos, a mesma relação condescendente que vimos na relação com os funcionários. Na verdade, trata-se da mesma questão, já que os funcionários que trabalham na ecovila moram em sítios do entorno. Por exemplo, quando perguntei a um dos ecovilenses sobre seu relacionamento com os habitantes locais, ele respondeu: “Pra mim, por enquanto, é mais no sentido de um contato cordial, do que de participar ativamente de alguma coisa pra deixar frutificar algo que vá beneficiá-los... É para algo assim que eu espero ser chamado”. É interessante perceber, nessa fala, que o ecovilense se vê, necessariamente, numa posição “filantrópica”, de beneficiar os habitantes locais, e não no desejo de uma troca mútua de experiências.

Certo dia, eu estava voltando da cidade no carro de Inês quando, na estrada de terra, passamos por uma *pick-up* que vinha no sentido contrário e que parou do nosso lado. O motorista, um sitiante que morava ali no entorno, perguntou pelo marido de Inês. Disse que, no dia seguinte, iria fazer a colheita das suas azeitonas e

queria que o ecovilense passasse lá. “Que horas?” perguntou Inês. O homem disse para irem cedo. Quando nos despedimos e saímos novamente com o carro, ela parecia animada com a ideia de *comer* azeitonas. Ela contou que esse homem tinha ficado atolado uma vez na estrada, e que seu marido tinha o ajudado. Na época, ele quis pagar para agradecer pela ajuda, mas o ecovilense não aceitou. Inês estava certa de que o pagamento viria agora, em azeitonas. “Será que ele não pediu para seu marido ir cedo porque quer ajuda na colheita?”, eu perguntei. “Ah! Então vamos mais tarde. Vamos aparecer às 10h”, disse ela.

Podemos perceber, nessa situação, uma atitude não solidária, bem diferente do auxílio vicinal existente na cultura caipira, segundo os estudos de Antonio Cândido. Desde sua origem, no século XVIII, a cultura caipira se baseia na cooperação e igualdade entre os vizinhos. Característica que só desapareceu com o surgimento das fazendas abastadas que passaram a contratar mão-de-obra servil⁶⁸. A sociabilidade presente nos bairros caipiras inclui, entre outras formas de auxílio mútuo, os mutirões, forma tradicional de cooperação:

Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram. Este chamado não falta, porque é praticamente impossível a um lavrador, que só dispõe de mão-de-obra doméstica, dar conta do ano agrícola sem cooperação vicinal. (CANDIDO, 2003, p. 88)

Naomi se envolveu mais profundamente na vida das pessoas do entorno, conhece suas histórias, vai de vez em quando à igreja do bairro. Rodrigo conta do seu relacionamento com os vizinhos:

Ele é cordial. Conheço a maioria dos vizinhos, já sentei pra tomar café, pra comer bolo, pra trocar ideia e sempre eu levo a viola. Então aí pronto! A viola abre todas as portas, principalmente aqui na roça. Então, a D. Edite, por exemplo. Nossa, quando eu vou com a viola lá ela fica tão feliz. Ela canta comigo, bate palmas e vibra e aí os outros também, não é? Todos, por mais

⁶⁸ “Esta [...] categoria, de sitiantes, posseiros e agregados, é que define plenamente a economia caipira de subsistência e a vida caracterizada pela sociabilidade dos bairros. [...] Compreende-se, portanto, que as relações de vizinhança fossem extensas e inclusivas, favorecendo certa democracia inicial. [...] A presença do escravo, depois do colono estrangeiro, levou a uma recomposição na organização dos bairros, onde os mais ricos abandonaram o sistema de cooperação vicinal, marcando assim a diferença crescente entre sítio e fazenda. [...] O sentido sociológico de autarquia econômico-social não deve, porém, ser buscado no latifúndio [...], e sim no bairro caipira, nas unidades fundamentais de povoamento, da cultura e da sociabilidade, inteiramente voltadas sobre si mesmas” (CANDIDO, 2003, p. 104-106).

vaqueiro que seja, gosta da viola. Então eu sempre vou e levo a viola. E os acordes da viola abrem qualquer coração duro, então eu sou muito bem recebido aqui por causa disso. E as pessoas também, todos, o Rogério conhece todo mundo já. Cada um do seu jeito, não é? Um vai buscar esterco aí leva um presente e troca ideia, e se é advogado dá uma orientação...

Para Rodrigo, a ecovila ajudou na economia local, gerando empregos para as pessoas do bairro, desde jardineiros até taxistas (ele mesmo quando viaja de ônibus, pega um táxi da cidade até a ecovila). Quando perguntei se ele aprendia muitas coisas com o povo da região, ele disse que sim, principalmente sobre plantas, animais e formas de preparar alguns alimentos, e acrescentou: “Aprendíamos mais antes da televisão”. E me contou do caso do Sr. Jorge, que mora num sítio ali perto. Rodrigo disse que costumava perguntar: “Seu Jorge, como vai ficar o tempo hoje?”. Jorge olhava para o céu e dizia: “Tem uma nuvem andando naquela direção, e o boi está arrepiado... vai chover!”. E realmente chovia. Rodrigo conta que, depois que Jorge comprou uma televisão, quando pergunta: “Seu Jorge, vai chover hoje?”, ele responde: “A moça da televisão falou que não vai chover!”.

Rodrigo disse já saber distinguir se o pelo do boi está arrepiado. Contou-me, também, que muitas pessoas do entorno tiram leite da vaca fresquinho, mas preferem dar para as crianças o leite “de caixinha” que compram no mercado. Rodrigo contou de uma mulher que andava quilômetros para comprar margarina “porque faz bem ao coração”. Rui, que participava dessa conversa junto com Hugo, comentou: “Se ela anda quilômetros pra comprá-la, então vai fazer bem mesmo ao coração!”.

Perguntei, também, se eles ensinavam coisas para os locais. Hugo disse que tentava, aos poucos, conscientizar as pessoas para algumas questões. Contou-me que, em um dos sítios da região, as pessoas usavam indiscriminadamente o *Roundup*, um herbicida muito tóxico. Hugo contou que um dia perguntou aos sítiantes se eles já tinham lido o rótulo do produto, e começou a ler em voz alta:

Precauções Durante a Aplicação:

- Evite o máximo possível o contato com a área de aplicação.
- Não aplique o produto na presença de ventos fortes e nas horas mais quentes do dia.
- Aplique o produto somente nas doses recomendadas e observe o intervalo de segurança (intervalo de tempo entre a última aplicação e a colheita).
- Utilize equipamento de proteção individual - EPI: touca árabe, luvas e botas de borracha, macacão de algodão impermeável com mangas compridas

passando por cima do punho das luvas e as pernas das calças por cima das botas e viseira facial.⁶⁹

Hugo disse que os sitiantes costumam usar esse produto a toda hora, sem proteção nenhuma. Disse que o uso do produto diminui a necessidade de trabalho: não é preciso olhar a planta toda hora, tirar ervas daninhas, etc. É só jogar o produto e pronto – esperar para colher. No entanto, os ecovilenses acreditam que esse produto é danoso à saúde, tanto de quem o utiliza como de quem consome o alimento.

Danuza diz que, apesar da falta de tempo, acha prazerosa a relação com os locais:

O pouco que eu tenho também, até pela minha dificuldade de estar aqui, é muito legal, eu curto muito. Eu adoro de repente ir lá no vizinho tomar café e jogar conversa fora, sabe? Dona Edite, por exemplo, eu vou muito lá, gosto, sinto prazer. Um outro senhorzinho que tinha ali. Eu gosto de sentar e ouvir, porque ele sempre tem uma prosa legal, ele sempre tem uma história pra contar. E eu sou curiosa nesse negócio de história, de ouvir. Gosto de pessoas de idade contando causos da vida... O que eu já aprendi com eles? Eu acho que é a simplicidade, não é? É a simplicidade da vida, das coisas. Isso remete muito à minha família. Minha avó era uma senhorinha assim bem simples, bem gracinha, bem cheia das superstições e dos causos e dos medos. Aquela coisa dos italianos mesmo que vieram numa época dura pro Brasil. E eu gostava do jeito. Depois meus pais também eram assim pessoas simples, e eu gosto da simplicidade dessas pessoas. Eu curto, acho legal. O que eles acham daqui? Eu acho que eles gostam também, porque eles falam bem... Eu acho que no início eles devem ter se assustado, devem ter achado que a gente era um bando de gente: “ai da cidade, está vindo”. Mas à medida que a gente vai os conhecendo e eles vão conhecendo a gente... Eu não vejo, nunca vi assim conflito, de falar mal, ou de achar que estávamos fazendo alguma coisa ruim pra eles. Pelo contrário, eles procuraram até se beneficiar disso e a gente também, dentro do possível, o que pode beneficiá-los, não é? É muito bom. Eu acho que eles gostam da gente sim.

Além dessas relações individuais com as pessoas do entorno, já houve uma ação conjunta, um abaixo-assinado pedindo para que a prefeitura melhorasse a estrada de terra, feito com o pessoal do bairro. E existem alguns projetos para o futuro. Uma ideia interessante é a de Igor. Ele começou a produzir mel em seu sítio e pensa em ensinar a prática da apicultura para sitiantes da região e, assim, formar uma cooperativa de produtores de mel. Certamente essa seria uma experiência muito rica, unindo ecovilenses e sitiantes em um trabalho comum, possibilitando, quem sabe, ampliar o diálogo entre esses dois universos. Uma aproximação desse tipo, produzida por uma meta comum (e não por filantropia ou “generosidade”) poderia abrir caminho, talvez, para uma divulgação do conhecimento ecológico que

⁶⁹ Texto contido no rótulo do produto Roundup®, disponível no site do fabricante (MONSANTO).

os ecovilenses possuem – conhecimento que se mantém, de certa forma, restrito a uma pequena parcela da sociedade. Nos sítios vizinhos, por exemplo, todo o esgoto é depositado diretamente no solo, sem nenhum tratamento, poluindo os lençóis freáticos. Possivelmente outras técnicas alternativas – como a construção com adobe, técnicas naturais de controle de pragas, ou a reciclagem de materiais, por exemplo – poderiam ser úteis para os sítiantes da região.

Cabe ressaltar, entretanto, que se a ampliação do acesso a técnicas sustentáveis é importante, é preciso que ela se dê de forma dialógica, a partir de um encontro, de uma convivência, de um diálogo não hierarquizado. Eduardo Antonio Bonzatto aposta nesse caminho. Segundo ele, a divulgação de tecnologias ecológicas em ambientes favoráveis pode mobilizar a comunidade num movimento de autogestão e trazer um novo sentido para a vida do grupo.

No entanto, devemos destacar que tais tecnologias são pretextos para o encontro entre sujeitos de distintas experiências, e é esse encontro, desprovido das hierarquias que normalmente o inviabilizam, que é potencialmente transformador, seja para os próprios sujeitos envolvidos, seja para aquilo que pode daí resultar, que é impossível de prever de antemão. [...] A permacultura pode ser tanto conhecimento quanto saber. Depende exclusivamente do método com que será tramada. Se for uma solução previamente encontrada por agentes exteriores dos ambientes em que é potencialmente necessária, será poder, e somente produzirá relações de assistencialismo e de poder. Se, pelo contrário, for pretexto para o encontro, se antes houver convivência, empatia com o ambiente e com as pessoas envolvidas e se aparecer como uma das muitas possibilidades de enfrentamento dos problemas comuns entre os sujeitos respeitadores das alteridades, aí podemos estar diante de algo profundamente novo e surpreendente. Só podemos mudar alguma coisa se alguma coisa mudar em nós mesmos. (BONZATTO, 2007, p. 87 - 91)

2.9 Ecovila: em contínua construção

Mesmo já existindo como comunidade desde 2005, todos os ecovilenses consideram que a ecovila está – e sempre estará – em construção, num processo contínuo. Numa das reuniões, Nelson, o então presidente, procurava estimular as pessoas a se envolverem, a fazerem parte de algum GT: “Essa ecovila vai ser o que a gente fizer dela. Ninguém vai fazer uma ecovila pra gente vir morar nela depois. A ecovila vai andar de acordo com o andamento dos GTs. As decisões são tomadas pela comunidade e *executadas* também pela comunidade. Não há um síndico que se responsabiliza em executar as decisões tomadas. Todos devem ajudar”. É interessante perceber que o desenvolvimento da comunidade depende da energia

que as pessoas colocam ali. Segundo Ieda, esse é um dos motivos pelos quais está demorando tanto para construir o Centro Comunitário: “As pessoas querem ir para uma ecovila que está em construção, que está sendo construída por nós mesmos e não querem colocar nem dinheiro e nem trabalho! Aí as coisas ficam paradas”. Disse, também, que a vida em ecovila pressupõe que as pessoas tomem a iniciativa de fazer as coisas. “Num condomínio comum, espera-se que os outros façam para você, mas numa ecovila, se você não fizer, ninguém mais vai fazer!”

Após uma das reuniões em que os ecovilenses discutiam novamente a questão do Centro Comunitário, fiquei pensando em como um projeto coletivo demanda tempo, energia, dinheiro, diálogo e acordos mútuos. E fiquei me questionando como seria a relação entre os ecovilenses que vivenciaram todo esse processo e os possíveis membros novos que, ingressando no grupo após a construção do Centro, talvez não tivessem nem ideia do esforço que foi dedicado a isso. Ao falar sobre o assunto com Thiago e Natália, eles me disseram que em outras ecovilas, inclusive em Findhorn, os novos moradores, ao entrarem no grupo, têm que pagar uma taxa para a associação. Natália acredita que, no futuro, deveriam pensar em cobrar uma taxa para a entrada de novos membros, e que o dinheiro fosse para a Associação dos Moradores. Afinal, esses novos membros encontrariam muitos trabalhos já debatidos, realizados e encaminhados.

As dificuldades encontradas no processo de planejamento do Centro Comunitário demonstram o quanto a comunidade ainda precisa se afinar. É como disse Mel em uma reunião na qual discutiam justamente esse tópico: “A gente está construindo dentro de nós e construindo fora”. Realizar um projeto coletivo é muito mais difícil do que um projeto individual, exigindo um longo aprendizado de paciência e convivência. Um exemplo disso é o próprio projeto arquitetônico do Centro Comunitário. Inês me contou que a ideia inicial era de fazer somente um salão grande, com banheiros e uma cozinha comunitária. No entanto, esse projeto foi aumentando: alguns queriam uma sala de meditação, outros queriam uma biblioteca, até uma “ludoteca” (para crianças) entrou no projeto. Esse projeto foi crescendo para abrigar os sonhos de cada um e se tornou algo grande e caro. Pessoalmente, ela acha que o Centro Comunitário deveria ser bem simples, como no projeto original.

Vê-se, portanto, que, numa construção coletiva, cada um precisa abrir mão de algumas preferências pessoais para acatar a decisão do grupo. Assim como nesse projeto, todos os processos da ecovila acabam por levar mais tempo, pois depende também do tempo que cada um dispõe para ajudar, estar presente, contribuir. Para Thiago, isso acaba desiludindo muitas pessoas que vão para lá esperando encontrar uma ecovila formada:

Eu acho que entre o que a gente idealiza, lê, a receita, e o que a gente encontra, seja aqui ou em qualquer comunidade, tem um processo de adaptação, de acomodação. Esse processo pode ser muito violento ou frustrante, porque você vê que é uma coisa na teoria e na prática é outra, ou pode ser uma oportunidade muito gratificante de você se entregar e deixá-lo acontecer. No começo a maioria vem com aquela primeira intenção de querer consertar pela ideia que ele traz na cabeça. Mas quando ele percebe que é o que tem, e ele entra e permite que vire uma construção coletiva, que esse é o objetivo, aí a coisa fica mais suave, e mais legal. Então assim, demora uns anos até você cair na real, não é? Mas agora eu acho que nós estamos numa fase de deixar acontecer e esquecer a teoria. E ela vai ser o que ela for. O que a gente der de energia, ideias e participação, vai transformar a ecovila. Se a gente der muito, ela vai ser muito. Se a gente não der nada ou muito pouco, ela vai ser exatamente aquilo que nós quisermos que ela seja. Mas isso é muito inconsciente pra muitas pessoas. Elas só percebem depois, tanto que nós já tivemos uma série de pessoas que abandonaram e saíram. Por quê? Porque não passaram por esse processo ou se sentiram violentadas por ele.

Trata-se, portanto, de um duplo processo: a ecovila se constitui como ecovila ao mesmo tempo em que os ecovilenses se constituem como ecovilenses. Cada aprendizado individual, cada pessoa que passa a participar mais do projeto, acaba modificando a comunidade como um todo.

Ah então, eu vejo que cada vez que a comunidade incorpora um novo membro – diz Rodrigo – esse novo membro é como aquela bolinha que agrega, bate assim na outra bola e muda um pouquinho de rumo, mas dá força pra aquele novo rumo. Então existe sim uma visão, que a gente não pode fugir, e cada membro que agrega, ele meio que impulsiona pra essa visão. É claro que às vezes muda um pouquinho o rumo, porque a essência da pessoa é de outra maneira, mas quando agrega, a comunidade aceita, abraça e vê que está enriquecendo o grupo. Porque toda concordância absoluta é burra, não é? Então esses desencontros, às vezes discordâncias, é pra um crescimento. Então eu vejo que à medida que a comunidade está crescendo, está incorporando membros assim jovens, cheios de ideais, cheios de ideias e que são muito bem acatadas aqui. Então a gente fica meio que no aguardo, não é? Esperando chegar esse pessoal. Eu gosto muito de conhecer gente nova.

Segundo Georges Lapassade (1977, p. 256-259), essa ideia de contínua construção é fundamental, tanto quando falamos dos indivíduos como dos grupos. “Ao contrário, é a ideia fixa – e congelada – da instituição que evoca a maturidade, a estabilidade e a morte. A ideia de atividade instituinte permanente e inacabável é, ao contrário, o fim dessa fixidez institucional que define habitualmente a burocracia”.

Segundo ele, um grupo não tem e jamais terá uma unidade absoluta, ele jamais se tornará “acabado”. Ele existirá enquanto houver adesão de seus membros, enquanto se mantiver o compromisso de aceitar as regras do jogo que o próprio grupo se atribuiu. O grupo nasce, portanto, na vontade inicial de continuar em conjunto uma experiência. “Eis, portanto, o nascimento do grupo. Não nascimento para um estado adulto, para um acabamento futuro. O nascimento dos grupos, como o nascimento dos indivíduos, é nascimento para o inacabamento, nascimento indefinidamente inacabado”.

Nesse processo, os membros da Andorinha estão aprendendo o que é construir uma ecovila *construindo*. Para isso, não existe manual nem modelos prontos. É algo que se aprende vivenciando e fazendo experiências. Assim como aconteceu com os praticantes da economia solidária no seu início – a partir de meados do século XIX – os ecovilenses também estão “abrindo seus próprios caminhos, pelo único método disponível no laboratório da história: o da tentativa e erro” (SINGER, 2008, p. 38).

Mas o que é a vida? – pergunta Rodrigo – Eu nunca fui pai, não tem curso de ser pai, a gente é pai sendo pai, a gente é mãe sendo mãe, e a gente é ecovila sendo ecovila. Então o que é certo ou errado numa ecovila, não é? Então eu já sei que essas maneiras não dão certo, então por isso nós estamos tentando uma nova maneira. Se daqui a dez anos mostrar que não dá certo, a gente tenta de outra maneira.

2.10 Percursos da Pesquisa

“As ressonâncias se dispersam nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência. Na ressonância ouvimos o poema; na repercussão nós o falamos, pois ele é nosso. [...] Parece que, por sua exuberância, o poema desperta profundezas em nós.”
Gaston Bachelard

Como afirmei no início deste capítulo, a pesquisa de campo teve como proposta uma atitude desarmada, uma disponibilidade para a criação de laços de amizade com os sujeitos pesquisados. O meu primeiro contato com a ecovila se deu a partir de uma das ecovilenses, quem eu conhecia há muito tempo em São Paulo. Após falar da minha intenção de pesquisa, o grupo discutiu e aprovou em reunião a minha presença na comunidade. Na minha primeira visita à ecovila, após assistir à reunião, me apresentei e falei da minha pesquisa. Disse que os nomes das pessoas

seriam trocados para preservar suas identidades, e que gostaria de estar presente em todas as reuniões, além de vivenciar o cotidiano de suas casas. Como já tinham discutido e aprovado anteriormente a minha presença, todos se mostraram muito receptivos. Logo no primeiro dia, algumas pessoas já vieram conversar comigo, entusiasmadas para me contar coisas sobre a ecovila. Nesse primeiro contato, algumas pessoas já se ofereceram para me hospedar em suas casas quando precisasse.

Em todas as reuniões comunitárias, embora me sentasse do lado de fora do círculo, eu era sempre convidada a participar das harmonizações, no início e no final dos debates. Quando circulavam aperitivos pela roda, Gustavo sempre se preocupava em oferecê-los para mim, mesmo que tivesse que sair da roda para isso. Num dia de muita chuva, Thiago fez questão de me acompanhar com sua Pajero pela estrada de terra até chegar ao asfalto, caso eu ficasse atolada e precisasse de ajuda. E, assim, diante do acolhimento e amorosidade dos ecovilenses, não foi difícil desenvolver a simpatia.

Os ecovilenses, no início, ficaram um pouco incertos sobre como agir perto de mim, preocupados com a minha percepção sobre eles. No entanto, essa incerteza foi se dissipando com a convivência, e logo já me sentia como parte da comunidade. Pude vivenciar o cotidiano das pessoas, participar das atividades, das festas e, assim, sentir um pouco do que é a vida em ecovila.

Logo no primeiro mês de pesquisa, entretanto, percebi as armadilhas que tal envolvimento poderia criar quando me vi um dia tão entretida nas conversas que deixei de observar algumas situações importantes. Dessa forma, após esse dia, procurei ficar mais atenta para que a proximidade com os sujeitos pesquisados não interferisse nas observações.

A grande maioria dos ecovilenses se abriu bastante para mim, contando dos problemas e dificuldades da vida em comunidade, falando inclusive das suas próprias incoerências e conflitos. Algumas entrevistas foram muito ricas em histórias e exemplos. Como Lilian, por exemplo, que me deu uma narrativa cheia de emoções, exemplos e estórias, esforçando-se por responder cada pergunta da forma mais completa possível, fazendo inúmeras pausas para refletir, se emocionando, se alegrando. Outras pessoas se mostraram mais reservadas, com respostas curtas e diretas. Uma das entrevistas foi especialmente difícil, pois a

entrevistada dava respostas breves e abstratas, sem conseguir dar exemplos concretos, e falando sempre por meio de generalizações e termos acadêmicos. Mas tive também muitas surpresas, como Danuza que, num primeiro momento, parecia arredia e desconfiada, mas que, durante a entrevista, se mostrou extremamente franca e aberta.

A pesquisa de campo foi, portanto, extremamente rica. Tive a oportunidade de vivenciar o cotidiano de diversas casas e, assim, ouvir o ponto de vista de várias pessoas. Pude perceber que cada pessoa é um universo próprio, projetando seus sonhos pessoais na ecovila, e muitas vezes se decepcionando quando eles não são acatados. Percebi a admiração sincera de alguns ao me mostrar uma planta ou cheirar uma flor; o desejo e a dificuldade que alguns enfrentam em estarem mais presentes; as dificuldades de outros em se adaptarem à vida no campo (como uma das ecovilenses que não se sente à vontade em sentar-se na grama, por exemplo). No início tive, por diversas vezes, a tentação de julgar essas incoerências, essas atitudes arraigadas da cidade. Mas, com o tempo, fui compreendendo melhor essas dificuldades e, inclusive, percebendo muitas delas no meu próprio corpo. Por exemplo, um dia eu estava na casa de Natália, quando resolvemos ir até a casa de Ieda, que fica a alguns metros de distância. O dia estava fresco e agradável, mas, quando saímos, Natália já foi entrando direto no carro. Depois é que parou, pensou, e resolveu ir a pé. Pude notar, com essa situação, o quanto o corpo da cidade está codificado, acostumado a entrar direto no carro. No entanto, qual foi minha surpresa quando a mesma coisa aconteceu comigo por duas vezes: saí de uma das casas e entrei direto no carro. Só depois que já estava partindo é que lembrei que poderia ter ido a pé.

Dessa forma, a minha participação na vida da comunidade e minha condição muito semelhante a dos sujeitos pesquisados foram muito importantes para que eu pudesse compreender que a mudança cultural à qual eles se propõem – e que exige uma mudança nos automatismos do corpo – é um processo muito mais difícil do que julgaríamos à primeira vista. Pude notar também que muitas pessoas que criticam a ecovila partem de um olhar exterior e estático – isto é, que não apreende o movimento, captando somente o momento atual – e, portanto, não conseguem reconhecer o esforço dessas pessoas. Muitas vezes, ocorre até um preconceito às avessas: por se tratarem de pessoas que vêm das classes mais privilegiadas, as

peças que veem de fora (e algumas de dentro também) tendem a ressaltar suas limitações, e não seu esforço. No entanto, existe ali um movimento, um processo de mudança – que não é imediato, mas que nem por isso deve ser desvalorizado. “Ambiguidade”, nos diz Walter Benjamin, “é a imagem visível e aparente da dialética, a lei da dialética em estado de paralisação” (1985, p. 39).

Como eu já havia suspeitado desde o início da pesquisa, essa convivência com os ecovilenses me trouxe muitos aprendizados, me fez repensar inúmeros aspectos da minha vida e das minhas atitudes. Um exemplo disso foi ver a relação de igualdade de Naomi com seus funcionários, fazendo questão de partilhar a mesa com todos. Ver essa forma de agir me fez analisar minhas próprias atitudes, deixando-me mais atenta às relações que eu estabeleço com as pessoas ao meu redor. Muitas outras práticas da ecovila eu também acabei adotando: fraldas de pano na minha filha, balde no banheiro para recolher a água limpa enquanto espero esquentar o chuveiro, entre outras. Descobri que são muito mais simples de se fazer do que imaginava, e realmente trazem uma enorme gratificação moral.

Uma situação muito interessante que me ocorreu durante a pesquisa foi quando fui até a casa de Naomi para falar com ela. Ela não estava, mas notei que ela tinha feito um caminho no chão, da rua até a porta, com as pedras que tínhamos apanhado juntas na semana anterior. Algo tão simples, mas que me trouxe uma enorme satisfação. “Eu ajudei a trazer essas pedras que estão aqui”, pensei sorrindo. Saber que eu tinha contribuído com algo, que tinha deixado uma marca minha ali, me deu uma sensação muito boa de *pertencimento*. É como se, com aquelas pedras que eu ajudei a recolher, eu também tivesse feito parte da história daquela comunidade. Acredito que essa é a sensação de enraizamento que Simone Weil afirma ser tão importante para os seres humanos: participar ativamente de uma comunidade, apropriar-se dos objetos ao redor, e deixar rastros.

Essa experiência na ecovila certamente provocou uma repercussão em mim. Segundo Bachelard, a repercussão é a verdadeira medida do ser de uma imagem poética. “É depois da repercussão que podemos sentir as ressonâncias, repercussões sentimentais, recordações do nosso passado. Mas a imagem chegou às profundezas antes de movimentar a superfície” (BACHELARD, 1974, p. 341-346). Creio que a repercussão – essa capacidade de sermos afetados pelas coisas –

ocorre toda vez em que procuramos *habitar* as coisas do mundo, contemplando-as em seu modo próprio de ser, como se estivéssemos diante de uma obra poética:

Assim, a imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa. Enraíza-se em nós mesmos. Recebemo-la, mas nascemos para a impressão de que poderíamos criá-la, de que deveríamos criá-la. A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir do nosso ser. [...] Assim, a imagem poética, acontecimento do *logos*, é para nós inovadora. Não a tomamos mais como “objeto”. Sentimos que a atitude “objetiva” do crítico sufoca a “repercussão”, recusa, por princípio, a profundidade [...]. (BACHELARD, 1974, p. 346)

Pude perceber que a atitude com relação à pesquisa adotada neste estudo (e que, segundo Ecléa Bosi, não é uma técnica, mas uma conversão) permitiu que a vivência na ecovila pudesse realmente repercutir em mim, fazendo-me repensar diversos aspectos de minha vida cotidiana e promovendo mudanças na minha forma de agir. No mínimo, fiquei consciente de que é possível fazer as coisas de *outras formas*, ampliando meu leque de possibilidades. Para Feldenkrais, a aprendizagem importante é aquela que nos permite fazer aquilo que já sabemos, mas de uma maneira nova. “Quanto mais maneiras possuímos de fazer o que sabemos, maior a liberdade de escolha. E quanto maior a liberdade de escolha, maior será a nossa capacidade humana” (FELDENKRAIS, 1988, p. 31).

Inúmeras foram as ressonâncias. Depois de vivenciar o fluxo cíclico da matéria, principalmente com a compostagem, passei a me sentir extremamente incomodada toda vez que coloco o lixo orgânico (cheio de cascas e sementes de frutas e legumes) dentro de um saco plástico, sabendo que sua destinação é um aterro sanitário. Fiquei consciente de que poderia haver uma outra destinação para esse lixo: devolvê-lo para a terra – o que me parece muito mais lógico e racional.⁷⁰ Passei a notar, também, todos os absurdos que ocorrem na cidade: o excesso de embalagens na padaria, as incoerências (produtos orgânicos embalados em plástico e isopor), restaurantes que servem *uma* folha de guardanapo embrulhada em plástico, o consumo e descarte indiscriminado de recursos naturais, etc.

Agradecer pelo alimento antes das refeições também foi uma experiência muito interessante. Senti que esse gesto transforma o ato de comer. O agradecimento nos lembra do valor do alimento e da importância fundamental da natureza. Claro que todos sabemos disso *intelectualmente*, mas, muitas vezes, não

⁷⁰ Por que não composteiras e hortas comunitárias nos bairros da cidade? Certamente seriam não só ações sustentáveis, como também promoveriam o encontro entre as pessoas.

pensamos nisso no nosso dia a dia. Sentia-me privilegiada em poder comer uma mandioca que acabou de ser colhida, que acabou de sair da terra. Algo raríssimo nas grandes cidades.

O envolvimento com os sujeitos pesquisados também me levou a algumas situações difíceis. Uma delas ocorreu quando um pequeno grupo discutia sobre a questão do isolamento de uma das ecovilenses. Eu havia tido a oportunidade de conviver com essa pessoa e me tornei muito amiga dela. Durante essa conversa, eu me senti compelida a intervir e colocar meu ponto de vista. Pensei se deveria ficar quieta e não falar nada – mantendo, assim, uma postura “neutra” de pesquisadora. Mas percebi que, naquele momento, eu poderia contribuir para melhorar as relações daquele grupo, melhorar sua compreensão mútua e, no final, isso me pareceu mais importante do que manter uma posição artificialmente neutra. Essa situação exemplifica a maior dificuldade de tal metodologia de pesquisa: a de dosar proximidade com distanciamento. Como manter a amizade sem, ao mesmo tempo, revelar alguns aspectos da pesquisa que devem ser preservados? Por outro lado, como investigar e relatar os processos do grupo sem revelar as intimidades que me foram confiadas?⁷¹ É um trabalho constante de equilíbrio.

Um dia em que Naomi estava no meu apartamento em São Paulo, ela comentou sobre a quantidade de “tranqueira” que a minha filha tem. “Uma criança não precisa de tanta coisa”, ela disse. No mês seguinte, quando eu estava na ecovila, Mariana, filha de sua funcionária, me perguntou algo muito parecido: “Porque tudo da sua filha é de bichinho? Até o prato dela é de bichinho!” Essas observações me fizeram refletir sobre o uso desses objetos – algo tão recorrente que nem percebemos seu caráter culturalmente determinado. Será que um bebê realmente precisa de tanta coisa de bichinho: copinho, pratinho, colherzinha, babador... Essas coisas todas nos parecem tão necessárias, mas será que realmente o são?

Mesmo que eu continue a comprar os produtos de bichinhos para minha filha, essa situação me fez pensar sobre ela, tomar consciência do ato. Para James Jasper, esse é o principal benefício do ativismo para a sociedade: mesmo quando discordamos de suas posições, os ativistas frequentemente nos forçam a

⁷¹ Daí vemos a importância de preservar a identidade dos sujeitos pesquisados, omitindo seus nomes verdadeiros.

reconsiderar nossas opiniões e atitudes, a questionar práticas que considerávamos acertadas, a arranjar razões e argumentos para nossas posições, e a decidir se suas intuições estão de acordo com nossos valores fundamentais (JASPER, 1997, p. 13; 162).

CAPÍTULO 3:
PROPOSTAS E DESAFIOS PARA UMA CULTURA ALTERNATIVA

3. PROPOSTAS E DESAFIOS PARA UMA CULTURA ALTERNATIVA

Neste capítulo, procuro refletir sobre as dimensões da vida em ecovila que se apresentam como resistência à cultura dominante e afirmação de uma proposta alternativa de vida, bem como sobre os aspectos que revelam dificuldades e desafios, buscando assinalar possíveis caminhos para sua superação. Ao final, convido a uma reflexão sobre como as relações entre as pessoas na ecovila podem favorecer uma mudança de cultura, num processo de *coeducação*.

3.1 Propostas para a construção de uma cultura alternativa

Assim, sendo, não é possível pretender se opor a ele [ao poder capitalista] apenas de fora, através de práticas sindicais e políticas tradicionais. Tornou-se igualmente imperativo encarar seus efeitos no domínio da ecologia mental, no seio da vida cotidiana individual, doméstica, conjugal, de vizinhança, de criação e de ética pessoal. Longe de buscar um consenso cretinizante e infantilizante, a questão será, no futuro, a de cultivar o dissenso e a produção singular de existência. [...] Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e microssociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas [...]. (GUATTARI, 1990, p. 33-5)

Vimos que *cultura* não é um conjunto de obras acabadas ou regras fixas de conduta, mas um processo criativo de construção, tanto no nível individual quanto social. A cultura pode ser entendida como uma criação poética, que comporta experimentações, problematizações e transmutações. Mesmo as pequenas mudanças realizadas por indivíduos nos seus pequenos espaços de liberdade, bem como as realizadas por pequenos grupos, podem gerar novas sensibilidades, novas formas de apreendermos o mundo em que vivemos, novas estéticas e novos dilemas morais. Quando entramos em contato com esses sujeitos-criadores, somos forçados a reconsiderar nossas posições, a expandir nossa linguagem, a refletir sobre ações que antes passavam despercebidas. Essa é uma das principais contribuições que o movimento das ecovilas pode nos oferecer: outra forma possível de vivermos, de nos relacionarmos e nos realizarmos na vida. Oferecem, portanto, exemplos de resistência à cultura homogeneizada, passiva e padronizada; ao mesmo tempo em que propõem um modelo alternativo.

Isso não significa, contudo, que o modo de vida dos ecovilenses deva ser tomado como modelo a ser adotado universalmente. Pelo contrário, devemos celebrar a diversificação dos sistemas de valoração e das práticas sociais; a criação múltipla, diversa e criativa de formas de vida alternativas – processo que Guattari chama de *heterogênese*.

Os ecovilenses, ao demonstrarem que formas alternativas de vida são possíveis e gratificantes, revelam a sociedade estabelecida em sua verdadeira dimensão de *projeto*, de *escolha* histórica. Boaventura de Souza Santos também aposta na criação de múltiplas alternativas. Segundo ele, o futuro prometido pela modernidade está desacreditado, tanto pelos povos da periferia quanto pelos povos do centro do sistema mundial. Diante disso, muitos assumem uma atitude “futuricida”, isto é, “assumir a morte do futuro para finalmente celebrar o presente, como sucede com certo pós-modernismo, ou mesmo para celebrar o passado, como sucede com o pensamento reacionário” (SANTOS, 2008, p. 322). Para o sociólogo, entretanto, nossa única saída é reinvenção do futuro; “abrir um novo horizonte de possibilidades, cartografado por alternativas radicais às que deixaram de o ser” (ibidem, p. 322).

Dessa forma, destacarei aqui algumas proposições que os ecovilenses nos oferecem para alternativas de convivência, lazer, de relação com o mundo e com as nossas necessidades materiais. Proposições que não devem ser entendidas como modelos a serem seguidos, mas como experimentações que estão sendo feitas por sujeitos sociais concretos e que podem nos oferecer novos questionamentos.

Meu juízo do ativismo como prática é baseado na suposição liberal de que os indivíduos deveriam ter a habilidade de moldar poeticamente suas vidas, da maneira como puderem, e isso significa ter à sua disposição um largo leque de modelos possíveis como inspiração. [...] Uma contribuição dos ativistas é que eles criam controvérsias, e controvérsias são importantes porque levam a pesar e testar perspectivas e valores. [...] É a proliferação de pontos de vista que nos ajuda a separar reivindicações melhores das piores, ou as reivindicações morais que são consonantes com nossos valores básicos das que não o são. A existência de pontos de vista alternativos avança nosso conhecimento. (JASPER, 1997, p. 367-374, tradução nossa)

Convivência

Os ecovilenses experimentam uma nova forma de convivência buscando criar laços sociais duráveis, que permitam o desenvolvimento da confiança e do compromisso mútuos. A ecovila, como uma criação coletiva, exige que os seus membros saiam de sua passividade, de sua zona de conforto e se abram ao Outro, na construção de uma narrativa partilhada. Todavia, assumir vínculos profundos e compromissos de longo prazo não são tarefas fáceis. Numa realidade na qual a maioria das pessoas foge do desconforto e do conflito, a articulação das diferenças exige um “sair de si”. Durante o “círculo do coração”, o ecovilense George compartilhou com o grupo que, desde a infância, ele sente certa dificuldade em fazer contatos verdadeiros com as pessoas. “Só uma vida compartilhada pode trazer significado na vida”, disse ele. “O isolamento era um medo de entrar em conflito com as pessoas. Era como um pneu de carro bem conservado. Eu gostava do pneu conservado. Só que o carro é feito para andar. Os pneus se atritam com o solo e é esse atrito que faz o carro andar. É um atrito bom, necessário para crescer e evoluir”.

Como vimos, diversas são as situações de conflito na comunidade, pessoas que ficam longo tempo sem ir à ecovila por causa de atritos com vizinhos; grande parte dos ecovilenses já pensou em sair do grupo, e muitos o fizeram. No entanto, para aqueles que ficaram e procuraram encarar e trabalhar esses conflitos, o esforço foi recompensador, como demonstram os diversos depoimentos que falam de solidariedade e ajuda mútua. Negociando os conflitos ao longo do tempo, os ecovilenses vão se conhecendo melhor e confiando mais uns nos outros.

Mas eu acho – diz Danuza – que as coisas se resolvem porque hoje nós temos mecanismos pra isso. E a gente já está junto há mais tempo. Eu acho que os conflitos tendem a diminuir porque eles são percebidos. Eles são percebidos logo e já são cortados... Sabe, a gente começa a conhecer cada pessoa, então se vem alguma coisa que chateia o outro... Eu acho que dá pra conter mais rapidamente, e isso é bom. Porque o problema do conflito é ele crescer, ele ficar germinando e ficar naquela coisa de estar acontecendo “disse que me disse”, fofoca e coisa assim. E acho que aqui já está dando pras pessoas que têm o problema chegarem na outra e falar: “Olha, está acontecendo isso”. Ou alguém de fora falar: “Olha, vamos ver o que dá pra fazer”.

Ou então – conta Thiago – chegar pro outro e falar: “Olha, não gostei do que você falou, acho que você pisou na bola, poxa eu fiquei chateado com você”. Ter essa abertura pra poder discordar também e saber que não vai ser recebido com pedra na mão; a pessoa vai te ouvir. Obviamente você tem que se perguntar se é o momento certo, como é que é o processo, não é? Antes de dar um feedback pra pessoa. Mas, assim, saber estar junto. E, não vou

dizer discutir, mas também saber divergir dentro de uma relação de respeito e de confiança, eu acho isso importante. Com algumas pessoas existe essa abertura, com outras não existe. Isso é uma coisa que pode ser ensinada e aprendida: como se dar um feedback, como ter uma boa comunicação, como ter uma comunicação não violenta.

Para Danuza, a vida em comunidade exige um exercício de tolerância:

Nunca morei. Não tinha nenhum conhecimento do que era morar em comunidade. Pra mim é tudo um aprendizado, tudo uma novidade. Eu vejo que as pessoas têm que exercitar uma tolerância maior, têm que ter mais abertura, têm que acreditar no outro. Então é um exercício que eu estou fazendo e aprendendo, não é fácil também. [...] Então você tem que saber conviver. Eu acho que é um aprendizado pra todo mundo. Aqui, particularmente, eu vejo que cada um, do tempo que eu conheci, cada um teve um crescimento nessa questão aí do convívio. [...] Eu acho que as pessoas se flexibilizaram, eu acho que elas se situaram mais na coisa, e acho que confiaram muito umas nas outras. Mas teve gente também que mudou pro lado contrário, que saiu daqui e disse: “Ah, isso não é nada do que eu quero”, e de repente, saiu e não quer voltar. Porque não gostou da comunidade... [...] A minha relação com o Rodrigo, como casal também. A gente teve momentos de... Era ficava ou largava tudo, não é? Mas aí você vai, respira, releva [...]. Numa comunidade é igual, você não fala assim: “eu estou fora” e fecha a sua porta e fecha seu espaço. Se você fizer isso, já está claro que você é uma pessoa que já nem devia estar ali. É uma pessoa que tem dificuldade de se relacionar, de aceitar o outro, de se aceitar, de se fazer aceitar. Então é difícil, essa pessoa vai sofrer.

Na ecovila, portanto, as pessoas têm de aprender a enfrentar suas diferenças e a respeitar a diversidade de visões. As relações que os ecovilenses buscam estabelecer vão além de uma simples afirmação de valores comuns, mas são ligações verdadeiras feitas pelo reconhecimento das diferenças, numa “narrativa partilhada de dificuldade”, isto é, um destino partilhado.

Esse é o problema do caráter no capitalismo moderno. Há história, mas não narrativa partilhada de dificuldade, e portanto tampouco destino partilhado. Nessas condições, o caráter se corrói; a pergunta “Quem precisa de mim?” não tem resposta imediata. [...] um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar sua legitimidade por muito tempo. (SENNETT, 1999, p. 175-6)

Nesse sentido, a ecovila mantém uma estreita proximidade com as propostas da economia solidária. Para Paul Singer (2002, p. 114-6), o cooperativismo deveria mostrar-se superior ao capitalismo não só enquanto modelo formal, mas enquanto *propiciador de uma vida melhor*. Vida melhor não no sentido de que os indivíduos precisarão de menos esforço, e sim, por propiciar um relacionamento melhor com familiares, amigos, vizinhos e colegas; na liberdade de participarem plenamente das decisões que os afetam e na segurança de saberem que sua comunidade jamais os deixarão desamparados. “A grande aspiração que, desde os primórdios, sempre animou a economia solidária tem sido superar as tensões e angústias que a competição de todos contra todos acarreta”, afirma Singer.

É a concepção de que é possível criar um novo ser humano a partir de um meio social em que cooperação e solidariedade não apenas serão possíveis entre todos os seus membros mas serão formas *racionais* de comportamento em função de regras de convívio que produzem e reproduzem a igualdade de direitos e de poder de decisão e a partilha geral de perdas e ganhos da comunidade entre todos os seus membros. (SINGER, 2002, p. 116)

Um meio social em que cooperação e solidariedade são formas racionais de comportamento pode ser encontrado como uma realidade concreta em muitas culturas tradicionais. A antropóloga Carmen Junqueira (1979, 46-64) encontrou esse tipo de convivência entre os índios kamaiurá. Ela conta que na produção de alimentos, por exemplo, as famílias kamaiurá criam sempre excedentes para serem distribuídos entre as casas da aldeia – tanto como forma de gentileza como para auxiliar as famílias que tiveram suas roças exterminadas por animais.

Como a generosidade é altamente valorizada, a produção não se reduz ao imediatamente consumível mas se amplia, criando um excedente para uso eventual, ao lado da reserva para a época das chuvas. A distribuição de beiju entre as casas da aldeia não atende ao problema do consumo, propriamente dito. Uma vez que todas produzem a mesma quantidade de alimento, essa circulação põe em evidência a fartura do grupo doméstico, e, mais ainda, sua generosidade. [...] Mesmo durante as chuvas, quando a pesca é pouco produtiva e é baixo o estoque de mandioca, leva-se o beiju com peixe ensopado a outras casas com um desprendimento que encobre a relativa escassez de alimento. (JUNQUEIRA, 1979, p. 46)

É a distribuição de alimentos e presentes, e não sua acumulação, que é fonte de prestígio para um kamaiurá. “A ajuda mútua que aqui se expressa no plano econômico permeia toda a vida social *como se fosse o único comportamento possível para o ser humano*” (JUNQUEIRA, 1979, p. 46, grifo nosso).

Na ecovila, a busca por uma nova forma de convivência exige uma mudança cultural, um trabalho de atenção. Pois na sociedade de consumo somos condicionados a fugir dos conflitos, a resolver nossos problemas sozinhos, a sermos autossuficientes e não dependermos de ninguém. Somos condicionados a lançar olhares de relance para nosso entorno, desatentos para as pessoas ao nosso redor, desviando daqueles que possam nos fazer perder tempo. Procuramos simpatizar com as personagens da novela, mas não com nossos vizinhos. Tudo isso está inscrito no nosso corpo, nos nossos hábitos, nos nossos automatismos. Trabalhar as diferenças, encarar o conflito, promover a solidariedade, tudo isso exige dos ecovilenses uma mudança cultural, uma reeducação.

Nesse processo, não deixam de apresentar suas contradições. Eles vivem “o movimento contraditório da sociedade”: apresentando traços de resistência às

determinações prevaletentes, mas muitas vezes reiterando procedimentos que poderiam ser designados como massificadores (OLIVEIRA, 1999, p. 276). De qualquer forma, podemos situar as relações estabelecidas entre os ecovilenses numa dimensão da convivência humana que entrelaça o público e o privado, assim como Jean Pierre Vernant pensa a amizade:

Conhecemos bem a distinção grega entre o privado e o público: o privado é o que pertence a cada um propriamente, em sua singularidade, sua diferença; o público é o que deve ser posto em comum e igualmente repartido entre os membros do grupo. A amizade aparenta-se a ambos os campos; ela liga e rege a ambos. [...] Não é só porque podemos dizer aos amigos coisas que não diríamos a outros; mas as recordações, as alegrias, as tristezas, que nada têm a ver com o domínio público, no sentido grego do termo, e sim como o que eu chamaria de próprio, particular, são vivenciadas na participação com os outros em uma relação de troca igualitária. [...] Quando comemos, bebemos e rimos juntos, e fazemos também coisas graves e sérias, essa cumplicidade cria laços afetivos tais que só sentimos nossa existência como plena na e pela proximidade do outro. (VERNANT, 2001, p. 27-9)

Amizade que não exclui a discordância ou rivalidade. Vernant afirma que somente num grupo de iguais é que as pessoas podem ser diferentes e ter o direito de contradizer e até de trilhar caminhos divergentes. A amizade se constrói com o tempo, “por meio de percursos mais ou menos difíceis, de fracassos, de contrassensos, de retomadas... Não existe imediato no homem” (ibidem, p. 35). Para Vernant, a ligação se fortalece quando permite uma modificação recíproca, isto é, quando construímos a nós mesmos por uma abertura ao outro: “cada um molda sua própria identidade com os outros e com o outro, mas não com qualquer outro. É nesse ponto que aparece a amizade. É preciso ter afinidades com esse outro com o qual vamos nos defrontar e que vai nos fazer refletir sobre nós”.

Dessa forma, dizer que existe *phylia*, amizade, entre os membros da ecovila significa dizer que, mesmo com todos os conflitos que lá existem, existe uma abertura para o outro, para o diálogo, para o aprendizado mútuo. Significa uma convivência que permite a cada um compartilhar momentos graves e alegres, numa narrativa partilhada.

E é um ambiente amigo – diz Lilian. Um ambiente de pessoas que têm valores similares, apesar de tão diferentes que as pessoas sejam. Em qualquer momento, se eu chegar: “Por favor, estou precisando disso”, a pessoa que me acha chata, ou que sei lá... Nunca deixei de ter do que eu precisei. Ser atendida, sabe? Nunca passei aperto. E mesmo tendo pouca gente (tem épocas que não tem ninguém e tal), sempre me sinto muito tranquila.

Às vezes que eu saio, fico um mês fora – diz Rodrigo – eu sinto que eu perdi um pedaço, assim. Parece que falta um pedaço da minha vida, que é essa

paz aqui, que é o grupo se reunir, e ver a casa do Rogério crescendo... Pra mim, divide a alegria dele comigo. Então eu fico alegre com a alegria dos outros, e isso é a família, não é? Família é assim: a gente fica feliz com a vitória e fica triste com as dificuldades da pessoa. Mas a vida sem isso, ela torna-se um pouco insossa, não é? Então o prato da vida tem que ser saboreado com todos os sabores: o salgado, o amargo, o azedo. Só doce não é um prato equilibrado, entende? Então tem que ter todos os sabores presentes: os amargos, os azedos, e assim o prato se faz.

A convivência entre as pessoas na ecovila também permite que os sujeitos se encontrem uns aos outros como seres inteiros, com todas as suas qualidades e defeitos. Por mais que possa haver rivalidades ou preocupações com suas imagens pessoais, com a convivência fica difícil manter as máscaras. Eles não mais precisam se mostrar como seres completos e autossuficientes, nem fragmentar suas personalidades para representar papéis diferentes em diferentes situações (seja no trabalho, no condomínio, no lazer). É nesse tipo de relação, que abrange toda a vida das pessoas – e que difere, portanto, da cumplicidade ou das alianças – que Martin Buber entende a construção de uma comunidade. A essência de uma comunidade é, para ele, a relação Eu-Tu: uma relação autêntica e total entre as pessoas.

Isto quer dizer que a relação de um homem com seu semelhante não envolve somente uma parte de seu ser, como é frequente hoje, quando vários domínios da vida espiritual estão separados, cada um com sua própria lei, sua própria estrutura, sua própria contabilidade. Há determinadas relações espirituais entre homens de tipo muito peculiar: algumas pessoas se encontram, certa noite, para discutir assuntos de grande interesse para elas como se realmente tivessem algo que ver umas com as outras, sem que, na realidade, o tenham. Nenhuma delas se prendeu por algum compromisso, uma com a outra. [...] O que quero dizer é o seguinte: a totalidade da relação é componente importante da comunidade. O homem encontra-se com os outros com todas as suas qualidades, habilidades, possibilidades e entre eles algo acontece, nada mais! Não estou falando de coisas extraordinárias; pode ser qualquer evento – mesmo algo altamente negativo – que ocorra entre os homens, um evento real, imediato, do qual participa, com a totalidade de seu ser. (BUBER, 2008, p. 88)

Como vimos, para Buber, a autêntica relação entre as pessoas se dá quando os homens se aproximam uns dos outros de modo imediato. Imediaticidade entendida aqui não no tempo, mas no espaço, isto é, relações que ocorrem entre duas *personalidades*, sem mediações de classe ou de cidadania. Quando uma pessoa se encontra com outra, não como pertencendo a uma determinada classe, país ou profissão, mas como uma pessoa única, apresentando-se com todas as suas qualidades e fraquezas, somente aí pode haver uma relação autêntica. Dessa forma, existe para Buber um limite espacial para que essa imediaticidade seja

preservada. A ecovila, sendo um grupo de tamanho reduzido, contribui para isso⁷². Nesse contexto, as singularidades podem se manifestar, cada pessoa pode expressar sua visão de mundo e ter uma voz nas decisões coletivas. As decisões tomadas se relacionam mais intimamente com a vida das pessoas, partindo de suas necessidades interiores, mais do que por elucubrações abstratas como ocorre com as políticas do Estado⁷³.

Por mais limitadas que sejam as decisões tomadas na ecovila, já que esta está inserida no contexto social mais amplo e seus membros precisam vender sua força de trabalho nas cidades, ainda assim podemos afirmar que a vida numa comunidade promove o enraizamento. Seus membros se reconhecem na sua comunidade, apropriam-se das suas regras e decisões, e seu sentimento consegue abarcar aquele conjunto. No espaço coletivo, os ecovilenses podem ver as marcas de sua participação, de sua contribuição criativa – seja numa pintura feita na caixa d’água, nos nomes das ruas que ajudou a escolher, num vizinho que o ajudou a formar sua própria identidade, nas histórias que compartilhou com outros membros. A ecovila torna-se um espaço que permite aos seus membros se relacionarem de forma mais integrada, espontânea e criativa, permitindo que cada um (re)construa sua identidade através do encontro com o outro.

Essa integração e a busca da solidariedade nas relações entre os homens contribuem não só para uma vida mais saudável e gratificante, como também para a disseminação desses valores nos círculos dos quais esses indivíduos fazem parte. Afinal, como disse certa vez a professora Sueli Darmegian: “*uma pessoa amorosa é um modelo saudável de identificação*”⁷⁴. Assim, se queremos “abrir um novo

⁷² Também para Read, o tamanho certo do grupo é aquele que permite ao indivíduo ter ciência do grupo, e ao grupo ter ciência da singularidade do indivíduo (1986, p. 79-80).

⁷³ Sobre essa abstração do Estado, Schiller (1991, p. 52-54) afirmava, já no final do século XVIII: “Eternamente acorrentado a uma pequena partícula do todo, o homem só pode formar-se enquanto partícula; ouvindo eternamente o mesmo ruído monótono da roda que ele aciona, o homem não desenvolve a harmonia de seu ser, e, em lugar de desdobrar em sua natureza a humanidade, tornou-se mera cópia de sua ocupação, de sua ciência. Mesmo esta participação parca e fragmentária, porém, que une ainda as partes isoladas ao todo, não depende de formas que se deem espontaneamente [...], mas é prescrita com severidade escrupulosa num formulário pelo qual fica aprisionada a sua liberdade de visão. [...] Vai-se aniquilando assim, a pouco e pouco, a vida concreta individual; conserva-se à sua custa a totalidade abstrata, precária, para sempre estranha aos cidadãos, pois que o sentimento não pode encontrá-la em parte alguma. Forçada a simplificar a multiplicidade dos homens pela classificação e recebendo a humanidade somente por representações de segunda mão, a parte governante acaba por perdê-la completamente de vista, já que a mistura às meras elucubrações do entendimento, e o governado não pode receber senão com frieza as leis que são tão pouco voltadas para ele”.

⁷⁴ Informação verbal. São Paulo, 2012.

horizonte de possibilidades”, como sugere Santos, essas possibilidades dificilmente se iniciarão nas instâncias políticas estabelecidas ou pela imposição de ideologias abstratas; mas sim no chão, em experimentações concretas, no desejo e no esforço consciente de sujeitos capazes de criar e vivenciar essas novas possibilidades em suas próprias vidas. Falamos aqui de sujeitos-criadores. É a partir dessas transformações “moleculares” que poderão surgir novas políticas e novas instituições. Essa também é a visão de Herbert Read. Para ele, a reemergência de forças transcendentais, a inclusão da solidariedade humana nos processos de pensamento, a restauração do ritual e do divertimento significantes, o senso de liberdade pessoal “e a conseqüente responsabilidade na dotação de valores a nosso próprio destino”, todas essas mudanças estão no fundamento de uma nova civilização. No entanto, ele afirma ser pouco provável que essas mudanças profundas e sutis possam ser promovidas por comitês e secretariados, por conferências internacionais e organizações políglotas:

Elas vão nascer no retiro, na meditação; no círculo familiar e na escola maternal; no campo e na fábrica; diante de problemas específicos e pela disciplina consciente; em comunidade criativa e em criações comunais; no teatro e na construção de novas cidades; em canto e dança; em momentos de compreensão mútua e amor. [...] Assim, precisamos começar pelas coisas pequenas, de diversas formas, ajudando-nos uns aos outros, descobrindo nossa própria paz de espírito, esperando pela compreensão que se propaga de um espírito pacífico a outro. Dessa forma, as células separadas irão adquirir forma, se aglutinarão, irão manifestar novas formas de organização social e novos tipos de arte. Dessa multiplicidade e diversidade, desse intercâmbio e emulação dinâmicos, uma nova cultura poderá surgir, e a humanidade poderá se unir como nunca antes na consciência de um destino comum. (READ, 1986, p. 142-143)

Trabalho e lazer

“...será necessário chamar extemporânea toda tentativa de uma tal modificação do Estado e quimérica toda a esperança nela fundada, até que seja superada a dilaceração no interior do homem e sua natureza se desenvolva o suficiente para ser, ela mesma, artista e capaz de assegurar realidade à criação política da razão.”
Friedrich Schiller

Outra proposição que os ecovilenses nos oferecem é uma forma alternativa de encarar o trabalho e o lazer. Ainda que tenham seus trabalhos fora da ecovila e os grupos de trabalho na comunidade se deem em caráter voluntário (o que acarreta algumas dificuldades de concretização), eles abrem espaço, na realização de suas

atividades, para o lúdico, para a criação expressiva, para um ritmo mais pausado. Ao promoverem a participação de todos nas decisões, mesmo sobre assuntos que não conhecem bem, amplia-se a possibilidade de novas respostas, de soluções inventivas. Experimentam, assim, uma forma de relação com o trabalho na qual há espaço para o envolvimento da totalidade dos indivíduos nas tarefas executadas – seus sentimentos, gostos, imaginação, habilidades, fraquezas – permitindo que as pessoas se sintam mais integradas. Um exemplo dessa expressão criativa são as invenções de Rodrigo. Ele transforma garrafas plásticas vazias, pedaços de tronco, parafusos de todos os tamanhos, frascos vazios e muitas outras coisas que as pessoas considerariam lixo, mas que, na sua oficina, se tornam matéria-prima para suas invenções – como um sinalizador caseiro que ele criou para indicar quando a caixa d'água está cheia. Ieda também transforma azulejos velhos em peças de mosaicos. Ela teve a ideia de fazer as placas com os nomes das ruas da ecovila com essa técnica. Abriu, então, sua casa para quem quisesse aprender e ajudar nas placas. Essa atitude propiciou não apenas o compartilhamento de saberes como, também, oportunidades para as pessoas se reunirem, conversarem, trocarem experiências. Outro exemplo é quando Rafaela, líder do GT Crianças, começou a planejar a construção de uma casa na árvore, com a ajuda das crianças e adultos. Desenhou um projeto que foi afixado no mural da Casa Um, para que qualquer membro pudesse dar ideias. Ela fez também uma rifa para levantar fundos para a construção da casa na árvore. O prêmio da rifa era uma cesta de chá-da-tarde contendo: um pão feito pela Mel, um bolo feito pela Andressa, uma geleia feita pelo Otávio, um favo de mel do Igor e um desenho da filha da Carolina.

Essa possibilidade de criar e compartilhar só pode existir quando o trabalho é realizado no ritmo da vida humana, e não no tempo determinado pelo relógio. Ernesto Sabato, ao se aproximar dos cem anos de idade, se entregou às lembranças do tempo de sua infância. Tempo que não era a pressa dos relógios, mas um ritmo que preservava os momentos sagrados, as festas, os marcos da existência.

Agora a humanidade carece de ócio, em grande parte porque nos habituamos a medir o tempo de modo utilitário, em termos de produção. Antigamente os homens trabalhavam num ritmo mais humano, muitas vezes em ofícios e artesanatos, e enquanto realizavam suas tarefas conversavam com os outros. [...] Eles podiam descansar na hora da sesta, ou jogar tava com os amigos. [...] Momentos em que as pessoas se reuniam para tomar mate, enquanto contemplavam o entardecer sentadas nos bancos que costumavam ficar na

frente das casas, no alpendre. E quando o sol sumia no horizonte, enquanto os pássaros acabavam de se recolher em seus ninhos, a terra fazia um longo silêncio, e os homens, ensimesmados, pareciam se perguntar sobre o sentido da vida e da morte. (SABATO, 2008, p. 34-5)

Na nossa sociedade, o ritmo natural do trabalho artesanal ou agrícola deu lugar ao tempo cronometrado pelo relógio, gerando uma separação rígida e artificial entre tempo de trabalho (em geral, a jornada de oito horas, nas quais devemos ser “produtivos”) e o tempo liberado (nos quais há a possibilidade do lazer – nem sempre realizada). No entanto, segundo Friedmann, essa rigorosa distinção não está inscrita na história natural da espécie, mas é um fato novo, surgido no contexto da civilização tecnicista⁷⁵.

Dessa forma, a separação entre tempo de trabalho e tempo de lazer é algo novo na história. Se nos voltarmos para a cultura caipira do interior de São Paulo, por exemplo, veremos que ela se baseava em soluções mínimas de subsistência – apenas o suficiente para manter a vida dos indivíduos – o que criava uma ampla margem de lazer. Seu desamor ao trabalho, muitas vezes entendida como preguiça ou indolência, estava, na verdade, ligado à desnecessidade de trabalhar, em uma cultura desambiciosa e caracterizada pela cooperação, festas e celebrações (CANDIDO, 2003, p. 219-227). Cultura que, cada vez mais, tende a ser “ajustada” à lógica tecnicista. Candido afirma que, atualmente, o sitiante é obrigado a labutar de sol a sol, todos os dias, ressalvados os domingos.

Ora, a sua vida anterior comportava ritmo diverso [...]. A par do trabalho agrícola, ocupava-se também com a vida comemorativa, a vida mágico-religiosa, a caça, a pesca, a coleta, as práticas de solidariedade vicinal. [...] Hoje, a dimensão econômica avultou até desequilibrar a situação antiga. A expansão do mercado capitalista não apenas força o caipira a multiplicar o esforço físico, mas tende a atrofiar as formas coletivas de organização do trabalho (mormente ajuda mútua), cortando as possibilidades de uma sociabilidade mais viva e de uma cultura harmônica. Entregue cada vez mais a si mesmo, o trabalhador é projetado do âmbito comunitário para a esfera de influência da economia regional, individualizando-se. (CANDIDO, 2001, p. 212-3)

⁷⁵ “Essa separação é comandada pela organização do trabalho e sua disciplina, pela divisão das tarefas, pela estrutura das empresas, pela coesão dos exércitos industriais que as povoam. O fato de ondas humanas se apossarem, em horas estritamente fixadas, das oficinas e dos escritórios, criou para dezenas, centenas de milhões de seres humanos um tempo que, visto do exterior, parece disponível, vazio. Essa distinção rigorosa não está inscrita na história natural da espécie. É um fato novo, surgido há meio século com uma nitidez crescente no contexto econômico e técnico da atual etapa das revoluções industriais, inseparáveis da produção em série e da organização científica do trabalho. Nas sociedades pré-maquínistas [...] nenhuma aresta viva separa as intermináveis horas dedicadas ao trabalho das que não lhe são consagradas. [...] Nas sociedades essencialmente camponesas, que nunca aceitam conhecer a hora exata, o tempo liberado depende dos ritmos lentamente amadurecidos e fixados, ritmos culturais, sociais, ritmos das estações – com grande amplitude”. (FRIEDMANN, 2001, p. 116)

O mesmo ocorre com outras comunidades tradicionais (indígenas, ribeirinhas, caiçaras). Existe uma famosa estória sobre o pescador e o executivo que ilustra bem essa contraposição nas formas de se pensar o lazer e o trabalho:

Um pescador volta para casa em seu pequeno barco. Encontra um bem sucedido executivo estrangeiro de férias em seu país. O executivo pergunta por que ele voltou tão cedo. Este responde que poderia ficar mais tempo no mar, mas já pescou o suficiente para cuidar da família. O executivo indaga: “E o que faz com todo tempo que você tem?” O pescador diz: “Brinco com meus filhos. Todos tiram uma sesta quando o dia fica quente. À noite jantamos juntos. Depois me reúno com meus amigos e tocamos músicas”. O executivo o interrompe: “Olhe, tenho pós-doutorado em Gestão e estudo esses assuntos. Quero ajudá-lo. Assim recomendo que você fique pescando mais tempo todo dia. Você ganha mais e logo poderá comprar um barco e uma rede maiores. Com mais peixes poderá comprar um barco maior ainda.” O pescador pergunta: “Para quê?”. Diz o executivo “Ora! Depois de vender peixes para um intermediário, poderá negociá-los diretamente com a fábrica e até mesmo abrir sua fábrica. Poderá sair de sua aldeia, mudar-se para a capital ou Nova York e dirigir tudo de lá. Poderá vender as ações de sua empresa e ganhar milhões!” O pescador pergunta: “Quanto tempo levaria isso tudo?” O executivo diz: “Uns 15 ou 25 anos”. E o pescador: “E daí?” O executivo responde: “Daí que você poderá aposentar-se. Deixar a agitação e o barulho da cidade grande e mudar-se para uma aldeia remota e tranquila como esta.” O pescador insiste: “E daí?” O executivo entusiasmado fala: “Aí você poderá ter tempo para um pouco de pesca, brincar com seus filhos, tirar uma sesta quando faz calor, jantar com a família e se reunir com os amigos para ouvir música!”⁷⁶.

Conforme o capitalismo se expande, grande parte dos grupos tradicionais tende a modificar seu ritmo de trabalho, sob risco de não poderem mais se sustentar⁷⁷. Para Roszak (1972, p. 256), essa separação entre trabalho e lazer na organização social cria uma fragmentação também no interior do homem, já que seus impulsos criativos e expressivos precisam ser recalçados em nome de uma pretensa objetividade. O trabalho socialmente produtivo é julgado por méritos puramente objetivos. Nossos sentimentos e sensibilidades devem ficar relegados a uma parte marginal de nossas vidas. Nossas inclinações artísticas são consideradas um prazer privado e irrelevante, ou uma terapia pessoal para nos manter mais sãos

⁷⁶ Essa versão foi retirada do artigo *Antropologia e Economia: Contribuições à crítica a utopia de mercado e a importância cultural do consumo [sic]*, de Emerson José Sena Silveira. Disponível em: <http://www.viannajr.edu.br/revista/eco/doc/artigo_90002.pdf>. Acesso em: dezembro 2011.

⁷⁷ Sobre a penetração do capitalismo nas áreas de cultura caipira, Antonio Candido (2001, p. 215) escreve: “Como sugerem os exemplos, a situação se afirma sem alternativas para o parceiro caipira. Ou renuncia ao estilo tradicional de vida e se absorve de todo nas tarefas econômicas, seja como indivíduo, seja com a família, para poder deste modo manter um equilíbrio ecológico mínimo e preparar a integração em um novo sistema social, aberto e amplo; ou deverá renunciar ao mínimo de autonomia que a situação de parceria lhe assegura, passando ao salariado rural e urbano, se não à fome, pura e simples.”

e resistentes. “Prezamos nossas válvulas criativas, mas aprendemos a mantê-las no lugar marginal que lhes compete”.

Dessa forma, na nossa sociedade – lugar da padronização, da competência, da produtividade e do progresso infinito – tudo o que não é passível de explicação objetiva, tudo o que não é “produtivo” nem gera crescimento econômico ou material é rejeitado. Criatividade, arte, comunidade, sensibilidade, experiência transcendental – tudo isso pode ser cultivado, mas, claro, apenas nas horas de “lazer”, depois que já cumprimos nossa função social. Esses aspectos artísticos, visionários e intuitivos são vistos como adornos, passatempos, e nunca meios válidos de conhecimento ou experiência.

Plantamos as sementes da desunião no maternal e na sala de aula, com nosso conceito adulto superior. Separamos a inteligência da sensibilidade de nossas crianças, criamos pessoas divididas em muitos pedaços (esquizofrênicos, para dar-lhes um nome psicológico), e então descobrimos que não temos unidade social. [...] Desse ponto de vista, nada é mais degradante para a dignidade e o valor espiritual da arte que apreciá-la meramente como uma forma de terapia, um medicamento a ser administrado em doses apenas quando o paciente está doente. A arte é antes uma expressão de saúde: ela é exuberância, alegria, êxtase. Mais uma vez, porém, ela não é a expressão de um estado excepcional de saúde tal como palavras como essas poderiam sugerir: a arte é, ou deveria ser, a qualidade ou virtude sensorial normal em tudo o que fazemos ou fabricamos. Desde quando, devemos perguntar, a arte se tornou uma coisa à parte, uma atividade que agora associamos apenas com o lazer ou a recreação? (READ, 1986, p. 47;50)

Segundo autores como Schiller, Read e Roszak, a objetividade e a racionalidade não correspondem à totalidade de nosso ser. Também para Benjamin, o desempenho socialmente respeitado é algo fragmentário e que exige uma supressão das autênticas aspirações dos indivíduos:

Todo indivíduo atuante aspira à totalidade, e o valor de uma realização está justamente ali, no fato de que possa se expressar a essência total e indivisível de um ser humano. No entanto, o desempenho socialmente fundamentado, tal como o encontramos hoje em dia, não abrange a totalidade, mas é algo completamente fragmentário e postiço. Não raramente a comunidade social é o lugar onde se luta, sorrateiramente e em cumplicidade com outros, contra desejos mais elevados e metas próprias, e onde o desenvolvimento genuíno e mais profundo é encoberto. Na maioria dos casos, o desempenho social do homem comum serve para recalcar as aspirações originais e autênticas do homem interior. (BENJAMIN, 1986, p. 153)

Dessa forma, os trabalhos realizados na ecovila, ao se darem num ritmo mais pausado e possibilitarem a expressão criativa dos indivíduos, contribuem para uma integração da personalidade e a possibilidade de desenvolverem suas autênticas

inclinações. Para a ecovilense Naomi, quando alguém faz uma tarefa de forma integrada, “o trabalho trabalha você”:

O trabalho, dependendo da maneira como a gente pega e faz, ele trabalha você. O trabalho trabalha você. Sabe, é você no externo, é você no interno, e é o seu movimento, o seu físico, interagindo com as suas reações orgânicas e a sua mente – isso tudo vai trabalhando. E depende de como essa relação se dá, o cansaço também, ele é de acordo com a relação que você tem com o que você está fazendo. [...] O trabalho que trabalha é o trabalho que é concentrado, com certeza. O trabalho que não trabalha não é um trabalho concentrado. Eu acredito e eu acho (pode ser que eu esteja falando uma besteira), mas a pessoa que trabalha com software, por exemplo, vai implantar um SAP numa empresa, a mente dele é sugada por aquele processo ali. Ele tem que voltar o raciocínio dele todo naquilo ali. Não tem vazão pra entrar outro tipo de sentimento, ou de qualquer tipo de relação, a não ser o foco daquele programa. Eu penso que com outras áreas também possa ser assim. E eu acho que aí a possibilidade do trabalho trabalhar nele é meio difícil. Agora, nos trabalhos que não entram tanto nessa especificação, pode haver a possibilidade do trabalho trabalhar você. Principalmente se você lida com seres humanos e com outras coisas.

Dessa forma, o “trabalho que trabalha você” corresponde às atividades que permitem um crescimento interior, um trabalho de autoconhecimento e que geram, portanto, *experiências de vida*. Difere, assim, das exigências do trabalho no novo capitalismo que, segundo Sennett, tornam-se cada vez mais distantes dos valores éticos que tentamos passar para nossos filhos. “As qualidades do bom trabalho não são as mesmas do bom caráter” (SENNETT, 1999, p. 21). Esse trabalho aprovado socialmente, mas que promove valores como produtividade, competitividade e descompromisso, esse trabalho que recalca uma parte importante da nossa personalidade não promove um desenvolvimento pessoal, gerando, ao contrário, uma “pobreza de experiência”, já anunciada por Benjamin em 1933:

Em nossos livros de leitura havia a fábula do velho que, em seu leito de morte, revela a seus filhos a existência de um tesouro escondido em sua vinha. Eles só precisariam cavar. E cavaram, mas nem sombra do tesouro. Com a chegada do outono, porém, a vinha produz como nenhuma outra em toda a região. Só então eles percebem que o pai lhes havia legado uma experiência: a bênção não se esconde no ouro, mas no trabalho. Experiências como esta nos foram transmitidas de modo ameaçador ou benevolente, enquanto crescíamos [...]. De forma concisa, com a autoridade da idade, em provérbios; ou de forma prolixa com sua loquacidade, em histórias; ou ainda através de narrativas de países estrangeiros, junto à lareira, diante dos filhos e netos. Mas para onde foi tudo isso? Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como devem ser contadas? Por acaso os moribundos de hoje ainda dizem palavras tão duráveis que possam ser transmitidas de geração em geração como se fossem um anel? A quem ajuda, hoje em dia, um provérbio? Quem sequer tentará lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1986, p. 195)

Dessa forma, na ecovila existe a proposta de se encarar as atividades – sejam de trabalho ou de lazer – como práticas nas quais o indivíduo pode estar em

contato com seus sentimentos e sensibilidades. As pessoas vão aprendendo mais sobre si mesmas, seus próprios gostos e desejos, e o que pode oferecer aos outros não é apenas o conhecimento técnico da atividade realizada, mas autênticas experiências.

Foi muito interessante ouvir Raquel comentar, durante o círculo do coração, sobre a pintura da caixa d'água. Ela disse que é uma pessoa que tem muito medo de se expressar graficamente e não tinha gostado muito dos desenhos que fez. Mas depois ela viu que tinham completado o seu desenho e que tinha ficado muito bom: numa verdadeira construção coletiva. Podemos perceber, nesse exemplo, uma atividade criativa (pintura) que gerou reflexões e aprendizados pessoais. Essas reflexões foram, por sua vez, compartilhadas com o grupo, promovendo, assim, um crescimento do Eu por meio da experiência do Outro. Para Olgária Matos (2006, p. 78), essa pobreza de experiência de que fala Benjamin significa justamente “a incapacidade de o homem moderno ser afetado, de vivenciar uma experiência, elaborá-la, de a acolher ou recusar, de comunicá-la, de a partilhar com outrem”. Essa partilha das experiências também é feita, muitas vezes, na forma de literatura. Ieda, por exemplo, escreveu um livro sobre sua experiência na ecovila. Inês escreve contos baseados nos acontecimentos cotidianos da vida ali, que repassa para os outros membros por correio eletrônico. Vanda até mesmo sugeriu que reunissem esses contos em um livro.

Assim, ao promoverem atividades criativas e coletivas, os ecovilenses oferecem resistência ao lazer consumista, fragmentado e burocratizado⁷⁸ que prevalece na nossa sociedade. Segundo Herbert Read:

Nove de cada dez filmes ou programas de televisão parecem não deixar absolutamente impressão alguma na mente ou na imaginação de quem os vê: poucas pessoas podem fazer um relato coerente sobre o filme que viram há duas semanas, e após intervalos mais longos precisam dirigir-se à gerência para verificar se não estão indo assistir ao mesmo filme pela segunda vez. [...] As artes eram originalmente uma celebração comunal:

⁷⁸ Segundo Hannah Arendt, a sociedade de massas “não precisa de cultura, mas de diversão, e os produtos oferecidos pela indústria de diversões são com efeito consumidos pela sociedade exatamente como quaisquer outros bens de consumo. [...] Servem, como reza a frase, para passar o tempo, e o tempo vago que é “matado” não é tempo de lazer, estritamente falando – isto é, um tempo em que estejamos libertos *de* todos os cuidados e atividades requeridos pelo processo vital e livres portanto *para* o mundo e sua cultura –, ele é antes um tempo de sobra, que sobrou depois que o trabalho e o sono receberam seu quinhão. [...] O divertimento, assim como o trabalho e o sono, constitui, irrevogavelmente, parte do processo vital biológico. E a vida biológica constitui sempre, seja trabalhando ou em repouso, seja empenhada no consumo ou na recepção passiva de divertimento, um metabolismo que se alimenta das coisas devorando-as”. (ARENDR, 1972, p. 257-8)

foram criadas por pessoas reunidas para dançar, cantar ou adorar. Elas ganharam tanto quanto deram nessa comunhão: a forma e o efeito foram intensificados por contágio físico, pela fruição em comum. [...] Temos de viver a arte se queremos ser permeados pela arte. Devemos pintar de preferência a apreciar quadros, tocar instrumentos em vez de ir a concertos, dançar, cantar, atuar nós mesmos, engajando nossos sentidos no ritual e na disciplina das artes. Então, uma coisa pode começar a nos acontecer: passarmos a ter influência sobre nossos corpos e nossas almas. (READ, 1986, p. 52)

É exatamente esse tipo de lazer ativo e comunal que a vida na ecovila estimula. Na última reunião que presenciei na ecovila, Natália propôs um brincadeira muito divertida: todos começam de pé, numa roda, e Natália liga o som (uma música indiana, estilo *Bollywood*). Ela explica a brincadeira: uma pessoa é quem “manda”, isto é, faz um movimento e todos têm que seguir. Depois essa pessoa fala um nome, e a outra pessoa é que passa a “mandar”. Era engraçado ver os homens, todos desajeitados. Um deles, sem saber que movimento fazer, começou a fazer polichinelos. Em outro momento alguém começou a rir e todos começaram a rir também. No começo, forçando a risada, mas depois acabou virando gargalhadas. Inês chegou toda bem arrumada, de salto alto e tudo (estava de saída para uma festa), mas também entrou na roda, bem na hora em que George estava liderando e resolveu se deitar no chão. Todos deitaram no chão e a juíza também entrou na brincadeira. Quando a quarta música terminou, todos (cansados) gritaram e bateram palmas.

Mesmo quando fazem alguma leitura ou assistem a um filme, eles procuram vincular essas atividades às suas experiências pessoais. Por exemplo, nas meditações organizadas por Rodrigo há sempre a leitura de algum trecho de livro, seguido de debate, no qual as pessoas podem expressar de que forma entenderam o texto, como ele se relaciona com suas próprias vidas. Rodrigo conta que procura sempre instigar essas conversas:

É, à noite ou conversa, ou lê. Eu gosto de instigar leituras aleatórias ou assuntos que estão ocorrendo. Por exemplo, alguém traz um assunto pra ler “Ah! Você viu que o aquecimento global... ou então os ingleses estão destruindo...” E cada um dá um ponto de vista daquilo, daquele assunto, porque cada um olha de um ângulo. [...] Então, é muito enriquecedor, porque é diferente de uma televisão, que você vai ficar vendo filme, ou ficar vendo novela, não é? A pessoa se distrai. Até a palavra é pra enganar – a palavra diversão e a palavra conversão: a palavra diversão é sair de um centro e esparramar pros lados, então a pessoa sai de si e vai pra fora, quando nós queremos é convergir, você achar o seu centro, o seu eu. Então é diferente, e por isso que eu faço o máximo pra convergir.

Thiago conta que, mesmo quando se reúnem para assistir filmes, há momento também para um debate, uma conversa sobre o filme. Dessa forma, a

leitura ou o filme deixam de ser atitudes passivas e se tornam uma experiência ativa, participante, vivenciada. As pessoas na ecovila estão, portanto, mais afastadas dos meios de comunicação de massa e mais próximas da vida coletiva. E o grupo incentiva a expressão dos gostos individuais. A busca da felicidade não se dá por meio do consumo (viagens, aquisições, etc.), nem pela evasão propiciada pela mídia, mas pela valorização desse lazer ativo e comunal: uma dança, uma meditação, uma celebração, uma “brincadeira de criança”⁷⁹, a possibilidade de desenvolverem seus gostos e suas personalidades, encontrando as pessoas para um almoço, um plantio, uma atividade artística. Atividades que não custam dinheiro (nem recursos naturais) e promovem o compartilhamento de ideias e saberes, crescimento e aprendizados mútuos.

É claro que cada um participa de acordo com suas preferências pessoais. George, por exemplo, é mais caseiro e prefere não se envolver tanto nas atividades artísticas:

No começo a gente participava de mutirão, etc. É mais no sentido de colaborar com as pessoas... Porque eu não tenho prazer de sair e fazer coisas manuais, não é o meu estilo. Então, quando existe um mutirão de plantar e tal, eu vou. Mas espontaneamente sair e procurar coisas pra fazer, não faço. [...] Eu acho que deve haver uma individualidade e, em geral, nunca houve desrespeito. “Vamos fazer um trabalho?” Claro, se for algo necessário pra ecovila, não se trata de eu gostar ou não, eu sinto como um dever. “Ah, mas vamos nos divertir fazendo placas de não sei o que pra enfeitar?” Aquilo poderia ser uma oportunidade... [...] eu tenho uma natureza mais introspectiva. [...] A minha natureza é muito mais assim do que extrovertida, de fazer contatos sociais. Não é o meu jeito.

De qualquer forma, podemos afirmar que a vida na ecovila permite a expressão autêntica das personalidades, seja no que denominamos “trabalho” ou “lazer”, possibilitando novos modelos estéticos (a experiência do *fazer junto* sendo mais importante do que um produto bem acabado ou um produto comprado) e abrindo novas possibilidades de integração entre as pessoas.

Pois o problema do lazer não existe na sociedade saudável: ele é meramente o tempo que reservamos para descanso, meditação ou recreação, numa vida que está ocupada inteiramente, de outro lado, em atividades criativas, com o que quero dizer, simplesmente, fazer coisas, produzir coisas. Quando o que

⁷⁹ Esse resgate da infância, da brincadeira, da “criança interior” é algo muito valorizado no movimento alternativo. A criança está relacionada à espontaneidade e à alegria de viver. Jacob Levy Moreno também acredita que a criança manifesta o processo criador. Elas vêm ao mundo sem modelos de comportamento e precisam, assim, inventar a sua vida a partir das suas primeiras experiências. Somente mais tarde é que o homem passa a “adotar produtos estereotipados, um repertório de obras, de técnicas e de valores desprovidos de qualquer *élan* criador” (LAPASSADE, 1975, p. 132-140). Roszak (2001, p. 84) também percebe, no conceito de “infantilidade”, um senso positivo: “uma expressão da capacidade de se maravilhar na presença de coisas que são maravilhosas”.

fazemos é “o exercício da habilidade e da imaginação humanas em *todos* os campos do trabalho humano”, então as diferenças entre trabalho e diversão, entre arte e indústria, entre profissão e recreação, entre os jogos e a poesia – todas essas distinções desaparecem. O ser humano se torna ser humano total, e seu modo de vida uma contínua celebração de sua força e imaginação. (READ, 1986, p. 61)

Contemplação

“No decorrer do tempo, talvez até mesmo alguns descubram no sol de todo o dia e na chegada normal do verão a grandeza inexprimível que realmente existe ali e que torna seus descobridores mais autenticamente humanos.”

Theodore Roszak

Os ecovilenses, como já vimos, buscam uma vida mais contemplativa, na qual o ritmo humano se adapte ao próprio ritmo da natureza, como podemos ver nos depoimentos abaixo:

Eu sou parte da natureza, a natureza é parte de mim – diz Thiago. E na vida mais urbana e ocidental, a gente se distanciou totalmente. Eu passei meses às vezes sem ver um pôr do sol, ou saber a lua que estava no céu. Aqui, a gente valoriza uma lua cheia, um nascer do sol, um pôr do sol, o vento, a chuva. Você acaba se reconectando com os ritmos da natureza. Eu acho que isso faz bem pra nossa alma. Pra nossa saúde também.

Então, é que nem eu te falei – diz Danuza. Eu sempre tive uma ligação com a terra. [...] Eu via meu avô plantar, pra mim era uma coisa natural. Mas depois a gente foi pra cidade, eu comecei a trabalhar cedo. E na cidade, longe da minha terra natal, então a gente se distanciou. Mas é uma coisa que fica na nossa memória, não é? E parece que é uma coisa que faz parte. Embora eu estivesse distanciada, é uma coisa que me atrai pensar no plantar, no colher. É uma coisa mágica você, de uma sementinha, ver desabrochar uma flor ou um alimento gostoso, não é? As coisas que você come, você saber que um dia elas cresceram ali.

A relação com o entorno. – diz Naomi – A relação com o vento, com a chuva, com a terra, com a lua, com o sol, com as estrelas. [...] Então o que mais eu gosto é a minha inter-relação com o entorno, com a natureza e seus efeitos na terra. [...] Sempre existiram as relações com a natureza pra mim porque eu nasci no Paraná, num sítio. Então eu fui menina de correr de vaca no meio no pasto. Fazer boneco com casca de melancia, sabugo de milho. Então sempre existiram, graças a Deus! Eu sou um ser que me considero privilegiada, porque eu nasci num sítio. [...] E hoje estar com essa relação é como se eu estivesse voltando à minha infância. Revivendo o espírito de novo, animado, que Deus pôs na terra pra nós. [...] Mas a coisa mais interessante é reviver isso de novo, e ver o sol nascendo e ver a lua se pondo e ver o movimento do sol. Sentir, aqui você realmente percebe que a terra gira, entendeu? É outra conexão. Tudo colorido: amarelo, roxo, vermelho, lilás, verde, azul, é uma delícia! Eu acho que a humanidade tem que voltar pra terra, pro campo, sabe? Vai ter que acordar. Antes que ela vire um CD-Rom. Tem que saber que a vida está na terra, o alimento está na terra.

Eu gosto daqui porque é sossegado – diz Guilherme. Porque você senta, você escuta o som de passarinhos, o som de vento, o som de animal, você está próximo da natureza. A relação com a natureza é estar próximo.

Na ecovila, sujeitos urbanos descobrem uma relação com a natureza que afina os sentidos. Rodrigo distingue os sons dos pássaros e seus ritmos, e estuda a propriedade das ervas. Inês tenta entender a melhor posição para plantar suas alcachofras. Thiago começa a distinguir os sons e cores ao seu redor. A contemplação da natureza se relaciona, portanto, com o *impulso sensível*, que, para Schiller, é tão importante quanto a especulação intelectual. Trata-se de um estado de receptividade e atenção, pelo qual os homens apreendem a realidade em que vivem, não apenas projetando suas próprias ideias no mundo, mas também *recebendo, escutando* o mundo e os outros. Nas *Cartas sobre a Educação Estética da Humanidade*, Schiller escreve em uma nota de rodapé:

Por insistente e vário que seja o contato da natureza com os nossos órgãos, sua multiplicidade fica perdida para nós, pois nela procuramos apenas o que nela pusemos; não lhes permitimos marchar *ao nosso encontro e contra nós*, já que pela impaciência da razão precipitada *aspiramos exteriorizar-nos contra ela*. Assim, quando ao longo dos séculos aparece alguém que dela se aproxime com os sentidos virgens, serenos e abertos, encontrando uma variedade de fenômenos para os quais a prevenção nos havia cegado, ficamos grandemente surpresos de que tantos olhos em dia tão claro nada tenham visto. A pretensão afoita de buscar a harmonia antes de reunir os sons individuais que a compõem, a usurpação violenta da força do pensamento num domínio em que não é autoridade absoluta – estas são razões da esterilidade para a ciência de tantas boas cabeças, de modo que é difícil dizer o que tem sido mais danoso ao progresso do conhecimento, se a sensibilidade sem forma [razão] ou a razão que não espera seus conteúdos. (SCHILLER, 1991, p. 83)

A contemplação é um recuo que nos permite perceber as coisas em seu próprio modo de ser, ao invés de querermos adaptá-las ao *nosso* modo de ser. Para Ecléa Bosi (2003, p. 210), quando prestamos atenção em algo que está fora de nós, seja o simples crescimento de uma planta ou de um animal, saímos do nosso “eu” e nos abrimos à natureza e ao outro. Hannah Arendt também critica a ciência que se distancia do mundo dos sentidos:

As categorias e ideias da razão humana originam-se em última instância na experiência sensorial humana, e todos os termos que descrevem nossas capacidades mentais, bem como boa parte de nossa linguagem conceitual, derivam do mundo dos sentidos e são utilizados metaforicamente. Além disso, o cérebro humano que, segundo se acredita, efetua nosso pensar, é tão terrestre e ligado a nosso planeta como qualquer outra parte do corpo humano. [...] é muito mais provável que o planeta por nós habitado se esvaia em pó em consequência de teorias que são inteiramente apartadas do mundo dos sentidos [...]. (ARENDRT, 1972, p. 333-4)

A contemplação e a atenção pressupõem uma ligação mais profunda com nossa experiência sensível: a capacidade de se admirar diante de uma flor ou de um pôr-do-sol e de simpatizar com o sentimento alheio. Receber mundo, isto é, desenvolver a atenção, aproxima a cultura da realidade. Aquilo que apreendemos deixa de ser algo abstrato para ser observado e vivenciado no mundo, na experiência cotidiana, no relacionamento com as coisas e pessoas ao nosso redor. A contemplação pode ser entendida, assim, como uma forma de resistência à erosão dos sentidos, e afirmação de um modo alternativo de se viver.

Esse estado de atenção é facilitado quando se está num ambiente natural e mais solitário. O silêncio e as estrelas são um convite à observação e à reflexão.

Recordo a solidão do campo, tão diferente! Essa solidão da planície infinita que dava ao homem uma tendência natural para a religiosidade e para a metafísica. Não por acaso as três grandes religiões do Ocidente nasceram na solidão do deserto, nessa espécie de metáfora do nada em que o infinito se conjuga com a finitude do homem. Nossos modernos modos de pensar cultivam a crença de que aqueles eram povos atrasados, sendo que para eles a verdade era uma descoberta, diante da qual cabia o assombro. (SABATO, 2008, p. 44-45)

A ecovilense Inês mantém um hábito bem incomum para quem vem da cidade: todos os dias, após o almoço, pega uma almofada comprida e se deita no quintal de sua casa, sobre a grama. De lá, põe-se a contemplar a vista, a paisagem linda da represa e das montanhas. Nos dias em que eu estava lá, púnhamo-nos a conversar sobre a vida, família, desejos, expectativas. Certa noite, eu e Naomi estávamos caminhando e resolvemos nos deitar na praça da rotatória para contemplar a lua e as estrelas. Inevitavelmente, começamos a filosofar, inspiradas pela noite estrelada. Rodrigo transforma o que vê na natureza em música e poesia:

A maioria dos poemas que eu escrevo é sempre inspirado no que eu olho na natureza, da primavera, da respiração da flor, da sexualidade da planta, do casamento do céu com a terra, da chuva e a fertilização com o sêmen do Céu no fértil útero da Mãe Terra... Tudo que eu olho assim... Meus poemas têm muito a ver com terra, com planta, com tudo que meu lado agrônomo vê, e vê magia e mistério, aí eu transformo aquilo de linguagem técnica pra poética. Isso que eu falei da abelha e da flor é ciência. A abelha faz isso, a abelha poliniza. Mas não é só polinizar, tem também a beleza e o prazer da abelha. Assim como o músico toca o violão sem ninguém pra ouvir, a abelha voa também sem obrigação: ela quer fazer aquilo. Então é assim que acontece.

Marcuse (1981, p. 159-160) afirma, lembrando Kant, que a “percepção estética é acompanhada do prazer. Esse prazer deriva da percepção da *forma pura* de um objeto, independentemente de sua ‘matéria’ ou de seu ‘propósito’ (interno ou externo)”. A “intencionalidade sem intento” é a forma pela qual o objeto aparece em

que não é julgado em termos de utilidade ou propósito mas como algo inteiramente livre. Essa experiência do objeto difere, portanto, da experiência cotidiana e da científica. “Dessa radical mudança de atitude em relação ao ser resulta uma nova qualidade de prazer, gerada pela forma em que o objeto agora se revela. [...] a pura manifestação do seu ‘estar-aí’, de sua existência. É esta a manifestação de beleza.” A experiência estética do mundo permite, assim, que as coisas sejam livres para ser o que são. Esse modo de experiência se revela, para Marcuse, na relação do homem com a natureza. “A natureza, o mundo objetivo, seriam então experimentados primordialmente, não como domínio sobre o homem (tal como na sociedade primitiva) nem como dominados pelo homem (como na civilização estabelecida) mas, pelo contrário, como objetos de ‘contemplação’.” (ibidem, p. 168-9). E, se a dominação do homem sobre a natureza sempre andou lado a lado com a dominação do homem sobre o homem, uma mudança correspondente ocorreria no mundo subjetivo. Ao transformar a experiência de mundo dos indivíduos para que as coisas sejam contempladas no seu “estar aí”, isto é, em sua liberdade, tal transformação libertaria o homem para perceber o outro, também, como um ser “em si”, ao invés de ser percebido como uma coisa ou um instrumento⁸⁰.

Martin Seel também parte de pressupostos kantianos ao afirmar uma relação entre experiência estética e ética. A vivência estética se caracteriza, segundo ele, pela atenção e pelo reconhecimento das diferenças. Dessa forma, trata-se de um comportamento não instrumental. Para ele, a estética da natureza é parte integrante de uma ética, ao conduzir a um agir livre e não destrutivo. “A experiência do belo

⁸⁰ “Desaparece hoje o sujeito, o sujeito autônomo – aquele que é um fim em si mesmo e nunca um meio para outros homens”, anuncia Olgária Matos. Esta nos conta que, na Grécia antiga, o mundo era visto como um vivente único, composto de uma mesma alma e substância. Seu universo era finalista, sempre se perguntando pelos fins últimos: “O mundo era um cosmos habitável onde minerais, animais, homens e deuses não se separavam e cada qual ocupava seu *topos* natural para a realização do infinitamente desejável. [...] A ideia de *theoria*, desvalorizada pela contemporaneidade em nome da *vida activa*, ou melhor, do utilitarismo que visa *resultados* e abre mão da busca do sentido de pensamentos e ações e da reflexão dos fins últimos, da bela vida e do bem viver – ligava-se ao primado do *ver*: de *thea* (ver) e *orein* (olhar), teoria significa “ter cuidado com o ver” e também “o olhar de deus”. É esse olhar que aparece tanto no *Prometeu acorrentado* de Ésquilo como em *Antígona*: o do poder da racionalidade e os riscos de seu deslimite e desmedida no desejo de conhecer para fins de domínio técnico. Eis por que os gregos desenvolveram uma *dietética*, a arte da saúde e do equilíbrio do corpo e da alma e a moderação. [...] Assim, a técnica diz respeito à relação do homem com a natureza em um duplo sentido: dominação para fins egóicos, de sobrevivência, e de pulsão intemperante de conhecer, por um lado; comunhão e participação erótica, crescimento em ser e em vida, por outro” (MATOS, 2006, p. 89).

natural revela-se [...] como uma possibilidade de vida para todos” (SEEL apud SERRÃO, 2005).

A vivência estética de que falamos aqui vai além da preferência por um padrão específico de ação, construção, vestimenta e estilo de vida, mas trata-se de um *modo de experiência* que busca ver as coisas e as pessoas em seu próprio modo de ser, apreciando as diferenças e singularidades. Trata-se de um comportamento de resistência na medida em que se recusa a valorizar coisas e pessoas apenas na medida em que são úteis, vantajosos ou semelhantes. A experiência estética da natureza também não é aquela que consome a paisagem, como nos alerta Serrão. Não é aquela que busca lugares exóticos e natureza intocada, mas, sim, aquela que “contribui para uma conduta humana mais completa e, nessa medida, mais consciente” (SERRÃO, 2005).

No depoimento de Inês podemos encontrar essa relação com a natureza, na qual as coisas são apreciadas em sua liberdade:

Eu acho que a natureza é uma obra de Deus e significa tudo – diz Inês. [...] E você lidar com a natureza, isso tem a ver com o respeito com tudo. Porque é uma questão de autodisciplina. Nós, como seres humanos, se a gente for fazer qualquer coisa com a natureza... Eu acho que é um crescimento você saber que aquela árvore, que aquela mata, ela tem o direito de estar lá. E a gente tem que cuidar dela, e respeitar. [...] foi por isso que eu busquei vir pra cá. Na verdade, já existia essa preocupação. Sempre existiu. E essa foi a razão da busca aqui. Eu e o Guilherme, a gente sempre quis morar perto de mata, ter um sítio, morar com natureza, integrado. E quando a gente conheceu a ecovila, pareceu muito legal porque, além disso, a gente tem o convívio com pessoas com afinidade, não é?

Dessa forma, a vida na ecovila abre espaço para o encontro sensível com o mundo. Um encontro que não é mediado por livros ou pela tela da televisão, mas o mundo que é sentido, cheirado, tocado, contemplado. Já vimos também que a experiência estética da natureza só foi tornada possível graças à industrialização e à urbanização, que diminuíram a nossa dependência do meio natural, permitindo sua contemplação como objeto estético. Dessa forma, ao mesmo tempo em que é fruto do desenvolvimento tecnológico e científico do homem, o movimento das ecovilas se opõe a esse mesmo desenvolvimento, ou, pelo menos, defende sua reorientação. Essa aparente contradição é explicada por James Jasper:

[...] ciência e tecnologia – as ferramentas físicas que desenvolvemos para manipular o mundo e alcançar nossos objetivos. Essas ferramentas permeiam e estruturam nossas vidas como nunca antes na história, e é raro um indivíduo que não é ambivalente com relação a elas, vendo tanto seu poder quanto seus riscos. Nós sentimos o grau sem precedência com qual os

“fatos duros”, objetivos, manejados pelos experts são usados para esconder ou legitimar o poder político e econômico em nossa sociedade, na medida em que elites insistem que estão se curvando para forças inevitáveis, e não exercendo sua própria vontade. Ironicamente, é nosso poder técnico sem precedentes sobre o mundo físico que eleva nossos dilemas morais sobre como usar esse poder. O fato de que *podemos* nos faz (ou alguns de nós) perguntar se *devemos*. A ciência moderna também é creditada como tendo retirado todo o significado mágico e moral do universo; e o protesto é uma forma de recriar esse significado, de insistir que a vida faz algum sentido. (JASPER, 1997, p. 2, tradução nossa)

A busca de uma vida contemplativa mantém relação, também, com a busca do autoconhecimento, que é a atenção voltada para a vida interior (WEIL, 1996, p. 456). Para Weil há uma forte relação entre a atenção e a busca espiritual: “A atenção, no seu mais alto grau, é uma forma de oração” (ibidem, p. 453). No imaginário alternativo essa relação também existe, especialmente por meio da meditação. Existe um entrelaçamento entre vivência estética e uma espiritualidade que respeita a diversidade de formas, como podemos perceber no depoimento de Rodrigo:

Mas pra mim, a relação com a natureza é muito mais que uma relação superficial de troca de favores. É muito mais profundo. É como o desvendar de uma linguagem que Deus, ou a Natureza, utiliza e escreve. E que nós só temos que aprender a ler e toda a verdade está escrita ali, nessa linguagem silenciosa, nessa linguagem colorida, cheia de perfumes e sabores e que nós, humanos, nos afastamos demais com a razão e nos esquecemos de sentir isso tudo. Então a meditação é uma maneira de perder a razão. É uma maneira de abrir o ouvido intuitivo pra essa linguagem não oral, não corporal, uma linguagem mais intuitiva, nas entrelinhas, que a todo instante ocorre. Então quando uma pessoa normal vê uma abelha voando de flor em flor, vê um bicho lá voando de flor em flor. Mas o poeta, ele está vendo ali a eternização da beleza, a eternização daquela flor, porque ela vai polinizar, vai fazer com que a semente nasça. E aquela abelha vai juntar mel num canto que vai alimentar outros animaizinhos com o excedente. Então tem todo um universo acontecendo ali. Mas a pessoa comum só vai ver um bicho, e como tem medo desse bicho, porque pica, não é? E aquele pólen dá alergia pra ela, não é? [Risos] Então ela está muito distante do significado mais profundo e mais sutil daquele voo singelo da abelha passando de flor em flor com as patinhas carregadas de pólen.

Então é nisso que eu quero chegar. E mergulhar mais além nessa linguagem, e perceber mais além a intimidade da seiva das plantas, do líquido escorrendo pelas raízes, da chuva penetrando na terra e fazendo aquela semente adormecida acordar... Então eu só consigo ver isso aqui, nesse silêncio, e sem pensar. Por isso é que, do budismo, eu guardo assim o âmago do budismo, que é esse estado de não pensar, e de se penetrar no mistério do acontecer. Quando a chuva cai, eu não vou fugir dessa chuva, eu quero sentir a frieza da água sobre a pele e também os odores nitrogenados que a chuva de primavera traz e que vai fertilizar a terra e que vai deixar tudo mais verde.

Theodore Roszak (1972, p. 252), ao refletir sobre a contracultura, afirma que essa crescente busca por experiências mágicas, visionárias e poéticas é uma tentativa de resgatar o sentimento humano do “assombro”, que fora degradado pela

objetividade científica. Na visão mágica do mundo, a beleza é a “presença profundamente sentida, sacramental. Não se percebe ordem, e sim força”. Esse tipo de experiência não nos informa nada, não nos dá uma sensação de conhecimento consumado. Pelo contrário, ela “pode começar e terminar numa avassaladora sensação de mistério”.

O ponto mais próximo a que a maioria de nós chega atualmente em recapturar esse modo de experiência seria ao partilhar a percepção do poeta ou do pintor na presença de uma paisagem, do amante na presença do ser amado. Na vertigem de tal experiência, não temos qualquer interesse em investigar, sumarizar ou solucionar. Pelo contrário, dispomo-nos a celebrar o fato simples e espantoso de essa coisa portentosa estar ali, autossuficiente, diante de nós. Perdemos-nos no esplendor ou no terror do momento e nada pedimos além disso. Deixamos que aquilo que experimentamos – essa montanha, esse céu, esse lugar cheio de sombras repulsivas, essa pessoa notável – seja aquilo que é, pois basta o fato de ela existir. O cientista estuda, sumariza e pronto, resolveu o enigma; o pintor pinta a mesma paisagem, o mesmo vaso de flores, a mesma pessoa vezes e vezes sem conta, contente em reexperimentar sempre a força inesgotável dessa presença [...]. O poeta começa e termina com aquele assombro. Por quê? Porque basta; ou melhor, porque é inesgotável. (ROSZAK, 1972, p. 253-4)

O simples ato de comer, por exemplo, quando precedido de uma oração, ganha um novo mistério. Tomamos consciência de que esse alimento veio da terra, da chuva, do sol. O alimento passa a ter um caráter sagrado, mágico. E a mesa compartilhada torna-se também um momento sagrado. O mesmo acontece diante de uma lua cheia, ou de um pôr do sol, quando nos colocamos a contemplá-lo. A natureza está presente, também, no nosso próprio corpo. Na visão que os ecovilenses têm da saúde, o corpo possui uma sabedoria própria justamente por estar conectado a forças maiores do que aquelas que podemos apreender racionalmente. O corpo deve ser sentido e percebido de dentro (meditação), e não encarado como objeto a ser manipulado de acordo com nossa vontade. Além disso, na sua visão, cada corpo é singular, responde de uma forma específica a um estímulo ou remédio, pois não é só matéria, mas energia, emoção, história de vida. Eles também acreditam que, em determinados momentos de nossas vidas, precisamos seguir a intuição, essa sabedoria instintiva e inexplicável de nosso corpo.

Nesse sentido, a cultura alternativa engendrada pela ecovila mantém uma estreita relação com o ideário contracultural:

Em oposição à concepção mecanicista inaugurada pela Revolução Científica, o “mundo” é re-encantado pela contracultura. A natureza, reduzida que foi a objeto de análise, reassume sua condição divina; e o homem, de legítimo explorador de suas riquezas, é reintegrado a ela, assumindo a condição,

igualmente divina, de partícipe de um drama no qual a apoteose é representada pela *consciência cósmica*, isto é, a consciência no interior da qual não há distinção entre sujeito e objeto e na qual o homem, a natureza e Deus são uma e única realidade, indivisa e atemporal. [...] No conceitual *underground*, a experiência religiosa não é concebida como irracional. Pelo contrário, ela é portadora de uma racionalidade mais profunda que a predominante ao propiciar a compreensão da relação umbilical entre ser humano e Universo [...]. (CAPELLARI, 2007, p. 137)

Dessa forma, a crítica da racionalidade mecanicista e a busca por experiências sensíveis, poéticas e visionárias – presentes tanto na contracultura como no movimento das ecovilas – não significam uma negação da razão. Muito pelo contrário, na Comunidade Andorinha, seja nas reuniões comunitárias, na criação dos acordos internos e no modelo de gestão, podemos encontrar o pensamento objetivo e racional. No entanto, isso não precisa excluir a imaginação, a contemplação e os valores transcendentais. Segundo Capellari (2007, p. 218-220), o esforço da contracultura, bem como do romantismo e de outras correntes precedentes, foi o de reintegrar à razão as demais faculdades humanas como a intuição, a imaginação e os sentidos, que haviam sido excluídas com a emergência do cientificismo. “Seu esforço não é o de reduzir a razão à completa inutilidade, elegendo as forças irracionais para o posto de comando da atividade subjetiva e social, mas o de considerar ambas como umbilicalmente relacionadas”. A racionalidade não é, portanto, completamente negada, e sim, aliviada da responsabilidade de ser a única reveladora da verdade. Tanto a objetividade quanto o discurso poético e místico são vistos como colaboradores no processo de entendimento do real.

Simplicidade Voluntária

“A civilização, no sentido real da palavra, não consiste na multiplicação de necessidades, mas na sua redução voluntária, deliberada. Somente isto traz a verdadeira felicidade, a verdadeira satisfação, e nos permite servir melhor”.

Mahatma Gandhi

Os ecovilenses experimentam um estilo de vida mais simples, consumindo menos produtos materiais e midiáticos e valorizando, ao invés do consumo, formas não materiais de gratificação: na convivência, no trabalho criativo, no lazer comunal, na relação com a natureza e nas experiências transcendentais. Propõem, assim, uma redefinição das suas necessidades materiais.

As necessidades materiais de um determinado grupo têm, como já afirmou Antonio Candido, um caráter mais social do que natural. Sua manifestação primária são impulsos orgânicos, mas a satisfação desses impulsos se dá por meio de iniciativas humanas, que vão se complicando cada vez mais e que são configuradas pelo grupo. Com isso, as próprias necessidades perdem, em parte, seu caráter estritamente natural para se tornarem *produtos da sociedade*. “De tal modo a podemos dizer que as sociedades se caracterizam, antes de mais nada, pela natureza das necessidades de seus grupos, e os recursos de que dispõem para satisfazê-las”. Segundo Candido, o equilíbrio social depende, em grande parte, da correlação entre necessidades, de um lado, e sua satisfação, de outro. As situações de crise seriam, portanto, uma dificuldade ou impossibilidade de manter essa correlação (CANDIDO, 2001, p. 29).

Sob esse ponto de vista, a crise ambiental pode ser entendida como uma impossibilidade da nossa sociedade (de consumo) em continuar satisfazendo suas necessidades atuais. Fica cada vez mais evidente que a base de recursos materiais do nosso planeta é limitada e, no entanto, nossa atual concepção das necessidades materiais implica numa filosofia de crescimento ilimitado de bens e serviços. Tal filosofia, necessariamente, extrapolará as possibilidades ecológicas do planeta. Segundo Maria Mies, “também fica claro que o modelo de uma ‘vida boa’, o padrão de vida ou o modelo orientado para o consumo prevalecente nos países ricos [...] não pode ser generalizado para o resto do mundo” (MIES, 1994, p. 251). Segundo ela, além de suas consequências para o meio ambiente, esse modelo acaba por aumentar as discrepâncias entre ricos e pobres, por meio de um processo de polarização. Dessa forma, muitos pensadores percebem, no momento histórico em que vivemos, a exigência de uma reformulação das nossas “necessidades”⁸¹.

Para Mies, uma possível solução para transcendermos o modelo consumista de nossa sociedade é a *redução voluntária* do padrão de consumo. Ela aponta para

⁸¹ Para Marcuse (2010, p. 6-9), a sociedade estabelecida produz aspirações “falsas”. “A maioria das necessidades predominantes para relaxar, se divertir, se comportar e consumir de acordo com as propagandas, para amar e odiar o que os outros amam e odeiam, pertencem a essa categoria de necessidades falsas”. São falsas, segundo ele, porque são *impostas* ao indivíduo por interesses particulares e porque “perpetuam trabalho árduo, agressividade, miséria e injustiça”. Para o autor, a redefinição das necessidades é o principal pré-requisito para a mudança qualitativa: “Toda libertação depende da consciência da servitude, e a emergência dessa consciência é sempre dificultada pela predominância de necessidades e satisfações que, em larga medida, se tornaram próprias do indivíduo” (ibidem, p. 250).

a necessidade de que os habitantes dos países desenvolvidos e as classes afluentes dos países de “Terceiro Mundo” abdicuem de seu extravagante estilo de vida. Solução que “todos os políticos e a maior parte dos cidadãos [...] não estão dispostos a aceitar” (1994, p. 253)⁸². Segundo ela, as pessoas deixam a responsabilidade da mudança para os políticos, governo, cientistas e empreendedores, continuando com sua maneira habitual de viver. Entretanto, ela afirma que os políticos não estão dispostos a introduzir medidas que não serão bem aceitas pelo povo. “Dessa forma, um movimento de libertação do consumidor deve começar dos próprios consumidores. Somente quando tal movimento estiver forte e espalhado é que os políticos e empreendedores o seguirão”⁸³. Para que isso aconteça, entretanto, as pessoas precisam começar a perceber que *menos é mais*, e criar uma nova definição do que constitui uma “boa vida” alternativa. Para Mies, essa definição enfatizará valores diferentes como: cooperação ao invés de competitividade, respeito por todas as criaturas na terra e sua diversidade, encontrar satisfação e alegria no trabalho e na vida. “Mas é essencial que a libertação do consumidor seja entendida como libertação e não como privação ou um exercício ascético. O objetivo da libertação do consumidor é *melhorar a qualidade de vida*” (MIES, 1994, p. 254, tradução nossa).

A mesma autora cita o texto *Human Scale Development*, de Max-Neef e seus colegas⁸⁴, que postula que “boa vida” significa formas de satisfazer *necessidades humanas fundamentais*. Enquanto essas necessidades são universais, seus

⁸² Essa relutância das classes privilegiadas em abdicar de seu estilo de vida pode ser comparada à relutância que Paulo Freire percebia, nas classes dominantes, à libertação dos oprimidos. Segundo ele, um processo de libertação dos oprimidos liberta, igualmente, os opressores. No entanto, nessa nova situação de liberdade, o que ocorre é que os opressores de ontem não se reconheçam em libertação: “Pelo contrário, vão sentir-se como se realmente estivessem sendo oprimidos. É que, para eles, ‘formados’ na experiência de opressores, tudo o que não seja o seu antigo direito de oprimir, significa opressão a eles [...] porque, se antes podiam comer, vestir, calçar, educar-se, passear, ouvir Beethoven, enquanto milhões não comiam, não calçavam, não vestiam, não estudavam nem tampouco passeavam, quanto mais podiam ouvir Beethoven, qualquer restrição a tudo isto, em nome do direito de todos, lhes parece uma profunda violência a seu direito de pessoa. Direito de pessoa que, na situação anterior, não respeitavam nos milhões de pessoas que sofriam e morriam de fome, de dor, de tristeza, de desesperança.” (FREIRE, 1981, p. 47-48)

⁸³ Também para Guattari, “as formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática [ambiental] no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política [...] entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões” (GUATTARI, 1990, p. 8).

⁸⁴ Disponível em <http://www.max-neef.cl/download/Max-neef_Human_Scale_development.pdf>.

satisfatórios (satisfiers) – isto é, a forma e maneira como eles são satisfeitos – variam de acordo com a cultura, região, condição histórica, etc. Uma dessas necessidades humanas fundamentais é a de afeto. “Dentro do movimento de libertação do consumidor novas maneiras devem ser encontradas, ou criadas, particularmente maneiras não mercantis, de satisfazer essa necessidade de afeto” (MIES, 1994, p. 256, tradução nossa).

Uma ideia parecida foi formulada por Theodore Roszak em seu livro *The Voice of the Earth* (A Voz da Terra). Segundo ele (2001, 21-41), acesso a bens materiais, mesmo as “tranqueiras” mais frívolas, pode, muitas vezes, mesmo que de uma maneira distorcida, ser uma forma de satisfazer necessidades humanas significativas. Num dia de compras, o indivíduo tem a oportunidade de fazer escolhas, expressar seus gostos, proporcionando uma sensação de liberdade e dignidade. Ele sugere que o movimento ambientalista, ao invés de apenas criticar, recriminar e predizer grandes catástrofes, deveria aguçar sua sensibilidade para escutar os anseios que sustentam muitos dos hábitos não ecológicos e aparentemente sem sentido da nossa cultura.

Existem empreendimentos maiores do que conquistar a natureza, formas mais confiáveis de bem-estar do que o domínio físico, existe riqueza maior do que a aquisição ilimitada de coisas. Mudar essas percepções ao nível mais profundo da personalidade é tão essencial ao lidarmos com nossa crise ambiental quanto qualquer reforma econômica. [...] Fatos e números, razão e lógica podem nos mostrar os erros de nossos modos atuais; eles podem delinear os riscos que corremos. Mas eles não podem motivar, não podem nos ensinar uma forma melhor de viver, uma forma melhor de *querer* viver. Isso precisa nascer do interior de nossas convicções. (ROSZAK, 2001, p. 40-47, tradução nossa)

Para promover essa mudança, Roszak sugere que procuremos “equivalentes morais” dessas necessidades de consumo.

Há um século, quando a bravata militarista era o padrão vigente de grandeza nacional no mundo ocidental, o filósofo William James reconheceu que muitas das qualidades humanas mais nobres – coragem, autossacrifício, lealdade, atrevimento – tinham se confundido tragicamente com o espalhafatoso chauvinismo do período. James sentiu que, enquanto a agressão política tinha de ser eliminada, as virtudes ligadas a ela deveriam ser preservadas e encorajadas. Nós precisamos, disse James, de um “equivalente moral da guerra”. [...] Algo como a mesma estratégia de redirecionamento criativo precisa ser aplicado ao problema da extravagância do desperdício. (ROSZAK, 2001, p. 253, tradução nossa)

O “Global Scenario Group”, liderado por Paul Raskin (2002, p. 42), também reforça a necessidade de que o ideal de uma vida melhor se baseie em dimensões não materiais de satisfação: qualidade de vida, solidariedade humana e relação

harmônica com a natureza. Afirma que apenas mudanças nas políticas públicas não serão suficientes para deter a atual crise ecológica e social, se não se transformarem, também, os valores que norteiam nossas atitudes e estilos de vida. O grupo de Raskin endossa o cultivo dos relacionamentos, da criatividade, da comunidade, da natureza e da espiritualidade como fatores que podem gerar a mudança de valores necessária para a realização de um futuro global favorável.

O sociólogo Wolfram Nolte (2007, p. 274) sugere que a vida cooperativa em uma comunidade nos livra do consumo inútil e nos deixa mais tempo para desenvolver e satisfazer nossas necessidades não materiais, como a necessidade de conexão humana e amor, de beleza na natureza e nas artes, de verdade e de desenvolvimento da nossa criatividade. Para Friedmann (2001, p. 118-119), os indivíduos só poderão desfrutar de lazer autêntico – aquele no qual há um enriquecimento da personalidade – quando modificarem sua relação com as mercadorias e conseguirem usar a tecnologia como um *meio*. Segundo ele, os indivíduos precisam aprender a servirem-se das técnicas e das mercadorias ao invés de serem subjugados por elas.

Sem dúvida, é (ao menos em parte) por falta de tal arte de dominar as técnicas que os sinais positivos da felicidade não são, de fato, mais difundidos nos EUA e na Europa, mesmo entre classes de nível de vida mais elevado ou médio, e que, inversamente, as manifestações variadas de desequilíbrio, de pequenas e grandes neuroses, de insatisfação, a necessidade cotidiana de tóxicos vários são mais aparentes e disseminados. (FRIEDMANN, 2001, p. 119)

O ecovilense Thiago passou por uma reexaminação de suas prioridades na vida. Largou seu emprego como administrador de empresas para trabalhar com educação na área da sustentabilidade.

O que eu mais gosto da vida na ecovila é do contato com a natureza – conta Thiago – me faz bem. De uma vida mais simples. Não quer dizer mais pobre, não me falta nada, mas assim, de se liberar de algumas coisas da vida urbana neurótica, não é? Como o trânsito, como más notícias - eu não fico sabendo as más notícias porque eu não estou lá vendo os noticiários da televisão. De ver a coisa andando, às vezes até da lama, tudo são oportunidades, sabe? Assim, acalmar um pouco o ritmo de vida, acho que isso é o melhor. [...] Depois que eu vim pra ecovila houve uma mudança assim de separar um pouco o joio do trigo; de ver o que é realmente importante do que você acha que é importante. Por exemplo: status, o carrão do ano, sei lá. Não que eu não goste de conforto, andar num carro bom, ou ir num hotel cinco estrelas. Mas você acaba vendo que isso ajuda, mas você pode viver sem isso e ser feliz do mesmo jeito.

Naomi e Guilherme também falam de suas prioridades na vida:

Tem pessoas - diz Naomi – que vêm pra cá e falam: “como é que você consegue viver aqui? Você deve estar passando por um processo de purificação tão grande! Você vive aqui tão sozinha, tão isolada!” E eu falo: “Olha gente, eu vivi em São Paulo e vivia mais isolada do que aqui”. [...] Sair em São Paulo, cinema? Não vou. Porque rush... Não tem lugar pra estacionar... E trânsito... Não vou. Está entendendo? Eu não curto São Paulo. Eu ficava em casa lendo, pintando, fazendo caminhada. Quando fazia algum passeio de viagem era passeio ecológico, de fazer caminhada, de escalar isso, escalar aquilo. Então pra mim não mudou nada - vir pro mato e estar em São Paulo. É a mesma coisa. A única diferença é que aqui eu tenho ar mais puro.

Eu acho - conta Guilherme - que o que realmente importa na vida é viver sossegado. Viver sem atribulações. Viver num lugar saudável. Viver uma vida saudável, com respeito aos semelhantes. [...] Muita gente acha que com um milhão de dólares por mês, a pessoa vai ficar rica. Não vai. Ela vai ter bastante dinheiro, vai ter bastante posse, mas não vai ficar rica. Porque vai começar a ter um monte de coisa, e os gastos dela vão aumentar mensalmente, proporcionalmente. Se ela parar de ganhar ela vai estar na rua da amargura. Tem que ter muita cabeça. E vai continuar sendo uma pessoa não rica, não é? [...] Então, a base da felicidade não é a riqueza, é a paz interior. Não adianta.

Todos os ecovilenses entrevistados responderam que, mesmo se surgisse uma grande oportunidade, não redefiniriam seus planos para uma vida urbana.

Não – responde Inês - de jeito nenhum voltaria pra vida urbana. Eu tenho uma grande oportunidade na vida urbana. Ia ser muito mais fácil pra mim estar lá. Eu tenho um trabalho de destaque... É que eu não gosto mesmo de frescuras, eu gosto de estar aqui. Então não volto de jeito nenhum. Quer dizer, de jeito nenhum não, não é? Sabe Deus o futuro! Mas não é questão de oportunidade, ou de poder ou não. É muito bom aqui. [...] Não tenho mais vontade de cinema, não me interessa. Se eu disser “eu não vou”, minha mãe fica muito chateada, mas eu não gosto de ir à Santos. Eu fui criada em Santos numa época em que Santos era uma cidade simples, gostosa. E agora Santos não tem nada de natureza. É muita gente, muito carro, muito shopping, muita moda.

E surgem! – responde Rodrigo. Muitas, muitas oportunidades, mas não quero voltar pra vida urbana. Porque não paga. Não tem preço o que eu recebo aqui. São coisas indizíveis. Porque existem experiências assim, íntimas, que não têm preço e não tem... Lá eu não consigo, não consigo. É que nem eu falei, como eu não desejo nada, eu não tenho ambição... Pra mim está bom, eu não quero mais do que isso. [...] Tudo que eu quero, eu tenho. Meus desejos são muito simples: um bom instrumento, um carro suficiente, pra mim está bom. Um pouco pra mim, não me interessa muito. Então, meus desejos são muito simples. Eu me sinto muito bem com o que tenho sabe?

Ernesto Sabato também aposta nessa redefinição das necessidades.

Temos de reaprender o que é satisfação. Estamos tão desorientados, que achamos que satisfazer-se é ir às compras. Um luxo verdadeiro é um encontro humano, um momento de silêncio diante da criação, fruir de uma obra de arte ou de um trabalho bem feito. Satisfações verdadeiras são aquelas que embargam a alma de gratidão e nos predispõem ao amor. (SABATO, 2008, p. 57)

Acredito que a vida na ecovila, ao propor uma redução do consumo de bens materiais e do consumo de bens simbólicos produzidos pela indústria cultural, contribui para essa redefinição das necessidades. Não se trata, porém, somente de

uma *privação*: não consumir as coisas, se sentir culpado ao comprar os produtos, ou se sentir forçado a uma vida simples. Trata-se, ao contrário, de uma *reinvenção*: abrir espaço para outras formas de satisfação e de busca da felicidade (“equivalentes morais” do consumo), abrir espaço para relações genuínas, para a contemplação e a meditação. Os ecovilenses sentem que suas vidas *melhoraram*, que eles ganharam mais do que se privaram com essa redefinição.

Na medida em que o padrão de consumo da nossa sociedade é algo *prescrito* aos indivíduos, e na medida em que esse padrão contribui para a desigualdade social e para a destruição do meio ambiente, podemos afirmar que somos “oprimidos” pela sociedade de consumo. Segundo Paulo Freire (1981, p. 34), o comportamento dos oprimidos é um comportamento *prescrito*, isto é, imposto, feito à base de pautas estranhas a eles – as pautas dos opressores. Freire (p. 178) chama a esse processo de *invasão cultural*: a imposição de *uma* visão de mundo, de *um* quadro valorativo, de certos padrões e finalidades que se cristalizam na estrutura social e nas instituições formadoras, reproduzindo esses mesmos mitos e formas de ação. Daí a dificuldade em nos libertarmos desses padrões. Para Freire, a libertação não se dará com a tomada do poder por determinada parcela da sociedade. Pois se os mitos permanecem, a estrutura de dominação também permanecerá. A libertação é, para ele, sempre uma *ação cultural*: uma libertação dos mitos e dos valores disseminados pela cultura dominante – ou seja, o fim da convivência com essa cultura. Tudo isso exige um *movimento de busca* por novas formas de ação, a *criação* de novos conteúdos.

Os oprimidos, que introjetam a “sombra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade na medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que “preenchessem” o “vazio” deixado pela expulsão, com outro “conteúdo” – o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. [...] Sua luta [dos oprimidos] se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não o opressor de “dentro” de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem espectadores ou atores. Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam, na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo. (FREIRE, p. 35-6)

Para Freire (ibidem, p. 185-6), portanto, é impossível mudarmos a sociedade mecanicistamente. Somente podemos fazê-lo por meio da mudança cultural, na

conscientização, na *práxis criadora da sociedade nova*, conforme os homens vão desvelando os mitos e formas de ação opressoras e libertando-se delas pela criação de novos conteúdos. Sob esse ponto de vista, a busca dos ecovilenses por esses “equivalentes morais” do consumo – ou seja, por formas não mercantis de gratificação – pode ser uma maneira de se libertarem da sua dependência dessas necessidades prescritas. Trata-se, portanto, mais de um processo criativo de invenção do que de um processo negativo de privação.

Romper com a mercadoria também ajuda os indivíduos a recuperarem a percepção do mundo e das pessoas ao redor pela valorização das coisas simples, mas que são “satisfações verdadeiras” como nos diz Sabato: o encontro humano, a contemplação da natureza, a expressão da personalidade autêntica. Para realizar tal mudança não basta, portanto, ir ao campo. É preciso transformar os hábitos de consumo e vivenciar uma experiência estética de mundo para que as coisas “em si” nos gratifiquem ao ponto de nos satisfazerem mais do que qualquer mercadoria.

Pra quê – pergunta Rodrigo - querer juntar diamantes se, no céu, todas as estrelas são diamantes? Pra quê querer ouro se aquela jabuticaba no pé é muito mais preciosa, não é? Então o mundo estaria vivendo outro estágio, entende? Não quero dizer que quem faz isso é mais evoluído ou menos evoluído, é um estágio que o ser humano deveria experimentar. Do que ficar correndo atrás só disso que está acabando com o planeta, não é? Se a humanidade conseguir chegar nesse estágio, não haveria mais motivo pra guerra, não haveria mais motivo pra juntar, esse desejo insano de poder, de acumular.

A simplicidade voluntária pode contribuir, também, para o redirecionamento da produção material. Como lembra Jasper, a visão que temos da natureza não é somente cognitiva e nem somente moral, mas tem “implicações diretas nas tecnologias que transformam a natureza” (JASPER, 1997, p. 375). Pois quem cria, projeta, compra e demanda por tecnologias e mercadorias são indivíduos concretos, com suas visões, desejos e necessidades. Ou seja, uma reorientação da produção de bens materiais e simbólicos só será possível a partir de uma nova visão (moral, cognitiva e prática) de mundo, que implique em novos projetos, novas sensibilidades e, conseqüentemente, novas demandas. Como diz Rubem Alves, se houver um jardineiro, cedo ou tarde, um jardim aparecerá. E o que é um jardineiro? “Uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins. O que faz um jardim são os pensamentos do jardineiro. O que faz um povo são os pensamentos daqueles que o compõem”.

Guattari também afirma a importância da mudança “molecular” para que possa haver uma reorientação nos objetivos da produção em grande escala:

O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre este planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável desenvolvimento demográfico. [...] as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, *ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da reinvenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade?* [...] Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. (GUATTARI, 1990, p. 8-9, grifo nosso)

3.2 Desafios na construção de uma cultura alternativa

Na busca por um novo estilo de vida, os ecovilenses se deparam com diversas dificuldades e desafios. Refletir sobre eles torna-se importante para que possamos compreender melhor os processos de mudança cultural e de vida em comunidade, bem como para oferecer ao movimento alternativo reflexões e questionamentos sobre suas práticas, buscando contribuir para a articulação e enfrentamento desses desafios.

Negociando uma identidade coletiva

Muitas comunidades e ecovilas já possuem uma “cola” pré-determinada: um eixo filosófico, uma religião ou uma prática específica como, por exemplo, comunidades macrobióticas, comunidades centradas no uso da ayahuasca ou comunidades iogues. Essas comunidades costumam “selecionar” os membros ingressantes, reservando-se o direito de negar aqueles que não se compatibilizam com a proposta. Esse modelo pode, talvez, facilitar o desenvolvimento de um projeto em comum, já que a intenção daquela comunidade, suas prioridades e a visão do que a comunidade quer ser são muito claras desde o início. As pessoas que vão para esse tipo de comunidade já têm uma “identidade coletiva” mais bem resolvida.

Na Andorinha isso não ocorre. Qualquer pessoa que quiser ingressar no grupo pode fazê-lo. O único pré-requisito é ter dinheiro para comprar um lote. Essa admissão irrestrita de novos membros acaba por trazer mais conflitos ao grupo. Afinal, cada membro entra no projeto com uma imagem pessoal de como gostaria que a comunidade se desenvolvesse, privilegiando determinados aspectos em detrimento de outros, o que acaba dificultando a concretização dos projetos. Naomi, por exemplo, gostaria que os ecovilenses fossem mais simples, se jogando na lama, pisando descalços. Otávio acredita que a comunidade deveria se empenhar na consolidação de um plano de manejo. Já Lilian acha que o principal foco que a comunidade deveria ter é a construção do Centro Comunitário, local que fortaleceria a solidariedade e o encontro entre as pessoas, reforçando os laços emocionais. Ao falarem sobre seus sonhos de criarem uma fonte de renda na comunidade, em certa reunião, Rodrigo falava da ideia de uma fábrica de energia alternativa; Ieda e Igor continuam levando adiante seus projetos agrícolas particulares e Andressa pensa em atuar na área da educação. Cada membro aposta no seu sonho particular e acaba se sentindo sozinho quando não consegue integrar o resto da comunidade no seu projeto específico.

A “cola” da ecovila Andorinha é algo amplo e inclusivo, capaz de abarcar personalidades, sonhos e desejos muito diversos. Como conciliar expectativas e desejos tão diferentes em um projeto comum? Thiago já percebeu a importância dessa questão e acredita que a comunidade precisa definir e fortalecer sua “cola”.

Agora, por que um monte desses conflitos acontece? Da minha experiência e da experiência deles também, primeiro quando as pessoas têm objetivos e valores diferentes. Então, um é tecnológico, o outro é antitecnologia; um quer cuidar dos bichinhos, o outro quer cuidar das pessoas; um quer fazer num ritmo muito mais lento, outro quer fazer num ritmo muito mais rápido. Por isso que a gente diz que tem a tal da “cola”, não é? Que é aquilo que une as pessoas na ecovila. Isso tem que estar muito claro pras pessoas, e documentado. Por isso que um dos objetivos de fazer o manual e os encontros que a gente teve de “visão”, que eu participei dos dois, é as pessoas saberem quais os valores, o que nós temos em comum aqui. O pessoal fala Agenda 21, mas Agenda 21 é tudo e é nada ao mesmo tempo, é muito vago, é muito...

[...] mas a comunidade tem que ser basicamente a história da cola, tem que estar muito bem claro. Porque senão, não adianta eu querer fazer um churrasco num lugar de vegetariano, ou eu querer ser monge budista num lugar em que a espiritualidade talvez não seja o foco principal. Mais ou menos nesse sentido que esses conflitos podem acontecer. Uma das coisas que a gente colocou no manual, que foi um certo conflito mas que foi resolvido, foi o de colocar uma entrevista pras novas pessoas interessadas, antes de comprar, saberem como que funciona. Pra deixar de ser uma venda simples, por exemplo. Então gerou um conflito com quem quer vender, porque achou

que a gente queria atrapalhar, mas na verdade, a gente quer fazer essa checagem, não é? Daqueles valores, dos princípios que eu falei antes, pra ver se ela vai “dar a cola” com a gente. Senão vai dar um conflito mais pra frente. E aqui não é um lugar de investimento, pra revender, pra ganhar dinheiro. É um lugar pra quem realmente quer morar.

Diane Leafe Christian afirma que apenas uma em cada dez novas comunidades realmente é construída, principalmente devido a conflitos no grupo. Para ela, uma questão crucial em qualquer comunidade intencional é perceber a “cola” que une o grupo:

Uma das fontes mais devastadoras de conflito estrutural em ecovilas pode ocorrer quando vários membros do seu grupo têm razões diferentes para estarem lá em primeiro lugar. Isso pode irromper em discussões sobre o que parecem ser temas ordinários – quanto e quão frequentemente vocês todos trabalham em um determinado projeto comunitário, ou quanto dinheiro alocam para isso. É realmente uma questão de diferenças implícitas (talvez nem sempre conscientes) sobre *para quê* é a ecovila. [...] Todos os membros de sua comunidade precisam ter a mesma visão e missão/propósito desde o início, e saberem que todos vocês apoiam isso. Isso deveria ser discutido, acordado e escrito minuciosamente desde o início. Quando um grupo não tem uma visão e missão/propósito comuns, diversos conflitos podem surgir mais tarde em reuniões, conforme pessoas diferentes advogam apaixonadamente pelo que querem, sem perceber que estão discutindo a partir de imagens implícitas diferentes sobre o que a sua ecovila realmente é. E, quando pessoas que já estão morando em comunidade descobrem que elas têm duas ou mais versões diferentes de uma missão/propósito comum, quem está “certo” e quem está “errado”? (CHRISTIAN, 2007, p. 50, tradução nossa)

Dessa forma, uma delimitação mais clara da visão e da “cola” da ecovila torna-se essencial para que todos saibam quais projetos terão prioridade, integrando o grupo e diminuindo os conflitos. Vemos, assim, a importância desses encontros nos quais os membros se reúnem para discutir e definir sua visão. Pois quanto mais as metas e propósitos do grupo estiverem claros e acordados, mais fácil será a concretização das decisões tomadas.

A Andorinha não pretende “selecionar” os novos membros, e acredito que esse modelo pode ser bem interessante, apesar das dificuldades inerentes a ele. É interessante porque é um modelo que exige a articulação das diferenças para a construção de objetivos e significados comuns, processo que pode ser muito rico para seus participantes. Pois a “amizade também é isso”, nos diz Vernant, “entrar em acordo com alguém que é diferente de nós para construir algo em comum” (2001, p. 34). Além disso, esse modelo preserva as singularidades: a diversidade de visões não é abafada por uma homogeneidade ideológica.

Não, aqui eu gosto de tudo – diz Rodrigo. Até os conflitos eu acho bom, porque o conflito é um sinal de crescimento. Um casal que nunca briga, pode

desconfiar, tem alguma coisa errada, porque não evolui. Então, quando tem algum desentendimento aqui, eu até acho bom, porque é sinal que a comunidade está evoluindo como um todo. Eu já vi coisas muito bonitas acontecendo aqui, assim, de degraus que a comunidade como um grupo conseguiu galgar juntos, sabe?

Por outro lado, torna-se mais difícil concretizar as decisões: reunir pessoas dispostas a investir tempo e energia em determinado projeto, decidir quais são as melhores formas de colocar as ideias em prática, etc.

Do ponto de vista utópico – diz leda – que todos nós gostaríamos que as coisas fossem ideais, as divergências são um ponto de complicação que a gente precisa trabalhar sempre, porque existem. As pessoas têm as suas histórias de vida, suas convicções e às vezes são situações trabalhosas pra gente conversar, discutir, nesse modelo democrático que a gente tem. [...] É que existem as diferenças naturais entre as pessoas, entre as visões de mundo, e elas precisam ser trabalhadas. E é isso que a gente faz o tempo inteiro [...] Porque o conflito é inerente ao ser humano. Algumas pessoas vieram pra cá por conta do cuidado com a natureza, outros vieram por causa do social e não conhecem nada de natureza. Tem pessoas que vieram e não sabem nem pisar na terra direito, mas têm a boa vontade de querer viver uma vida alternativa ao sistema socioeconômico e ambiental que tem. E aí essas diferenças podem gerar formas de ver o mundo diversas: com mais conforto, com menos conforto, com que tipo de animal tem, com que tipo de animal não tem, o que significa ter as coisas ou não ter. E, eventualmente, têm umas discordâncias em relação a ponto de vista ou aspectos que podem criar um stress temporário, mas que nós aprendemos a lidar com isso, conversando.

A teoria desenvolvida por Alberto Melucci pode ser bastante útil para refletir sobre a Comunidade Andorinha, justamente pela percepção do autor de que um fenômeno coletivo, por mais homogêneo que aparente ser, é sempre produto de uma contínua interação e negociação. Ele chama a esse processo de “identidade coletiva”, ainda que este termo não lhe pareça muito satisfatório. Em geral, o termo “identidade” é utilizado para se referir a algo estável ou permanente. Uma identidade coletiva, ao contrário, é sempre produto de uma articulação de diversas visões, desejos e possibilidades, em um grupo heterogêneo. Isso significa que essa identidade é sempre o *resultado de um processo* em constante reformulação. “Identidade coletiva como um processo se refere, assim, a uma rede de relações ativas entre atores que interagem, comunicam, se influenciam mutuamente, negociam e tomam decisões” (MELUCCI, 1996, p. 71). Dessa forma, por trás de um grupo cuja definição é aparentemente estável e coerente, existe um processo interativo, compartilhado e, muitas vezes, contraditório. Uma das maneiras de dar unidade a um fenômeno coletivo é, para Melucci, a forma organizacional:

A forma “organizacional” da ação é a maneira em que o ator coletivo procura dar uma unidade aceitável e duradoura para tal sistema, que é continuamente sujeito a tensões. [...] Existem tensões contínuas mesmo dentro de cada eixo: por exemplo, na definição dos fins, entre objetivos de longo ou curto prazo; na

escolha dos meios, entre o uso de recursos para alcançar eficácia e seu uso para consolidar a solidariedade; na relação com o ambiente, entre equilíbrio interno e trocas externas, e assim por diante. (MELUCCI, 1988, p. 332-3, tradução nossa)

Um exemplo dessa negociação pode ser encontrado nas reuniões em que os ecovilenses discutiam sobre a construção do Centro Comunitário, nas quais pudemos ver opiniões divergentes: alguns valorizavam a eficiência e rapidez da construção enquanto outros valorizavam o trabalho voluntário e a consolidação da solidariedade. Diante dessa tensão, voltemos a Melucci. O autor coloca a seguinte questão: “Por meio de quais processos os atores constroem uma ação comum? Como é produzida a unidade das várias partes, níveis e orientações presentes num fenômeno empírico de ação coletiva?” (MELUCCI, 1988, p. 331). No caso da construção do Centro Comunitário, foi o próprio sistema de gestão que pôde reunir as diversas orientações em uma ação concreta, com a decisão de criar os dois grupos de trabalho: um GT de Gerenciamento da Construção do Centro Comunitário, para pesquisar as etapas da obra; e um GT de Economia Solidária, para pesquisar instrumentos da economia solidária que valorizassem a cooperação e os aspectos comunitários. Dessa forma, como Melucci já tinha percebido, a *forma organizacional* (neste caso, o sistema de gestão) é uma maneira de dar “uma unidade aceitável e duradoura para tal sistema” de ação. Ela cria instrumentos para o debate e a negociação das diferentes visões. Diversos depoimentos afirmam que tanto o sistema de gestão quanto o manual de acordos comunitários se mostraram mecanismos importantes para lidar com as tensões no grupo:

Então, hoje existem mecanismos – afirma Danuza. Nós temos vários grupos de trabalho, então cada grupo de trabalho coordena determinada coisa [...]. Hoje já está fácil a coisa. Mas quando não tinha era difícil. E era todo mundo opinando sem um caminho depois pra seguir, que a gente acabava encontrando.

Aí foi votado – conta Inês – e agora a gente tem esse manual de conduta. A gente ficou um tempo sem tê-lo, não é? E na verdade a gente sentiu muita necessidade quando houve o conflito com a história do cachorro. Foi bem traumatizante, porque se você não tem um manual de conduta, e um dos moradores acha que pode deixar um bicho atacar todo mundo sem problema, acabou dando um estresse maior do que seria se a gente já tivesse esse manual de conduta.

Outro aspecto que se mostra importante na definição das ações comuns e na consolidação de uma identidade coletiva é o *tempo*. Com o passar do tempo, aquilo que o grupo tem em comum vai ficando mais claro, mesmo que novos membros modifiquem um pouco sua dinâmica. As pessoas já vão se conhecendo melhor e

muitos conflitos passam a ser evitados. Além disso, existe uma tendência dos indivíduos (daqueles que realmente querem se dedicar ao projeto da ecovila) a irem se alinhando com o grupo e irem assumindo, cada vez mais, sua identidade de “ecovilense”: procurando praticar as ações endossadas pelo grupo, participando mais do projeto, estando mais presente. Afinal, todos estão unidos por sensibilidades culturais comuns. Apesar de amplas, essas sensibilidades formam a verdadeira “cola” que possibilita a identificação com o grupo.

Esse processo, entretanto, não é rápido nem uniforme. Muitas vezes, vimos que os indivíduos tomam o caminho inverso, rompendo com o grupo e desistindo do projeto. Mas essas desistências também podem ser um sinal de que uma identidade coletiva está se fortalecendo e naturalmente excluindo aqueles que não se compatibilizam com ela. Dessa forma, quando Melucci pergunta: “O que facilita ou impede a integração de diferentes orientações em um dado fenômeno coletivo?”, podemos dizer que: quando os membros possuem sensibilidades culturais compartilhadas, têm pré-disposição para se engajarem em um projeto de longo prazo e disponibilidade para abrir mão de certas preferências individuais em prol de decisões coletivas, esses são elementos que certamente facilitam a integração. Aqueles que não querem abrir mão de suas próprias visões acabam se desiludindo com o projeto.

Portanto, é necessário, de um lado, que o grupo defina cada vez mais suas prioridades, entrando em acordo com relação à visão, missão e propósito da ecovila. Por outro lado, é preciso também que cada membro assuma o grupo e sua identidade. É por isso que o projeto como um todo caminha devagar, pois é preciso que cada pessoa incorpore sua identidade de “ecovilense” para que a ecovila se concretize.

Para entender essa influência do grupo na construção das identidades individuais, vale a pena ver a análise de Solomon Asch sobre o sentimento de *pertencimento*. Segundo Asch (1977, p. 477-489), o sentimento de pertencimento é de extrema importância para o indivíduo e influencia as condições de desenvolvimento e mudança de suas atitudes, pois nossas opiniões tendem a se alinhar com a opinião majoritária do grupo em que estamos inseridos. O mesmo autor já demonstrou como é difícil mantermos posições que contrariem a opinião da maioria. Dessa forma, pode ser muito mais difícil manter certos hábitos “ecológicos”

ou uma postura contemplativa vivendo em um meio urbano, no qual essas atitudes são pouco compreendidas pelas pessoas ao redor. Ao mesmo tempo, quando as pessoas estão numa comunidade que pensa de forma semelhante, é mais fácil manter essas posturas. A comunidade reforça e encoraja essas práticas. Podemos dizer que a pessoa encontrou “aliados”, no sentido que Asch dá à palavra: “Com uma pessoa ao seu lado, a maior parte dos sujeitos foi capaz de enfrentar a maioria com independência [...]. Através de sua ação, [o aliado] diluiu a densidade da maioria, e demonstrou aos sujeitos críticos que sua alternativa tinha um apoio independente dele. O resultado indica uma diferença fundamental entre a situação de isolamento e a de ter alguma fonte de apoio humano” (ASCH, 1977, p. 403).

Uma pesquisa interessante a respeito da relação entre ambiente social e mudança de atitudes foi realizada por Newcomb em uma comunidade universitária. Nessa comunidade, as alunas vinham, em sua maior parte, de famílias economicamente privilegiadas e encontravam, na universidade, um ambiente que estimulava o interesse por valores intelectuais e sociais e que contrastava, portanto, com o clima conservador de suas famílias “onde, presumivelmente, não se esperava que as mulheres se interessassem, seriamente, por assuntos públicos”. Tratava-se, portanto, de um ambiente que estimulou as estudantes a mudarem sua orientação política. Newcomb demonstrou que essas mudanças foram parte significativa do processo de participação da vida na comunidade: “Relacionavam-se com a posição da estudante na comunidade, com a consideração pessoal que lhe era concedida, e o grau em que as outras a encaravam como representativa das melhores qualidades da instituição” (ASCH, 1977, p. 499-501).

Dessa forma, participar de uma comunidade e sentir que *pertencemos* a ela são aspectos que influenciam o alinhamento com o grupo. Segundo Asch, o estudo de Newcomb “demonstra uma condição básica para a formação de atitudes – sua significação para a integração no grupo”. Demonstra que a influência do grupo nem sempre se dá por mero conformismo. Muitas vezes, o desejo de alcançar uma posição no grupo é expressão de uma vontade de desempenhar um papel respeitável, de participar de experiências significativas:

Nem todas as estudantes abandonaram-se ao sabor da corrente social porque a moda era essa. [...] era uma expressão de um desejo de desempenhar um papel respeitável, de participar de experiências significativas, de agir de comum acordo em benefício do grupo. Essa orientação pode ocasionar consequências fundamentalmente diferentes das

provocadas pelo conformismo; pode levar, e leva, indivíduos e minorias a aceitar, por convicção, certas causas, diante da perseguição e em oposição às exigências do “bom ajustamento à comunidade”. (ASCH, 1977, p. 505)

Estar enraizado em uma comunidade, isto é, participar ativamente de suas decisões e destinos, estimula as pessoas a quererem se destacar, a quererem afirmar uma conduta exemplar. Por mais que os indivíduos já tivessem preocupações ecológicas ou comunitárias antes de ingressarem no grupo, ao se identificarem com esse “nós”, eles tendem em sua direção. Os ecovilenses não querem que a ecovila seja mais um espaço fragmentado em suas vidas, mas, sim, uma nova forma de viverem, uma cultura que expresse sua própria identidade, da mesma forma que desejam que sua identidade seja expressão dessa cultura.

Por outro lado, quando alguém se afasta do grupo e as novas formas de ação ainda não foram completamente habitadas, é grande a possibilidade de voltarem às antigas maneiras de ser. Ou seja, quando a ligação com o grupo se perde, os costumes prevaletentes podem voltar a exercer sua força. Isso foi percebido na minha própria experiência, quando a pesquisa de campo foi concluída e fiquei um longo tempo sem visitar a Comunidade Andorinha. Muitas práticas novas que eu havia adotado ao conviver com os ecovilenses deixaram de ser praticadas. Isso ocorreu, talvez, porque meu modelo de identificação e comparação deixou de ser a ecovila e voltou a ser a cidade. Quando comparado com a vida habitual nas cidades, o mínimo de ações ecológicas que eu praticasse já era sentido como suficiente, por ser já muito mais do que a maioria faz. Para as pessoas ao meu redor, essas ações parecem até descabidas e exageradas. O meu grupo de convívio na cidade não estimula – pelo contrário, tende a inibir essas ações. Conseqüentemente, manter uma cultura alternativa longe de aliados, isto é, longe de um grupo com valores semelhantes torna-se uma tarefa muito mais difícil.

Podemos concluir, portanto, que, para que o projeto da ecovila se fortaleça, é necessário que seus membros articulem de forma mais clara quem é esse “nós” - qual o seu propósito e metas comuns – e, também, que desenvolvam cada vez mais o sentimento de *pertencimento*, adotando o grupo como modelo de identificação e desejando assumir uma postura condizente.

Preservando as singularidades

Uma comunidade natural é similar a um organismo, e as pessoas individuais e grupos são seus órgãos. [...] Quando vivem em tal organismo, as pessoas gradualmente param de viver de acordo com princípios de comparação e competição, e passam a viver de acordo com princípios de complementar e apoiar uns aos outros. [...] Comunidade e indivíduo não são opostos; um é pré-requisito para o outro. [...] Pois é pela individuação que os seres humanos experimentam não só o que os separa dos outros, mas também o que os conecta em um nível muito mais profundo. (DUHM, 2007, p. 3-4, tradução nossa)

Ao mesmo tempo em que é importante que o grupo negocie uma “cola”, uma identidade coletiva, isso não deve abafar a diversidade de opiniões. É importante que encontrem um equilíbrio entre visão e propósitos comuns, de um lado, e a preservação das singularidades, do outro.

Como vimos, a *independência* (manter-se fiel às próprias percepções, mesmo diante da oposição da maioria) tem um papel fundamental, tanto individual quanto socialmente. Somente quando os indivíduos pensam independentemente, não somente refletindo a opinião da maioria, é que o processo social pode ser corrigido de acordo com as exigências percebidas. Desta forma, estar disposto ao conflito, desenvolver a capacidade de discordar “sem perda do respeito por si mesmo” e a “capacidade de aceitar a crítica sem se sentir rejeitado” é de extrema importância para o grupo como um todo (ASCH, 1977, p. 417). Daí a importância de que uma proposta como a ecovila desenvolva sempre esse aspecto, com iniciativas que promovam a negociação das diferenças, para evitar que se tornem um grupo fechado e homogêneo, um gueto.

Devemos fazer surgir, até com veemência, um modo de conviver e de pensar que respeite até as mais profundas diferenças. Como tão belamente definiu María Zambrano, a democracia é a sociedade em que é não apenas possível, mas imprescindível, sermos pessoas. [...] A democracia, mais do que permitir a diversidade, deveria estimulá-la e exigí-la. Ela necessita da presença ativa dos cidadãos para existir, pois do contrário é massificadora e gera indiferença e conformismo. (SABATO, 2008, p. 72)

A abertura da Comunidade Andorinha a todos os interessados (aqueles que podem arcar com o custo do lote, é claro) contribui para essa diversidade. No entanto, é preciso que os membros se mantenham interessados em debater, discutir, argumentar, que não se isolem e nem desistam de expor ao grupo suas opiniões particulares. É preciso que estejam dispostos ao conflito e à divergência. Por isso é tão importante que tenham afinidades e um propósito comum: para que tenham um incentivo ao debate. Pois, como vimos, quando a dissonância é muito

grande, ela pode, ao contrário, inibir o debate e gerar afastamentos e até mesmo rupturas no grupo.

Essa abertura para o diálogo e acolhimento das diferenças é um dos principais aspectos que diferenciam a ecovila de um condomínio convencional, ou uma “comunidade cercada”. Segundo Bauman (2003, p. 105), nas “comunidades cercadas” – condomínios bem guardados nos quais a elite se sente protegida – a característica mais notável é a mesmice: nos padrões de conduta, na uniformidade dos passatempos, na conformidade. Nesses condomínios, “a probabilidade de encontrar um estrangeiro genuíno e de enfrentar um genuíno desafio cultural é reduzido ao mínimo inevitável” (ibidem, p. 55). A preservação das singularidades é também o que diferencia a ecovila de uma facção religiosa separatista e homogeneizadora. Segundo Sennett (1999, p. 165), “uma das consequências não pretendidas do capitalismo moderno é que fortaleceu o valor do lugar, despertou o anseio de comunidade”. No entanto, segundo ele, “esse uso do ‘nós’ se tornou um ato de autoproteção. O desejo de comunidade é defensivo, muitas vezes manifestado como rejeição a imigrantes e outros marginais”. Trata-se de um “nós” separatista, que enfatiza uma falsa unidade como fonte de força contra o mundo externo e teme, erroneamente, que os laços sociais sejam ameaçados pelo conflito interno (ibidem, p. 170). Tal uso do “nós” é, para Sennett, um “nós” fictício, pronome perigoso. Por outro lado, quando os indivíduos manifestam suas diferenças, eles permitem que o conflito interno *crie* laços sociais, tornando-se o fundamento da própria comunidade. Segundo Sennett, esse outro “nós”, mais positivo, se manifesta na expressão “destino partilhado”.

Dessa forma, a diversidade será preservada por um esforço do grupo em manter o debate, em acolher as diferenças sem abafá-las, em manter a possibilidade de divergir e de expressar opiniões singulares, mesmo que não sejam partilhadas pela maioria. Só assim o grupo se manterá vivo, interessado e não estagnado. E são nessas relações interpessoais cotidianas, nas tomadas de decisão mais ordinárias, mas que são feitas a partir de indivíduos inteiros e responsáveis, que uma autêntica comunidade se constrói.

Se é necessário haver uma identidade coletiva, essa identidade não deve ser algo imposto por uma abstração, nem mesmo deve ser uma tentativa de homogeneizar o grupo pela eliminação das diferenças; mas sim, uma identidade que

surge a partir do chão, das pessoas e das experiências concretas de vida numa comunidade específica, num momento determinado de sua história. Uma identidade que é sempre resultado de um processo interativo e, portanto, sempre sujeita a mudanças. “A forma de vida humana em comum não pode ser imposta de fora sobre grupos humanos ativos”, afirma Buber, “ela deve emergir do interior em cada tempo e lugar” (2008, p. 37).

Ampliando o diálogo

Pudemos ver, no cotidiano dos ecovilenses estudados, uma dificuldade em criarem relações mais solidárias com os habitantes locais e funcionários. Para muitos ecovilenses, os indivíduos das classes populares – especialmente os moradores da área rural – não compartilham das suas preocupações ecológicas. Certa vez, algum deles me disse que, enquanto os ecovilenses gostam das árvores, essas mesmas árvores são vistas como um entrave para os habitantes locais. Outro ecovilense me disse que sua funcionária, apesar de produzir ovos orgânicos em sua casa, prefere consumir os ovos brancos que compra no mercado. Existe também, como vimos, um uso indiscriminado de herbicidas pelos sítiantes da região. Dessa forma, podemos afirmar que os habitantes locais não compartilham das mesmas sensibilidades ecológicas que os ecovilenses. No entanto, isso não deve inviabilizar o diálogo. Certamente, os ecovilenses têm muitas informações e conhecimentos que os habitantes locais não possuem e dos quais poderão se beneficiar. Da mesma forma, os sítiantes têm muito a ensinar para os ecovilenses, como o senhor Jorge que ensinou Rodrigo a distinguir quando a chuva se aproxima. Quando sujeitos de distintas experiências se encontram numa relação de iguais, essa troca pode ser extremamente enriquecedora para ambos.

É muito importante, portanto, que os ecovilenses ampliem o diálogo com os sítiantes da região. Mas, para isso, é preciso que estejam abertos para uma troca mútua, para aprenderem tanto quanto ensinarem nesse diálogo. Como disse Bonzatto, é esse encontro desprovido de hierarquias que é transformador.

Quando nos deparamos com a aparente falta de sensibilidade ecológica dos habitantes locais, poderíamos indagar se essa sensibilidade é exclusiva das classes

média e alta, se ela só faz sentido para quem vem da cidade, com alto nível de escolaridade e bons recursos financeiros. Alguns teóricos dos novos movimentos sociais chegam a colocar o movimento ecológico no âmbito de um “pós-materialismo” – isto é, um movimento formado por indivíduos que já estão integrados à sociedade de consumo, não precisando lutar por empregos ou distribuição de renda e que passam, assim, a se preocupar com questões de *qualidade de vida*. Dessa forma, as sensibilidades ecológicas surgiriam apenas *depois* que as questões “materiais” estivessem completamente supridas⁸⁵.

No entanto, Joan Martínez Alier critica esse conceito e oferece uma perspectiva materialista e conflitiva do ambientalismo:

Sem dúvida, o termo “pós-materialismo” é terrivelmente equivocado. Sociedades como as dos Estados Unidos, a União Européia e o Japão, cuja prosperidade econômica depende da utilização de uma enorme quantidade *per capita* de energia e de materiais, assim como da livre disponibilidade de áreas para descarte de resíduos e depósitos temporários para seu dióxido de carbono, claramente contestariam este conceito. [...] Contrariamente a Inglehart, eu defendo que o ambientalismo ocidental não cresceu nos anos 1970 em função de as economias terem alcançado uma etapa “pós-materialista”, mas exatamente ao contrário pelas preocupações muito materiais decorrentes da crescente contaminação química e os riscos e as incertezas suscitados pelo uso da energia nuclear. [...] Os Amigos da Terra da Holanda conquistaram um reconhecimento importante no início dos anos 1990 devido a seus cálculos sobre o “espaço ambiental” [também chamado de “pegada ecológica”], demonstrando que esse país estava utilizando recursos ambientais e serviços muito maiores do que os oferecidos pelo seu próprio território [...]. Desse modo, estamos longe do “pós-materialismo”. (ALIER, 2011, p. 25-6)

Segundo Alier, cresce cada vez mais uma corrente ecológica conhecida como “ecologismo dos pobres”, “movimento de justiça ambiental” ou até “ecologia da libertação”. Nessa corrente, a preocupação ecológica não se dá na esfera do sagrado, da reverência à natureza, ou de uma sensibilidade contemplativa, mas, antes, a partir de “um interesse material pelo meio ambiente como fonte de condição para a subsistência”. Sua preocupação não está, portanto, relacionada às futuras gerações, mas, sim, pelos pobres de hoje. “Essa corrente não compartilha os

⁸⁵ Angela Alonso (2009), ao fazer um balanço do debate sobre movimentos sociais, afirma que nos anos 60, após uma época de desmobilização política, ressurgiram mobilizações “não mais voltadas para as *condições* de vida, ou a redistribuição de recursos, mas para a *qualidade* de vida, e para afirmação da diversidade de estilos de vivê-la”. Inglehart chamou a essas demandas de “pós-materiais”. Jurgen Habermas também argumentou em direção similar “associando o novo padrão de mobilização ao capitalismo tardio” e a um deslocamento do conflito capital-trabalho – típico do século XIX – para o conflito gerado pelo processo de colonização do mundo da vida. “Aí se configurariam ‘novos movimentos sociais’, não mais motivados por questões distributivas, mas empenhados numa luta simbólica em torno de definições da boa vida”. Habermas incluiu nesse tipo o movimento de jovens, o alternativo, o ambientalista e o pacifista. “Contestações ‘pós-materialistas’, com motivações de ordem simbólica e voltadas para a construção ou o reconhecimento de identidades coletivas”.

mesmos fundamentos éticos (nem estéticos) do culto ao silvestre. Sua ética nasce de uma demanda por justiça social contemporânea entre os humanos” (ALIER, 2011, p. 33-4). Dessa forma, por mais que haja diferenças estéticas e de sensibilidade entre diferentes grupos em sua relação com o meio ambiente, a questão ambiental é uma questão real, material, e que tende a afetar primeiro os grupos menos favorecidos (ALIER, 2011, p. 35)⁸⁶. Essa é uma questão, portanto, de grande interesse para os moradores da zona rural, já que sua própria subsistência e saúde estão mais intimamente ligadas ao meio natural em que vivem.

Além disso, muitas ações consideradas ecológicas se aproximam da realidade das classes menos favorecidas: economizar, reutilizar, fazer coisas manuais, aproveitar materiais usados, entre outras. Elas podem, entretanto, ter sentidos bem diferentes para cada classe social: enquanto remendar uma roupa é motivo de orgulho para um ecologista, para o pobre talvez não o seja, já que é sinal de que *não pode* comprar uma roupa nova. Para Fernando Gabeira, as duas experiências tem uma relação íntima. O que falta, em sua opinião, é um diálogo maior entre elas:

Experiências alternativas foram as fugas dos negros que se rebelavam e construía os quilombos; vidas alternativas são o cotidiano das nações indígenas forçadas a se mover de suas terras; comunidade alternativa era a liderada por Antonio Conselheiro, personagem central da guerra de Canudos. Resta saber o que é alternativo hoje e que experiências podem impulsionar o avanço desse trabalho. Da mesma maneira, é preciso distinguir o problema alternativo no III Mundo do movimento nos países avançados. *Aqui encontram-se questões específicas e além do mais uma grande multiplicidade de tentativas entre as populações mais pobres.* (GABEIRA, 1985, p. 30, grifo nosso)

Na ecovila, esse encontro entre experiências distintas acaba acontecendo. Certo dia, Ana Maria, a esposa do caseiro, foi dar uma olhada na cama que seu marido estava fazendo a partir de madeiras usadas. Ela disse, então, para mim: “*O negócio aqui não é reciclar? Então vamos reciclar!*”. É possível que ela tenha ficado

⁸⁶ Alier distingue três principais correntes do ecologismo: 1) *O culto ao silvestre* ou o *culto ao sagrado*, que surge “do amor às belas paisagens e de valores profundos”. Essa corrente tem sido representada no ativismo ocidental, nos últimos trinta anos, pelo movimento da “ecologia profunda”, que defende uma atitude biocêntrica ante a natureza. É nessa corrente que poderíamos incluir o movimento das ecovilas. 2) *O credo da ecoeficiência*, que “acredita no ‘desenvolvimento sustentável’, na ‘modernização ecológica’ e na ‘boa utilização’ dos recursos”. E 3) *O ecologismo dos pobres*, que demonstra que o crescimento econômico gera impactos ambientais que não são solucionados pelas políticas econômicas ou por inovações tecnológicas, e que atingem desproporcionalmente alguns grupos sociais, que muitas vezes protestam e resistem (ainda que tais grupos não sejam denominados “ecologistas”). Estes incluem movimentos de base camponesa, movimentos de pescadores artesanais e movimentos contrários às minas e fábricas, entre outros (ALIER, 2011, p. 22-35).

mais à vontade para me contar sobre a cama já que a reutilização de materiais é algo valorizado ali. O que antes era visto como pobreza (“não tenho dinheiro para comprar uma cama nova”) passa a receber um novo sentido (“estou ajudando a preservar o meio ambiente”).

Essa reelaboração de sentido tem ocorrido, num âmbito mais amplo, com os produtores agrícolas que utilizam técnicas tradicionais por não terem conseguido se adequar às modificações decorrentes da modernização da agricultura (compra de insumos e implementos agrícolas, ampliação dos custos de produção, etc.). Esses produtores (hoje denominados de “agroecológicos”), que antes ocupavam uma posição marginal, passaram a ser valorizados por um segmento do mercado que busca produtos orgânicos e socialmente sustentáveis⁸⁷. Podemos afirmar, portanto, que a cultura alternativa tem o potencial de trazer novos significados para práticas marginalizadas.

Diversas experiências dos setores pobres da sociedade brasileira apresentam pontos em comum com o ideário alternativo. No entanto, por serem formadas a partir de experiências e sistemas valorativos muito diferentes, grande parte do movimento alternativo não se esforça em ampliar o diálogo com essas experiências e esses sujeitos, apresentando uma tendência a se fechar numa subcultura de certa forma elitista⁸⁸. Desde a década de 1980, Gabeira já alertava para o perigo do isolamento do movimento alternativo:

Uma perspectiva ecológica para a sociedade no conjunto e a tentativa de ajudar a sociedade a alcançá-la parece estar presente nos setores mais lúcidos da cena alternativa. Essa perspectiva ecológica não pode ser vista de uma maneira estreita, isto é, apenas como um conjunto de relações entre os seres humanos e a natureza. A visão ecológica coloca também abertamente a questão do poder, das relações interpessoais, da solidariedade com as minorias. (GABEIRA, 1985, p. 23)

⁸⁷ Sobre isso ver VERAS, 2005, p. 72-84.

⁸⁸ Gabeira (1985, p. 75-6), ao falar sobre essa questão, dá o exemplo do parto alternativo. “O verdadeiro ponto dessa experiência alternativa é o elitismo. No momento, o tipo de parto de cócoras que descrevi só pode ser realizado por uma parte mínima da população, que reúna nível de consciência e dinheiro suficiente para pagá-lo. [...] é preciso admitir que o parto alternativo, com todo o seu potencial progressista, representa uma linha divisória: de um lado, nascendo com a ajuda das vanguardas internas e externas, [...] estão os filhos da classe média; do outro lado, nascendo em casa, sem recursos técnicos para casos complicados, ou então em hospitais pobres e superpovoados, estão as crianças das classes menos favorecidas. Tomando como verdadeira a hipótese de que o parto em condições novas contribui para a saúde psicológica dos bebês, o nascimento em circunstâncias alternativas já é um autêntico privilégio de berço que, associado ao tipo de conhecimento que será desenvolvido depois, pode criar uma nova elite”.

Para Gabeira, existem dois caminhos para o movimento alternativo brasileiro: “estretar os laços com o resto da sociedade, sobretudo com experiências alternativas dos setores mais pobres, ou fechar-se definitivamente num gueto de vanguarda” (ibidem, p. 36). A ativista americana Starhawk, ao analisar o movimento nos Estados Unidos, percebeu essa mesma dificuldade dos “alternativos” americanos de classe média em conseguirem apreender a realidade das classes oprimidas. Segundo ela, se o movimento alternativo quiser construir pontes e ampliar suas conexões, é preciso que façam um *esforço consciente* para expandir suas perspectivas, o que lhes dará mais terreno para a compreensão e comunicação.

Para diversificar nosso movimento, nós precisamos ser bons aliados de uma ampla gama de grupos e pessoas diversas. Muitos grupos de baixa renda estão necessariamente focados em questões locais imediatas que impactam mais diretamente suas vidas. Quando grupos focados na situação global adotam e apoiam suas causas, nós não só expandimos nossa base, mas também aprendemos a nos dirigir às complexidades reais das questões globais. Ser um bom aliado significa desenvolver não só relações políticas, mas pessoais. Significa conhecer as pessoas na totalidade de quem são, saindo para um café ou uma cerveja, passando tempo juntos, convidando pessoas para jantar, e não apenas para reuniões. [...] Ser um bom aliado significa oferecer apoio para as questões e preocupações dos outros, sem abandonar nossas próprias. (STARHAWK, 2007, p. 71-3, tradução nossa)

Uma experiência interessante de articulação entre duas realidades alternativas, no Brasil, foi realizada no âmbito da permacultura. Eduardo Antonio Bonzatto, professor do Departamento de História da PUC-SP, ao perceber as enormes possibilidades de aplicação de técnicas sustentáveis às habitações populares (não só por seu caráter ecológico, mas, também, por estimularem a autogestão), teve um grupo de alunos que, formando um grupo de estudos, procurou aplicar as técnicas da permacultura numa comunidade específica. Ele descreve o trabalho na Favela Jardim Vera Cruz, extremo da zona sul de São Paulo, que teve início em 2004. O grupo começou a frequentar eventos de música e dança (geralmente forró) do bairro, aos finais de semana. Por meio de conversas informais, foram se aproximando daquela realidade, de seus problemas e alegrias. Uma vez identificadas suas principais necessidades, o grupo passou a pesquisar técnicas de intervenção, e entenderam que a principal necessidade daquela comunidade era a construção de um esgoto ecológico.

Depois de feito o esgoto ecológico aqui descrito, mais ao fundo na comunidade em que trabalhamos aconteceu uma ocupação às margens da represa de Guarapiranga, em meados de 2006. Fomos até lá com o propósito de expandir nossas conexões. A emergência ali era de tal natureza que a

imediate construção do esgoto estabeleceu a empatia necessária, já que a ocupação estava ameaçada justamente devido à repercussão danosa que teria na represa. [...] Acreditávamos que, com tal dispositivo, a comunidade teria argumentos para convencer as autoridades da possibilidade de ocupação sem danos ao meio ambiente. No entanto, uma semana depois, um grupo não identificado destruiu todos os barracos e expulsou todos do terreno, que pelo que se sabe era público. [...] Mas o trabalho continua em outras comunidades, e não há dúvidas de que ele transforma todos os atores envolvidos, pois relações não hierárquicas constituem o modo verdadeiramente transformador em que a liberdade de escolher um outro mundo se apresenta em sua plenitude. Esse é um bom começo para deixarmos de ser cúmplices desse sistema reprodutor de injustiças. (BONZATTO, 2007, p. 88)

Essa experiência é muito interessante pelo modo dialógico e não hierárquico com o qual os estudantes fizeram a aproximação. Alunos de classe média se colocavam não como detentores de um conhecimento a ser aplicado, mas como “mais um na busca da realização conjunta”, “sem o poder e a arrogância daqueles que sabem para onde ir e se arrogam o direito de conduzir rebanhos para os caminhos da salvação” (BONZATTO, 2007, p. 90).

Podemos, assim, indicar três grandes desafios para a ecovila Andorinha: em primeiro lugar, ampliar o diálogo com os moradores da região, estabelecendo *também com eles* relações solidárias e não hierarquizadas. Um segundo passo seria, inclusive, ampliar o diálogo com outros movimentos sociais e experiências afins no Brasil. Diversos são os campos possíveis de articulação entre a experiência das ecovilas e a experiência de outros setores da sociedade brasileira. Eventos como o Fórum Social Mundial e a Cúpula dos Povos nos mostram que muitos diálogos são possíveis: “alternativos”, indígenas, pescadores, quilombolas, trabalhadores rurais, militantes da economia solidária e diversos outros movimentos possuem preocupações comuns. E a questão ambiental transpassa (e tem o potencial de unir) todos esses movimentos em uma mesma agenda: contra a expansão irrestrita do agronegócio, pelo empoderamento das comunidades, por um modelo de desenvolvimento que respeite a dignidade e saúde humanas. São todos movimentos de resistência à sociedade de consumo, em prol de justiça social e ambiental⁸⁹.

⁸⁹ Outro exemplo de experiência ecológica, comunitária e alternativa, mas que partiu das classes desprivilegiadas, foi a luta dos seringueiros da região amazônica, a partir dos anos 1970 e 1980, liderados inicialmente por Chico Mendes, e a consequente criação de comunidades designadas “reservas extrativistas”. Conforme narra Alier (2011, p. 175): “Os seringueiros do Acre formaram sindicatos, unindo-se em 1987 aos habitantes indígenas da Amazônia para formar a Aliança dos Povos da Floresta. [...] além de trabalhar com certo êxito na demarcação dos territórios indígenas tradicionais, poupando-os das consequências da privatização e dos cercamentos, criou novas

Um terceiro desafio para a ecovila Andorinha – e para o movimento alternativo como um todo – é o de ampliar o diálogo com representantes e instituições políticas, em nível regional e nacional. Alberto Melucci afirma ser importante que movimentos de âmbito cultural – como é o caso das ecovilas – não deixem de se envolver também com as questões políticas. Pois se esses grupos possuem um grande potencial de transformação social, as instâncias políticas continuam a ser as únicas capazes de recolher esse potencial e transformá-lo em decisões concretas. A mudança das sensibilidades começa nos pequenos grupos. Todavia, a articulação desses grupos com a política pode ampliar significativamente sua capacidade de influência e mudança social.

Aqui está toda a ambiguidade dos movimentos. Enquanto rejeitam um “social” sempre mais submetido à normalização, à ortopedia do comportamento, ao controle difuso, abrem, também, o caminho para uma fuga em direção ao mito da identidade, à retirada evasiva, e à ilusão de um indivíduo e uma natureza magicamente redimida dos vínculos do agir social. [...] As demandas coletivas não assumem uma forma política e, por isso, facilmente se fragmentam, rumam em direção à violência ou à expressividade. [...] A relação entre movimentos e sistemas de representação e de decisão é um nó crucial para as sociedades complexas. A capacidade das formas “políticas” de representação de recolher as demandas coletivas expressas pelos movimentos, transformando-as em decisões sem anular-lhe a autonomia; e a capacidade dos movimentos de dar-se formas de ação e organização que supõem a mediação política, sem identificar-se com ela, são os desafios que podem tornar os conflitos em motores de transformação. (MELUCCI, 2001, p. 93-94)

Este é um grande desafio para o movimento das ecovilas: mobilizar-se em ações políticas sem, no entanto, se identificar com elas ou perder seu caráter de resistência e proposição cultural alternativa.

Também para Sorrentino e seus colegas, a sociedade civil é a esfera onde nascem os novos valores e uma nova ordem que podem implicar uma mudança no Estado, uma nova estrutura. Segundo eles, existem atores e setores do Estado que operam na contramão da lógica do mercado e que, apesar da falta de recursos e dos paradoxos enfrentados, ainda lutam pela biodiversidade. São esses atores e setores (que Bourdieu chamou de “mão esquerda do Estado”) que “tendem a se alinhar com a sociedade civil na transformação cultural e social e na função de

modalidades comunitárias de propriedade do solo, as chamadas “reservas extrativistas”, uma ideia atribuída à antropóloga Mary Allegretti. Nessas áreas, os seringueiros e outros grupos sociais podiam coletar sustentavelmente o que necessitavam para sua subsistência direta e para o mercado, sem afetar a capacidade de regeneração da floresta. [...] As reservas extrativistas materializaram a *invenção de uma nova tradição comunitária* no meio da Amazônia por parte da população não-indígena”.

estimular a transformação do próprio Estado nessas novas direções” (SORRENTINO et. al., 2005, p. 287). Dessa forma, esses autores também apontam para a importância do diálogo democrático entre diferentes sujeitos – seja órgãos governamentais, sindicatos, organizações da sociedade civil ou movimentos sociais. A política deve ser entendida não como regulação *sobre* a sociedade, mas como uma relação dialética sociedade-Estado. “Assim, resgatar a política é fundamental para que se estabeleça uma ética da sustentabilidade resultante das lutas ambientalistas” (ibidem, p. 288).

Muitos são os autores que falam da importância dessa articulação entre ecovilas e instâncias políticas, mas ainda há poucos casos empíricos:

O desenvolvimento de comunidades sustentáveis e suas redes mundiais são as bases para um novo tipo de política nascido de um espírito de cooperação. No entanto, as comunidades em si não são a solução. [...] Esse processo precisa estar acompanhado de um espalhamento do modo de pensar comunal e ecológico para cidades e distritos. [...] Nós precisamos estar prontos para conversar com outros grupos e indivíduos com suas preocupações próprias (pobreza, desemprego, violência, medo do futuro, etc.), e não somente proclamar nossos próprios ideais. (NOLTE, 2007, p. 275, tradução nossa)

Um exemplo de ecovila que se envolveu intensamente com a política é a ecovila de Damanhur, na pequena cidade de Vidracco, na Itália. Tendo sido participantes na política local há muitos anos, seus membros fundaram, em 1995, um movimento político chamado *Com Te per il Paese (Com Você pelo País)*, e em 1999 um Damanhuriano foi eleito prefeito. Também passaram a participar nas eleições locais de outras cidades da sua região e elegeram conselheiros em nove distritos. Dessa forma, puderam colocar em prática diversos projetos ecológicos, como a instalação de um sistema duplo de circulação de água para reduzir desperdício e a remodelação do planejamento da cidade para incluir interesses ecológicos (CARRUBA, 2007, p. 221-7).

Apesar de haver um consenso no movimento global das ecovilas de que deve haver uma interação mais efetiva com a sociedade, na ecovila estudada esse passo ainda não foi dado, nem mesmo com os sítios do entorno. Devemos levar em conta, todavia, que a ecovila de Damanhur existe desde 1975. Segundo o sociólogo Wolfram Nolte, quando começam, as ecovilas e comunidades “estão ocupadas com seus próprios problemas e têm pouca energia disponível para construir boas relações e desenvolver projetos comuns com seus vizinhos”. Com o tempo, entretanto, elas tendem a se tornar centros ativos nas suas regiões, “oferecendo à

população novas possibilidades econômicas, sociais e culturais” (NOLTE, 2007, p. 275). Para Nolte, as comunidades precisam se aproximar do seu entorno para evitar a estagnação e o isolamento. “Similarmente, a sociedade precisa da experiência das comunidades, sobretudo a do pensamento cooperativo, se ela quer encontrar novas soluções”. As comunidades podem “oferecer para a sociedade a experiência viva de que um estilo de vida cooperativo e ecológico é possível” (ibidem, p. 276).

Dessa forma, enquanto é compreensível que a Comunidade Andorinha ainda esteja num processo de consolidação interna e, portanto, sem energia disponível para a ampliação do diálogo com outros grupos, é imprescindível que mantenham essa possibilidade em vista. Não somente em projetos de grande escala, mas, sobretudo, nas relações cotidianas com vizinhos e funcionários, no diálogo e na compreensão das preocupações próprias desses grupos.

Esse conjunto de críticas à visão alternativa significa apenas que é preciso estar sempre atento para as práticas de vanguarda que se distanciam da experiência comum, desprezam uma possibilidade de encontro dos dois mundos e acariciam, às vezes secretamente, a ilusão de um distanciamento cada vez maior, de um progresso continuado e solitário rumo a uma nova era, exclusiva e particular. [...] em quase todos os momentos em que se cantou vitória e se pensou estar realmente diante de uma situação nova, recuos, quedas, escorregões sempre se fizeram presente para mostrar que a mudança é muito boa, mas não tem nada de fácil como parecem sugerir as aventuras puramente verbais. [...] De qualquer maneira, o problema está colocado: o mundo alternativo pode responder a ele de uma forma dupla. Encontrar os caminhos de uma renovação permanente de atividade política interna, aperfeiçoando a democracia, e estabelecer relações adequadas com a sociedade em geral e suas estruturas políticas altamente deformantes. (GABEIRA, 1985, p. 78-83)

Mudança cultural

“O nascimento, no sentido convencional do termo, é somente o começo do nascimento num sentido mais vasto. A vida inteira do indivíduo não é outra coisa senão o processo de dar nascer a si próprio; na verdade, estaremos plenamente nascidos quando morrermos”
Eric Fromm

A passagem da vida urbana para a vida em ecovila exige uma mudança cultural, uma nova proposta de vida. Neste caso, não se trata tanto de uma mudança simbólica ou valorativa – pois os ecovilenses já tinham esses valores e essa forma de pensar *antes* de irem para a ecovila, sendo este o motivo que os levou até ali. O maior desafio que os ecovilenses encontram é o de vivenciar esses valores em sua vida cotidiana, o de encarnar essas sensibilidades na sua vida prática. Essa

mudança exige, como já vimos, que os indivíduos modifiquem hábitos e automatismos criados pela repetição de formas de ação próprias à vida na cidade. Para Bergson (2010), esse automatismo é uma espécie de memória armazenada no corpo (distinta, portanto, da memória-lembrança) e que é adquirida pela repetição de um mesmo esforço. Toda percepção provoca em nós movimentos motores pelo menos nascentes. “Esses movimentos, ao se repetirem, criam um mecanismo, adquirem a condição de hábito, e determinam em nós atitudes que acompanham automaticamente nossa percepção das coisas” (p. 91). E, assim, estar adaptado ao ambiente em que vivemos é esboçar, a cada percepção, movimentos habituais. “À medida que a impressão se repete, a conexão se consolida” (p. 105). Forma-se, assim, um mecanismo motor que tende a responder à nossa percepção das coisas com os mesmos movimentos, na mesma sequência e no mesmo espaço de tempo. Essa memória “já não nos representa o nosso passado, ela o encena” (p. 89).

Consequentemente, para uma efetuar mudança cultural é necessário romper com esses automatismos e criar novas conexões, novas respostas para as situações dadas, em uma mudança que é, portanto, também *corporal*. Podemos perceber esse desafio na maneira como os ecovilenses continuam a reproduzir modos de agir da cultura dominante. Se uma pessoa cresceu vendo os funcionários comerem na cozinha e isso se tornou algo tão natural, é automático o movimento que coloca o prato do funcionário ali. Sentar-se à mesa para comer com eles pode parecer um gesto estranho e anormal. Alguns ecovilenses apresentam também dificuldades em se adaptar ao ambiente rural, aos esforços físicos que esse ambiente exige, demonstram fobias a determinados insetos comuns dessas áreas, pois ainda não possuem um corpo adaptado a esse estilo de vida⁹⁰.

⁹⁰ Pierre Bourdieu desenvolveu o conceito de *habitus* para se referir a essa disposição incorporada, essa necessidade social “convertida em esquemas motores e automatismos corporais” (2009, p. 113), nos quais os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem princípios (naturalizados, não conscientes) geradores e organizadores de práticas e representações. O *habitus* “garante a presença ativa das experiências passadas que, depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem, de forma mais segura que todas as regras formais e que todas as normas explícitas, a garantir a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo” (2009, p. 90). É pelo *habitus* que as relações de dominação se reproduzem, não apenas na história objetivada, como, também, na história incorporada, ao limitar e condicionar a capacidade de geração infinita dos indivíduos. Dessa forma, “qualquer ação que tenha em vista opor o possível ao provável, isto é, ao porvir objetivamente inscrito na ordem estabelecida, tem de contar com o peso da história reificada e incorporada que, como num processo de *envelhecimento*, tende a reduzir o possível ao provável” (2010, p. 101). Pois as disposições do *habitus* são duráveis, capazes de sobreviver às condições econômicas e sociais de sua própria produção. Elas tendem a favorecer (num processo inconsciente) aquelas experiências

Kurt Lewin, ao analisar o processo de mudança cultural – ao qual ele chama de *reeducação* –, percebeu a importância dessa questão:

O processo reeducativo afeta o indivíduo de três maneiras. Muda-lhe a *estrutura cognitiva*, - a maneira de ver o mundo físico e social abrangendo-lhes os fatos, conceitos, crenças e expectativas. Modifica suas *valências e valores*, e estes compreendem tanto suas atrações e aversões a grupos e a padrões grupais como seus sentimentos em relação a diferenças de *status* e suas reações às fontes de aprovação e desaprovação. E afeta a *ação motora*, que inclui o grau de controle do indivíduo sobre seus movimentos físicos e sociais. Se essas três influências (e os processos que as provocam) fossem regidas pelas mesmas leis, a tarefa prática da reeducação seria muito mais simples. Infelizmente não são e, portanto, o reeducador enfrenta certas contradições. (LEWIN, 1945, p. 75)

No entanto, Lewin segue sua explanação abrangendo apenas os dois primeiros aspectos, sem desenvolver o terceiro aspecto, o da mudança corporal. Um físico que estudou profundamente o movimento e a mudança corporal foi Moshe Feldenkrais. Segundo ele, a melhor forma de modificar hábitos não é pela força, mas pela *percepção consciente*: dirigindo nossa atenção às ações que fazemos habitualmente, trazendo-as à consciência. Essa é uma possibilidade intrínseca aos seres humanos, pela nossa capacidade de “atrasar” a execução de uma ação, adiando-a ou evitando-a. Segundo ele, esse atraso entre o processo de pensamento e sua tradução em ação nos permite examinar o que está acontecendo dentro de nós – sendo esta, portanto, a base do julgamento intelectual e da imaginação, “a base material da consciência” (1977, p. 66).

O pensamento e o intelecto que sabem, são os inimigos do automatismo, da ação habitual. Este fato é ilustrado pela velha história da centopeia que não sabia mais andar, depois que lhe perguntaram em que ordem ela movia suas múltiplas pernas. É bastante frequente que quando perguntamos a uma pessoa o que ela está fazendo, que ela se torne confusa e incapaz de continuar. Neste caso, ela percebe de repente que a realização da ação não corresponde àquilo que ela pensava que estava fazendo. Sem consciência, nós realizamos o que os velhos sistemas cerebrais fazem à sua própria maneira [...]. (FELDENKRAIS, 1977, p. 68)

Dessa forma, para Feldenkrais, é impossível mudar hábitos confiando apenas em sensações. “Algum esforço mental consciente deverá ser exercido, até que a posição recém-ajustada deixe de ser percebida como anormal e se torne um novo hábito” (ibidem, p. 84).

que revivam e reativam experiências passadas. Assim, “o *habitus* tende a se proteger das crises e dos questionamentos críticos garantindo-se um meio ao qual está tão pré-adaptado quanto possível” (2009, p. 100).

Para Bergson, esse intervalo de tempo entre a percepção e a ação é possibilitado pela nossa estrutura nervosa. Nos seres humanos, todas as excitações recebidas, antes de acionarem alguma resposta motora, passam primeiro pelo cérebro. A partir daí existe um momento de *indeterminação* a partir do qual qualquer mecanismo poderá ser acionado. É esse momento de indeterminação que nos permite sermos espontâneos, imprevisíveis, criadores.

O cérebro é um órgão de *escolha*. [...] Que acontece quando uma de nossas ações cessa de ser espontânea para tornar-se automática? A consciência se retira dela. [...] Quais são, por outro lado, os momentos em que nossa consciência atinge maior vivacidade? Não são os momentos de crise interior, em que hesitamos entre duas ou várias opções, quando sentimos que nosso futuro será o que dele tivermos feito? As variações de intensidade de nossa consciência parecem, pois, corresponder à quantidade mais ou menos considerável de escolha ou, se quiser, de criação, que distribuímos sobre nossa conduta. [...] O ser vivo escolhe ou tende a escolher. Sua função é criar. Num momento em que todo o restante está determinado, uma zona de indeterminação rodeia o ser vivo. [...] A matéria é necessidade, a consciência é liberdade [...]. (BERGSON, 1974, p. 79-81)

No campo da sociologia da cultura, Ann Swidler estudou a mudança cultural, especialmente no contexto dos movimentos sociais. Baseando-se no conceito de *habitus*, de Bourdieu, ela demonstra como os indivíduos tendem a utilizar formas de ação com as quais estão acostumados e para as quais possuem uma disposição incorporada, isto é, um “equipamento cultural”.

Tal influência cultural pode ser observada na “defasagem cultural”. As pessoas não aproveitam prontamente as vantagens de novas oportunidades estruturais que requerem o abandono de modos de vida estabelecidos. Não porque elas se prendem a valores culturais, mas porque elas são relutantes em abandonar estratégias de ação familiares para as quais elas possuem o equipamento cultural. (SWIDLER, 1986, p. 281, tradução nossa)

Dessa forma, indivíduos que tiveram boa educação escolar ficam relutantes em tirar seus filhos de escolas boas na cidade para colocá-los numa escola rural ou do interior, temerosos que eles deixem de ter o equipamento cultural que lhes permitirão privilégios na vida futura. Também apresentam dificuldades em assumir trabalhos braçais e de limpeza para os quais não foram educados e para os quais não possuem as habilidades necessárias.

A contribuição especial de Bourdieu (1984) é mostrar o quão profundamente as desigualdades entre os mais privilegiados e os menos privilegiados penetram nas pessoas, constituindo as capacidades fundamentais para julgamento, resposta estética, relaxamento social ou confiança política com os quais eles agem no mundo. Os atores usam a cultura de formas criativas para avançar seus próprios interesses em um sistema de poder desigual, mas

o efeito dessa luta é o de reproduzir as estruturas básicas do sistema. (SWIDLER, 1995, p. 30, tradução nossa)

No entanto, para Swidler, os indivíduos estão constantemente refinando suas capacidades culturais. É possível, portanto, aprender novas maneiras de organizar a ação individual e coletiva, e praticar hábitos não familiares até que se tornem familiares. Nesses casos, complementa Swidler (1986, p. 278), “doutrina, símbolo e ritual moldam diretamente a ação”. Isto é, quanto mais articulado e autoconsciente for um sistema de crenças, mais incentivo há para a formulação e prática de novas formas de ação. As ideologias têm esse potencial de construir e regular os padrões de conduta.

Um exemplo extremo de como uma doutrina molda uma mudança cultural pode ser encontrado na experiência dos kibutzim em sua fase socialista. O ingresso de um indivíduo num kibutz exigia mudanças bruscas, e muitas vezes até violentas para seus membros. Numa entrevista pessoal, Bóris Dahis contou sua experiência no kibutz *Bror Chail*, onde viveu entre 1957 e 1963 e, depois, entre 1969 e 1985:

Veja, a mudança foi muito brusca, foi muito brusca. Mas quando você está em grupo, você não sente. Quando você está com aquele fervor ideológico, não é? [...] Olha, essa época que chamava de halutziot, era de pioneirismo, foi uma época muito difícil. Muito, muito difícil. Por exemplo, os primeiros que fundaram lá o kibutz eles moravam em barracas de lona. Eu já cheguei numa época de luxo porque eu morei em barracão de madeira. Nós morávamos três num quarto, isso era luxo já. [...] Mas o fanatismo era tanto naquela época, esse sistema de igualdade, de socialismo vamos dizer, que quando nós chegamos aqui no Brasil, cada judeu quis fazer um enxoval melhor pra filha e pro filho, não é? E quando chegou lá, você não podia ter nada particular seu. Principalmente as meninas sofreram muito, porque pegaram as roupas delas e colocaram todas dentro de um monte e falaram “escolham dois vestidos”. E os rapazes, a mesma coisa. E você não podia... Às vezes você vai lá e escolhe duas camisas: você era baixinho, a camisa ficava comprida demais. Você era compridão, a camisa ficava curta demais. E quando minha mãe me mandava de vez em quando uma latinha de Nescafé, eu tinha que dividir com todo mundo. Colherinha por colherinha dividido, era tal ponto o fanatismo!

Dessa forma, podemos perceber que ideologias rígidas e bem organizadas favorecem (e talvez sejam essenciais para) uma mudança cultural mais brusca. Ann Swidler explica isso:

Pessoas desenvolvendo novas estratégias de ação dependem de modelos culturais para aprender estilos de ser, relacionamentos, cooperação, autoridade, e assim por diante. Comprometimento com tal ideologia, originada talvez na conversão, é mais consciente do que quando indivíduos estão mergulhados em culturas assentadas, representando um corte com algum modelo alternativo de vida. Essas culturas explícitas podem bem ser chamadas de “sistemas”. Enquanto não perfeitamente consistentes, elas aspiram oferecer não múltiplas respostas, mas uma resposta unificada à questão de como os humanos devem viver. Em conflito com outros modelos

culturais, essas culturas são coerentes porque precisam lutar para dominar as visões de mundo, suposições e hábitos de seus membros. (SWIDLER, 1986, p. 279, tradução nossa)

No caso da ecovila estudada, apesar de haverem visões de mundo e modelos de ação, não há regras rígidas de conduta, nem exige uma “conversão”. Dessa forma, a mudança pode se dar de forma mais gradual, pelo desejo individual de mudança, mas também pela influência do grupo: tanto nos aprendizados mútuos quanto no desejo dos indivíduos em afirmarem uma conduta exemplar. Nesse caso, apesar das mudanças se darem num ritmo mais lento e exigirem um esforço maior de atenção e de percepção consciente, elas possuem mais chances de se enraizarem no cotidiano, pois não são fruto de uma conversão súbita e imposta, mas emergem do próprio desejo de seus membros e no seu próprio tempo.

Com base nessas reflexões, podemos sugerir que, se os ecovilenses querem efetuar uma mudança cultural mais profunda, inclusive estabelecendo relações mais solidárias com os funcionários e habitantes do entorno, é preciso que *se tornem conscientes* dessas contradições, que passem a levar sua atenção para a forma como agem nessas relações (pensando antes de agir) e articulando uma visão mais explícita das mudanças que querem promover. Ao formularem de maneira mais clara qual o tipo de relação que eles querem estabelecer com o entorno, isso pode ser um elemento importante na construção e manutenção de novos padrões de conduta. Quanto mais explícitas e articuladas forem essas tentativas de mudança, e quanto mais compartilhadas pelo grupo, maiores são as chances de sua efetiva incorporação no cotidiano dos indivíduos. Formas de ação que não são conscientemente examinadas tendem a seguir hábitos familiares e internalizados pelas experiências passadas.

Ao se proporem a criar novas práticas cotidianas, novas formas de relação com os outros e com a natureza, os ecovilenses estão, aos poucos, criando novos conteúdos. E conforme essas novas estratégias de ação vão sendo habitadas e incorporadas, os antigos hábitos tendem a perder a sua força. Nessa criação, nessa reinvenção de si mesmos, os indivíduos estão realizando o que Bergson acredita ser o verdadeiro potencial de vida e liberdade que os seres humanos possuem:

Se, pois, em todos os domínios, o triunfo da vida é a criação, não devemos supor que a vida humana tem sua razão de ser numa criação que pode [...] prosseguir em todos os momentos, em todos os homens: a criação de si por

si, o engrandecimento da personalidade por um esforço que tira muito do pouco, alguma coisa do nada, aumenta incessantemente o que havia de riqueza no mundo? [...] Mas a forma de um vivente [não humano], uma vez esboçada, repete-se indefinidamente; mas os atos deste vivente [não humano], uma vez efetuados, tendem a imitarem-se a si mesmos e a recomeçarem automaticamente: automatismo e repetição, que dominam por toda a parte, exceto no homem, deveriam nos advertir que estamos bem alto, e que a estagnação em que vivemos não é o próprio movimento da vida. [...] Esta vida, eu a represento ainda como uma vida de luta e como uma exigência de invenção, como uma evolução criadora [...]. (BERGSON, 1974, p. 86-88)

Para Lewin, a presença de um grupo solidário e o sentimento de pertencimento facilitam o processo de mudança cultural. Pois ao “ancorar sua própria conduta em algo grande, substancial e supraindividual, como a cultura de um grupo, é que o indivíduo pode estabilizar suas novas crenças o suficiente para mantê-las imunes das flutuações diárias de estados de ânimo e de influências a que ele está sujeito como indivíduo” (LEWIN, 1945, p. 75). No entanto, enquanto para Lewin a mudança cultural só se efetua quando o indivíduo consegue modificar igualmente os três aspectos – cognitivo, valorativo e corporal -, para Feldenkrais, nós agimos como uma totalidade, e, mesmo quando conseguimos mudar apenas uma pequena parte do nosso sistema, todo o nosso ser é afetado.

Também para Oliveira (2006, p. 113), por mais sensível e aberto que seja o processo de mudança, dificilmente ele é efetuado integralmente, ponto por ponto. Mas nem por isso ele deixa de ser significativo. “É preciso, então, que [os indivíduos] tenham um espírito arejado, sem reservas às mudanças. Este processo percorre etapas graduais, nem sempre em escala evolutiva, passando pela hostilidade e também pela aceitação relativa de novos valores”. A constituição de grupos solidários é uma forma de estimular “as pessoas a enfrentarem as injunções da sorte, agora não mais isolada e fragilmente, mas com a presença do coletivo a fortalecer os indivíduos e aumentar as chances de superação”.

Essa mudança de cultura proposta pela ecovila é, portanto, um processo gradual e contraditório, no entanto possível e realizador. Para o ecovilense Otávio, reaprender uma vida rural e comunitária é fácil, até mesmo intuitivo, já que está gravada na memória de nossa espécie. “As pessoas têm esse contato com a terra intuitivamente”, ele me disse certa vez. “É mais fácil voltar a ter isso, porque esse jeito de viver [nas cidades] é novo. Nós passamos muito mais milhares de anos caçando e coletando do que comprando em supermercado”.

Além disso, o que para nós é uma mudança cultural que exige esforço de atenção, para a nova geração que crescer numa cultura já transformada e recriada, essas novas formas de ação serão naturais. Pude constatar isso em minha própria experiência cotidiana, quando brincava com minha filha de dois anos que íamos ao mercado e ela me disse: “Espera! Temos que levar uma sacola!”.

3.3 Cultura como *coeducação*

“Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais”.
Paulo Freire

Em seu estudo com avós e netos de classes populares, Paulo de Salles Oliveira utiliza o termo *coeducação* para designar a modificação recíproca dos sujeitos que ocorre quando ambos convergem na “busca de relações igualitárias, acatando (e não abolindo) as diferenças” (1999, p. 277).

Há predisposição de parte a parte em acolher, em abrigar e em sustentar, mesmo que modificadamente, as sugestões oferecidas na convivência diária. Claro que persistem diferenças, mas elas são bem-vindas em relações que se pautam pela democratização, pela aceitação do outro e pelo respeito que este faz por merecer como pessoa. Perceber-se diferente e simultaneamente partícipe de uma vida comum é um dos pontos altos desta coeducação. (OLIVEIRA, 1999, p. 28)

Na ecovila, essa coeducação também ocorre. Ao estarem dispostos ao diálogo e à troca de experiências, ao criarem relações igualitárias numa convivência respeitadora das diversidades, os membros da Andorinha podem não só aprender uns com os outros, mas, sobretudo, aprender em comunhão, como queria Paulo Freire (1981, p. 79): “ninguém educa ninguém, como também ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Dessa forma, a ecovila propicia uma coeducação na qual não há mais diferenças entre educador e educando, e sim, uma comunidade de indivíduos que estão, juntos, problematizando o mundo e buscando soluções coletivas para as questões percebidas. Soluções que não estão dadas nos livros ou na fala de especialistas, mas são experimentações, pelo método da tentativa e erro, no seu próprio ritmo e desejo. Esse tipo de coeducação só pode ocorrer quando os homens não se veem mais como detentores do conhecimento ou da verdade, mas quando têm a

humildade de se reconhecerem inacabados, inconclusos, e, por isso mesmo, *humanos*.

Os seres humanos nascem prematuros e inacabados. No entanto, para Lapassade, esta não é somente uma característica da infância, mas uma característica humana. Ou seja, não existe um estágio adulto onde estaremos “maduros”. “O inacabamento permanente do indivíduo verifica-se à imagem do inacabamento permanente da espécie” (1975, p. 38). E é esse inacabamento que possibilita a própria cultura, pois se o homem tivesse ficado no estágio de um animal acabado, não haveria história humana. “Um ser vivo acabado, ajustado ao seu meio de vida, não tem necessidade de progredir, de inventar respostas às exigências do meio, às suas carências, de encontrar meios de compensar as suas inferioridades” (LAPASSADE, 1975, p. 39). É esse inacabamento próprio da espécie humana que nos permite estarmos constantemente nos recriando, qualquer que seja a idade. Em sua pesquisa, Oliveira mostrou que mesmo os velhos, quando colocados numa situação de convivência igualitária com os netos, percorrem uma “trilha de transformações”, recriando novos sentidos para sua existência, constituindo um novo *entrar na vida*. Também eles demonstram um movimento de mudança, mesmo que, muitas vezes, nem eles próprios percebam o quanto se modificaram.

Sem amarras incômodas, pode-se pensar a vida com base na ética e na arte que lhe empresta Erich Fromm. Viver, ressalta ele, envolve um trabalho, “o processo da gente se tornar aquilo que é potencialmente. Na arte de viver, o homem é simultaneamente o artista e o objeto de sua arte”. Na vida em construção, os homens são os artífices, existe lentidão, há descontinuidade, os ritmos são diversos, o inesperado acontece e sempre uma luta digna está à espera de nossa adesão voluntária e verdadeira. Tanto individual quanto socialmente, a vida dos homens dentro da dialética é sempre totalização em curso, sem jamais ser totalidade acabada; por isso, a entrada na vida não se faz como passagem de um estágio ao outro, mas como um enfrentamento que não tem mais ponto final [...]. (OLIVEIRA, 1999, p. 46)

Oliveira afirma, nesse processo, a importância do Outro, aquele que testemunha nosso inacabamento e nos ajuda a nos humanizar. A recriação de si só pode ocorrer, portanto, no encontro genuíno com o Outro. Na ecovila Andorinha nos defrontamos com pessoas das mais diferentes idades, das mais diferentes profissões e visões de mundo discutindo como iguais, em busca da concretização de um projeto comum. Não só nas reuniões, mas nos bate-papos do dia-a-dia; na amizade; na troca de experiências; nos gestos de um que podem servir de referência ao outro; e também nas divergências, enquanto procuram compreender uma visão diferente da sua; no conflito que os faz rever suas posições e, assim,

entender melhor a si mesmos: em todos esses momentos, cada membro exerce influência sobre o outro. A coeducação se desenvolve, portanto, através de fortes laços sociais (OLIVEIRA, 1999, p. 27-28), ou seja, pela *amizade*; e não se esgota no plano das ideias, isto é, não se trata de um conhecimento acabado que é “ensinado”, mas uma transformação que permeia toda a vida dos envolvidos. Aproxima-se, portanto, da noção grega de *paidéia*: “educação formadora de conduta virtuosa”. Segundo Olgária Matos a *paidéia* não é, para os gregos, uma aquisição passiva de conhecimento, “mas atividade que, através desse generoso sentimento, a *phylia* [amizade], ultrapassa a dimensão da sabedoria contemplativa e se expande em amor por todos os homens e pela humanidade” (2006, p. 150).

Paidéia é a palavra grega que mais se aproxima de *cultura*, referindo-se àquilo que se ensina às crianças. Possui a mesma raiz de pedagogia e pedagogo. Ambos os conceitos, *cultura* e *paidéia*, se relacionam com um processo, com um movimento direcionado ao futuro, com o vir-a-ser (BOSI, 1992, p. 16). Dessa forma, a cultura alternativa também pode ser entendida como essa coeducação: convivência e amizade que transformam. Juntos, os ecovilenses vão criando novas interpretações de mundo, novas formas de ação e novas invenções.

Na ecovila, as relações de amizade, a abertura para o outro, o diálogo e o caráter prático de seus conceitos criam um local com grande potencial reeducativo. Reeducação entendida aqui como transformação da vida em sua totalidade, e não como algum conteúdo específico a ser assimilado. Durante minha pesquisa de campo, fui incluída nessas relações e, talvez por isso, minha vivência ali tenha me afetado muito mais do que todos os livros de ecologia que eu tinha lido até então. Minha maneira de ver o mundo e agir sobre ele foi modificado, ou seja, também fui incluída nessa coeducação.

Outro aspecto que contribui para essa mútua influência é o caráter acolhedor do grupo, que não exige mudanças súbitas, extremas, nem uma “conversão”. As pessoas se sentem mais à vontade para assumir suas dificuldades e incoerências sem serem taxadas. Sentem-se mais à vontade, também, para se modificar naturalmente, em seu próprio ritmo, pela convivência em si, pela tomada de consciência das limitações da sociedade de consumo e pela busca, também conjunta, de formas de superar essas limitações.

Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isso, cada vez mais desalienada. [...] É assim que se dá o reconhecimento que engaja. [...] E para fazê-lo autenticamente, é necessário, inclusive, que a situação em que estão não lhes apareça como algo fatal e intransponível, mas como uma situação desafiadora, que apenas os limita. [...] O fatalismo cede, então, seu lugar ao ímpeto de transformação e de busca, de que os homens se sentem sujeitos. [...] Esta busca do Ser Mais, porém, não pode realizar-se no isolamento do individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires [...]. (FREIRE, 1981, p. 80;85-6)

Para Freire, as atuais relações educador-educando, em todos os níveis da escola, seguem uma relação “bancária”, na qual o educador “deposita” o conteúdo nos educandos, que devem memorizá-los, guardá-los, arquivá-los. O educador é sempre o que sabe, enquanto os educandos são sempre os que não sabem. Os homens são vistos, portanto, como seres de adaptação, de ajustamento. Nessa visão distorcida da educação “não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também” (1981, p. 66). Ao vislumbrar uma pedagogia libertária, Freire rejeita a rigidez dessas posições e afirma a educação e o conhecimento como *processo de busca*, na qual os homens se inscrevem como seres inconclusos. Nessa visão alternativa, os homens podem desenvolver em si a consciência crítica por meio da qual se inserem no mundo como *transformadores dele*, isto é, como sujeitos (ibidem, p. 68).

Diversos autores têm partido da pedagogia freireana para pensar a educação ambiental hoje. Marcos Sorrentino e seus colegas, por exemplo, defendem uma educação ambiental emancipadora, materializada em valores éticos e que contribua para formar uma coletividade que é responsável pelo mundo que habita.

Ela deve, portanto, ser direcionada para a cidadania ativa considerando seu sentido de pertencimento e corresponsabilidade que, por meio da ação coletiva e organizada, busca a compreensão e a superação das causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais. Trata-se de construir uma cultura ecológica que compreende natureza e sociedade como dimensões intrinsecamente relacionadas e que não podem mais ser pensadas – seja nas decisões governamentais, seja nas ações da sociedade civil – de forma separada, independente ou autônoma. Em lugar de imobilização lamentosa, temos a convicção de que ações educacionais participativas pela responsabilidade ambiental resultam no envolvimento e na organização de pessoas e grupos sociais nas lutas [...] que questionam as necessidades materiais simbólicas de consumo e desvelam outras possibilidades de felicidade, alegria e vida. (SORRENTINO et. al., 2005, p. 288-290)

A ecovila Andorinha é um espaço de grande potencial reeducativo, tanto para seus membros quanto para visitantes. Ela oferece uma vivência participativa e integral em uma *busca* por alternativas de vida, relacionamento, consumo, felicidade, etc.; podendo se tornar, assim, um centro ativo de educação ambiental. Educação que não se limita à transferência de informações, mas sim como um espaço de diálogo, reflexão e criação (conjunta) de alternativas para os problemas socioambientais.

Trajber e Sorrentino (2008, p. 158) afirmam que a educação ambiental não pode se limitar à aquisição de conhecimentos *sobre* o ambiente, mas deve ser também uma educação *no* meio ambiente (vivencial); *para* o meio ambiente (engajamento em projetos e ações cotidianas); e *a partir* do meio ambiente (considerando saberes tradicionais, revisando valores, ética, atitudes e reconhecendo a diversidade de seres vivos). Um programa de educação ambiental deve se apoiar, segundo esses autores, em grupos locais (assim como os “Círculos de Cultura” de Paulo Freire): espaços de trabalho, pesquisa, vivências, onde todos têm a palavra, possibilitando a construção coletiva do conhecimento.

Nesse sentido, a educação ambiental cria uma interface entre os dois sentidos etimológicos da palavra latina para educação: *educare* e *educere*. Estamos acostumados com o significado de *educare*, favorecendo o estabelecimento de currículos e programas de ensino formais, mas o diálogo resgata o *educere*, que significa “tirar de dentro o que cada um e cada uma têm de melhor”, quando motivados pela paixão, pela delícia do conhecimento voltado para a emancipação humana em sua complexa dimensão da beleza e da manutenção da vida. (TRAJBER e SORRENTINO, 2008, p. 159)

Dessa forma, as ecovilas podem ter um papel a desempenhar nesse projeto de educação ambiental para a corresponsabilidade, para a criação de novos valores e novas formas de vida. Não só pelo conhecimento ecológico que têm desenvolvido, mas, sobretudo, por seu caráter vivencial, comunitário, democrático, engajado e solidário, favorável portanto a uma coeducação. Um exemplo de iniciativa nesse sentido está sendo realizada pelo americano Daniel Greenberg, que vive na comunidade de Sirius, em Massachusetts. Ele fundou um programa pioneiro (chamado *Living Routes*) unindo academia e ecovilas, com a formulação de programas acadêmicos credenciados pela Universidade de Massachusetts que são realizados em diversas ecovilas ao redor do mundo – inclusive no IPEC (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado), no Brasil. Segundo Greenberg, as ecovilas oferecem campi ideais para uma educação em sustentabilidade por diversas razões:

por seu caráter experimental e inovador; por promoverem a cooperação ao invés da competição; por seu caráter transdisciplinar e não fragmentado; por ser uma comunidade viva, na qual os estudantes podem refletir e compartilhar suas experiências; por promover intercâmbios culturais; por seu caráter prático e integrador, vendo os indivíduos em sua totalidade e não somente pelo aspecto mental; e, finalmente, por não se restringirem a apresentar os *problemas* globais, mas por darem aos estudantes a oportunidade de *serem parte da solução*⁹¹.

Nós precisamos agora mover-nos para além da era industrial e começarmos a treinar líderes para o século 21 – líderes que saibam como *curar* a Terra e construir economias duráveis e comunidades sustentáveis. Mas como? Einstein disse uma vez, “Nós não podemos solucionar problemas usando a mesma forma de pensar que usamos quando os criamos”. Então, talvez nós também precisemos nos mover para além das torres de marfim da academia tradicional e criarmos campi e pedagogias que são mais capazes de educar para um futuro sustentável. (GREENBERG, 2007, p. 236, tradução nossa)

Muitas comunidades e ecovilas, de fato, tendem a se tornar centros educativos, oferecendo hospedagem, cursos e vivências. No entanto, para poderem se sustentar, esses cursos acabam apresentando um alto custo financeiro, mantendo-se inacessíveis portanto para grande parte da população⁹². Uma possibilidade que fica em aberto e que poderia ser desenvolvida é a criação de parcerias entre ecovilas e escolas públicas de todos os níveis, possibilitando, assim, a ampliação do diálogo entre ecovilenses e sociedade, e contribuindo também para a continuidade dessas experiências comunitárias.

⁹¹ Diversos depoimentos de estudantes desse programa apontam para a possibilidade de um aprendizado problematizador e engajador. Um estudante da Universidade de Vermont que fez um curso no IPEC durante o verão de 2007 escreveu o seguinte depoimento: “Meu tempo no IPEC acabou, mas as experiências e questões que encontrei lá se plantaram em nichos pequenos mas vitais nos meus pensamentos. Eu sinto que, conforme o tempo passa, essas sementes de experiências estão crescendo. Eu já comecei a ver mudanças nas minhas ações no meu curto tempo em casa. O programa como um todo desafiou as perspectivas que tenho sobre mim e sobre o mundo ao meu redor, especialmente as relações entre dois. O programa enquadrando efetivamente questões de direção pessoal e responsabilidade global de forma a provocar pensamentos e discussões internas e em grupo. Esse processo afirmou alguns de meus valores e questionou outros – levando a uma intensa reavaliação pessoal” (LIVING ROUTES, tradução nossa).

⁹² Esse é um dos grandes desafios que se apresentam para o movimento alternativo como um todo. Pois ao se manterem num circuito elitista, podem acabar por reproduzir uma cultura da desigualdade. “Se o mundo alternativo não se bate pela universalização de suas conquistas, ele pode criar privilegiados e aumentar o fosso que existe entre um setor da população e os pobres” (GABEIRA, 1985, p. 75-6). Esse é um ponto importantíssimo e que é pouco discutido no meio alternativo. A não universalização de todas essas práticas que criam uma cultura mais solidária e integrada pode acabar por aprofundar as desigualdades existentes, ao privilegiar apenas uma pequena parte da sociedade que pode pagar por essas experiências.

Falar de *cultura* como *coeducação* é falar de uma cultura *viva* e democrática, em constante recriação, na qual cada um pode ser participante e criador. Uma cultura que está sempre em movimento, nunca madura nem acabada, sempre colocando novas questões – não para se lamentar, mas para provocar o engajamento, a busca de novos desafios e novos projetos. Entender cultura como coeducação é, portanto, assumirmo-nos como seres inconclusos que, em comunhão, embarcam num permanente movimento de busca pela transformação da realidade.

Um modo de viver já se esgotou mas o novo ainda não apareceu no horizonte. Somos condenados a experimentar, sem nenhuma segurança de que o futuro será exatamente como prevemos, de que nossas concepções de agora não se tornarão conservadoras logo adiante. O importante é aceitar a ideia de que as pessoas evoluem, que vivemos um processo que nos transcende, herdando conquistas do passado e preparando, com nossos erros e vacilações, os grandes saltos do futuro. [...] Vida alternativa. Alter vida. Outra vida. Isto não só é possível como é a única e gigantesca tarefa deixada para as pessoas que não aceitam a realidade como ela é e caem no mundo na esperança de modificá-la. (GABEIRA, 1985, p. 85)

PALAVRAS FINAIS

PALAVRAS FINAIS

“Unidos na entrega aos outros e no desejo absoluto de um mundo mais humano, resistamos.”
Ernesto Sabato

O objetivo desta pesquisa foi o de investigar a ecovila como um espaço que se propõe a criar uma cultura alternativa em relação aos modos de agir e pensar da sociedade de consumo. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo na Comunidade Andorinha, durante a qual pude acompanhar suas reuniões, celebrações e a vida cotidiana de seus membros. O *olhar* adotado para estudar essa comunidade foi um olhar móvel (BENJAMIN) e intuitivo (BERGSON), numa atitude aberta e desarmada (BOSI), procurando, assim, captar os ecovilenses em seu próprio movimento. Atitude que me permitiu ser afetada pela convivência com os sujeitos pesquisados, aproximando-me de sua proposta de vida (OLIVEIRA).

A Comunidade Andorinha foi entendida como criadora de uma cultura diferenciada, oferecendo resistência a determinados aspectos da cultura da sociedade de consumo e, ao mesmo tempo, propondo novas formas de vida, relacionamento, solidariedade, lazer e responsabilidade. A cultura da sociedade de consumo é marcada pelo anestesiamento do corpo (SENNETT): os indivíduos perdem o vínculo com a experiência sensória, com o espaço pelo qual se deslocam e com pessoas ao redor. Suas vidas se tornam fragmentadas e individualizadas. Distanciadas da vida coletiva, as pessoas buscam a felicidade por meio da aquisição e fruição de bens materiais, comodidades, viagens e pelo consumo das *mass media* (FRIEDMANN). Nessa cultura, os indivíduos tendem a perder vínculos profundos e de longo prazo com as pessoas e os lugares. Relações superficiais exigem cooperação e cordialidade também superficiais, que inibem o conflito por meio do qual as pessoas podem ouvir e acolher suas diferenças (SENNETT). A própria ciência e as técnicas tornaram-se cada vez mais apartadas do mundo dos sentidos (ARENDT), cada vez mais distanciadas da vida do homem, da medida humana (WEIL). Nesse universo individualizante e fragmentado, as pessoas não se sentem responsáveis pelo mundo em que habitam, incapazes de abarcar a totalidade dos mecanismos que regem suas vidas, num sentimento de *estranhamento do mundo* (ARENDT), ou seja, na sensação de *desenraizamento* (WEIL).

Nesse contexto, a vida em ecovila procura reabilitar a experiência sensível do mundo e dos outros, estreitando os laços entre as pessoas e com o lugar. Uma das formas de reabilitar a experiência sensível se dá por meio de uma postura contemplativa diante da natureza, buscando a satisfação que esse modo de percepção proporciona: a beleza de uma lua cheia, o som dos pássaros, caminhar pela noite estrelada, observar as plantas. Essa postura contemplativa diante da natureza tem o potencial de transformar o que os indivíduos acreditam serem suas necessidades básicas. As mercadorias, tecnologias, televisão e entretenimentos da vida urbana deixam de ser essenciais e os ecovilenses passam a descobrir outras formas não materiais de prazer: encontrando os outros membros para uma conversa ou meditação, conectando seu ritmo corporal ao ritmo da natureza, valorizando os pequenos gestos de solidariedade, compartilhando momentos alegres e tristes, e sentindo que sua vida e suas ações estão de acordo com seus valores morais. Todos os entrevistados demonstraram o desejo de se afastar da vida urbana, pois acreditam ter encontrado um modo de vida muito mais gratificante – tanto na relação com a natureza, como na convivência entre as pessoas.

Na sociedade de consumo, intuição, espiritualidade e imaginação são dimensões da existência que tendem a ficar segregadas da experiência socialmente aprovada (o trabalho “produtivo” e o conhecimento “objetivo”), sendo a elas relegado um espaço reduzido e marginal. Na ecovila, ao contrário, os membros procuram integrar essas dimensões em todos os aspectos de suas vidas, desde a alimentação, as rodas, conversas, trabalhos, leituras, até a própria busca de vida em comunidade. Afirmam uma espiritualidade heterogênea, diversa, estreitamente relacionada com a visão ecológica e com o respeito da alteridade – seja essa alteridade outro indivíduo, outra visão de mundo ou outra espécie.

Na ecovila, a experiência intuitiva e a objetiva não são consideradas opostas, e sim, complementares. Da mesma maneira em que a natureza é apreendida em sua dimensão estética, ela é, também, problematizada em suas relações ecológicas e sociais. Dessa forma, estimulam o debate sobre a degradação ambiental, o uso de agrotóxicos, a cadeia produtiva, tecnologias sustentáveis e as questões ambientais globais, valorizando a utilização de técnicas ecológicas: bioconstrução, captação de água da chuva, uso de energia solar, separação do lixo, compostagem, esgoto ecológico, redução do descarte, reaproveitamento de materiais, cuidado com os

produtos químicos utilizados e com a origem dos produtos adquiridos, etc. Os ecovilenses buscam problematizar as questões ambientais globais e traduzir esses desafios em sua vida cotidiana, assumindo a responsabilidade por suas ações no mundo.

Ao proporem uma ligação mais profunda com a experiência sensível, estabelecem, conseqüentemente, uma conexão mais profunda com o lugar e com as pessoas. Cada ecovilense passa ser contemplado em seu modo próprio de ser, de forma inteira e autêntica, seja na convivência diária como por meio de práticas de partilha (como as meditações em grupo ou o “círculo do coração”). A autogestão contribui para que cada indivíduo seja entendido como uma pessoa única e singular, capaz de expressar uma visão própria e de trazer uma contribuição única para o grupo. Da mesma forma, cada indivíduo pode ver as marcas de suas contribuições na sua comunidade, participar das decisões que o afetam, desenvolvendo o senso de *enraizamento*.

Outra característica da Comunidade Andorinha que se apresenta como resistência é a proposição de formas alternativas de trabalho e lazer, valorizando as atividades coletivas, o compartilhamento de saberes e a criatividade, tanto nos grupos de trabalho como nas celebrações. Nessas atividades, percebemos uma estética diferente, na qual o *fazer junto* é mais importante do que o resultado final – o processo mais importante do que o produto – como pudemos ver nos inúmeros debates sobre a construção do Centro Comunitário. Nesses debates, vimos que adotar um caminho alternativo e solidário pode ser muito mais difícil e conflituoso do que seguir a maneira habitual de ação. Solidário e conflituoso não sendo, portanto, conceitos opostos, pois *saber lidar com o conflito de forma respeitosa e acolhedora é o que faz um caminho solidário* – e não a supressão do conflito (OLIVEIRA, SENNETT).

Na cultura dominante, a desigualdade, a fragmentação (temporal, espacial e interior) dos indivíduos e a degradação ambiental continuam a ser justificadas pelo mito do progresso, de um futuro promissor que solucionará todos os problemas por meio de um desenvolvimento cada vez maior das técnicas e da ciência. Continua a ser justificada, também, pelos confortos que oferece, pela quantidade cada vez maior de produtos e serviços produzidos para suprir as necessidades humanas; necessidades essas que, apesar de socialmente construídas, tornaram-se como que

naturais. Essa cultura do consumo é produzida e reproduzida por cada um de nós, em nossa convivência, em nossa *servidão voluntária* (BOÉTIE). Acostumamo-nos a esse estado de coisas e esquecemo-nos de que a realidade não é um *destino dado* (FREIRE), mas um *projeto sempre inacabado*, constantemente recriado pelos homens. Nessa visão do mundo como projeto, fica claro que não podemos mais pensar o meio ambiente como uma dimensão independente da cultura, já que o significado que atribuímos à natureza e a forma como nos relacionarmos com ela têm grandes impactos na sua destruição e/ou preservação (JASPER, SORRENTINO). O meio ambiente também pode ser reinventado. Para lidarmos com a crise ambiental, portanto, precisamos de reformas políticas e econômicas, mas, sobretudo, de uma mudança de valores e de sensibilidades, *sendo essa mudança cultural o fundamento para as reformas políticas e estruturais* (MELUCCI, GUATTARI).

Podemos afirmar, assim, que ecovila Andorinha se apresenta como um movimento de resistência e, ao mesmo tempo, de proposição de uma cultura alternativa por meio da construção de novos valores e novas formas de ação, novas sensibilidades e novos questionamentos morais. Moralidade entendida aqui não como regras instituídas de conduta, mas como respostas singulares às perguntas: *Como devemos viver?* e *O que é uma “boa vida”?* Encontramo-nos aqui, portanto, com sujeitos-criadores cujas práticas demonstram as inúmeras possibilidades de vida que podemos criar. Quando adotamos uma atitude aberta e desarmada, o encontro com esses sujeitos pode nos fazer repensar nossas opiniões e atitudes, e a revisitar nossos valores e intuições. Num contexto de crise social e ambiental, essas novas possibilidades não devem ser descartadas. São experimentações como essa que nos incentivam ao engajamento, à reinvenção do futuro, à percepção de que alternativas existem e são possíveis. Os questionamentos e soluções desenvolvidas pelos ecovilenses podem nos oferecer caminhos plausíveis para uma relação mais equilibrada entre o homem e a natureza, entre o homem com o Outro, e do homem consigo mesmo.

Para superarmos uma situação que nos limita é preciso não somente tomar consciência dela, mas, também, criar novos conteúdos que venham a substituir as antigas formas de pensar (FREIRE). Dessa forma, a crítica da cultura de consumo e do atual modelo socioambiental é importante. Todavia, é indispensável que essa

crítica seja acompanhada de proposições alternativas: novos modelos de ação que sejam prazerosos e gratificantes – ou seja, “equivalentes morais” da cultura de consumo (JAMES/ROSZAK). Nessa busca por alternativas, todas as experimentações que preservem a dignidade humana e que valorizem a democracia devem ser incentivadas, para que possamos alargar nosso leque de modelos culturais.

Segundo Boaventura de Souza Santos, não basta criar alternativas, é preciso criar uma subjetividade que queira lutar por elas (engajamento) e, também, é preciso que essa energia emancipatória saiba se condensar em atos concretos, e não somente em abstrações. É preciso que o corpo acompanhe até o fim a consequência corporal da ideia (BOSI). Essa é a principal importância da comunidade aqui estudada: indo além do discurso teórico, seus membros estão testando e desenvolvendo sua visão de mundo em um projeto concreto – com todas as dificuldades e contradições que essa experimentação comporta. Eles estão desejando e se esforçando por incorporar uma proposta alternativa de vida.

A busca de um caminho alternativo apresenta inúmeros desafios para os caminhantes: a dificuldade em romper com o trabalho e outras instituições cidadinas; assumir os trabalhos coletivos voluntários com maior responsabilidade e assiduidade; saber acolher as diferenças; negociar o que o grupo tem em comum; abandonar hábitos internalizados por uma cultura extremamente hierarquizada; aprender a dialogar com indivíduos que não compartilham dos mesmos valores éticos e estéticos, provenientes de experiências e classes sociais diferentes; erradicar a distinção entre trabalho (e trabalhador) intelectual e braçal; canalizar seu potencial transformador em ações políticas; etc. Pois todas essas mudanças exigem a construção de novas capacidades culturais e novos hábitos corporais, processo que demanda tempo e um trabalho de atenção. Tomar consciência desses desafios, discuti-los e problematizá-los em conjunto deve ser o primeiro passo para a sua superação.

A resistência oferecida pelos ecovilenses estudados não significa, por conseguinte, uma ruptura total com a cultura dominante, nem mesmo um extremismo ideológico. Trata-se de uma resistência gestada no cotidiano, nas pequenas coisas, em seu próprio ritmo. São *artistas*, portanto, e não *engenheiros*, como ressalta Jasper, que desconfia dos sistemas ideológicos que buscam reduzir a

complexidade do mundo ao oferecer uma resposta unificada e ao exigir uma brusca “conversão”. A mudança cultural proposta pelos ecovilenses, ao contrário, se mostra gradual e singular, num processo que é único para cada indivíduo. Uma mudança entendida como um processo contínuo de busca, sem ponto de chegada, sempre em curso, sempre em movimento – exatamente como Alfredo Bosi entende o termo *cultura*: trabalho, processo, movimento.

Trata-se, portanto, de uma comunidade em processo contínuo de formação, cujos membros, apesar das dificuldades que encontram em se mudarem definitivamente para lá, têm procurado assumir um novo estilo de vida que seja coerente com suas sensibilidades morais. Nesse sentido, a ecovila, bem como as próprias vidas dos ecovilenses tornam-se campos de experimentação que comportam conquistas, transformações, mas também dificuldades e contradições. No entanto, sem erro não existe aprendizagem, e é pela percepção dessas contradições que poderão agir para transcendê-las. Para isso, é preciso que a comunidade se esforce por reconhecer as estratégias de ação interiorizadas por sua posição numa determinada classe social – estratégias que tendem a reproduzir a desigualdade no automatismo de seus gestos cotidianos – e procure ampliar o diálogo com a sociedade mais ampla, sobretudo com indivíduos de experiências sociais distintas.

De qualquer forma, ao embarcarem nesse movimento de busca, nessa reinvenção do mundo que passa pela reinvenção de si mesmos, os ecovilenses estão realizando o potencial de liberdade que os seres humanos realmente possuem: a capacidade de criar, de moldar poeticamente suas vidas. Movimento de busca que, quando efetuado em comunhão, tem mais chances de se corporificar e de transbordar para além da esfera daquela comunidade, tanto espacialmente – servindo de modelo e inspiração para outras pessoas de fora da comunidade – como temporalmente – servindo como referência de vida para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENDA 21. Disponível em: <www.ambiente.sp.gov.br/agenda21.php>. Acesso em: julho 2012.

ALIER, Joan Martínez. *O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração*. Tradução de Maurício Waldman. São Paulo: Contexto, 2011.

ALONSO, Ângela. *As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate*. *Lua Nova*, 2009, n. 75.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. de M. W. B. Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ASCH, Solomon. *Psicologia Social*. Trad. de Dante Moreira Leite e Mirian Moreira Leite. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. In: *Os pensadores*, v. XXXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 339-512.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BENJAMIN, Walter. *Documentos de Cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Seleção e apresentação de Willi Bole. Tradução de C. H. M. R. de Souza et. al. São Paulo: Cultrix/ EDUSP, 1986.

_____. *Walter Benjamin: Sociologia*. Organizado por Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *As duas fontes da moral e da religião*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina, 2005.

_____. Introdução à metafísica. Tradução de Franklin Leopoldo e Silva. In: *Os pensadores*, v. XXXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 17-45.

_____. A consciência e a vida. Tradução de Franklin Leopoldo e Silva. In: *Os pensadores*, v. XXXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 75-88.

BERQUE, Augustin. *El Pensamiento Paisajero*. Tradução: Maysi Veuthey. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009.

BOFF, Leonardo. *Terra e Humanidade: uma comunidade de destino* (2012). Artigo disponível em: <<http://www.aldeianago.com.br/artigos/6/2980>>. Acesso em: agosto 2012.

BONFIGLIOLI, Cristina Pontes. *Discurso Ecológico: a palavra e a fotografia no Protocolo de Kyoto*. São Paulo: Tese (Doutorado em Comunicação), ECA/USP, 2008.

BONZATTO, Eduardo Antonio. *A permacultura e as tecnologias de convivência*. *Revista PUC Viva*, ano 8, nº 29, 2007.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BORNHEIM, Gerd (et. al.). *Cultura Brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ Funarte, 1987, p. 31-58.

_____. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *O senso prático*. Tradução de Maria Ferreira. Revisão da tradução por Odaci Luiz Coradini. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Curso de bioconstrução*. Texto elaborado por Cecília Prompt. Brasília: MMA, 2008.

BUBER, Martin. *Sobre Comunidade*. Seleção e introdução de Marcelo Dascal e Oscar Zimmermann. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2003.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. *O discurso da contracultura no Brasil: o underground* através de Luiz Carlos Maciel (c.1970). Tese (Doutorado em História), FFLCH/USP, 2007.

CARRUBA. Politics as Spirituality. In: JOUBERT e ALFRED (Ed.). *Beyond you and me: inspirations and wisdom for building community*. Hampshire: Permanent Publications, 2007, p. 221-7.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2000.

CHRISTIAN, Diana Leafe. Starting a new ecovillage: 'structural conflict' & nine ways to resolve it. In: JOUBERT e ALFRED (Ed.). *Beyond you and me: inspirations and wisdom for building community*. Hampshire: Permanent Publications, 2007, p. 49-57.

DUHM, Dieter. Community as a Universal Way of Living. In: JOUBERT e ALFRED (Ed.). *Beyond you and me: inspirations and wisdom for building community*. Hampshire: Permanent Publications, 2007, p. 2-6.

FELDENKRAIS, Moshe. *Vida e movimento*. Tradução de Celina Cavalcanti. São Paulo: Summus, 1988.

_____. *Consciência pelo movimento*. Tradução de Daisy A. C. Souza. São Paulo: Summus, 1977.

FERREIRA, Cynthia F. A. e ZANTA, Viviana Maria. Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos Urbanos. In: CASTILHOS JR., Armando Borges (coordenador).

Resíduos sólidos urbanos: aterro sustentável para municípios de pequeno porte. Rio de Janeiro: ABES, RiMa, 2003, p. 1- 18.

FESTINGER e ARONSON. O aparecimento e a redução da dissonância em contextos sociais. In: CARTWRIGHT e ZANDER (Org.). *Dinâmica de grupo: pesquisa e teoria I.* São Paulo: Herder, 1972.

FIGUEIRA. Disponível em: <www.comunidadefigueira.org.br>. Acesso em: outubro 2012.

FINDHORN. Disponível em: <www.findhorn.org>. Acesso em: julho 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FRIEDMANN, Georges. O Lazer e a Civilização Tecnicista. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). *O lúdico na cultura solidária.* São Paulo: Hucitec, 2001, p. 115-130.

GABEIRA, Fernando. *Vida alternativa: uma revolução do dia a dia.* São Paulo: L&PM Editores, 1985.

GANDHI. *Cartas ao ashram.* Trad. de Rachel de Andrade Campos. São Paulo: Hemus, 198-.

GORZ, André. *Metamorfoses do espaço: crítica da razão econômica.* Tradução de Ana Montoia. São Paulo: Annablume, 2007.

GREENBERG, Daniel. Ecovillages – Academia. In: JOUBERT e ALFRED (Ed.). *Beyond you and me: inspirations and wisdom for building community.* Hampshire: Permanent Publications, 2007, p. 236-242.

GROBER, Ulrich. *Deep roots: a conceptual history of 'sustainable development'* (2007). Disponível em: <<http://bibliothek.wzb.eu/pdf/2007/p07-002.pdf>>. Acesso em: janeiro 2012.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias.* Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

GUILLAUD e HOUBEN. Earthen Architecture. In: ORNSTEIN (coord.). *Arquitetura de terra*. São Paulo: FAU, 1995.

HOGGART, Richard. “Nós” e “eles”. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). *O lúdico na cultura solidária*. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 171-195.

IPEMA. Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica. Disponível em: <<http://novo.ipemabrasil.org.br/sobre/permacultura>>. Acesso em: dezembro 2012.

JASPER, James M. *The art of moral protest: culture, biography, and creativity in social movements*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

JUNQUEIRA, Carmen. *Os índios de Ipavu: um estudo sobre a vida do grupo Kamaiurá*. São Paulo: Ática, 1979.

KOWARICK, Lúcio. *Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. São Paulo: Editora 34, 2009.

LA BOÉTIE, Étienne. *Discurso da servidão voluntária*. Trad. de L. G. dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lafargue/1883/preg/index.htm>>. Acesso em: março 2011.

LAPASSADE, Georges. *A entrada na vida*. Tradução de Agostinho Trindade de Sousa. Lisboa: Edições 70, 1975.

_____. *Grupos, organizações e instituições*. Tradução de Henrique Augusto de Araújo Mesquita. Prefácio de Juliette Favez-Boutonnier. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

LEWIN, Kurt. Conduta, conhecimento e aceitação de novos valores (1945). In: _____. *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo, Cultrix, 1983.

LIVING ROUTES. Disponível em <http://www.livingroutes.org/blog_highlights.html>. Acesso em: novembro 2012.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, 1981.

_____. *One-dimensional man: studies in the ideology of advanced industrial society*. London: Routledge. 2002.

MATOS, Olgária. *Discretas Esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo*. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Tradução de Maria do Carmo A. do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Challenging Codes: collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

_____. Getting involved: identity and mobilization in social movements. In: *International Social Movements Research*, v. 1, 1988.

MIES, Maria. Liberating the Consumer. In: MIES, Maria e SHIVA, Vandana. *Ecofeminism*. London: Zed Books/ Fernwood Publications, 1994, p. 251-263.

MONSANTO. Disponível em: <www.monsanto.com.br>. Acesso em: abril 2011.

NAZARÉ UNILUZ. Disponível em: <nazareuniluz.org.br>. Acesso em: jan. 2013.

NOLTE, Wolfram. From local communities to the world community: more than a dream? IN: JOUBERT e ALFRED (Ed.). *Beyond you and me: inspirations and wisdom for building community*. Hampshire: Permanent Publications, 2007, p. 271-277.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. O respeito às diferenças e a alternância de condição entre sujeito e objeto do conhecimento: questões de proximidade e distanciamento. IN: LEME, Maria Isabel e OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Proximidade e distanciamento: superando dicotomias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

_____. *Cultura Solidária em Cooperativas: projetos coletivos de mudança de vida*. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. *Vidas Compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec/ Fapesp, 1999.

PAIVA, Wilson Alves. O jardim de Rousseau e a virtude do jardineiro. In: *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, nº 14, 1/2009, p. 147-178.

RASKIN, Paul (et. al.). *Great Transition: the promise and lure of the times ahead*. Boston: Stockholm Environment Institute, 2002.

READ, Herbert. *A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte*. Trad. de F. Nuno. São Paulo: Summus, 1986.

ROBIN, Vicki. *O (não) consumo verde (2007)*. Disponível em: <www.gaiabrasil.net/site>. Acesso em: novembro 2011.

ROSZAK, Theodore. *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1972.

_____. *The Voice of the Earth: an exploration of ecopsychology*. Grand Rapids: Phanes Press, 2001.

RUTKOWSKI, PEREIRA e MELLO. Consumo sustentável: o gesto brusco para as mudanças globais? In: OLIVEIRA, Eda Terezinha (coord.) e RUTKOWSKY, Emília Wanda (org.). *Mudanças climáticas e mudanças socioambientais: reflexões sobre alternativas de futuro*. Brasília: UNESCO, IBECC, 2008.

SABATO, Ernesto. *A resistência*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAMS, Jamie. *As cartas do caminho sagrado: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos*. Tradução de Fabio Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS Jr., Severiano Joseh dos. *Ecovilas e comunidades intencionais: ética e sustentabilidade no viver cotidiano*. Disponível em <<http://permacoletivo.wordpress.com>>. Brasília, 2006.

SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. Introdução e notas de Anatol Rosenfeld. São Paulo: EPU, 1991.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Trad. de M. Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução: Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Pensar a Natureza a partir da Estética* (2005). Disponível em: <http://www.apfilosofia.org/documentos/pdf/A_V_Serrao_Pensar_Natureza.pdf>. Acesso em: outubro 2012.

SHIVA, Vandana. *Monocultures of the mind: perspectives on biodiversity and biotechnology*. Malaysia: Zed Books, 1997.

_____. *India divided: diversity and democracy under attack*. Toronto: Seven Stories Press, 2005.

SINGER, Paul. *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2002.

SORRENTINO, TRAJBER, MENDONÇA e FERRARO JUNIOR. Educação ambiental como política pública. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n.2, p. 285-299, maio/ago. 2005.

SOUZA, Jessé. Senso comum e justificação da desigualdade. In: SOUZA, Jessé (org.). *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 41-72.

_____. A construção do mito da “brasilidade”. In: SOUZA, Jessé (org.). *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 29-39.

STARHAWK. Building a diverse movement. IN: JOUBERT e ALFRED (Ed.). *Beyond you and me: inspirations and wisdom for building community*. Hampshire: Permanent Publications, 2007, p. 66-74.

_____. *A dança cósmica das feiticeiras: guia de rituais à Grande Deusa*. Tradução de Ann Mary F. Perpétuo. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2001.

SWIDLER, Ann. Cultural power and social movements. In: JOHNSTON e KLANDERMANS (eds.). *Social movements and culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.

_____. Culture in Action: symbols and strategies. In: *American Sociological Review*, v. 51, n. 2, 1986.

TÖNNIES, Ferdinand. *Community and association: Gemeinschaft und Gesellschaft*. Tradução de Charles P. Loomis. London: Routledge & Kegan Paul, 1955.

TRAJBER e SORRENTINO. As políticas de educação ambiental do Estado brasileiro: transformações socioambientais para a sociedade sustentável. In: OLIVEIRA, Eda Terezinha (coord.) e RUTKOWSKY, Emília Wanda (org.). *Mudanças climáticas e mudanças socioambientais: reflexões sobre alternativas de futuro*. Brasília: UNESCO, IBECC, 2008.

VERAS, Melissa Michelotti. *Agroecologia em assentamentos do MST no Rio Grande do Sul: entre as virtudes do discurso e os desafios da prática*. Dissertação de Mestrado em Agroecossistemas (114f.). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005

VERNANT. *Entre mito e política*. Trad. de C. Murachco. São Paulo: EDUSP, 2001

WALKER, Liz. Weaving the community fabric. In: JOUBERT e ALFRED (Ed.). *Beyond you and me: inspirations and wisdom for building community*. Hampshire: Permanent Publications, 2007, p. 58-64.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Seleção e apresentação: Ecléa Bosi. Tradução: Terezinha G. G. Langlada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.